

RAIMUNDO NONATO DE MELO

O CAMINHO



ESPIRITUAL  
PESQUISADO



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

# 0 CAMINHO ESPIRITUAL PESQUISADO

FORTALEZA- CEARA

Capa — Criação: Mauro Caúla. Execução e Desenho:

Paulo Walraven

Tiragem — 1000 exemplares

Fortaleza, 1993

## DEDICATÓRIA

*Dedico esta obra especialmente a minha estimada esposa Noêmia Araújo de Melo, pelo carinho que me dispensou nos momentos mais difíceis de minha vida, quando enfrentei moléstias espirituais; dedico também como homenagem aos meus velhos e inesquecíveis pais, de saudosa memória: João Canuto de Melo e Maria Rosa de Sampaio, que no “Lar Espiritual”, onde se encontram, tenho certeza que intercederão por mim; dedico ainda esta obra ao meu amigo e irmão em Cristo, Mauro Caúla, e ao meu neto Paulo Walraven, pela ajuda que prestaram na confecção e modelo da capa deste livro, e também dedico aos meus filhos: Raimundo João, Maria Angeolina, Joaquim Roosevelt, Maria das Graças e Sônia Maria Araújo de Melo, pelo incentivo que sempre me dedicaram; ainda meus sinceros agradecimentos à irmã Lila Barbosa Xavier, pela sua cooperação, escrevendo um capítulo dedicado à mulher, e finalmente meus sinceros agradecimentos a todos os meus irmãos e amigos seareiros encarnados e desencarnados — pela luz e auxílio recebidos.*

*Raimundo Nonato de Melo*

## APRESENTAÇÃO

*Escrevendo este segundo livro sobre pesquisas espirituais, espero que os leitores saibam compreender o alcance do mesmo, e a boa vontade que tive em mostrar às pessoas não espíritas alguns aspectos da doutrina espiritual, e o que ela se propõe a demonstrar, referente ao outro lado da nossa vida; nossa pesquisa continua informando que não se trata de psicografia de nenhum espírito, e espero também com este humilde trabalho demonstrar a minha coragem para enfrentar ilustres críticos. A presente obra é apenas modesta contribuição ao generoso labor, no sentido de divulgar os valores morais da Doutrina.*

*Não tenho pretensão de transmitir-vos novidades, além do que já foi dito em outras obras espíritas, pois trata-se de uma pesquisa que procura rever as passagens mais importantes no sentido de formular e relembrar os assuntos de interesse geral do Espiritismo.*

*O Mestre Jesus sempre foi e será o farol que tem iluminado os meus passos, para trilhar o caminho da verdade.*

*Sabemos que a época em que vivemos, no dizer de muitas pessoas, é quase apocalíptica, porque a violência campeia à solta em quase todos os países, os preconceitos religiosos imperam no seio de muitos povos e as lutas fratricidas com derramamento de sangue se desenrolam em nações de profundas raízes religiosas. Entre os grupos dissidentes, embora com a bandeira cristã, muitas religiões se apresentam como sendo majoritárias, apresentando a figura exponencial do*

*Cristo de Deus, mas sem a auréola do respeito que sempre o caracterizou.*

*A humanidade, mais do que nunca, precisa dos consoladores ensinamentos evangélicos, pois eles são os verdadeiros caminhos lançando luzes sobre a nossa grande caminhada.*

*O Espiritismo é o caminho e o complemento indispensável do verdadeiro Cristianismo, cuja constituição é destituída de ídolos, hierarquia sacerdotal, liturgia ou dogmas. O seu êxito é inegável e implacável, porque a sua atuação no mundo, além de ser disciplinada pebs seus adeptos encarnados e pela segurança federativa, é, também, administrada pelas organizações avançadas do plano espiritual e de Entidades invisíveis, que presidem o mundo sob a égide de Jesus, o Governador Espiritual da Terra.*

*Raimundo Nonato de Melo*

*Apresentação 5*

## SUMARIO

1.	O que é ser Espírita?.....	9
2.	Tarefa dos Espiritistas.....	14
3.	Responsabilidade e Solidariedade	17
4.	O Pecado Original.....	21
5.	Alguns dos Atributos de Deus.....	26
6.	A Proliferação Religiosa.....	28
7.	Fim de uma Civilização Corrupta	33
8.	Objetivo da Reencamação.....	36
9.	A Mediunidade e O seu Desenvolvimento	39
10.	Adão e Eva Serão os Pais da Raça Humana?	42
11.	Tríplice Aspecto da Doutrina Espírita	44
12.	Influência do Espiritismo no Progresso	46
13.	As Curas do Invisível.....	49
14.	Mediunidade e Espiritismo.....	54
15.	O Espiritismo é O Consolador Prometido por Jesus	57
16.	Definição da Doutrina Espírita ....	61
17.	Referência Sobre os Mundos Habitados	65
18.	Métodos Espíritas de Cura.....	68
19.	Como Ganha Espaço a Espiritização,	.70
20.	A Felicidade não é Deste Mundo...73	
21.	O Espiritismo e os Seus Fenômenos Baseados na Bíblia....	76
22.	O que nos Aguarda no Final dos Tempos?	80
23.	Alguns Precursores da Doutrina Espírita	83
24.	Como Educar uma Criança na Atualidade	,86
25.	A Mediunidade com Jesus.....	88
26.	A Terra - Planeta de Provas e Expição-	91

27.	<i>Recordação da Existência Corpórea</i>	93
28.	<i>Como Combater o Egoísmo .....</i>	99
29.	<i>Notícia de Maria, a Mãe de Jesus .....</i>	"
30.	<i>A Mulher na Dimensão Espírita ....</i>	102
31.	<i>Aparecimento da Raça Humana ...</i>	107
32.	<i>A Lei de Talião .....</i>	110
33.	<i>E O Verbo se Fez Carne .....</i>	119
34.	<i>Nos "AIS" do Apocalipse .....</i>	122
35.	<i>A Renovação da Igreja Católica.....</i>	125

36. *Instinto e Meios de Conservação...*
37. *Como Será no Terceiro Milênio? ..*
38. *O Sermão da Montanha.....*
39. *A Obsessão.....*
40. *Como Diagnosticar um Caso de Obsessão*
41. *Como se Libertar da Obsessão.....*
42. *Necessidade de Evangelização.....*
43. *A Igreja e o Cristianismo.....*
44. *O Pacto de Deus Jeová com o Patriarca Abraão....*
45. *Quem Será a Besta do Apocalipse?*
46. *O Pentateuco não é Obra de Moisés*
47. *O Expurgo da Humanidade por Meio de Catrástrofe .*
48. *Previsão de Nostradamus Coincide com o Apocalipse*
49. *Destruição de Sodoma e Gomorra*
50. *O que nos Aguarda no Final dos Tempos*
51. *Fundação do Jesuitismo .....*

# CAPÍTULO 1 O QUE É SER ESPÍRITA?

*A primeira reação das pessoas que não são espíritas é negar a possibilidade da comunicação com os espíritos.*

*Vou começar perguntando primeiramente se todas as pessoas acreditam que há espírito.*

*Respondida esta pergunta questiono também se todas as pessoas acreditam em Deus e se também acreditam que temos uma alma. Pergunto ainda se alguém crê na sobrevivência da alma após a morte do corpo.*

*Nós sabemos que a maioria das pessoas responderia a nossa interrogação da seguinte forma:*

*1ª) Não sei.*

*2ª) Desejaria que assim fosse, mas não tenho certeza*

*Estas são as características das respostas da maioria das pessoas que não são espíritas. Pois estas respostas equivalem a uma negação respeitosa e disfarçada*

*Todos nós sabemos que essas almas que as religiões falam que povoam o espaço são justamente as que chamamos de espíritos – pelo que já dissemos. São as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo. Se admitirmos que há almas, necessariamente também admitiremos que os espíritos são simplesmente as almas e nada mais.*

*Muitas pessoas há, entretanto, cuja crença não vai além desse ponto; que admitem a existência das almas e, conseqüentemente, a dos espíritos, mas negam a possibilidade de nos comunicarmos com eles, pela razão, dizem elas, de que seres imateriais não podem atuar sobre a matéria.*

*Esta dúvida provém da ignorância da verdadeira natureza dos espíritos, dos quais as pessoas em geral fazem idéia muito falsa, supondo erradamente que os espíritos são seres abstratos, vagos, indefinidos, o que não é real.*

*Mostremos, por exemplo: Primeiramente, o espírito em união com o corpo. Sabemos que o espírito é o ser principal, pois é o ser que pensa e sobrevive. O corpo não passa de um acessório seu, de um invólucro, uma veste, que ele deixa, depois de usado. . Por ocasião da morte do corpo, o espírito se despoja deste, porém, não do corpo a quem damos o nome de “perispírito”, que é um em- voltório semimaterial, que tem forma do corpo humano, e constitui para o espírito um corpo fluídico (pois o mesmo é constituído de matéria do fluido universal); ele é vaporoso, é invisível ao olho humano no seu estado normal, embora não deixe de ter algumas prioridades da matéria.*

*Portanto, caros leitores, o espírito não é um ponto, uma abstração; é um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos.*

*Diante da explicação – Por que, então, não haveria de atuar sobre a matéria? — Por ser fluídico o seu corpo? Mas, onde encontra o homem os seus mais possantes motores,*

senão entre os mais ratificados fluidos, mesmo entre os que se consideram imponderáveis, como a eletricidade? Não é exato que a luz, imponderável (quer dizer indefinível, impalpável) exerce ação química sobre a matéria ponderável? Pois conhecemos a natureza íntima do perispírito, segundo nos informa o grande escritor espírita Pietro Ulbaldi. Descrevendo sobre o nosso perispírito, ele nos diz que o nosso perispírito é constituído das seguintes matérias: oxigênio, hidrogênio, carbono e azoto. E à medida em que nos elevamos espiritualmente, perdemos o carbono e depois o azoto, em seguida o oxigênio, e ficamos somente com o hidrogênio; um corpo luminoso e fosforescente.

E é por isso que os videntes, quando retratam um espírito, a presença de entidades angélicas, através de quadros cristalográficos, nos relatam uma túnica lucilante, fosforescente, luminosa, ou seja, esta túnica de hidrogênio, túnica levíssima

Porque o que nos resta saber agora é a questão se o espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com este trocar idéias; por que não? Que é o homem, senão um espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o espírito livre se comunicar com o espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado?

Desde que admitida a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a sobrevivência dos afetos? Pois que se as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a yidá se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria de seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos? Por esta razão, pode, depois de morto, entrar em acordo com o outro espírito ligado a um corpo vivo, para exprimir o seu pensamento, do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreender.

1<sup>ª</sup>) Que o ser pensante, que existe em nós durante a vida, não mais pensa depois da morte;

2<sup>ª</sup>) que, se continua a pensar, está inibido de pensar naqueles a quem amou;

3<sup>ª</sup>) que, se pensa nestes, não cogita de se comunicar com eles;

4<sup>ª</sup>) que, podendo estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5<sup>ª</sup>) que, podendo estar ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

6<sup>ª</sup>) que não pode, por meio de seu envoltório fluído, atuar sobre a matéria inerte;

7<sup>ª</sup>) que, sendo-lhe possível atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado;

8<sup>ª</sup>) que, tendo a possibilidade de atuar sobre um ser animado, não lhe pode dirigir a mão para fazê-lo escrever;

9<sup>ª</sup>) que, podendo fazê-lo escrever, não lhe pode responder às perguntas nem lhe transmitir seus pensamentos.

Quando os adversários do Espiritismo nos provarem que isto é impossível, aduzindo razões tão patentes, quais as com que Galileu demonstrou que o Sol não é quem gira em

tomo da Terra, então poderemos considerar-lhes fundamentadas as dúvidas.

O que entendemos por maravilhoso? – É o que é belo, o que é sobrenatural.

O que é sobrenatural? – O que é contrário às leis da natureza

Nós sabemos que o pensamento é um dos atributos do espírito; a possibilidade que ele tem de atuar sobre a matéria, de nos impressionar os sentidos e, por conseguinte, de nos transmitir seus pensamentos, resulta assim de nos podermos exprimir, da constituição fisiológica que lhe é própria

É errado atribuímos aos espíritos caráter sobrenatural. Porque todos sabemos que a existência dos espíritos não é um sistema preconcebido, ou uma hipótese imaginada para explicar os fatos; é, sim, o resultado de observações e consequência natural da existência da alma e seus atributos. Pois comprovada está a existência desses seres invisíveis, a ação deles sobre a matéria que resulta também da natureza, do envoltório fluídico semimaterial que os reveste.

Sabemos também que essa ação é inteligente, pois ao morrermos, perdemos tão-somente o corpo, conservando a inteligência, portanto aí está a chave de todos esses fenômenos, tidos erradamente por sobrenaturais.

Sabemos também que Deus lhes impõe a encarnação, com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Embora saibamos, também, que para uns é expiação; para outros, missão. Portanto, para alcançarmos essa perfeição, se faz necessário que tenhamos de sofrer as vicissitudes da existência corporal; nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação.

As pessoas que atacam o Espiritismo são as que contestam os fenômenos espíritas, precisamente porque tais fenômenos lhes parecem estar fora da lei comum e porque não logram achar neles qualquer explicação. Dê-lhes uma base racional e a dúvida desaparecerá. Daí vemos, todos os dias, pessoas que nenhum fato testemunharam, que não observaram um médium escrever, ou psicofonizar uma mensagem, se tomarem tão convencidas quanto nós. Isto unicamente porque leram e compreenderam.

Sempre ouvimos a clássica pergunta: até onde vai a crença no Espiritismo? Lede, observai e sabê-lo-ei. Porque só com o tempo e o estudo se adquire o conhecimento de qualquer ciência. Ora, o Espiritismo, que entende com as mais graves questões de filosofia, com todos os ramos da ordem social, que abranda tanto o homem físico, quanto o homem moral, é, em si mesmo, uma ciência, uma filosofia, que já não pode ser aprendida em algumas horas, como nenhuma outra ciência. Para os amigos terem uma idéia, vou exemplificar o meu caso. Faz precisamente 19 anos que venho estudando e pesquisando a Doutrina Espírita e ainda não me considero um verdadeiro espírita; apenas estou engatinhando na doutrina, mas todos os dias eu peço nas minhas orações a Jesus para que eu me tome um espírita verdadeiro. Pois a vontade não me falta de me tomar um

verdadeiro espírito.

E para finalizar o presente capítulo, desejo reproduzir a mensagem publicada por R.C. Romanelli, no seu livro "O Primado do Espírito", 2ª edição ampliada. Quando... Filho meu!

QUANDO, nas horas de íntimo desgosto, o desalento te invadir a alma e as lágrimas te aflorarem aos olhos, busca-me: Eu sou Aquele que sabe sufocar-te o pranto e estancar-te as lágrimas;

QUANDO te julgares incompreendido dos que te circundam e vires que, em tomo, a indiferença recrudesce, acerca-te de Mim: Eu sou a LUZ, sob cujos raios se aclaram a pureza de tuas intenções e a nobreza de teus sentimentos;

QUANDO se te extinguir o ânimo para arrostares as vicissitudes da vida e te achares na iminência de desfalecer, chama-me: Eu sou a FORÇA capaz de remover-te as pedras dos caminhos e sobrepor-te às adversidades do mundo;

QUANDO, inclementes, te açoitarem os vendavais da sorte e já não souberes onde reclinar a cabeça, corre para junto de Mim: Eu sou o

REFÚGIO, em cujo seio encontrarás guarida para teu corpo e tranquilidade para o teu espírito;

QUANDO te faltar a calma, nos momentos de maior aflição, e te considerares incapaz de conservar a serenidade de espírito, invoca-me:

Eu sou a PACIÊNCIA, que te faz vencer os transes mais dolorosos e triunfar das situações mais difíceis;

QUANDO te debateres nos paroxismos da dor e tiveres a alma ulcerada pelos abrolhos dos caminhos, grita por mim: Eu sou o BÁLSAMO que te cicatriza as chagas e te minora os padecimentos;

QUANDO o mundo te iludir com suas promessas falazes e perceberes que já ninguém pode inspirar-te confiança, vem a mim: Eu sou a SINCERIDADE, que sabe corresponder à franqueza de tuas atitudes e à nobreza de teus ideais;

QUANDO a tristeza e a melancolia te povoarem o coração e tudo te causar aborrecimento, clama por mim: eu sou a ALEGRIA, que te insufla um alento novo e te faz conhecer os encantos de teu interior;

QUANDO, um a um, te fenecerem os ideais mais belos e te sentires no auge do desespero, apela para Mim: Eu sou a ESPERANÇA, que te robustece a fé e te acalenta os sonhos;

QUANDO a impiedade recusar-se a revelar-te as faltas e experimentares a dureza do coração humano, procura-me: Eu sou o PERDÃO, que te levanta o ânimo e promove a reabilitação de teu espírito;

QUANDO duidares de tudo, até de tuas próprias convicções, e o ceticismo te avassalar a alma, recorre a mim: Eu sou a CRENÇA, que te inunda de luz e entendimento e te habilita para a conquista da Felicidade

QUANDO já não provares a sublimidade de uma afeição tema e sincera e te desiludires do sentimento de teu semelhante, aproxima-te de mim: Eu sou a RENÚNCIA, que te ensina a olvidar a ingratidão dos homens e a esquecer a incompreensão do mundo;

E QUANDO, enfim, quiseses saber quem sou Eu, pergunta ao riacho que murmura e ao pássaro que canta, à flor que desabrocha e à estrela que cintila, ao moço que espera e ao velho que recorda Eu sou a dinâmica da vida e a harmonia da Natureza Chamo-me AMOR, o remédio para todos os males que te atormentam o espírito.

Estende-me, pois, a tua mão, ó alma filha de minha alma que eu te conduzirei, numa seqüência de êxtase e deslumbramento, às serenas mansões do Infinito, sob a luz brilhante da Eternidade.

## CAPÍTULO 2 TAREFA DOS ESPIRITISTAS

Todos nós, que somos homens de boa-fé, conscientes de nossa inferioridade em face dos mundos disseminados pelo infinito, devemos nos lançar em cruzadas contra a injustiça e a iniquidade, que cada dia mais se alastra pelos nossos caminhos.

Não importam as emboscadas que nos armem pelos nossos adversários espíritos! Devemos confiar em Deus, que nos guiará, pois a fé é a virtude que desloca montanha, disse Jesus. Todavia, mais pesados do que as maiores montanhas, jazem depositados nos corações dos homens todos os vícios que derivam as impurezas. Devemos partir, cheios de coragem, para removermos as montanhas da iniquidade, para que a futura geração só deva tomar conhecimento como lenda

É como disse o jornalista e escritor Guillon Ribeiro, no artigo “Tarefa”, publicado no Reformador – Estamos convictos de que a Doutrina Espírita se nos oferece o engrandecimento do coração, no cadinho das experiências vividas, igualmente nos enseja a exaltação da inteligência, situando-nos entre o estudo e a meditação, a fim de que a sabedoria nos inspire a seleção dos valores morais, que iluminam o espírito.

Assim, mobilizemos razão e bom senso, verificando nosso posicionamento nas lides espiritistas, de forma a valorizar o tempo em nós, ante as realizações que realmente nos competem.

A acomodação ao empirismo entremeado de êxtase do sentimento não se coaduna com a hora presente, a exigir reflexão e amadurecimento que estabelecem transformação de base.

O coração que se identificou com a grandiosidade do vero Cristianismo, recolhendo os favores da “boa nova”, convocará de imediato o concurso do cérebro para que a razão, trabalhando, venha contribuir com a argamassa do bom senso nas estruturas sólidas das convicções legítimas.

Não podemos compreender “Doutrina Espírita” sem estudo continuado e perseverante, como jamais entenderemos espiritista sem tarefas determinadas no grande movimento de renovação de almas.

Trabalho é a senha abençoada dos que efetivamente escancaram as portas do coração a Jesus, desejosos de perpetuar em si mesmos as claridades esfuziantes da fé. E fé sem obras representa caos, estagnação, fragilidade.

Estamos na vida, convocados a aprender e ensinar, simultaneamente abraçando as responsabilidades do dia-a-dia, a fim de participarmos das imperecíveis conquistas da sabedoria e do amor.

Os serviços de auxílio espiritual, seja na tarefa do passe ou na distribuição de água fluidificada, preconizarão o concurso dos doadores do magnetismo curativo.

A obra da divulgação da Doutrina Espírita, seja por qual veículo se expresse, exigirá colaboração dedicada e eficaz, quer pela palavra falada, quer pela palavra mensagem escrita, objetivamente aos fins a que se propõe.

O serviço social, mobilizado em nome da caridade, convocará especialistas da assistência fraterna para as oficinas do socorro justo, onde mãos diligentes refulgirão por estrelas de fraternidade e devotamento. Portanto, posicionemo-nos como servidores leais do Cristo, na seara da terceira revelação, abraçando responsabilidades nossas, certos de que não há tarefas maiores ou menores. Todas dignificam o obreiro do bem e da luz, a sublime essência como se revelam.

Finalmente, a evangelização de crianças e jovens contará com a participação de servidores adestrados na arte de ensinar e transmitir, que buscarão atualizar-se permanentemente, reconhecidos de que a obra de orientação humana exigirá devotamento e circunspeção. Recorde que a tarefa nobilitante será, agora e sempre, o melhor antídoto para as aflições que enxameiam o mundo.

Os verdadeiros espiritistas proclamam, com toda convicção, que a Doutrina Espírita é uma doutrina que não pode estacionar em fórmulas acabadas e frases feitas. Por sua própria essência, ela permeia todas as coisas, verifica todos os fatos e acontecimentos permanentes no Universo e, por isso mesmo, ela não é dogmática, nem adota ritos ou liturgia. Se o fizesse, cometeria um verdadeiro suicídio, porquanto se cristalizaria, imobilizaria, divorciando-se, com isso, da lei de Evolução Universal. Ela é, por natureza, uma doutrina progressista e dinâmica. Não teme as afrontas nem as coisas novas do dia-a-dia, antes procura esclarecer as dúvidas que surgem entre os leigos. E faz mais, explica-se com detalhes, permitindo que os homens não se atordoem com as inovações e sabe cortar-lhes os excessos.

Estas considerações são válidas tanto para os acontecimentos do plano espiritual, quanto para os do plano material.

Com os novos métodos e diante dos processos resultantes das conquistas tecnológicas e

*dos avanços científicos, aproveita-lhes os recursos na veiculação e difusão de seus princípios, ou quando menos, na execução de suas realizações e decorrência lógica, considerando que as suas atividades doutrinárias haverão de conformar-se com esses novos métodos. E se tal afirmativa é irretorquível, não menos o será a que tal acomodação deverá ser levada a efeito com máximo cuidado e senso iluminado, para não descambarmos em torpezas.*

Devemos marchar em um rumo certo e equilibrado sem vacilações, e sem nos envolvermos com as vantagens que o mundo oferece, é como o dizer, estar no mundo mas não ser do mundo; é a máxima evangélica que se dirige não apenas ao espírito de per si, como também ao próprio Espiritismo, que está no mundo para ensinar-nos a repetir a façanha do Cristo, que venceu o mundo. Aliás, a própria sabedoria popular nunca discrepou dessa orientação. Embora os mentores da Velha Roma, que eram considerados naquela época, devido sua posição, como senhores do mundo, já proclamassem as virtudes do comedimento em quaisquer realizações, porque este era seu lema, que podemos traduzir e ensinar com moderação, e senso de proporção nas coisas, o que para o espírito, não deve soar como enxerto, na doutrina, de divisas profanas.

Se os pagãos e politeístas de época recuada, afeitos às pomposas festividades e comemorações, reconheciam e prescreviam a moderação como artigo de uso diário, não será demasiado recordar que o trato das coisas espirituais deve ser conduzido com aquele “sabor das coisas santas”, a que alude o Evangelho. E esse sabor por certo será devido ao ingrediente impregnado nas atividades doutrinárias de qualquer modalidade.

Demonstrando a nós mesmos, como a todos que nos encarem, que estamos cômnicos da exemplificação que nos cabe testificar, a fim de que possamos ostentar, em verdade, o título de “Sal da Terra”.

O Espiritismo, para se fazer presente, não precisa de estardalhaço, não precisa atrair, ruidosamente, a atenção dos passantes, não precisa bradar, aos olhos ou aos ouvidos, que ele se encontra na Terra

Não deve e nem precisa emparelhar com as demais crenças religiosas, não tem que disputar hegemonias do mundo, seu lugar ao sol. As estrelas irradiam sua luz sem alardes. Se o ruído, para chamar a atenção dos distraídos, foi necessário, isso aconteceu nos idos Hydesville e das mesas girantes.

Hoje o próprio comportamento dos espíritos nos indica a atitude a tomar. Se o nosso entusiasmo nos impele a proclamar as excelências da doutrina, façamo-lo através da vivência das lições evangélicas.

Se porém utilizarmos os modernos recursos de comunicação e os novos métodos em nossas atividades, mantenhamos o equilíbrio, para não banalizar, não exagerar. Antes sublimemo-los, apliquemo-los criteriosamente, a modo de instrumentos adequados à construção, no mundo, do Reino de Deus, que não vem com pompa nem ruídos exteriores. Nesses mundos mais avançados que a Terra, onde os espíritos não estão premidos por todas nossas necessidades materiais, a felicidade é quase completa.

# CAPÍTULO 3 RESPONSABILIDADE E SOLIDARIEDADE

No Reformador de dezembro de 1970, Túlio Tupinambá publicou um artigo sob o título acima em que ele começa dizendo o seguinte:

*As dores que dominam a humanidade nascem de cada um de nós, dos erros que praticamos, das omissões em que incorremos, da desatenção que pomos em tudo o que não interessa frontalmente. Por isso é que, entra ano, sai ano, temos a impressão de que a Terra piora, os homens se tornam mais frios e calculistas, mais interesseiros e egoístas.*

*Na realidade, porém, o número dos que confiam em Deus e dão alguma coisa de si, do seu esforço, para a melhoria do mundo, tem crescido, ainda que nem todos disso se apercebam. Dizemo-lo pelo desenvolvimento que o Espiritismo Cristão vem registrando, principalmente neste campo de observação mais ao alcance da nossa análise.*

*Acontece que hoje se faz às escâncaras o que, em outros tempos, era feito ocultamente. Agora, o despudor é maior, graças à influência mais forte e decisiva dos meios de comunicação, que divulgam depressa e amplamente idéias tidas como importantes, alterando negativamente, às vezes, os costumes e impondo hábitos de desbragada liberdade ao homem, à mulher, aos jovens e crianças em gera!. Teorias anticristãs, exaltadas por corifeus do materialismo, invadiram todos os países ocidentais, propugnando o abandono da educação moral, a pretexto de resguardar a criatura humana da compressão psicológica; notem que tudo isso sucede especialmente nesses países ditos cristãos...*

*O “berço”, a “educação de berço”, como se dizia em outros tempos, tem sido abandonada em muitos lares, porque os pais nem sempre se capacitam das responsabilidades que assumem ao contraírem casamento. Defende-se o adultério e as aberrações sexuais! A procriação é encarada quase como um erro clamoroso e são estimulados abusos que rebaixam a espécie humana, dos quais resultam conseqüências tristes, dramáticas, dolorosas, fáceis de imaginar. Homens e mulheres procedem como animais, que, embora irracionais, são fiéis às leis da Natureza, e nesse particular, superiores às criaturas humanas degeneradas pelo vício.*

*Somos vaidosos, por aceitarmos que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus. Não devemos interpretar ao pé da letra o que é de caráter implicitamente simbólico, como, por exemplo, que Deus nos fez à sua imagem e semelhança, conforme diz a “Gênesis”, cap. 1: - 26: “Disse também Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” e (Vers. 27): “Criou, pois, Deus, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homens e mulheres os criou”. Mas na Bíblia está, outrossim, que Deus, depois de haver formado o homem do pó da Terra, compreendendo que não seria bom que o homem estivesse só, adormeceu-o e... eis o trecho: Disse mais Deus Jeová: não é*

bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que lhe seja idônea e fez Deus Jeová cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu; então tomou uma das costelas do homem, e fechou a carne no lugar dela Da costela que Deus Jeová tinha tomado do homem formou a mulher, e são uma só carne (Gênesis cap. 1 - Vers. 26 e cap. 2 - Vers. 18, 22 e 24).

Apreciamos e respeitamos o que está na Bíblia, sem, contudo, deixar de exercer o discernimento que Deus nos deu.

Mas, se disse Deus - "Façamos à nossa imagem e semelhança", então, amigos, dar-se-à o caso de não haver estado Ele só, quando operou essas criações? Quem seria o seu acompanhante, ajudante, assistente, assessor, o que melhor nome tenha?

De acordo com a História Sagrada, concluímos que aquela personalidade que estava presente quando Deus construiu o mundo era nada menos nada mais do que Jesus Cristo, Filho de Deus vivo.

A responsabilidade e solidariedade têm servido para muitas coisas. Uma das principais é a chamada "Política de campanário". O que se gastou com esse mito e suas terríveis proezas poderia ter acabado com a fome e a miséria na Terra.

Mas os "teólogos" da Antigüidade precisavam de alguma coisa que os assustassem, pelo medo, submissos e manobráveis aos planos dos que mandavam e desmandavam, ao sabor de interesses que variavam entre o desejo de reprimir o mal com aplicação do mal e o de encontrar uma solução cômoda, transferindo para o Diabo, um mito, a responsabilidade dos vícios e erros humanos.

Ora, "Satanás, Demônio, são nomes alegóricos pelos quais se designa o conjunto dos maus espíritos empenhados na perda do homem".

Não se trata, pois, de um espírito especial, "mas a síntese dos piores espíritos que perseguem os homens, desviando-os do caminho de Deus". Desviavam-nos porque os maus espíritos sempre se aproveitam das falhas de caráter, dos vícios e defeitos morais dos homens para induzi-los à prática de ações prejudiciais ao bem.

No fundo, na encenação alegórica apresentada pela Bíblia, há a verdade oculta pelo véu da letra. O homem, uma vez formado e em condições de exercer o livre-arbítrio que lhe é dado com oportunidade, passa a ser responsável por seus atos. Instruído sobre a conveniência de seguir o caminho reto, quando falha, torna-se responsável por sua falta.

De acordo com a lei, que o pune na promoção da gravidade da infração contida, sofre. Quanto mais reincide, mais padece. De nada adiantaria gritar com a dor, se não tomar a resolução de mudar seu comportamento.

Foi isto que Jesus veio esclarecer com extraordinária lucidez em seu Evangelho.

Ele não veio modificar a lei transmitida através de Moisés, veio cumpri-la, dando-lhe correta interpretação.

Eis por que devemos ter cuidado até com o que pensamos, porque o pensamento tanto

pode exercer influência favorável, positiva, como desfavorável, negativa, contra e a nosso favor, contra e a favor de terceiros. O mal que podemos causar a outras pessoas quando emitimos pensamentos de inveja, ódio, despeito, antipatia, etc..., recai sobre nós, aumenta o nosso débito cármico. O Evangelho de Jesus veio para que a humanidade pudesse ter mais operantes elementos de auto-educação moral e, igualmente, para colaborar na educação e reeducação de seus semelhantes.

Desde que nos eduquemos para o bem, e higienizando as idéias que emitimos, as palavras que proferimos e os atos que praticamos, impediremos a poluição da nossa mente e da mente daqueles que recebem nossas vibrações.

Ajudando-nos a melhorar, também contribuimos para melhorar o ambiente em que estamos e concomitantemente, colaboraremos para ajudar a humanidade a melhorar também.

A felicidade do mundo não é conquista fácil e a curto prazo. Pelo contrário. Mas, se cada qual, a despeito das dificuldades e até dos insucessos, não desistir de procurar realizar o bem, mesmo quando o mal, aparente ou não, seja o resultado provisório dos seus esforços, plantará semente benéfica, cujos frutos surgirão fatalmente mais cedo ou mais tarde. Concluindo o título - Responsabilidade e Solidariedade, arrematamos que a responsabilidade moral dos atos da vida fica, portanto, intacta; mas a razão nos diz que as conseqüências dessa responsabilidade devem ser proporcionais ao desenvolvimento intelectual do espírito. Assim, quanto mais esclarecido for este, menos desculpável se toma, uma vez que com a inteligência e o senso moral nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto.

A crença na eternidade das penas prevaleceu salutarmente enquanto os homens não tiveram ao seu alcance a compreensão de poder moral.

É o que sucede com as crianças durante certo tempo; chegadas ao período do raciocínio, repelem, por si mesmas, essas quimeras da infância, tomando-se absurdo o querer governá-las por tais meios. Se os que as dirigem pretendessem inculcá-lhes ainda a veracidade de tais fábulas certo decairiam da sua confiança. É isso que se dá hoje com a humanidade saindo da infância e abandonando, por assim dizer, os cueiros. O homem não é mais passivo instrumento vergado à força material, nem o ente crédulo de outrora que tudo aceitava de olhos fechados.

Pensem no que temos a modificar em nós, ao mesmo tempo, procurando consolidar as virtudes, se é que já possuímos alguma. O mal do mundo é derivado do mal dos homens, que ainda persistem em não reconhecer a realidade de uma Inteligência Prodigiosa - Deus, que dirige os mundos e a vida Mas, por que Deus? - Perguntaram os cépticos. Porque foi esse o nome que se convencionou dar à Inteligência Superior que excede a qualquer definição humana. Como pode o inferior negar o superior, o finito contestar o infinito, o mal sobrepular o bem? Tudo é questão simples de lógica mais

elementar. Deus não deixará de existir só porque os materialistas o negam, apegados ao ateísmo tolo de quem contesta o que está além da Sua capacidade de julgar. Mas, como todos estamos sujeitos a reencarnações progressivas, nós e os que negam a Deus, dia virá em que os contestadores compreenderão os que hoje recusam aceitar, com empáfia ridícula, pois estamos todos subordinados ao mecanismo psicovibratório da Lei da Causa e Efeito, que registra, aceita e devolve a cada um os sentimentos experimentados e externados no curso de sua existência. Os sentimentos, que são força vibratórias que saem de nós, voltam para nós, beneficiando-nos, ou castigando-nos, conforme sua natureza.

Tudo quanto de mais secreto queiramos saber de Deus poderá ser, um dia do nosso conhecimento, quando nos encontrarmos suficientemente evoluídos para suportar o impacto de tão transcendentais revelações.

Não nos esqueçamos, entretanto, de que somos co-responsáveis, na situação atual do mundo, por nosso passado espiritual ou por nosso presente delituoso. E há somente um caminho de alívio, até que seja eliminado o peso dessa imensa cumplicidade; praticar o bem, exercitar sem esmorecimento a fraternidade, fazendo pelos outros pelo menos o que desejamos que os outros nos façam. Fora daí nada conseguiremos, a não ser sobrecarregar o fardo que carregamos, multiplicando nossas preocupações e nossos sofrimentos, porque estamos num mundo em que tudo tem de ser solidário. Busquemos o melhor, sendo solidário com o bem, a fim de que possa o espírito da Verdade se derramar sobre todos os corações, amenizando as dores e todos os sofrimentos, e estabelecendo sobre a Terra uma verdadeira Paz.

## CAPÍTULO 4 O PECADO ORIGINAL

O pecado original é a base fundamental das doutrinas Católica, Romana e Protestante; estes dois ramos do Cristianismo nos insinaram, com efeito, de acordo com uma narrativa tirada da Bíblia Sagrada, que Adão e, conseqüentemente, toda sua posteridade, incorreu na culpa, depois que o nosso “primeiro pai” comeu do fruto proibido, na perdição eterna, condenação da qual a humanidade não pode escapar, a não ser reconciliando-se com o seu Criador irritado.

Mas como esta pobre humanidade é incapaz, por si mesma, de salvar-se, era necessário que o Filho de Deus viesse encarnar – em corpo humano, a fim de se oferecer como vítima expiatória, para resgatá-la da mancha original.

Quase todas as pessoas já conhecem o capítulo terceiro do livro Gênesis da Bíblia Sagrada, cujo teor trata da “queda do homem” (pecado original), tomando-se enfadonho para o leitor a sua repetição, a narração que nos lega á tradição hebraica

Tomando-se ao pé da letra a narrativa atribuída a Moisés, que idéia de justiça e de bondade se pode fazer deste Deus, que tendo por seu infinito poder trazido à vida dois seres privilegiados, tomando-os como criaturas prediletas, permitiu a um seu inimigo

irreconciliável vir, por inveja, enganar a inocência e levar ao crime os dois seres criados para a felicidade?

Este Deus deveria saber, dotado que é da presciência, que os criando, eles cairiam certamente em tentação. Assim sendo, porque consentiu Ele nisso? E pensando bem, não teria sido exagerado o castigo imposto e desproporcional à ofensa de uma maneira inconcebível? Deus sabia, dono de predicados infinitos, que a queda seria mais que certa.

Dizer que Deus castiga os filhos por erros cometidos pelos pais ou avoengos é fazer Dele o pior juízo; é colocá-LO cem vezes abaixo dos juizes da Terra. Qual aquele juiz que em nosso Globo tivesse a missão de julgar e fosse capaz de condenar um homem, porque um seu ante-pássado, há muitos anos, houvesse cometido um crime e se um pecador é incapaz de uma falta de escrúpulo desta natureza, como admitir-se que o Criador de todas as coisas do Universo Infinito, em todas as suas perfeições, seja capaz de tamanha crueldade e injustiça?

De acorao com a história bíblica, Deus proibiu a Eva e a seu marido Adão de comer do fruto da árvore da ciência, que Ele plantou no Éden e lhes disse: "No dia em que dele comerdes, certamente morrereis." (Gên. cap. 2, vers. 17) Eles comeram e não morreram, pois Adão viveu 930 anos. É necessário assim compreender que se trata de outra morte; é a morte da alma.

Mas Deus não disse que Adão estava condenado; são assim seus filhos os condenados, e como? Porque Deus condenou a serpente, que funcionou como astuta, enganando a Eva, e que daquele momento em diante a serpente passaria a andar de rastro sobre o ventre, o que sub-entende-se que ela antes caminhava com os pés, e que também falava, pois chamou a atenção da Eva para o fruto apetitoso. O imperador Juliano, conforme conta a história, desejou saber que língua a serpente falou com a Eva, mas nunca obteve resposta.

Sabemos que daquela data em diante a raça de Adão foi condenada a ser mordida no calcanhar.

Os saduceus não acreditavam na imortalidade da alma, e os fariseus, que acreditavam na metempsicose, não podiam admitir a condenação eterna.

De qualquer forma, essa teoria seria contraditória para qualquer dos dois. Há incontestavelmente, em toda essa lengalenga, uma série de blasfêmias, contra a verdadeira essência e a verdadeira natureza de Deus, quando se dá a entender que o Criador ignorava que a mulher com a qual presenteou Adão para companheira fosse ser a causa de seu crime, e conseqüentemente de sua ruína; que interditava ao homem o conhecimento do bem e do mal, a única coisa que poderia regular seus costumes, e que temia que este homem, depois de haver comido o fruto da árvore da vida, se tomasse imortal. Tal receio, e tal inveja convirão à natureza de Deus?

Outra coisa que impressiona grandemente aos que não aceitam o dogma católico e protestante é esta sacrílega imputação, este indisfarçável ultraje à justiça de Deus, tal o

de condenar todo o gênero humano, pelo crime cometido pelos nossos “primeiros pais”; há, aí, falta de coerência, uma vez que não se encontra uma só palavra que toque nessa invenção do pecado original, nem no “Pentateuco”, nem nos “Profetas”, nem nos “Evangelhos Apócrifos ou Canônicos”, nem em nenhum dos escritores, a quem denominamos os primeiros pais da Igreja.

Outros diziam que o pecado original se transmite de alma para alma, por via de emanções, e que uma alma vindo de outra criatura chegava neste mundo, com tal corrupção da alma mater. Esta opinião também não foi aceita

O fato que mais intrigava é que sendo nossas almas feitas há tão pouco, como podem elas, mesmo dentro da lógica do clero católico, responder pelo erro de uma outra alma que viveu há tantos milhares de anos?

Não dizem os senhores cléricos que a vida é uma única? Como conciliar, pois, as responsabilidades que atiram sobre os nossos ombros, com o horrendo crime de nossos “primeiros pais”, esses gulosos impenitentes; isto não é tudo: A instituição do batismo é relativamente recente. Nos dois primeiros séculos, não se usava batizar as crianças uma vez que não constituía crença; está hoje em moda que as crianças pagam pelo pecado de Adão. Antes do Catolicismo, todas as crianças eram naturalmente privadas desta cerimônia sacramental, o que significa que todas elas, na concepção católica romana, estão no limbo.

Uma vez que já conhecemos o pensamento católico no que concerne ao batismo, a salvação dos entes que apenas desabrocharam na Terra, para morrerem em seguida, examinemos o nosso ponto de vista espírita, isto é, da pluralidade das existências.

A alma de uma criança de alguns meses ainda se encontra em estado rudimentar; ela é mais ou menos a mesma que era no dia do nascimento. Se a criança morre nesta idade, terá que recomeçar sua carreira.

Ela terá que experimentar, com todas as criaturas humanas, as vicissitudes da vida planetária, até o seu completo aperfeiçoamento.

Nesta doutrina, não há privilegiados, são tratados de igual forma todas as criaturas de Deus.

O grande escritor, Louis Figuier, no seu livro “Le Leudemain de la Mort”, na sua 7- ed. - 1871, págs. 297 e 298, diz o seguinte:

“A explicação que damos dos destinos das crianças é conforme a economia que se observa nas operações da natureza.

A natureza quer que nada do que é criado se perca; a alma de um homem criminoso é má; mas é uma alma, ela existe, ela é eterna; não se deve perder. Somente é necessário que se aperfeiçoe e se corrija; é o que acontece, graças às novas existências para as quais a natureza convoca a alma imperfeita, a fim de fornecer-lhe os meios de se erguer da queda. Assim o princípio da alma é conservado, e nada fica destruído daquilo que foi

criado. A alma da criança morta em tenra idade também não pode perecer.

Uma segunda encarnação em outra criança permitir-lhe-á retomar o curso de sua evolução, interrompida acidentalmente pela morte. Assim a alma se conserva, e nada ficará perdido.

A química, depois de Lavoisier, iluminou uma grande verdade; é que nada se perde dos elementos da matéria, e os corpos mudam de forma, mas o elemento que compõe o corpo é imperecível, indestrutível e podemos sempre encontrá-lo intacto, malgrado as suas mil transformações.

Se é verdade que no mundo material nada se perde, é igualmente certo que no mundo espiritual também nada se perde, e que tudo não faz senão se transformar.

Está assim exposto, através das diversas considerações, o pensamento do moderno espiritualismo, isto é, do Espiritismo, em contraste com um Deus caprichoso e injusto, que nos apresenta o Catolicismo e outros ramos. A Doutrina dos Espíritos nos mostra um Criador sábio e justo, que dá igual destino a todas as suas criaturas.

Se não encontramos uma explicação plausível a esta dupla verificação é que a injustiça é a base do Universo.”

Também nos informa mais o seguinte:

“Como se nota, estas concepções são insuficientes. E o são porque qualquer que seja o progresso futuro, o mal assistirá sempre; menos freqüente, ele será mais doloroso devido ao aumento de nossa sensibilidade física e moral.”

Os grandes filósofos pessimistas não se deram ao trabalho de demonstrar, com seus argumentos e outros análogos, a vantagem que o mal levará sempre sobre o bem. Mas, ponto essencial, isto é verdade, pois se o mal é tal qual nós o consideramos atualmente, significa que é dotado da importância irreparável que se lhe atribui.

Se ao contrário, ao monismo clássico juntarmos a hipótese da imortalidade individual, então, tudo se aclara

O mal, não sendo, em todos os casos, senão um estado transitório e sempre reparável, perde a maior parte de sua importância pretendida

Acrescentemos a esta hipótese da imortalidade individual a noção da evolução da consciência individual, desde que ela se esboçou no vegetal e no animal inferior, até o seu desabrochar no homem e nos estados super-humanos, e a injustiça aparente do Universo desaparece. Todos serão compensados de seus esforços, depois de sofrerem uma soma sensível igual de provas e de dores. Eis a forma que concilia o evolucionismo com o idealismo, ou melhor, tal é a concepção que vem completar o evolucionismo.

A alma ou a individualidade consciente, em potencial, foi formada pouco a pouco nos reinos vivos inferiores, para adquirir no homem e seu grande desenvolvimento atual.

Ela cumpriu esta evolução dentro de inumeráveis encarnações nos organismos cada dez mais aperfeiçoados. A morte, da qual ninguém escapa, é bem realmente: “Um episódio da

vida e não a sua interrupção", é uma simples mudança de corpo; a alma deixa o seu invólucro como se deixa uma roupa imprestável, para tomar outra nova e melhorada.

Naturalmente, cada encarnação nova é acompanhada do esquecimento dos estados anteriores, pois o cérebro, órgão material do pensamento durante a vida terrestre, é um cérebro novo, e a alma que dirige "lhe é rigorosamente solidária". Este esquecimento é momentâneo, a lembrança do passado fica toda inteira, conservada na subsistência essencial da alma, para reaparecer depois da morte, tanto maior quanto maior for a evolução do espírito.

A alma, com efeito, não é mais este princípio imaterial e incompreensível do velho espiritualismo.

A alma não está isolada da força da matéria Ela é uma parcela individualizada do princípio único, é pois força e matéria ao mesmo tempo que inteligência

Será dotada afetivamente de acordo com as teorias ocultistas de um veículo etérico, imponderável, inacessível aos sentidos materiais, escapando de certo modo às condições de espaço e de tempo.

A evolução progressiva da alma, nas suas encarnações sucessivas, se processa "fora de toda influência sobrenatural".

É o resultado do jogo natural da vida; das sensações, das emoções, dos esforços cotidianos, do exercício de nossas diversas faculdades. Nada se perde; todo trabalho, todo esforço, toda alegria, toda dor, têm sua repercussão sobre a alma, se agravam indestrutivelmente, constituindo uma nova experiência, uma expansão no campo da consciência, isto é, um progresso. Assim, fora adquirida pouco a pouco toda nossa sensibilidade. Daí uma sanção assegurada e perfeita para todos os nossos atos; desfrutamos os progressos adquiridos, mas sofremos pela nossa imperfeição persistindo por nossa sujeição às forças inferiores, por nossa ignorância Sofremos também pelas más inclinações que deixamos que se instalassem em nós.

Concluindo a condenação da nossa alma, o espírito se fundamenta nos nossos atos e ações ruins ou mal que praticamos e não em um pecado denominado de "original" como definem diversas religiões.

(Dados pesquisados no livro - A Bíblia dos Nossos Dias, de Mário Cavalcante de Melo, e em Les Preuves du Transformisme - ed. 1ª, pág. 208, de G. Geley)

## CAPÍTULO 5 ALGUNS DOS ATRIBUTOS DE DEUS

Amigos leitores, Deus é infinitamente maior do que pretendem mostrar determinadas religiões. A grande inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Quando o seu espírito não estiver mais obscurecido, pela

matéria, e pela sua perfeição tiver se aproximado dele, então verá e compreenderá.

E para compreendê-lo, ainda nos falta o sentido próprio, que só se adquire por meio de completa depuração do espírito.

Mas sem o conhecimento dos atributos de Deus, impossível será compreender a obra da criação. Esse portanto é o ponto de partida de todas as crenças religiosas, e é por não se terem reportado a isso, como farol capaz de os orientar, que a maioria das religiões errou em seus dogmas. E as que não lhe atribuíram soberana bondade, fizeram dele um Deus cioso, colérico, parcial e vingativo.

Vejamos, portanto, o que a *Gênese Segundo o Espiritismo* nos explica sobre os verdadeiros atributos de Deus.

Começa dizendo que Deus é a Suprema e Soberana Inteligência, Causa Primária de Todas as Coisas; e acrescenta:

Deus é eterno – Isto é, teve começo e não terá fim. Se tivesse sido criado por outro ser, este é que seria Deus. É Imutável – Se estivesse sujeito a mudança, nenhuma estabilidade teriam as leis que regem o Universo.

Deus é Imaterial – A sua natureza difere de tudo que “chamamos matéria”. De outro modo, não seria imaterial, pois estava sujeito às transformações da matéria.

Deus é Onipotente – Se não possuísse o poder supremo, sempre se poderia conceber um mais poderoso, que Lhe ultrapassasse. E esse então é que seria Deus.

Deus é soberanamente Justo e Bom – A providencial sabedoria das leis divinas se revela nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, não permitindo essa sabedoria que se duvide de sua justiça, nem da sua bondade.

Deus é infinitamente Perfeito 1 Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, faz-se mister que Ele seja infinito em tudo B Os seus atributos não são susceptíveis nem de aumento, nem de diminuição. Se Lhe tirassem qualquer dos atributos, a mais mínima parcela, já não haveria Deus, pois que poderia existir um ser mais perfeito que Ele.

Deus é Único – A unicidade de Deus é conseqüência do fato de serem infinitas as suas perfeições. Não poderia existir outro Deus, salvo sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, visto que se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, mesmo que fosse apenas na espessura de um fio de cabelo, este é que seria o verdadeiro Deus.

Por isso é que a *Gênese Segundo o Espiritismo* faz a sua classificação, como soberana inteligência e causa primária de todas as coisas; e nós, os espíritas, não cansamos de repetir que Deus é Único; é Eterno; é a Inteligência suprema e soberana; é Imutável; é Imaterial; é Onipotente; é soberanamente Justo e Bom; é Infinito em todas as perfeições, e não pode ser diverso nisso.

E de acordo com o que acabamos de transcrever sobre algumas das suas características, o homem está muito aquém de ser a imagem e semelhança de Deus; como afirma a Bíblia Sagrada, no livro *Gênese Cap. 1, Vers. 27*, achamos que esta comprovação,

escrita por Moisés, seja classificada como inverídica e irreal o que ele afirma no seu escrito como sendo real.

Concluindo, achamos que Deus é a origem de tudo que existe, é a base sobre o que repousa o edifício da criação, e é também o ponto que importa considerarmos antes de tudo.

Se lançarmos um olhar em tomo de nós, sobre as obras da natureza, notamos a Providência, a Sabedoria, a Harmonia que presidem todas essas obras; e reconhece o observador dessas maravilhas não haver nenhum outro ser que ultrapasse os seus ilimitados horizontes.

Portanto, continuamos afirmando: jamais poderemos admitir que o homem seja a imagem e a semelhança de Deus.

A existência de Deus é pois uma realidade comprovada não só pela revelação, como peia evidência material dos fatos. Os povos selvagens, por exemplo, nenhuma revelação tiveram; entretanto, crêem instintivamente na existência de um poder sobre-humano. Eles vêem coisas que estão acima das possibilidades do homem e deduzem que essas coisas provêm de um ente superior à humanidade. Não demonstram raciocinar com mais lógica do que os que pretendem que tais coisas se fizeram por si mesmas?

A Providência Divina é a solícitude de Deus para com suas criaturas. Ele está em toda parte, tudo vê, e tudo preside, mesmo as coisas mais íntimas possíveis. É nisto portanto que consiste a ação providencial.

Por isso é que a humanidade, no estado inferior em que se encontra, só muito dificilmente pode compreender que Deus seja infinito. Imaginando-o circunscrito, figuram-no quais eles são, à imagem e semelhança deles.

Por estas e outras afirmativas da Gênesis de Moisés é que os espíritas discordam de muitos dos ensinamentos do Velho Testamento.

(Dados pesquisados na Gênesis de Allan Kardec)

## CAPÍTULO 6 A PROLIFERAÇÃO RELIGIOSA

Desde o ano de 1555, começou a proliferação religiosa

Na Alemanha era a Luterana, do ex-frade Martinho Lutero; na Suíça e na França a Presbiteriana e na Escócia, o Calvinismo etc.

Na Europa, não obstante o amparo e a assistência dos abnegados mensageiros do Cristo, transportou-se ao século XVIII, no meio de lutas espantosas, agora agravadas, novamente, com as tenebrosas perseguições religiosas e com a criação do Tribunal da Penitência; quase se pode afirmar que os únicos jesuítas dignos do nome de sacerdote de Jesus foram aqueles que vieram para as regiões desconhecidas da América, no

cumprimento dos mais nobres deveres de fraternidade humana, porque a quase totalidade da Companhia de Jesus no Velho Mundo mergulhou num oceano de tricas políticas, muitas vezes rematadas em tragédias criminosas.

Observa-se um fenômeno interessante: a Igreja Católica, que nunca se lembrara de dar um título real à figura do Cristo, assim que viu desmoronar-se os tronos do Absolutismo, com as vitórias da República e do Direito, imediatamente construiu a imagem do Cristo-Rei, para o cume dos seus altares.

O período das grandes transformações estava iniciado. A própria Igreja, habituada a todas as arbitrariedades na sua função dogmática, recebeu a limitação dos seus poderes, junto às massas, resignando-se com a nova situação, isto é, dois meses antes de Napoleão Bonaparte sagrar-se Imperador, obrigando o Papa Pio VII a coroá-lo, na igreja de Notre-Dame.

Quando foi a 3 de outubro de 1804, nascia em Paris Allan Kardec, com a sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, grande voz do Consolador Prometido ao mundo, pela misericórdia de Jesus Cristo.

O século XIX desenrolava uma torrente de claridade, na face do mundo, encaminhando todos os países para as reformas úteis e preciosas.

As sagradas lições do Espiritismo iam ser ouvidas pela humanidade sofredora. Jesus, na sua magnanimidade, repartiria o pão sagrado da esperança e da crença com todos os corações.

Allan Kardec, todavia, na missão de esclarecimento e consolação, fazia-se acompanhar de uma plêiade de companheiros e colaboradores, cuja ação regeneradora não se manifestaria tão-somente nos problemas de ordem doutrinária, mas em todos os departamentos da atividade intelectual do século XIX.

A ciência, nessa época, disferia os vãos soberanos que conduziriam às culminâncias do século XX.

A dádiva celestial do intercâmbio entre o mundo visível e o invisível chegou ao planeta nessa onda de claridade inexprimível. E a tarefa de Allan Kardec era difícil e complexa.

Competia-lhe reorganizar o edifício desmoronado da crença em Cristo, e reconduzir a civilização às suas profundas bases religiosas.

O orbe com suas instituições sociais e políticas havia atingido um período de grandiosas transformações, que requeriam mais de século de lutas dolorosas e remissoras, e o Espiritismo Kardecista seria a essência dessas conquistas novas, reconduzindo os corações ao Evangelho suave do Cristianismo.

Desde o ano de 1870, se assinalou para o homem a decadência da Igreja Católica, em virtude da sua defecção espiritual, no cumprimento dos grandes deveres, que lhe foram confiados pelo Senhor, nos tempos apostólicos; em período de transição, profundas marcas sofreram todas as atividades humanas, como a destituição do papado do seu poder tem-

poral, ficando o mesmo prisioneiro do Vaticano.

Em vão o mundo esperou as realizações cristãs, iniciadas no império de Constantino. Tomou-se aliada do Estado, e vivendo à mercê dos seus interesses econômicos, pois a Igreja não cuidou de outra coisa que não fosse o seu reino perecível.

Esquecida de Deus, nunca procurou equiparar a evolução do homem físico à do homem espiritual, perdendo-se em interesses rasteiros e mesquinhos da política temporal. É por isso que agora lhe paira sobre a fronte os mais sinistros vaticínios.

O século XX surgiu no horizonte do Globo, qual arena de lutas renovadoras. As teorias sociais continuam seu caminho, tocando muitas vezes a curva tenebrosa do extremismo, mas as revelações do além-túmulo descem às almas, como orvalho imaterial, preludiando a paz e a luz de uma nova era.

Numerosas transformações são aguardadas, e o Espiritismo Kardecista esclarece os corações, renovando a personalidade espiritual das criaturas para o futuro que se aproxima.

Há no mundo atual um movimento inédito de armamentos e munições; teria começado neste momento?... Não. A corrida armamentista do século XX foi iniciada antes da luta de "Porto Artur", em 1901. As indústrias bélicas atingem culminâncias imprevistas. Os campos agrícolas estão despovoados; os homens se recolheram às zonas de concentração militar, esperando o inimigo, sem saber que o adversário está em seu próprio espírito.

As Igrejas estão amordaçadas pelas injunções de ordem econômica e política. Somente o Espiritismo, prescindindo de todas as garantias terrenas, executa o esforço tremendo de manter acesa a luz da crença, nesse barco frágil do homem ignorante de seu glorioso destino, barco que ameaça voltar às correntes da força e das violências.

Jesus é o nosso único diretor no plano das realidades imortais; e agora que o mundo se entrega a todas as expectativas angustiosas, os espaços mais próximos da Terra se movimentam a favor do restabelecimento da verdade e da paz a caminho de uma nova era.

Mas é chegada a hora e o tempo de uma realização de todos os valores humanos. Se as dolorosas expiações coletivas preludiam a época dos últimos "Ais" do Apocalipse, a espiritualidade do homem físico o conduz para o bem de toda a humanidade.

O Espiritismo, na sua emissão de consolador, é o amparo do mundo neste século de declives da sua história; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem o seu verdadeiro caminho.

No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a linfa cristalina das verdades consoladoras dos céus, preparando-se as almas para a nova era que se aproxima.

São portanto chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de desânimo, nos ambientes terrestres e os seus

últimos triunfos são o bem e o penhor de uma reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios, que pesam sobre o seu império perecível.

Toda realidade é a do espírito, toda paz é a do entendimento do Reino de Deus e da Justiça

Vive-se agora na Terra um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite, e ao século XX compete a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos. Sim, porque depois da treva, surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o "orbe", regenerando no batismo do sofrimento.

O homem espiritual estará unido ao homem físico, - material para sua marcha gloriosa no itinerário, e o Espiritismo terá tirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado.

Trabalhem por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências. Todos somos parte das chamadas ao labor, e o nosso mais sublime dever é responder aos apelos do escolhido.

Com a criação da Companhia de Jesus, que significa a Santa Inquisição, que levava as criaturas às fogueiras públicas, e também a criação do Livro das Taxas da Sagrada Chancelaria e da Sagrada Penitenciária Apostólica, onde se encontrava estipulado o preço da absolvição para todos os pecados, e para os adultérios, inclusive os crimes mais hediondos, criados pelo Papa Leão X, em 1518, cuja vida mundana impressionava desagradavelmente os espíritos sinceros e religiosos, tais rebaixamentos da dignidade eclesiástica ambientaram as pregações de Lutero, e seus companheiros de apostolado, e de nada valeram as perseguições e as ameaças ao eminente frade agostiniano. O fato é que, no século XVI, as figuras veneráveis de Lutero, Calvino, Erasmo, Melanchton e outros vultos notáveis da reforma religiosa, não se conformando com aquelas grandes imposições da Igreja Católica, fundaram uma série de religiões protestantes.

Lutero fundou na Alemanha a religião Luterana; Calvino fundou na Escócia o Calvinismo; Erasmo fundou na França o Presbiterianismo, etc., daí foram surgindo, com ramificações, outras séries de religiões cognominadas de protestantes; o que quer isto dizer é que as pessoas, não se conformando com certos dogmas impostos, fundam as suas próprias religiões. Razões por que existem aproximadamente no mundo mais ou menos 700 religiões, e a maioria delas se baseiam no Cristianismo; e todos os seus seguidores acham que aquela em que ele se filiou é a única certa, as demais estão erradas.

As pessoas que assim pensam estão completamente enganadas, pois assim pensando se tornam egoístas; e o egoísta dificilmente entrará no reino dos céus. Pois não é nenhuma religião, por mais pura que seja, que salva ninguém, apenas encaminha a pessoa para um encontro futuro com Deus; e este encaminhamento só se verificará se a pessoa realmente tiver convicção religiosa, caso contrário, servirá apenas de um burilamento social e nada

mais.

Tendo pois o Cristianismo, no ano 325, renegado a encarnação, como já foi explicado em outro capítulo, com detalhes, todas as religiões cristãs são baseadas no Cristianismo, e só depois do ano 1555, foi que começou a proliferação religiosa, e todas elas desconhecem a reencarnação; portanto está claro e evidente que as religiões que apareceram depois do ano 325, da era cristã, neguem a reencarnação, e entre elas está incluída o Protestantismo. As religiões que existiam, antes da vinda de Cristo, não negam a encarnação do espírito; embora o Espiritismo Kardecista só tenha sido divulgado depois de 1804, com o aparecimento de Allan Kardec, os espíritas têm provas irrefutáveis da sua existência, desde o começo da criação da humanidade.

Podemos, por exemplo, acompanhando Emmanuel, recordar que um astro chamado "Capela", pertencente à constelação do Cocheiro, há alguns milênios atrás, atingiu um ponto insuportável. E todos aqueles espíritos que estavam perturbando a harmonia do Planeta, cujas ações, atitudes, vidas e pensamentos estavam dificultando o progresso espiritual, e a execução moral da Capela, foram todos afastados daquele plano; foram reunidos no espaço, e Jesus então ofereceu-lhes uma nova oportunidade de aprimoramento. Esse grande grupo capelino reencarnou-se no planeta Terra E conta-nos Emmanuel que eles se dividiram em quatro grandes grupos.

O primeiro deles foi a grande civilização egípcia, esta mesma civilização que construiu a pirâmide de Queops e outra que fica localizada na planície de Gize no Egito, a qual tem 146 metros de altura, revelando altos conhecimentos geológicos, geográficos e astronômicos.

Hoje sabemos que a linha que divide em duas partes iguais a pirâmide de Queops é a mesma linha figurada que divide em duas partes iguais o nosso Globo Terrestre.

Este primeiro grupo capelino renasceu no Egito. Eram os faraós, os dirigentes políticos, mas eram também os sacerdotes, os verdadeiros dirigentes do povo, porque eram os dirigentes espirituais. Esse grupo que conhecia a técnica da reencarnação, e que tinha perdido uma grande oportunidade, esforçou-se e conseguiu atingir ainda a Capela e prosseguir na evolução do Planeta. Foi portanto o único dos quatro grandes grupos que conseguiu retomar ao Planeta Capela. Os outros três grupos aqui permaneceram até hoje. Um desses grupos renasceu na China, essa China milenar, tão sábia que quando vai se descobrindo uma coisa hoje, constata-se, já era conhecida dentro das muralhas chinesas encasteladas no seu isolacionismo - apesar de ultimamente já está sendo permitida a visitação de outras nações, e o estudo e conhecimento de outras línguas, e costumes de outros povos. Outro grande grupo reencarnou-se na Índia; essa Índia das castas, das separações; e o último grupo reencarnou-se na Europa. Dos três grupos restantes, que aqui continuaram na Terra, verificamos que dois deles, o da China e o da Índia, não conseguiram apagar as reminiscências do pretérito, o conhecimento íntimo de que eram

superiores aos terrícolas, e então os menosprezavam; isolaram-se nas muralhas chinesas ou distinguem-se através das castas. Mas o grupo que renasceu na Europa miscigenou, cruzou com os terrícolas; foi o mais fraterno, foi o mais humano, foi o contingente que mais progrediu materialmente.

Finalizando, afirmamos que Deus não criou espíritos maus, criou-os simples e ignorantes, ou seja, tão aptos para o bem, quanto para o mal; os que são maus, assim se tomaram por sua própria vontade. E o livre-arbítrio se desenvolve à medida que o espírito adquire consciência de si mesmo. E os males criados pelos espíritos só se apagarão com a sua passagem pela reencarnação.

## CAPITULO 7 FIM DE UMA CIVILIZAÇÃO CORRUPTA

O final do círculo a que nos referimos, nos 'AIS' do Apocalipse, não é o 'fim do mundo', como afirmam algumas religiões, pois não é o mundo que vai se acabar ou desaparecer, é, sim, o fim de uma civilização corrupta e cheia de grandes débitos.

É a repetição do que já se verificou, na progressão de outros planos. É a própria Terra, que já teve o seu eixo inclinado apenas para o lado da Ásia. E isto foi no tempo de Noé; o velho Noé recomendou aos seus súditos que se prevenissem, porque a Terra iria ser movimentada, pois lhe fora revelado pela sua clarividência que naquela região iria acontecer uma grande catástrofe, e que real mente se dera no tempo previsto, pelo velho servo de Deus.

Como naquela época, aqueles médiuns, Noé, Isaías, Jeremias, Daniel, Moisés e muitos outros, não conheciam, como hoje graças a Deus conhecemos, a ciência espírita, eles quando mediunicamente recebiam essas revelações ou mensagens espirituais atribuíam como fosse diretamente de Deus, ou seja, Deus conversando diretamente com eles; mas graças a Deus, hoje a ciência espírita já nos revelou esse mistério das comunicações com o plano espiritual, e aperfeiçoou os sistemas psicográfico e psicofônico.

Mas, a ciência daquela época, a ciência da Atlântida, riu-se de Noé e clamava: coitado do Noé..., tão bom, mas já está caduco. Vejam, nenhuma gota d'água caiu, e ele já está se recolhendo a sua arca, com todos os animais. Mas, o velho Noé continuava anunciando: se arrependam meus senhores, pois Deus vai mandar uma grande inundação, e as pessoas que não estiverem protegidas por uma arca como esta perecerão; mas o povo continuava duvidando dos conselhos de Noé - Porque os instrumentos científicos da época não provavam, não previam, não evidenciavam nenhum fenômeno sísmico, de terremoto ou maremoto. E conta-nos a história bíblica: "e o povo comia, bebia, e dava-se em casamento, ou melhor, preocupava-se apenas com as coisas materiais e desprezava os conselhos espirituais."

E na época proclamada por Noé, houve realmente aquele dilúvio, que todas as religiões do mundo focalizam, através das chuvas incessantes que caíram naquela região, e dos movimentos sísmicos, e houve realmente a movimentação do eixo da Terra Noé, com sua comitiva, conseguiu salvar-se e com tudo aquilo que era útil, a fim de que a civilização prosseguisse na Terra, naquela região onde se deu a catástrofe anunciada Também a esta altura dos acontecimentos, trata-se de uma humanidade que atualmente será dividida, que será separada. Não será o fim físico do mundo, como muitos pensam ser um dia de Juízo Final; o nosso planeta prosseguirá vivendo ainda por muitos milênios. Será o fim apenas deste ciclo, desta geração, desta humanidade de espírito rebelde; estes espíritos que têm desprezado por completo os conselhos do Mestre Jesus; e que têm desprezado também a paz que ele nos deixou. Quando Jesus estava em assunto aos céus, reuniu os seus discípulos e disse-lhes: A minha paz vos deixo e a minha paz vos dou. E vimos também o que ele nos disse no Livro de São Mateus, Cap. VII vers. 12, o seguinte: Tudo o que vós quereis que vos façam os homens fazei-o também vós a eles. Vamos ver um outro conselho e grande ensinamento que ele nos legou também no Evangelho de São Mateus Cap. XXII e vers. 34 a 40, que diz o seguinte: "Os fariseus, quando ouviram que Jesus tinha feito calar a boca aos saduceus, se juntaram em Conselho" – E um deles, que era doutor da lei, tentando-o, lhe perguntou: Mestre, qual é o maior mandamento da lei? – Jesus lhe disse: Amarás, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda tua alma, e de todo o teu entendimento – este é o maior e o primeiro mandamento. – E o segundo, semelhante a este é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. – Destes dois mandamentos dependem toda lei e os profetas.

E entretanto a humanidade não tem feito outra coisa, a não ser desobedecer estes sábios conselhos de Jesus. E a humanidade está fazendo justamente o contrário aos ensinamentos de Cristo, que nos amou de tal maneira que deu a sua vida por nós. O meigo Nazareno procurou trazer aos homens tudo de bem; pois ele, sendo Deus, não hesitou em vir até nós, e tomar a natureza humana, a fim de melhor poder administrar os seus sábios conselhos, e melhor nos dar exemplos de humildade, mostrando-nos que é com humildade, amor e tolerância e compreensão que devemos nos comportar neste mundo cheio de incompreensão, e ele esclareceu para nós o seguinte ensinamento: – Quando nos acharmos cheios de incompreensão, com falta de amor ao nosso próximo; ou quando nos sentirmos em depressão, ou em qualquer estado de angústia ou perturbação, lembrássemos de um sábio conselho-convite que nos diz o seguinte: "Vinde a mim, todos os que andais em trabalho e vos achais carregados, eu vos aliviarei. 1 Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para as vossas almas i Porque o meu jugo é leve, e suave é o meu peso" Mateus Cap. XI vers. 28 a 30.

O Espiritismo codificado por Allan Kardec veio trazer aos seus seguidores uma

seqüência de aprendizado | onde vimos se cumprir o que nos ensinou Cristo Jesus, no Evangelho de São Mateus Cap. XIV e vers. 15 a 17 e 26 que nos ensina e nos dá uma confiança e uma fé inabaláveis.

Pelo simples fato de duvidarmos da vida futura, o homem dirige todos os pensamentos para a vida terrestre, sem nenhuma certeza da vida espiritual, porque muitos só acreditam na vida que está presente, 'mas nós afirmamos, com toda convicção, que realmente existe a vida espiritual.

Portanto, caros leitores, o Espiritismo veio no tempo certo cumprir promessas de Cristo, que ratificou suas palavras dizendo que ia para o pai, mas não nos deixaria órfãos.

De fato o Espiritismo ensina todas as coisas, e faz compreender o que Cristo durante sua estada àqui na Terra nos ensinou e se fez compreender em muitas coisas. Jesus costumava falar por parábola, porque a humanidade daquela época não tinha inteligência capaz de assimilar estes ensinamentos atuais. Portanto, o Espiritismo veio abrir os olhos e os ouvidos, para vermos e entendermos os ensinamentos, que naquela época foram transmitidos e não foram assimilados pela maioria; mas graças a Deus o Espírito da Verdade veio desvendar o velário deixado propositadamente sobre certos mistérios, e trazendo finalmente a consolação e nos mostrando a justa causa de nossos sofrimentos.

O Espiritismo\* veio completar, nesse ponto, como em vários outros, o ensino de Cristo Jesus. Trazendo a nós a vida futura, o que se torna um caso positivado.

E através da Doutrina Espírita, nós descobrimos, no Espiritismo Kardecista, que nas existências anteriores nós cometemos muitas faltas, que nos incapacitam de termos acesso à entrada nos mundos elevados, onde residem os bons espíritos; e somente a reencamação é uma maneira justa e correta de podermos pagar os nossos débitos do pretérito; e ela faz com que a pessoa possa compreender que temos méritos em sabermos sofrer com resignação, e achar justo o padecimento; e aprender, também, que o sofrimento auxilia & seu adiantamento e o aceita sem lamentações.

Finalmente o Espiritismo desperta nas pessoas uma fé inquebrantável no futuro; e por intermédio desta doutrina, adquirimos o conhecimento, que ensina ao homem de'onde ele veio, para onde vai, porque está na Terra, e nos dá a verdadeira consolação pela fé, e pela esperança de um dia podermos ombriar-nos.com os bons espíritos, ou com os espíritos benévolos etc.

O Espiritismo não tem nacionalidade, e não tem parte de nenhum culto existente; nenhuma classe social o impõe, visto que qualquer pessoa pode receber instruções de seus parentes e amigos de além- túmulo. Cumprè seja assim, para que ele possa conduzir todos os homens à fraternidade. Se não se mantivesse em terreno neutro, alimentaria as dissensões, em vez de apaziguá-las.

(Pesquisado no Evangelho Segundo o Espiritismo)

# CAPÍTULO 8 OBJETIVO DA REENCARNAÇÃO

*Todos os espíritos tendem para a perfeição, embora alguns enveredem por outros caminhos, mas logo depois eles voltam atrás e se arrependem dos passos dados em outras direções. E Deus, na sua bondade infinita, lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova*

*Não obraria Deus com eqüidade, nem de acordo com a sua bondade, se condenasse para sempre os que talvez hajam encontrado, oriundos do próprio meio onde foram colocados e alheios à vontade que se originava, obstáculos aos seus melhoramentos. Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas. E não haveria imparcialidade no tratamento que a todos dispensa.*

*A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à idéia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e afirmar as nossas esperanças pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os espíritos a ensinam.*

*Ó homem, que tem consciência da sua inferioridade, haure consoladora esperança na doutrina da reencarnação.*

*Se crê na justiça de Deus, não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que fizeram mais do que ele. Sustém-no, porém, e lhe reanima a coragem a idéia de que aquela inferioridade não o deserda eternamente do supremo bem e que, mediante novos esforços, dado lhe será conquistá-lo. Quem é que, ao cabo da sua carreira, não deplora haver tão tarde ganho uma experiência de que já não mais pode tirar proveito? Entretanto, essa experiência tardia não fica perdida; o espírito a utilizará em nova existência.*

*Pois todos os espíritos contam com muitas existências. Os que dizem e pensam o contrário pretendem manter-se na ignorância em que eles próprios se encontram. Pois o fim e objetivo da reencarnação é expiação, melhoramento progressivo da Humanidade.*

*Conforme diz o Livro dos Espíritos, em cada nova existência, o espírito dá um passo para diante na senda do progresso. Desde que se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corporal.*

*Finalmente, quando chega a ocasião de reencarnar, o espírito sente-se arrastado por uma força irresistível, por uma misteriosa afinidade, para o meio que lhe convém. É um momento terrível, de angústia, mais formidável que o da morte, pois esta não passa de libertação dos laços carnis, de uma entrada em vida mais livre, mais intensa, enquanto a*

reencarnação, pelo contrário, é a perda dessa vida de liberdade, é um apoucamento de si mesmo, a passagem dos claros espaços para a região obscura, a descida para um abismo de sangue, de lama, de miséria, onde o ser vai ficar sujeito às necessidades tirânicas e inumeráveis. Por isso é mais penoso, mais doloroso renascer que morrer; e o desgosto, o terror, o abatimento profundo do espírito, ao entrar neste mundo tenebroso, são mais fáceis de conceber-se.

A reencarnação realiza-se por aproximação graduada, por assimilação das moléculas materiais ao perispírito, o qual se reduz, se condensa, tomando-se progressivamente mais pesado, até que, por adjunção suficiente da matéria, constitui um invólucro carnal, um corpo humano.

Sabe que graças à reencarnação o seu avanço será rápido. A Terra é o verdadeiro purgatório. É preciso renascer e sofrer para despojar-se dos últimos vestígios da animalidade, para apagar as faltas e os crimes do passado. Daí as enfermidades cruéis, as longas e dolorosas moléstias, o idiotismo, a perda da razão. O abuso das altas faculdades, o orgulho e o egoísmo expiam-se pelo renascimento em organismos incompletos, em corpos disformes e sofredores.

Para evitar os desfalecimentos, porque te reconduzirão ao jugo da matéria, fazendo-te contrair novas dívidas que passariam em tuas vidas futuras, sê bom, sê virtuoso, a fim de não te deixares apanhar pela temível engrenagem que se chama “conseqüência dos atos”. Foge aos prazeres aviltantes, às discórdias e às vãs agitações da multidão. Não é nas discussões estéreis, nas rivalidades, na cobiça das honras e bens de fortunas que encontrarás a sabedoria, o contentamento de ti próprio; mas sim, no trabalho, na prática da caridade, na meditação, no estudo concentrado em face da natureza, esse livro admirável que tem a assinatura de Deus.

## **OBJETIVO DA ENCARNAÇÃO**

“Deus nos impõe encarnação com o fim de fazer-nos chegar à perfeição. Para uns, ela é expiação; para outros, ela é missão.

Mas, para alcançarmos essa perfeição, temos que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: Nisso é que está a expiação – o de pôr o espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o espírito um instrumento de harmonia com a matéria, essencial desse mundo, a fim de aí cumprir aquele ponto de vista, as ordens de Deus.

É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.”

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na natureza.

# UNIÃO DA ALMA COM O CORPO

A união da alma ao corpo começa na concepção. Mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção o espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz!

Obs.: o grito- que o recém-nascido solta anuncia que ele se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.

Uma pergunta importante a este respeito - No Livro dos Espíritos A 345 - É definitiva a união do espírito com o corpo desde o momento da concepção? Durante esta primeira fase, poderá o espírito renunciar a habitar o corpo que lhe está destinado?

Resposta- É definitiva a união, no sentido de que outro espírito não poderia substituir o que está designado para aquele corpo. Mas, como os laços que ao corpo o prendem são ainda muito fracos, facilmente se rompem e podem romper-se por vontade do espírito, se este recua diante da prova que escolheu. Em tal caso, porém, a criança não vingará.

(Alguns dados foram pesquisados no Livro dos Espíritos)

## CAPÍTULO 9 A MEDIUNIDADE E O SEU DESENVOLVIMENTO

A faculdade mediúnica, tanto a natural como a de prova, não é fenômeno de nossos dias, destes dias nos quais o Espiritismo encontrou seu clímax, mas sempre existiu, desde quando o homem existe porque foi por meio dela que os espíritos diretores puderam interferir na evolução do mundo, orientando-o, guiando-o e protegendo-o.

Vindo conviver com os homens ou dando-lhes, através da mediunidade, as aspirações e os ensinamentos necessários, foram sempre eles, esses guias devotados e solícitos, elementos decisivos dessa evolução. O interessante e mais notável é que a mediunidade, a faculdade, quase não se modificou desde milênios, manteve quase os mesmos aspectos; pouco variaram os fenômenos e as manifestações, o que prova ser muito lenta a ascensão espiritual do homem neste terreno.

Essas manifestações de mediunidade pública continuam. Nas épocas em que a humanidade vivia ainda em regime matriarcal, de tribos, a mediunidade era atribuída a poucos, que exerciam um verdadeiro reinado espiritual sobre os demais.

Depois passou para os círculos fechados dos colégios sacerdotais, criando castas privilegiadas de inspirados e, por fim, foi se difundindo entre o povo, dando nascimento aos videntes, profetas, adivinhos e pitonisas, que passaram, por sua vez, a exercer inegável influência nos meios em que atuavam.

Na Índia, como na Pérsia, no Egito, Grécia ou Roma, sempre foi utilizada como fonte de poder e de dominação, e tão preciosa, que originou a circunstância de somente ser considerada por meio de iniciação a poucos indivíduos de determinadas seitas e fraternidades.

Essas manifestações de mediunidade pública a se dar, até quando foi possível, porque, à medida que o Cristianismo foi-se transformando em religião oficial, foi perdendo sua espiritualidade e ganhando caráter mundano; e a partir do Concílio de Nicéia, no ano 325, da era cristã, fora proibida a prática da mediunidade e a pregação da encarnação, que eram notórias; e daí formaram-se duas correntes opostas, uma querendo permanecer no Cristianismo primitivo e a outra se esforçando por progredir no mundo dos homens. Tanto é que, a partir daí, a Igreja, mais tarde chamada de Católica Romana, esquecendo por seus continuadores três séculos de vida exemplar e repudiando os ensinamentos do Mestre Jesus, no seu verdadeiro sentido, consorciou-se com as forças para obter, como obteve, o domínio do mundo pelo poder temporal.

Essa Igreja, tornada, então, todo-poderosa pela oficialização que lhe outorgou o imperador Constantino, declarou que a mediunidade e a encarnação eram ilegais, heréticas, obras de magia, obras demoníacas e entrou, em consequência, a mover-lhes sistemática perseguição.

Renegou todos os atos mediúnicos praticados por Jesus e seus discípulos - que os fariseus do Sinédrio, já a seu tempo, tachavam de práticas do demônio 1 e nisso foi coerente consigo mesma porque tendo criado o seu sistema fechado de dogmas obscurantistas e privilégios sacerdotais - verificou que o exercício público viria derruir, solapar pela base o edifício material, arditosamente construído para consolidar seu poderio avassalador.

Apesar das testemunhas, e dos protestos apresentados sincera e honestamente por vários dos seus próprios luminares, como: São Gregório de Nissa, São Clemente de Alexandria, São Tomaz de Aquino, Santo Agostinho e outros, que administravam e praticavam o mediunismo, ela não voltou atrás, e durante séculos procurou, como até hoje procura, frear o pensamento e o espírito de compreensão dos fenômenos mediúnicos, perseverando nos propósitos iniciais.

Criou assim uma época muito extensa de obscuridade, durante a qual tudo foi empregado para destruir a revelação divina, o ódio, a vingança, a perseguição e a morte pelo ferro, pelo fogo, pelo veneno e pela espada. E tudo ficou muito difícil devido à situação de terror, se restringindo tudo, desaparecendo a liberdade; tanto que a palavra da verdade somente podia ser transmitida em segredo, de boca para ouvido, em sussurros débeis numa forma tal que, realmente, nunca pôde ser derramada livremente, em grande parte do mundo.

Somente com o advento da Doutrina Espírita, e a publicação do H Livro Espírita (Livro

dos Espíritos), de Allan Kardec, em abril de 1857, foi que a verdade começou a se expandir novamente entre os povos e voltaram novamente as comunicações mediúnicas e a pregação da encarnação, que tinham sido proibidas no ano 325 da era cristã. Embora outras religiões fora do Cristianismo adotassem estas práticas, hoje graças a Deus podemos livremente professar novamente a mediunidade e a encarnação.

Nós sabemos através da nossa Doutrina que todos os homens são médiuns, desde que procuremos desenvolver a faculdade mediúnica, levando-se em conta a necessidade da conquista de cada alma, que se empenhar no desabrochar desse novo sentimento que lhe permite contato com o mundo inteligente, intangível.

A vista dessa necessidade de progresso, devemos nos dias atuais, e para efeito destes nossos estudos, entesourarmos conhecimentos e bondade em nossa alma, e encontrarão eles uma fonte razoável que poderão multiplicar em benefício de todos os que nos cercam.

Não podemos ser bons medianeiros se lhes oferecemos apenas bondade, ou apenas conhecimentos. Preciso é que ambos os recursos se juntem, aproximando-nos psiquicamente de sua própria posição a fim de fazer-nos bastante úteis.

Qual o melhor caminho para alcançarmos tal posição? O contato com as leituras, mormente as fundamentais Doutrinas Espíritas; a codificação de Allan Kardec permitirá que nós nos assenhoremos das Leis Espirituais e nos ajustemos ao seu mecanismo universal.

E mais ainda, essas leituras renovarão o nosso clima mental, criando à nossa volta uma atmosfera higienizada onde as almas enobrecidas poderão respirar e viver por longo prazo. Sabemos que a Doutrina Espírita pede consciência de nossos atos, pois é o mais seguro, senão o único caminho da redenção.

Não podemos nos regenerar tateando às cegas e ora cometendo um engano por ignorância. Só entraremos mesmo em fase regenerativa quando abrirmos a nossa razão para a inspiração superior, e só alcançaremos essa qualidade com o estudo da codificação Kardequiana.

Mas diante desta exposição poderá vir a pergunta para aqueles a quem falta a bênção da visão ou o conhecimento das letras do nosso alfabeto, ou para aqueles que não dispõem de tempo para estudar as codificações e outras.

Para esses nós indicamos que procurem conviver com as reuniões instrutivas do Espiritismo cristão, que são organizadas em nossas casas ou templos cristãos, permitindo-nos a conversação edificante, o afastamento de dúvidas, o crescimento de nossos conhecimentos, a nossa libertação dos erros e o rompimento das malhas da ignorância e da hipnose de nosso senso moral.

Jesus nos seus ensinamentos foi simples e objetivo, falando das leis espirituais que interessavam de perto à nossa evolução. Não se ocupou senão em dar-nos na medida do nosso entendimento o que poderíamos raciocinar. Por essa razão, ao procurarmos os livros de nossa Doutrina ou explicadores espíritas, facilmente estamos ao alcance de nossa

cultura e só permitimos impressões sobre o que estamos aptos a entender.

E para finalizar, aconselhamos a todos que a leitura fundamentada e de cabeça baixa para os que se aproximam das reuniões do desenvolvimento mediúnico e da consolidação de conhecimentos espiritistas, e que se encontra ao alcance da compreensão de todos, é a do Evangelho Segundo o Espiritismo. Nessa obra, Kardec reuniu a própria essência do Cristianismo redivivo, tanto pela sua objetividade e pela sua aplicação imediata à nossa vida comum, quanto também pela sua simplicidade, pela clareza do seu texto, pela leveza de seus conceitos que se encontram nos degraus de todas as mentes e falam a todos os corações.

(Dados pesquisados no Livro Mediunidade, de Edgard Anmond, págs. 15 e 16)

## CAPÍTULO 10 ADÃO E EVA SERÃO OS PAIS DA RAÇA HUMANA?

No capítulo 4º e Vers. 1 a 17 do Livro Gênesis da Bíblia Sagrada, que transcreve o assassinato de Abel, pelo seu irmão Caim, está provado que os nossos primeiros pais não foram Adão e Eva.

Vejamos alguns trechos da história que nos conta a Bíblia, que, logo após a morte de Abel, houve um diálogo de Caim com Deus Jeová, da seguinte maneira;

Interrogou o Senhor a Caim: onde está Abel, teu irmão? Caim respondeu: não sei; acaso sou eu tutor do meu irmão? - Disse Deus: - que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da Terra a mim.

És agora, pois, maldito por sobre a Terra, cuja boca se abriu para receber, de suas mãos, o sangue do teu irmão. Quando lavrares o solo não te dará ele sua força, serás fugitivo, errante pela Terra. E Caim respondeu:

É tamanho o meu castigo, que já não posso suportá-lo.

E se hoje me lanças da tua presença e da face da Terra, hei de esconder-me e serei fugitivo pela Terra; e quem comigo se encontrar, me matará. O Senhor respondeu: - quem matar Caim será vingado sete vezes. E pôs um sinal em Caim, para que não o ferisse de morte, quem quer que o encontrasse.

Retirou-se Caim da presença do Senhor e habitou na Terra de Node ao oriente do Éden - (Gênesis Cap. 4 Vers. 8 a 16).

E coabitou Caim com sua mulher; ela concebeu e deu à luz a Enoque.

Caim edificou uma cidade e lhe chamou Enoque, o nome de seu Está provado que naquele período da morte de Abel, e da fuga de Caim, Adão e Eva não tinham outros filhos, pois quando nasceu o seu terceiro filho que se chamou de "Sete", Adão já estava com 130 anos de idade, conforme expressa a Bíblia, quando diz o seguinte: - Tornou Adão a coabitar com sua mulher, e ela deu à luz a um filho, a quem pôs o no-

me de “Sete”; disse então Eva: - Deus me concedeu outro descendente, em lugar de Abel, que Caim matou. Depois que Eva gerçou a “Sete”, seu terceiro filho (Cap. 4 Vers. 25) - viveu Adão oitocentos anos, e teve filhos e filhas. Finalmente os dias todos da vida de Adão foram novecentos e trinta anos, e morreu. Se Caim e Abel tivessem existido como filhos primeiros do primeiro casal humano realmente não teria encontrado Caim “uma mulher” para com ela se casar, porque a Terra de acordo com a Bíblia era então desabitada. Porque Adão e Eva estavam sós e novamente no mundo, depois da expulsão do Paraíso Terrestre; e só posteriormente, tiveram os dois filhos Caim e Abel. Ora, tendo se retirado Caim para outra região, depois de haver assassinado seu irmão Abel, não tomou nunca mais a ver os seus pais — que de novo ficaram a sós no mundo. E somente mais tarde, com a idade de 130 anos, foi que Adão foi pai do seu terceiro filho, que se chamou Sete.

Quando Caim foi residir no oriente do Éden, somente havia, de acordo com esta história, três pessoas no mundo: seu pai Adão, Eva, sua mãe, e Caim, sozinho. E a Bíblia afirma que Caim teve uma mulher e um filho que tomou o nome de Enoque, e construiu uma cidade, com o nome de seu filho.

Perguntamos aos nossos estimados leitores ou a quem possa nos responder, com provas, ou outro qualquer documento, que possa identificar sua linhagem, que mulher seria esta que desposou Caim e filha de quem, e a que linhagem ela pertenceu? Pois de acordo com esta história da Bíblia Sagrada, não existiam naquela época outros habitantes... E numa cidade pressupõe-se a existência de outros habitantes, senão não é cidade. Também não é possível Caim construir uma cidade somente para si, sua mulher e seu filho. Ao passo que para fixar residência bastaria uma casa, e não uma cidade, como consta na história.

Quando Caim dialogava com o Senhor, antes de partir, ele temia encontrar outras pessoas, que poderiam matá-lo; foi preciso o próprio Deus Jeová pôr um sinal na pessoa de Caim, para que ninguém o ferisse de morte, e se alguém o ferisse de morte, seria vingado por castigo sete vezes, conforme o próprio Deus Jeová declarou. Neste caso o Senhor Deus não se referia a nenhuma fera, mas sim a outros habitantes. Portanto, caros leitores, nós, os espíritas, afirmamos, com toda convicção, que Adão e Eva não foram os pais da raça humana, como afirmam algumas religiões. Pois é necessário os conhecimentos que o Espiritismo Kardecista vem ministrando acerca das relações dos princípios espirituais, com os princípios materiais; da natureza da alma, da sua criação, num estado de simplicidade, e de sua visão com o corpo material e como também a progressividade através dos mundos, que são outros tantos degraus, da senda, da esperança, do aperfeiçoamento e da sua gradual libertação da influência da matéria, mediante o uso do livre-arbítrio, como também da causa de seus pendores, bons ou maus, de suas aptidões com relação ao fenômeno - Nascimento - Encarnação; e da morte-de\* sencame.

O Espiritismo, hoje, projeta luz numa imensidade de pontos que eram obscuros. Porque ele veio realizar, na época prevista, as promessas do Cristo; pois o tempo de duros

combates já passou, ou seja, o tempo das lutas e das perseguições; os que ainda restam, são todos apenas de ordem moral. As primeiras perseguições demoraram séculos; estas de ordem moral duraram apenas alguns anos, porque a luz, em vez de partir de um único foco, irrompe de todos os pontos do Globo.

Graças à Doutrina Espírita, o homem que a estuda e segue-a tem certeza absoluta de onde veio, para onde vai. por que está aqui na Terra, e por que sofre; sabe, também, que tem nas mãos o seu futuro, e que a duração de seu cativeiro, neste planeta, unicamente dele depende.

(Dados pesquisados na Bíblia Sagrada)

## CAPÍTULO 11 TRÍPLICE ASPECTO DA DOCTRINA ESPÍRITA

A Doutrina Espírita é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ela se nos mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas, seu cessar atuante ná natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e maravilhoso. E como ciência e religião não puderam, até hoje, entender-se, porque encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repelem.

Faltava como que encher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse. E esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o Universo espiritual, suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis, quanto às que regem o movimento dos astros, e a existência dos seres. Pois elas são consideradas como duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material, e a outra as do mundo moral. Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio que é Deus, não podem contradizer-se.

São, portanto, chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de fevar em conta o elemento espiritual e em que a religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso, como já está acontecendo em algumas partes do globo.

Porque foi o Cristo o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, da moral evangélica cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e tomá-los irmãos.

Pois esses homens que se tomarem irmãos compreenderão que o Espiritismo é a

tradição filosófica, pois a filosofia espírita se apresenta, no quadro geral das doutrinas filosóficas, e conseqüentemente na própria história da filosofia, como uma das formas do Espiritismo, no capítulo primeiro da “Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita”, que inicia “O Livro dos Espíritos”.

Portanto, caríssimos leitores, o Espiritismo é de ordem divina, pois que se assenta nas próprias leis da natureza e estais certos de que tudo o que é de ordem divina tem grande e útil objetivo. O nosso mundo se perdia; a ciência, desenvolvida à custa do que é de ordem moral, mas conduzindo-se ao bem-estar material, redundava em proveito do espírito das trevas.

Como sabeis, cristãos, o coração e o amor têm de caminhar unidos\*\*

O Espiritismo comprova a excelência do ensinamento de Jesus, a tal respeito, através de uma atitude para com a vida em espírito e verdade.

O Espiritismo aprofunda as suas pesquisas e demonstra, mediante a reencarnação e a comunicabilidade dos espíritos, a grandeza desses postulados.

O Espiritismo, sem embargo, amplia esse comportamento, estabelecendo na Caridade o ponto fundamental para a salvação da criatura.

O Espiritismo, apesar disso, fez aliança da religião com a ciência, desta se utilizando para demonstrar através dos fatos a força dos seus axiomas.

O Espiritismo, embora valorize a fé, concorda com o apóstolo Tiago quando este afirma que aquela “sem as obras é morta”.

O Espiritismo, evoluindo com o progresso, estabelece: “Nascer, Viver, Morrer, Renascer ainda, tal é a lei”, até a perfeição relativa que todos devem alcançar.

O Espiritismo é a revivência do Cristianismo, ensinado e vivido por Jesus e seus apóstolos, prescindindo de toda exterioridade ou fórmula.

O Espiritismo promove a religião direta da criatura com o Criador, capacitando-a, pela educação psíquica, à sintonia com o Pai, tendo como método o Evangelho de Jesus desvelado pelos Espíritos Superiores.

E finalmente, o Espiritismo dá-lhes o fundamento da imortalidade demonstrada pelas comunicações mediúnicas e as ilumina com a sua lógica libertadora, sendo a doutrina religiosa por excelência, na atualidade, com estrutura e ética para ser a religião do futuro, unindo os homens num só rebanho sob a égide do Cristo, o único Pastor.

Observação: O Espiritismo é formado como o triângulo.

Nos vértices do ângulo, é formado por uma letra que é representada da seguinte maneira:

A letra C - representa a ciência A letra R - representa a religião A letra F - representa a filosofia E a letra “E” do centro do triângulo representa ESPIRITISMO

# CAPÍTULO 12 INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO NO PROGRESSO

*O Espiritismo certamente se tornará crença geral e marcará uma nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. Terá, no entanto, que sustentar grandes lutas contra o interesse, e, contra a convicção, porquanto existem muitas pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor próprio, e outras por causas inteiramente materiais.*

*Nós sabemos que as idéias só com o tempo se transformarão, nunca de súbito; pois será de geração em geração que vão enfraquecendo e acabam por desaparecer paulatinamente, com os que as professavam, os quais vêm a ser substituídos por outros indivíduos, imbuídos de novos princípios.*

*Não há hoje mais quem professe os ideais religiosos dos tempos pagãos. Todavia, muitos séculos após o advento do Cristianismo, deles ainda restavam vestígios que somente a completa renovação das raças conseguiu apagar. Assim será com o Espiritismo. Ele progride muito, mas, durante duas ou três gerações, ainda haverá um fermento de incredulidade, que unicamente o tempo aniquilará.*

*A sua marcha, porém, será mais célere que a do Cristianismo;« porque o próprio Cristianismo é quem lhe abre o caminho e serve de apoio.*

*O Cristianismo tinha que diminuir a sua evolução; o Espiritismo só tem que edificar. De qual maneira o Espiritismo deve contribuir e influenciar o progresso? – Somente destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, pois ele fará com que os homens compreendam como se encontram seus verdadeiros interesses; deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro.*

*Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina os homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.*

*Não será temível que o Espiritismo não consiga triunfar da negligência dos homens ao apego das coisas materiais; nós sabemos por experiência que os ideais só pouco a pouco se modificam, conforme os indivíduos e é preciso que algumas gerações passem, para que se apaguem totalmente os vestígios dos velhos hábitos. A transformação, pois, somente com o tempo gradual e progressivamente se pode operar.*

*Para cada geração uma porta do véu se dissipa. A todos os homens faculta Deus os meios de conhecerem sua lei, embora nem todos a compreendam.*

*Os homens de bem e os que se decidem a investigá-la são os que melhor a compreendem; embora saibamos que todos, entretanto, a compreenderão um dia, porquanto forçoso será que o progresso se efe-*

*A justiça das diversas encarnações do homem é uma consequência deste princípio, pois*

que, em cada nova existência, sua inteligência se acha mais desenvolvida e ele compreende melhor o que é bem e o que é mal.

Se numa só existência tudo lhe devesse ficar ultimado, qual seria a sorte de tantos milhões de seres que morrem todos os dias no embrutecimento da selvageria, ou nas trevas da ignorância, sem que deles tenham dependido ou sem se instruírem? E a alma, antes de se unir ao corpo (que ainda é espírito), compreende melhor a lei de Deus, de acordo com o grau de perfeição que tenha atingido e dela guarda a instituição quando unida ao corpo; os maus instintos, porém, fazem ordinariamente que o homem a esqueça.

Nós sabemos que a Lei de Deus está escrita também na consciência, mas infelizmente a maioria dos homens a esqueceram e desprezaram.

Somente os Espíritos Superiores, que encarnam com fim de fazer progredir a humanidade, é que têm essa missão em todos os tempos.

Para os homens, Jesus constituiu o tipo da perfeição moral a que a humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-Lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensina é a expressão mais pura da Lei do Senhor, porque sendo Ele o mais puro, de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava

Os outros que apareceram antes e depois de Jesus, pretendendo instruir os homens na Lei de Deus, os têm transviado ensinando-lhes falsos princípios, por haverem deixado que os dominassem sentimentos demasiado terrenos, por terem confundido as leis que regulam as condições da vida, da alma, com as que regem a vida do corpo; e têm confundido também, apresentando, como leis divinas, simples leis humanas estatuídas para servir paixões e dominar os homens.

Sabemos que Jesus empregava amiúde, na sua linguagem, alegorias e parábolas, porque falava de conformidade com os tempos e os lugares.

Faz-se mister agora que a verdade se torne inteligível para todo mundo: muito necessário é que aquelas leis sejam explicadas e desenvolvidas tão pouco são os que as compreendem e ainda menos os que as praticam. A nossa missão consiste em abrir os olhos e os ouvidos a todos, confundindo os orgulhosos e desmascarando os hipócritas, que vestem a capa da virtude e da religião, a fim de ocultarem suas torpezas.

O ensino dos espíritos tem que ser claro e sem equívocos, para isto provocado pelo próprio espírito, que cria uma certa animosidade, diante de tais advertências.

O Espiritismo vem rasgá-lo de alto a baixo: entretanto, conseguisse ele unicamente corrigir num homem um único defeito que fosse e já o havia forçado a dar um passo, ter-lhe-ia feito, só com isso, grande bem, pois esse primeiro passo lhe facilitará os outros.

Nós sabemos que não ensinaram os espíritos, em todos os tempos, o que ensinam hoje; porque sabemos, também, que cada coisa tem seu tempo. Vejamos o seguinte: Não ensinamos às crianças o que ensinamos aos adultos, não damos ao recém-nascido um alimento que ele não possa digerir.

*Os espíritos ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou adulteraram, mas que podem compreender agora com seus ensinamentos, embora incompletos, preparar o terreno para receber a semente que vai frutificar. O Espiritismo tem a marcar um progresso da humanidade, Deus o espalha a mancheias diante de nossos passos e, no entanto, ainda há homens que o negam.*

*Nós sabemos que o próprio Cristo não conseguiu convencer os seus contemporâneos, mediante os prodígios que operou. Não é por meio de prodígios que Deus quer encaminhar os homens; pois em sua bondade Ele nos deixa o mérito de se convencerem pela razão; porque sabemos que o maior obstáculo ao progresso é o orgulho e o egoísmo. Embora saibamos que existem duas espécies de progresso: o progresso intelectual e o progresso moral, e que uma e outra se prestam mútuo apoio, no entanto, não marcham lado a lado.*

*Entre os povos civilizados, o progresso intelectual tem recebido, no decorrer desse século, todos os incentivos; por isso mesmo atingiu um grau nunca atingido antes.*

*Muito se fala para que o progresso moral se ache no mesmo nível. Entretanto comparando-se os costumes sociais de hoje- com os de alguns séculos atrás, só um cego negaria o progresso realizado. E o Espiritismo foi quem mais contribuiu na influência do progresso - ambos têm crescido de mãos dadas, cada um procurando progredir em função do outro.*

## **CAPÍTULO 13 AS CURAS DO INVISÍVEL**

*O Reformador de julho de 1978 traz uma reportagem de Humberto Ferreira, sobre as curas realizadas por Jesus e pelos médiuns de todos os tempos, que sempre obedeceram às leis naturais, e que não podem ser derogadas. Em outras palavras, não constituem milagre.*

*O Espiritismo trouxe a explicação racional para estes fenômenos. Demonstrou a existência do perispírito e dos fluidos espirituais e as suas propriedades.*

*Os espíritos, pela ação da vontade, podem atuar sobre estes fluidos e transformá-los; têm o poder de formar, a partir da matéria cósmica universal, os objetos que estão acostumados a usar, tomando-os tangíveis. Por exemplo, um médico desencarnado tem condições de tomar um bisturi, para intervenção cirúrgica espiritual, desde que conheça os princípios que regem estes fenômenos.*

*Respondendo a Allan Kardec, o espírito São Luiz explica que os espíritos inferiores também têm poder de produzir objetos tangíveis (Pág. 162 - 38ª edição do Livro dos Médiuns); logo os espíritos mistificadores, que conheçam medicina e certas leis, podem perfeitamente operar curas materiais, dar prescrição de medicamento, ou fazer cirurgias espirituais.*

*A simples realização de curas orgânicas não atesta a presença de espírito superior. Jesus advertiu severamente contra tais espíritos mistificadores. Disse Ele: "Porque*

surgirão falsos Cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios, para enganar, se possível, a eles próprios." E Allan Kardec acrescenta: o fato de operar, o que certas pessoas consideram prodígios, não constitui, pois, sinal de uma missão divina, visto o que pode resultar de conhecimento, cuja aquisição está ao alcance de qualquer um, ou de faculdades especiais que o mais indigno não se acha inibido de possuir, tanto quanto o digno.

O próprio Hermínio C. Miranda é quem nos faz a seguinte advertência no artigo referido: "O movimento espírita precisa estar atento a essas investidas, pois é muito apurada a técnica da infiltração. Estejamos atentos, porque os tempos são chegados e virão fatalmente vigorosas investidas antes chegue a hora, a qual valerá tudo. Muita atenção."

Poder-se-ia perguntar com que objetivo farão tudo isto? Que mal há, se estão fazendo o bem? O perigo é que passam por guias espirituais e procuram fascinar as pessoas pelo fenômeno mediúnico, desviando-lhes a atenção do Evangelho, para que não se melhorem moralmente. Lentamente vão envolvendo o maior número possível e têm um interesse todo especial pelos verdadeiros trabalhadores do movimento espírita, seus alvos prediletos mais importantes. Quando conseguem dominar completamente estas criaturas, subjugando-as, fanatizando-as, preferentemente os Médiuns — envolvem-nas em verdadeiros escândalos públicos, para ridicularizar, desmoralizar a Doutrina Espírita.

Mas como identificá-los?

É o próprio codificador que nos dá a sábia indicação: — Diz ele: é preciso portanto estudar com muito cuidado a condição dos espíritos que realizam curas, especialmente através de receituários ou cirurgias. É de importância vital analisar a orientação, os conselhos que dão senão exaltam o próprio nome, em lugar de Cristo ou do próprio Criador, se recomendam o estudo que liberta e a transformação moral, ou se antes não estimulam a vaidade, nos que os procuram, com revelação fantasiosa.

Nós sabemos que a humanidade atravessa uma fase de transição e perturbação decorrente do seu estado evolutivo.

Acorrem às nossas casas espíritas sofredores em estado de angústia e depressão, com problemas aflitivos à procura de orientação e de um roteiro de vida.

É urgente, inadiável, que nos preparemos para atender a todos os que batem às nossas portas.

Ontem como hoje, a Doutrina Espírita é luz a nortear as nossas vidas. É bálsamo amenizando nossas dores. É o Consolador que se acerca de nós apontando novas esperanças, novos horizontes. Prossigamos em nossas tarefas espíritas com amor e dedicação.

Da mesma maneira como faziam os apóstolos no tempo em que Jesus os deixou na continuação de sua obra, como vimos em Atos dos Apóstolos (Cap. 5 Vers. 12 a 16) que

diz o seguinte:

Muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo, pelas mãos dos apóstolos, e costumavam, todos, reunir-se de comum acordo, no pórtico de Salomão. E crescia mais e mais a multidão descrente, tanto homens como mulheres, agregados ao Senhor, a ponto de levarem os enfermos pelas ruas e os colocarem sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra se projetasse em alguns deles. Afluía também muita gente das cidades vizinhas a Jerusalém, levando doentes e atormentados de espírito, imundos que estavam, os quais eram todos curados.

No Evangelho de São Marcos (Cap. 16 Vers. 17 e 18), também se refere sobre os sinais dos que crêem no Senhor Jesus; com a imposição das mãos, sobre a cabeça dos enfermos e orando em seu nome com fé, os enfermos ficarão curados e também em seu nome expelirão os espíritos sofreadores que estão perturbando aquelas pessoas.

Estes sinais que Jesus estabeleceu para seus seguidores, da época dos apóstolos, continuarão em nossos dias se manifestando, por intermédio do spiritista Kardecista.

Não queremos com isto defazer das demais Doutrinas Evangélicas, ou negar a manifestação dos sinais explícitos no Evangelho, manifestados através dos membros da Doutrina Espírita.

Queremos, por intermédio deste capítulo, narrar para os leitores, com todos os detalhes e com todas as letras, um caso de cura espiritual muito séria, que ocorreu na nossa casa espírita, localizada na Rua dos Arariús, nº 245 - Praia de Iracema, do qual eu sou testemunha ocular e participante ativo, como um dos seus membros, que prestou socorro à pessoa obsediada, por sinal muito perigosa, pois foi trazida por seus familiares para este centro, amarrada, algemada e subjugada por três homens fortes.

Trata-se do senhor Antônio Miranda da Silva, um cidadão com sessenta e quatro anos de idade - residente e domiciliado no município da cidade de Cascavel, neste Estado, no lugar denominado "Barra Velha" - uma colônia de pescadores.

Seu Antônio mora naquela vila com sua filha de nome Maroca Miranda da Silva.

Na primeira quinzena do mês de fevereiro de 1984, não posso precisar o dia exato, seu Antônio Miranda saiu de casa muito cedo da manhã, como sempre fazia todos os dias, para trabalhar no roçado; e como demorou a retomar a sua residência, os seus familiares ficaram preocupados e foram a sua procura no roçado, e lá chegando não encontraram o seu Antônio, somente seus apetrechos de trabalho, abandonados, dando a impressão de que ele tinha deixado aqueles instrumentos de trabalho, e partido bastante apressado, pois os mesmos estavam jogados para um lado. Como seu Antônio não regressava a sua residência, a família começou a procurá-lo entre parentes e cidades vizinhas; ele foi visto por outras pessoas embrenhando-se nas matas do município de Cascavel, e quando era avistado saía correndo, dando a impressão de que estava fugindo de alguma coisa. O certo é que a família conseguiu poucos contatos num período de três meses aproximadamente.

A sua alimentação durante este período era muito irregular. Depois de muita luta, a família conseguiu deixar sua alimentação em uma de suas passagens pela mata, assim mesmo, num vasilhame de madeira (gamela), pois era o único objeto que resistia a sua fúria; os demais ele quebrava ou amassava.

Depois de um período de 90 dias, um filho e dois sobrinhos do seu Antônio Miranda resolveram sair à sua procura, como quem caça animal bravo, e trazê-lo para casa de qualquer maneira. Eles encontraram nas imediações de sua passagem pela mata uma pequena moita, com vestígio de que alguém dormia ali, e os três prepararam uma espécie de tocaia; como quem espera uma caça, e dado algum momento de espera na moita, o nosso amigo Miranda chegou e entrou na moita; e com muita dificuldade os rapazes o apanharam de surpresa, e conseguiram dominá-lo e amarrá-lo e levá-lo para casa, mas o seu Antônio continuava muito renitente. Ao entrar em casa, o que alcançava com a mão, quebrava tudo.

Quando seus familiares se prepararam para trazê-lo para Fortaleza, para um manicômio, foram aconselhados a procurar um “pai-de-santo”, localizado, pelo informante, na então bairro de “Água Fria”, em Fortaleza, e chegando ali, o pai-de-santo cobrou pela cura do seu Antônio a quantia de Cr\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros). A família muito pobre não possuía aquela quantia; depois de muita ponderação e pedido, o pai de-santo resolveu abrir uma exceção, fazendo a cura a prestação; os familiares davam uma entrada de Cr\$ 50.000,00 e mais três prestações de Cr\$ 50.000,00 de 30 em 30 dias; foi aí que os familiares do seu Miranda resolveram aceitar a proposta.

E quando soltaram seu Antônio para começar o trabalho de tratamento para retirar o espírito, foi um deus-nos-acuda. Seu Antônio se enfureceu, e junto com o espírito começou o quebra-quebra; iniciaram pelas imagens e terminaram deixando o altar do Terreiro na terra.

Com muito esforço, conseguiram dominá-lo, e amarrá-lo novamente e levá-lo de volta para casa. Foi aí que resolveram trazer o doente para Fortaleza e interná-lo em um manicômio. Mas antes de interná-lo, a sua sobrinha que reside aqui em Fortaleza, na Rua Professor Álvaro Costa, nº 320 - Praia do Futuro, por nome de Margarida, resolveu trazer o seu tio ao nosso Centro Espírita Pedro, O Apóstolo de Jesus, localizado na Rua dos Arariús, 245 ! Praia de Iracema, para se submeter a uma consulta.

As segundas-feiras, naquela época, eram dias reservados às consultas espirituais, e eu era a pessoa encarregada de relacioná-lo e encaminhá-lo ao receituário.

No dia 7 de maio, que corresponde à segunda-feira daquele mês do ano de 1984, eu me encontrava relacionando as pessoas para as consultas espirituais, quando fui interpelado pela irmã Maria Margarida, que me pedia para relacionar o seu tio Antônio Miranda, para uma consulta; até àquele momento, eu ignorava completamente o estado de saúde de seu Antônio. E como eu só relacionava o nome com a presença do paciente, a

irmã em questão me informou que o seu tio Antônio Miranda se encontrava amarrado dentro de um automóvel, em frente ao Centro Espírita. Foi aí, então, que eu autorizei a trazerem o mesmo e a soltá-lo dentro do Centro, que ele nada poderia fazer, porque quando se ultrapassa a porta principal, a partir daquele instante se está sob o domínio do Mundo Espiritual. Assim foi procedido. Eu e mais dois irmãos aplicamos sobre seu Antônio Miranda um passe, e os irmãos da Espiritualidade lhe aplicaram um passe magnético. E daí para frente, seu Miranda ficou calmo, e foi aplicado o medicamento necessário ao seu tratamento material e espiritual, e nunca mais voltaram as crises.

No dia 10 de maio de 1984, três dias após dar entrada neste Centro, enquanto se realizava a sessão de desobsessão com os médiuns psicofônicos, um irmãozinho que estava perturbando seu Antônio se manifestou através de um dos médiuns, e nós perguntamos por que ele estava fazendo aquilo com seu Antônio Miranda. Ele respondeu que estava se vingando, e passou a explicar para nós que, quando eram ambos solteiros, seu Antônio Miranda lhe aplicou uma grande surra, e ele prometeu se vingar; mas na semana seguinte, depois de haver levado a surra, faleceu afogado no rio Jaguaribe, e só agora, depois de 39 anos, encontrou seu Miranda e estava se vingando. Nós procuramos saber dos familiares do seu Antônio Miranda, e dele próprio, se de fato ele se lembrava dessa surra que havia aplicado neste seu desafeto. Ele então lembrou-se que, de fato, quando solteiro, há muitos anos, durante uma pescaria, um colega lhe roubou uma tarrafa nova, e ele, Antônio Miranda, realmente brigou com um rapaz de nome Francisco Emanuel, que na semana seguinte veio a falecer afogado. Mas durante a sua manifestação através da psicofonia do médium, nós aconselhamos e mostramos àquele espírito que Jesus não concorda com a vingança; ele quer que todos nós perdoemos uns aos outros, e dados alguns instantes de conselho e orações, o irmão em questão começou a chorar, e disse-nos que algumas personalidades espirituais estavam presentes e lhe aconselhando a perdoar seu Antônio Miranda da Silva, e se afastar definitivamente do mesmo; e assim ele prometeu que iria fazer, como de fato o fez. Seu Miranda está completamente curado, e reside no município de Cascavel, no lugar Vila Velha, numa colônia de pescadores. E ele, seu Antônio Miranda da Silva, está disposto a atestar o que declaramos e afirmamos.

## CAPÍTULO 14 MEDIUNIDADE E ESPIRITISMO

O Reformador de julho de 1978 trouxe uma reportagem do escritor Efigênio S. Víctor, sobre a mediunidade e o Espiritismo, onde ele começa explicando que a mediunidade é atributo peculiar ao psiquismo de todas as criaturas.

O Espiritismo é um corpo de princípios morais, objetivando a libertação da alma humana para vida maior.

Diz ele: médium em boa sintonia, segundo cremos, quer dizer “meio”, o médium em razão disso, dentro de nossas fileiras, significa intermediário, medianeiro, intérprete.

Médiuns, por isso, existiram em todos os tempos; na Antigüidade remota, eram adivinhos e pitonisas que, freqüentemente, pagavam com a vida o conhecimento inabitual de que se faziam portadores.

Na Idade Medieval, eram santos e santas, quando se afirmavam à craveira religiosa da época, ou então, feiticeiros e bruxas, recomendados à fogueira ou à forca, quando se não ajustavam aos preconceitos do tempo em que nasceram.

Hoje possuímo-los em todos os tons, dilatadas expressões poli- mórficas.

Médiuns psicográficos. clarividentes, curadores, políglotas, psico- fônicos, materializadores, intuitivos, etc, etc...

Médiuns de efeitos físicos ou de efeitos intelectuais.

No próprio Evangelho, em cujas raízes divinas o Espiritismo jaz naturalmente mergulhado, vamos encontrar um perfeito escalonamento de valores, definições e atividades mediúnicas.

Primeiramente vemos a mediunidade absolutamente sublimada, em nossa mãe Santíssima, quando registra a visitação das entidades angélicas anunciando que por seu intermédio se daria o nascimento de Jesus.

Reconhecemos a clarividência avançada em José da Galiléia, quando recolhe aos mensageiros do plano superior comentários e notícias acerca da gloriosa missão de Jesus.

Simão Pedro era médium à sombra, quando se adaptava à influência perturbadora de que muitas vezes se sentiu objeto; era médium da luz, quando partilhava a claridade divina em sua vida mental. O mesmo Simão Pedro, Tiago e João foram médiuns materializadores no monte Tabor, favorecendo a aparição tangível de instrutores da mais elevada hierarquia.

João, o grande evangelista, foi médium na mais sublime acepção da palavra, quando se transformou até o plano espiritual e anotou as visões do Apocalipse.

Os companheiros do Senhor e seguidores do Mestre, no dia inolvidável do Pentecostes, foram médiuns de efeito físico, médiuns políglotas e psicofônicos na nobre expressão; Saulo de Tasso foi notável médium de clarividência, às portas de Damasco, ao ensejo do seu encontro pessoal com o Divino Mestre, que dali se transformou ou melhor se tomou o apóstolo Paulo.

Todavia, não será lícito esquecer que os possessos, os doentes mentais e os obsediados de todos os matizes, que enxameavam a estrada do Cristo de Deus, quando de sua passagem direta entre os homens, eram também médiuns; precisamos assim, na atualidade, esclarecer a diferença a fim de que não venhamos a guardar injustificável assombro, diante de fenômenos que não condizem com o imperativo de nossa formação moral.

Médiuns existem tanto aí como aqui, nas esferas de serviço em que nos situamos. Médiuns permanecem em toda parte, porque mediunidade é meio de manifestação do espírito, em seus diversos degraus de evolução. Por esse motivo, o grande problema dos trabalhadores mediúnicos é aquele da sustentação de bons companheiros espirituais, em caráter permanente.

Este conjunto de fatos se afirmam por si mesmos e não por teorias, mais ou menos atraentes, que possam se converter em fatos naturalmente sujeitos às leis que podem e devem ser conhecidas de todos; e interessa a todas as pessoas, justamente por ser a mediunidade uma herança comum dos homens; à medida que evolui e se moraliza, o indivíduo adquire faculdades psíquicas e aumenta, conseqüentemente, sua percepção espiritual; vamos encontrar o Espiritismo dilatando pensamentos e rasgando horizontes novos; em vez dessa visão acanhada e mesquinha, que o concentra na vida atual, que faz do instante que vivemos na Terra único e frágil eixo do porvir eterno, o Espiritismo vem mostrando que essa vida não passa de um elo no harmonioso e magnífico conjunto da obra do Criador.

Nesse mundo reservado ao terceiro milênio que se aproxima terá ele outros horizontes, outras perspectivas, outras amplitudes.

Haverá conhecimentos mais dilatados no campo da espiritualidade, a sua prática não será mais condicionada, pois será a execução consciente e espontânea dos ensinamentos do Evangelho de Jesus, a comunhão com espíritos mais evoluídos, habitantes de mundos superiores; prevalecerá a moral como lei soberana e a fraternidade como fato comum.

Mostra a solidariedade que conjuga todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos. Faculta assim uma fase e uma razão de ser à fraternidade universal.

Essa solidariedade entre as partes de um mesmo todo explica o que o inexplicável apresenta, desde que se considere apenas um ponto.

Esse conjunto, ao tempo do Cristo, os homens não o teriam podido compreender, motivo por que ele reservou para outros tempos o fazê-lo conhecido; daí o Espiritismo trouxe a explicação racional para todos esses fenômenos; e demonstrou a existência do perispírito e dos fluidos espirituais e suas propriedades.

A Doutrina Espírita explica com detalhe que o Espiritismo, pela ação da vontade, pode atuar sobre estes fluidos e transformá-los. Tem o poder de formar, a partir da matéria cósmica universal, os objetivos que estão acostumados a usar, tomando-os tangíveis. Por exemplo: Um médico desencarnado tem condições de tomar um bisturi para intervenções cirúrgicas espirituais, desde que conheça os princípios que regem estes fenômenos.

Por isso mal surge um médium promissor, mil ameaças se lhe agigantam no caminho, porque o vampirismo vive atuante, qual gafanhoto devorando a erva tenra.

Eis por que um fulcro de fenômenos mediúnicos é motivo para vasta meditação de

nossa parte, competindo-nos a obrigação de prestar-lhes incessante socorro, pois, em verdade, são raras as criaturas encarnadas ou desencarnadas que logram manter contato permanente com a orientação superior, de vez que, se é fácil acomodar-nos no convívio das inteligências ambientais nas zonas inferiores, é muito difícil acompanhar os servos da verdade e do amor que, em procurando a comunhão com Cristo, se confiam intrépidos e humildes ao apostolado da grande renúncia

Imperioso, assim, é que vivamos alertas, sem exigir dos médiuns favores que não nos podem dar e sem conferir-lhes privilégios que não podem receber, garantindo, desse modo, a estabilidade e a pureza de nossa Doutrina, porquanto o Espiritismo é como o sol, que resplande para todos, e a mediunidade é a ferramenta que cada criatura pode manobrar no campo da vida, na edificação da própria felicidade.

Quantos, porém, se utilizam de semelhantes ferramentas para aquisição de compromissos escusos com as delinquências.

Em razão disso é indispensável compreender que Mediunidade é Mediunidade, e Espiritismo é Espiritismo.

Assim Jesus deseja dizer, acima de tudo, que nos compete guardar, dentro de nós mesmos, uma atitude adequada, ante os desígnios do Todo-Poderoso, avançando segundo o roteiro que nos traçou a Divina Lei.

Ajustemo-nos, desse modo, aos princípios salvadores de nossa fé. E, na posição de instrumentos do progresso e do bem, com mais ou menos expressão de serviço nas atividades mediúnicas, diretas ou indiretas, conscientes ou inconscientes, procuremos, antes de tudo, a nossa efetiva integração com o Mestre Divino, para que não nos falte ao roteiro a necessária luz.

(Pesquisado no Evangelho Segundo o Espiritismo)

## **CAPÍTULO 15 O ESPIRITISMO É O CONSOLADOR PROMETIDO POR JESUS**

De acordo com a declaração prestada pela FEB - Federação Espírita, o Conselho Federativo informa que segundo o Censo de 1992, o Estado do Ceará possui em tomo de (150) cento e cinqüenta casas espíritas e aproximadamente uns (50000) cinqüenta mil espíritos adesos, mas de acordo com o número de pessoas doentes que procuram as casas espíritas, atrás de uma caridade, temos fé em Jesus que o número de adesos, dentro de dois anos, estará triplicado.

Graças a Jesus, nós somos hoje vistos com carinho e respeito que os cearenses costumeiramente dispensam a todas as atividades voltadas para o bem e a promoção da comunidade. Todas as nossas instituições espíritas, sem exceção, além de suas atividades doutrinárias, atuam também no campo assistencial e promocional junto aos irmãos ca-

rentes, já que aprendemos com Jesus que a fé sem as obras é morta. Nossas modestas atividades no campo doutrinário e social são realizadas sem que exista qualquer remuneração por aqueles que as executam.

No Espiritismo não existe profissionalismo religioso, não há profissionais do Espiritismo. Exercemos todas essas atividades nas horas de lazer, sem prejuízo das responsabilidades do nosso trabalho profissional, para o sustento dos nossos familiares. Tudo isso faz granjear a simpatia e a confiança da comunidade em que vivemos, o que aumenta, em muito, nossa responsabilidade.

O número aproximado de adeptos foi objeto de interesse de nossa parte, e a informação da Federação Espírita Cearense é apenas uma estimativa. Em Espiritismo não se cultiva o proselitismo. Ele representa para nós, espíritas, uma conquista interior, um hábito constante de renovação e procuramos dispensar o máximo de indulgências para com os seme- ; lhantes.

Porque aprendemos que no Espiritismo, as nossas atitudes serão visíveis e vistas pela maioria, pois elas representam uma luz, e qualquer ponto escuro nesta luz será visto por todos.

Sabemos que o Espiritismo é uma ciência que trabalha na natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal. É ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre o mundo material e o mundo espiritual, e como filosofia, compreende todas as conseqüências morais ou religiosas que dependam destas relações.

Embora muitas pessoas leigas ainda hoje confundam a palavra Espiritismo com Umbandismo, Quimbanda, Candomblé, etc... nós podemos demonstrar, através deste capítulo, a real diferença que existe entre Espiritismo e este conglomerado de nomes.

Sabemos que Allan Kardec codificou o Espiritismo, e a primeira obra por ele editada foi o "Livro dos Espíritos", em 18 de abril de 1857. Foram então criados por Kardec os vocábulos "Espírito e Espiritismo", porque segundo ele, para se designarem coisas novas são precisos termos novos.

Nós sabemos, também, que em o Livro dos Espíritos estão colocados os princípios básicos da Doutrina que se fundamenta em: Deus - Imortalidade da alma - Reencarnação - Pluralidade dos Mundos Habitados - Comunicabilidade dos Espíritos. Nestes princípios minuciosamente estudados por Kardec, e também nas demais obras da codificação "Livro dos Médiuns", "O Evangelho Segundo o Espiritismo", "A Gênese", "O Céu e o Inferno", estão realmente todas as bases da Doutrina Espírita.

Onde iremos provar a grande diferença que existe na verdadeira doutrina, o Espiritismo criado por Kardec?

A explicação que nos propomos a fazer sobre a diferença que existe entre o Espiritismo criado por Kardec e a Umbanda, Quimbanda, Candomblé, etc, é que a Umbanda e os seus

correlatos têm uma visão sociológica, um “sintcretismo religioso afro-católico brasileiro”.

O Espiritismo tem um corpo doutrinário, bem definido e claro.

Na Umbanda, Quimbanda, Candomblé, etc... encontramos práticas, hábitos e cultos de origem africana na esperança dos “SUDANESES” e dos “BANTOS” trazidos pelos escravos que aqui foram obrigados pelos seus senhores a exercerem as práticas do Catolicismo, daí originando o sincretismo.

Com todo respeito, com todo carinho que nos merecem todas as religiões, podemos afirmar que Umbanda, Quimbanda, Candomblé, etc., “Não É Espiritismo”, embora nisso não haja nenhum mérito. Mas vejamos a diferença:

O Espiritismo não tem culto material;

A Umbanda, Quimbanda, Candomblé, etc. etc... têm culto material;

O Espiritismo não tem ritual;

A Umbanda, Quimbanda, Candomblé, etc., etc... têm ritual;

O Espiritismo NÃO prescreve qualquer forma de parâmetro nem comporta o formalismo de funções sacerdotais;

A Umbanda, Quimbanda, Candomblé, etc, etc... têm “pais ou mães” de terreiro com vestimentas e prerrogativas equivalentes ao exercício das funções sacerdotais;

O Espiritismo não admite o uso de imagens, santos ou quaisquer divindades, como também não adota o emprego de qualquer sacrifício de animais em razão da crença;

A Umbanda, Quimbanda, Candomblé, têm imagens, altares, como ainda o uso do sacrifício de animais, conforme o caso;

O Espiritismo não tem sinais cabalísticos e nem símbolos;

A Umbanda, Quimbanda, Candomblé têm sinais, pontos riscados, etc;

O Espiritismo tem sua nomenclatura, segundo a codificação Kardequiana, em cujo vocabulário não se encontram as designações usuais de culto umbandista e seus correlatos;

A Umbanda, Quimbanda, Candomblé, etc, etc... têm uma nomenclatura muito diferente, quer em relação aos médiuns, bem como aos espíritos, como por exemplo: os médiuns são denominados “cavalos” e outros termos também empregados de variadas procedências e significados como: Orixás, Egum, Exu, etc...

Além de todos os aspectos, evidentemente diferenciais demonstrados, o Espiritismo rege-se por um corpo de doutrina codificada por Allan Kardec.

A Umbanda, Quimbanda, Candomblé, etc, etc..., não se regem pela doutrina codificada por Allan Kardec.

Afirmamos, com toda convicção, pois, que não existem linhas, nem variantes, nem modalidades diferentes de Espiritismo. Existem outros cultos não espíritas, que exercem a prática mediúnica. Ora, a Doutrina Espírita não é e nem tem pretensão de ser proprietária da mediunidade. Esta existe desde os primórdios da civilização. Há, sim, quem use, por ingenuidade ou desconhecimento, os vocábulos Espírita e Espiritismo

indevidamente.

*Acreditamos, que a Umbanda, Quimbanda, Candomblé, etc...,l sejam mais procurados do que o Espiritismo, devido a sua proximidade com o Catolicismo, considerado que nossos irmãos umbandistas etc, ] etc..., batizam-se, casam-se, na Igreja Católica, exercendo com naturalidade as respeitáveis práticas católicas.*

*Existem muitas pessoas que desconhecem o Espiritismo e têm medo da doutrina e a consideram uma doutrina perigosa.*

*Nós temos a coragem de declarar publicamente que tudo isto ' que se criou ou inventou contra a Doutrina Espírita é puro engano, pois o Espiritismo nos ensina "só o bem", e explica com clareza, que é inabalável, que à fé pode enfrentar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade.*

*Ter fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer "Eu creio" mas afirmar "Eu sei" com todos os valores da razão, tocados pela luz do sentimento. "É o amai-vos e instruí-vos". Por isso, afirmamos neste capítulo que o Espiritismo é o consolador prometido por Jesus aos seus discípulos. No livro Evangelho de São João, Cap. 14 e Versículos 15 a 17 e 26, diz o seguinte: "Se me amais guardareis os meus mandamentos, e Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador a fim de que esteja para sempre conosco. O Espírito da Verdade que o mundo não pôde receber, porque não o vê nem o conhece vós o conheceis, porque Ele habita convosco e estará em vós. Mas o Consolador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito".*

*Isto porque a Doutrina Espírita se enquadra perfeitamente nas recomendações do Mestre Jesus, nos versículos citados. E quem consola à luz da razão e do sentimento, jamais poderá ser considerado perigoso ou receoso para alguém, como muitos que não conhecem o julgam ser.*

*Mas, nós achamos que as pessoas que assim pensam deviam ouvir os conselhos de São Paulo, quando certa vez afirmou que devíamos examinar de tudo e reter o que for melhor.*

*O movimento espírita no Brasil, que é representado pelo trabalho e pela atividade dos espíritos, vem ganhando, dia-a-dia, expressão de reconhecimento por todos. Hoje graças a Deus podemos dizer com naturalidade que a condição de espírita não causa espanto nem espécie a quem quer que seja*

*Em nossos dias, não é preciso ser espírita para saber o que é re- encarnação, médium, mediunidade, comunicação mediúnica, etc... Ontem era comum os espíritas serem apedrejados, perseguidos e até mesmo presos. Hoje para alegria de todos é comum espíritas serem agraciados e distingüdos com título de Cidadania Honorária, medalhas e honrarias outras.*

Tudo isto vem demonstrar a profunda mudança de mentalidade do povo com relação ao Espiritismo.

(Pesquisado no Evangelho Segundo o Espiritismo e no livro Curso Dinâmico de Espiritismo de J. Herculano Pires)

## CAPÍTULO 16 DEFINIÇÃO DA DOUTRINA ESPÍRITA

O Espiritismo é uma doutrina filosófica, religiosa e científica, baseada na causa da sobrevivência da alma, na existência de Deus e do espírito – com comunicabilidade entre os espíritos desencarnados e os encarnados e na responsabilidade individual e coletiva, que inclui o dever do aperfeiçoamento moral do homem, das obras de assistência social e de confraternização mundial.

A Doutrina Espírita resume-se em cinco pontos principais e característicos:

1<sup>2</sup>) Testemunha a existência de Deus, como uma inteligência cósmica responsável pela criação e manutenção do Universo;

2<sup>2</sup>) comprovação da existência da alma ou espírito, envolvido pelo perispírito, conservando a memória mesmo após a morte do corpo físico e assegurando a identidade individual de cada pessoa;

3<sup>2</sup>)<sup>9</sup> comprovação da lei da reencarnação pela qual todas as criaturas sucessivamente vão evoluindo no plano intelectual e moral, enquanto expiam os erros do passado;

4<sup>2</sup>) lei comprobatória da pluralidade dos mundos, isto é, da existência de vários planos habitados, oferecendo um âmbito universal para a evolução do espírito;

5<sup>2</sup>) lei do Carma ou Causalidade Moral pela qual se interligam as vidas sucessivas do espírito, dando-se-lhe destino condizente com seus atos praticados.

A Doutrina Espírita é considerada, ainda, a Doutrina da Liberdade, que temos de escolher as nossas existências futuras e as provas que devemos sofrer, deixa de parecer singular desde que atenda a que os espíritos uma vez desprendidos da matéria apreciem as coisas do modo diverso da nossa maneira de apreciá-lo. Divisam a meta, que é bem diferente para eles dos gozos fugitivos do mundo.

Após cada existência vêm o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem aquela meta. Dal se submeterem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, solicitando as que possam fazer para o alcance mais presto.

Não há, pois, motivo de espanto no fato de o espírito não preferir a existência mais suave quando incorporado à matéria. Não lhe é possível, no estado de imperfeição em que se encontra, gozar de uma vida isenta de amarguras. Ele o percebe e, principalmente para chegar a fruí-la, é que trata de se melhorar.

De acordo com o estado em que cada espírito se encontra na vida espiritual, lhe é mostrado até que grau se desenvolveu, e o que lhe falta para chegar a um estado de

graça; é daí que ele escolhe então o tipo de provas que realmente venha abreviar um pouco a sua perfeição e criar alguma virtude agradável a Deus.

Ninguém galga qualquer posição na ciência, nas artes, na indústria, senão passando pela série das posições inferiores, que são oujras tantas provas. A vida humana é, pois, cópia da vida espiritual; nela se nos deparam em ponto pequeno todas as peripécias da outra vida.

Ora, se na vida terrena muitas vezes escolhemos duras provas, visando posição mais elevada, por que não haveria o espírito, que enxerga mais longe que o corpo e para quem a vida corporal é apenas um incidente de curta duração, de escolher uma existência árdua e laboriosa, desde que o conduza à felicidade eterna? Portanto, ensinando o dogma da pluralidade das existências corporais, os espíritos se renovam numa doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo e que se conserva no íntimo de muitas pessoas, até aos nossos dias. Simplesmente, eles a apresentam de um ponto de vista mais racional, mais acorde com as leis progressivas da natureza e mais de conformidade com a sabedoria do Criador, despindo-a de todos os acessórios da superstição.

Os espíritos a ensinaram no decurso dos últimos tempos, já antes mesmo da sua publicação, numerosas comunicações, que vêm revelando, no plano material, o que até então era desconhecido. E ao mesmo tempo vêm facilitando o cumprimento destas revelações.

Vejamos o que realmente a Doutrina Espírita tem procurado revelar dentre outros mistérios, como: a desobsessão, porque a psicofonia e psicografia, que também eram mistérios, hoje graças à Doutrina Espírita, estes meios que os espíritos usam para se comunicar com os encarnados caíram na vida rotineira, tomando-se comuns nos meios espíritistas.

Frequentemente são trazidas aos Centros Espíritas pessoas com grandes distúrbios mentais e que são prontamente rotuladas como obse- diadas.

O conhecimento de todas as causas destes desequilíbrios nos induz, entretanto, a uma atitude mais cautelosa, uma vez que a parasito- se mental não é a única causa destas alterações. Não desconhecemos que praticamente em todos estes casos, há um componente obsessivo, mas o problema surge quando se afirma que em todos eles o fator básico é a obsessão.

Não se pode esquecer os casos das doenças mentais de fundo orgânico e que invariavelmente constituem expiação.

O Dr. Bezerra de Menezes chama atenção para este fato, quando afirma: “Ora, a loucura, como tem demonstrado, é moléstia de fundo orgânico, nuns casos, e é de fundo espiritual noutros casos; logo a Ciência precisa bem conhecer esta diferença, para variar de ação, segundo a espécie”.

E os sintomas destas psicoses de fundo orgânico por vezes se assemelham muito aos

processos obsessivos.

Uma outra condição que precisa ser considerada antes do diagnóstico de obsessão é a que André Luiz chama de “Emessão do Passado”, em que a pessoa revive situações de encarnações passadas que entram em choque com a realidade presta, dando a aparência de um verdadeiro possesso.

Porque ao influxo das recordações penosas que voltam ao pretérito a comunicar-se com o presente, de que se vê assaltado, centraliza todos os seus recursos mnemônicos tão-somente no ponto nevrálgico em que viveu o pensamento.

Para o psiquiatra comum é apenas um candidato à insulino-terapia ou ao eletrochoque, entretanto é um enfermo espiritual (não um ob-sediado como parece), é uma consciência torturada, exigindo amparo moral e cultural para a renovação íntima, única base sólida que lhe assegurará o reajustamento definitivo.

Mediunicatfiente falando, trata-se de um processo de animismo — ou uma mistificação inconsciente.

Na realidade, a manifestação decorre dos próprios sentimentos arraigados ao pretérito, de onde recolhe as impressões deprimentes de que se vê possuído, extemando-as no meio em que se encontra.

Por fim é necessário lembrar que muitos espíritos bastante atrasados moralmente, oriundos de zonas purgatórias, reencarnam para progredir e praticar atos de verdadeira perversidade. Estes são quase sempre rotulados como obsediados. É claro que eles atrairão a companhia de espíritos da mesma categoria, que se ajudarão, mas a principal causa do comportamento estranho estará neles mesmos, na falta de evolução espiritual.

É por isso que qualquer precipitação neste campo pode levar a profundas decepções.

Para o doente se recuperar recomenda-se o maior carinho possível a fim de sanar-lhe a inquietação; deve ser tratado com a mesma atenção que ministramos aos sofredores que são considerados como ob-sediados, a fim de que a harmonia se estabeleça.

Sabemos que a idéia de mistificação muitas vezes nos impele a desrespeitosa atitude, diante do seu procedimento moral. Por isso mesmo, é preciso armar o coração de amor, a fim de que possamos auxiliar e compreender. Um doutrinador sem tato fraterno apenas lhe agravaria o problema, porque o pretexto de servir a verdade talvez lhe impusesse corretivo inoportuno ao invés de socorro providencial.

Eis as razões por que é imprescindível um estudo metuculoso de cada caso antes de firmar o diagnóstico de obsessão.

O escritor espírita Roque Jacinto, no seu livro Tratado da Obsessão, procura mostrar e conciliar o fenômeno obsessivo.

Ele começa citando o Cap. XIV, item 45 do livro A Gênese, de Kardec, que define obsessão. Diz ele: é uma ação, persistente, que um espírito mau exerce sobre um indivíduo, e para evitar uma definição errada, entre as diversas ocorrências espirituais, como a que

realmente é, obsessiva, é conveniente não confundirmos as inúmeras indisposições transitórias como sejam: as variações de humor, as alternâncias da própria alma ou simplesmente influência ocasional de um espírito perturbado com o insidioso mal.

Destaquemos então quatro elementos que identificam um estado verdadeiro de um obsediado, que são:

1ª) Ação – o desencarnado, por vezes, sustenta apenas o desejo de revidar um mal que sofreu do atual encarnado, nesta ou noutra existência; quer se vingar. Esse desejo, contudo, mesmo que enunciado verbalmente pelo próprio espírito, não transforma um obsessor se, paralelamente aos seus anseios ou as suas afirmações verbais, não estiver movimentando recursos e circunstâncias que venham ocasionar prejuízo efetivo ao encarnado;

2ª) Persistência – ele poderá dar promessa de vingança, passar à ação efetiva. No entanto, é preciso, ainda, que sua ação seja ato isolado, um comportamento sem seqüência. A ação do espírito, para ser considerada obsessiva, deve ser persistente, revelando-se satisfeito com as dores que semeia à sua volta, então será ele realmente obsessor caracterizado, porque a sua ação se tornou persistente;

3ª) Deve haver mais um espírito comandando a perturbação; observa-se que num caso obsessivo verdadeiro, realmente existem diversos espíritos impuros, e entre eles um dirigente, um mandatário, que é o responsável principal pelos males causados ao obsediado;

4ª) Espírito mau 1 Finalmente a maldade causada pelo espírito mau e sua ação deve ser persistente – para se caracterizar uma obsessão – um espírito inteiramente consciente do mal que está fazendo, das dores que provoca, dos prejuízos que acarreta lucidamente no uso do seu livre-arbítrio. O conhecimento dos detalhes de um obsessor, de seu caráter, de seu gênio permitem-nos ministrar os recursos evangélicos de que deveremos dotar-nos para recuperá-lo efetivamente, sem correremos o risco de iludir-nos quanto ao tempo e à natureza do agente obsessivo. Nunca devemos repudiá-lo, pelo contrário, devemos dotar-nos de maior coragem, de maior persistência e confiança em Cristo Jesus, para conseguirmos convencê-lo a desistir de seu verdadeiro intento de maldade que está realizando.

Sem que encontremos esses quatro elementos congregados numa mesma ocorrência espiritual não teremos jamais o quadro obsessivo declarado. Quando muito poderemos, na ausência de tais elementos, classificar os sintomas apresentados pelo enfermo como: Disposições pré-obsessivas, ou seja, disposições íntimas do encarnado, que facilitam a instalação de um completo processo de obsessão.

(Pesquisado no Livro dos Médiuns e Livro dos Espíritos)

# CAPÍTULO 17 REFERÊNCIA SOBRE OS MUNDOS HABITADOS

*Quando Jesus esteve aqui no planeta Terra, falou que havia muitas moradas na casa de seu Pai e naquela ocasião nenhum dos seus discípulos entendeu aquelas palavras de Jesus quando se referira à casa de seu Pai (São João, Cap. XIV, Vers. 1 e 3). Esta incógnita continuou até o aparecimento do “Consolador Prometido”, o Espírito da Verdade que é o Espiritismo, que veio abrir os olhos e ouvidos porquanto fala sem figuras, sem alegorias; levanta o véu intencional mente lançado sobre certos mistérios.*

*Assim o Espiritismo realiza o que Jesus disse do “Consolador Prometido”, com conhecimento das coisas, fazendo com que o homem saiba de onde veio, para onde vai e por que está na Terra.*

*As pessoas que têm ocasião de observar as noites estreladas, sem luar e que desconhecem por completo a Doutrina Espírita, não sabem o sentido exato daquela nossa Via Láctea. A Gênese Kardequiana nos explica o seguinte: – A nossa Via Láctea é uma dessas nebulosas. Conta perto de trinta bilhões de estrelas ou sóis que ocupam nada menos de algumas centenas de trilhões de quilômetros de extensão e, entretanto, não é a maior.*

*Suponhamos uma média de 20 mil planetas habitados. Circulando em torno de cada sol, teremos 600 milhões de mundos habitados unicamente para o nosso grupo. Se pudéssemos transportar-nos de nossa nebulosa para a outra galáxia, aí estaríamos como em meio da outra Via Láctea, porém com um céu estrelado de aspecto inteiramente diverso deste; malgrado suas dimensões colossais nos pareceria, de longe, um pequeno bloco lenticular perdido no infinito.*

*Mas de acordo com as revelações espirituais, nos informam os irmãos da espiritualidade o seguinte: transportando-nos pelo pensamento às regiões do espaço, além do arquipélago da nossa nebulosa veremos em torno de nós milhões de arquipélagos semelhantes e de formas diversas, contendo cada um milhões de sóis e centenas de milhões de mundos habitados. Tudo o que possamos identificar com a imensidade da extensão e com a estrutura do Universo é de utilidade para a ampliação dos ideais tão restringidos pelas crenças vulgares, que negam a existência desses mundos habitados.*

*Deus avulta aos nossos olhos à medida que melhor compreendemos a grandeza de suas obras e nossa infinita pequenez.*

*Estamos longe, como se vê, da crença que a Gênese mosaica implantou e que fez da nossa pequenina, imperceptível Terra a criação principal de Deus, e dos habitantes, os únicos objetivos da sua solicitude.*

*Compreendemos a vaidade de muitas pessoas que crêem que tudo no Universo foi feito para elas, e dos que ousam discutir a existência do Ente Supremo.*

*É belo, sem dúvida, haveremos reconhecido quanto é ínfima a Terra, e medíocre a sua*

importância na hierarquia dos mundos; é belo, também, haver *abatido a presunção humana*.

*Dentro de mais algum tempo (talvez algumas dezenas de anos) causará espanto para todos que uma religião feita para glorificar a Deus o tenha rebaixado a tão mesquinha proporção e que haja repellido como concepção do espírito do mal as descobertas que somente vieram aumentar a nossa admiração pela sua onipotência, iniciando-nos nos grandiosos mistérios da criação. Ainda maior será o espanto, quando souberem que elas foram repelidas porque emanciparam o espírito dos homens e tiraram a preponderância dos que se diziam representantes de Deus na Terra. Cada dia que examinamos a codificação kardequiana, descobrimos novos conhecimentos, e a luz da sabedoria Divina sempre está pronta procurando aclarar a nossa mente, e os nossos espíritos se tomam mais fortalecidos diante destas descobertas. Meus amados leitores, todos vocês já tomaram conhecimento do que queremos relatar, neste capítulo. Não faz mal a gente lembrar um assunto tão importante, que modificou ou poderá modificar a nossa vida e a nossa passagem por este planeta.*

*Todos nós sabemos, não é segredo para ninguém, que nós aqui viemos com uma finalidade: pagar nossos débitos de vidas anteriores e preparar ou melhorar, procurar adquirir um pequeno cantinho para, quando deixar este planeta de expiação e provas, encontrar realmente o lugarzinho que procuramos adquirir do outro lado da vida, um daqueles milhões de mundos que acabamos de enumerar no começo deste capítulo que a história espiritual nos conta.*

*Eu sei e todos vocês sabem que o planeta Terra tem uma série de atrações com um certo envolvimento pernicioso e se nós não estivermos vigilantes e atentos, facilmente nos envolveremos em sua concupiscência. Por isso é que São Paulo sempre recomendou, em sua Epístola, que devemos estar sempre vigilantes, pois o espírito é forte, mas a carne é fraca.*

*Se fizermos umas perguntas a algumas autoridades espirituais obteremos as seguintes respostas:*

*1ª) Se perguntarmos a São Paulo apóstolo quando foi o seu encontro com Jesus, por certo responderá: - Foi no caminho para Damasco, quando era portador de credenciais para perseguir e prender os cristãos. Quando caí por terra sobre um forte clarão, e ouvi uma voz que dizia Saulo, Saulo por que me persegues? Naquele momento compreendi que era o meu encontro com Jesus e daquela data em diante, eu me tomei um discípulo do Mestre Jesus.*

*2ª) Perguntando a Pedro apóstolo quando foi verdadeiramente o seu encontro com Jesus, por certo também responderá: - Foi justamente naquela noite no Sinédrio, quando fosse interrogado por alguém que negaria a minha condição de discípulo e seguidor de Jesus; mas diante de tal covardia, me arrependi, e a partir dali, me tornei verdadeiramente um seu discípulo.*

3ª) Perguntando também a Tomé, um dos 12 discípulos - Tomé quando foi o teu encontro com Jesus? Ele responderia por certo: - Foi justamente na segunda reunião dos meus colegas, discípulos, em que me encontrava presente porque na primeira reunião eu estava ausente e as portas estavam trancadas, e entrou Jesus e se pôs de pé em nosso meio e depois de saudar-nos, com aquela sua saudação costumeira - a paz esteja convosco - em seguida se dirigiu a mim e chamando-me, disse: Tomé, põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo mas crente. Respondi-lhe então: Senhor meu, Deus meu! Perdoe-me.

Disse-lhe então Jesus: Tomé, porque me viste, creste! Bem-aventurados são os que não me viram e creram.

## CAPÍTULO 18 MÉTODOS ESPÍRITAS DE CURA

O corpo humano é uma máquina que funciona ininterruptamente, do nascimento ao desencarne, acionada por forças hauridas do meio ambiente; constitui-se de um conjunto de tecidos e órgãos especializados e autônomos porém mantidos unidos, integrados no sistema comum, por força da presença do espírito encarnado.

Para sua integração no meio ambiente, possui o espírito encarnado os órgãos materiais dos sentidos: - visão, audição, tato, paladar e olfato. Por meio deles toma conhecimento do que se passa ao seu redor, no mundo físico e, por intermédio do perispírito - que é o corpo espiritual - liga-se com o mundo invisível ficando, assim, a agir, ao mesmo tempo, nos *dois* planos de manifestação da vida

A máquina humana, como todos nós sabemos, é formada por *células*, tecidos, órgãos, aparelhos e sistemas, que são vários e diferentes, desempenhando *cada* um tarefa e papéis específicos, mas sempre *complementares*. Um *dos* tratamentos do corpo humano é feito através dos passes que visa justamente promover o reajustamento do equilíbrio *interno e externo*, provocando no organismo as reações necessárias de acordo com as leis da própria natureza, sem violências ou forçamentos.

Nas moléstias compulsórias, isto é, nas necessárias a resgates cármicos, esses desequilíbrios provêm comumente da interferência de agentes do plano invisível e nenhum tratamento produzirá outro efeito *que* ligeira e provisória atenuação.

Tudo isso age sobre outros seres, influenciando-os em sua vontade, sentimento, pensamentos e atos.

E tudo se reflete na radiação tonal (que diz respeito ao tom) na aura individual, criando atmosfera, boa ou má, atrativa ou repulsiva.

As afinidades vibratórias é que regulam esse intercâmbio de dor e recebem no plano invisível forças e fluidos; é necessário e essencial por isso uma aura limpa e pura para só atrair e emitir

coisas boas e elevadas.

Vimos também que o magnetismo é uma das manifestações dessa força e que aplicado sobre o corpo humano, sobre a forma de passe, aumenta o cabedal dessa energia vital, restabelecendo, em certos casos, o equilíbrio funcional, atenção vibratória e a tonalidade orgânica

O Espiritismo esclarece suficientemente e quando não pode oferecer uma cura radical permite todavia que o espírito fatigado repouse no seu sofrimento, console-se e se revista de resignação para suportar, com superioridade moral, sua provação.

Esse apaziguamento vem da compreensão das seguintes verdades: As primeiras possuem um fundo mais íntimo e estão sempre ligadas ao panorama cármico individual, isto é, ao pagamento de dívidas passadas; as seguintes são meras circunstâncias ocasionais não radicadas a vidas anteriores, desajustes passageiros de metabolismo orgânico por efeito de transgressões atuais. Como muito bem diz o guia Emanuel, as chagas da alma se manifestam através do envoltório humano e o corpo doente reflete o panorama interior do espírito enfermo.

As curas, portanto, não se podem dar a não ser quando o processo reabilitador chega a seu turno, ou quando ocorrem circunstâncias excepcionais, como, por exemplo, atos profundos de fé ou abnegação, desprendimento ou sacrifício em face dos quais a Providência, sem denegar a lei, demonstra como tem demonstrado a infinita misericórdia de Deus.

O corpo é o templo do espírito e somos responsáveis pela sua conservação e integridade.

Para podermos executar a tarefa que trouxemos nesta encarnação precisamos deste instrumento maravilhoso que agasalha e ao mesmo tempo nos permite todas as manifestações necessárias à vida no plano material.

Sem ele, dificilmente poderemos evoluir no atual estado em que nos encontramos.

A aplicação do passe obedece a uma técnica determinada, e se aplica empiricamente. Quando é aplicado por pessoa ignorante ao assunto, toma-se prejudicial produzindo perturbações de várias naturezas pois o passe pode ser dividido em dois grupos - passe material e passe espiritual. Material, quando aplicado pelo operador-passista que a isso se dedica, mesmo não sendo médium, pois é pelas mãos a transmissão do fluido animal, do corpo físico do operador para o doente; sendo a maior parte das moléstias desequilíbrios do ritmo normal das correntes vitais do organismo, os passes materiais tendem a normalizar esses ritmos ou despertar as energias dormentes, recolocando-as em circulação.

Quando os passes são aplicados pelos espíritos desencarnados (com o nome de socorristas), através de médiuns ou diretamente sobre o perispírito dos enfermos, o que se transfere para o necessitado não são mais fluidos animais de encarnados, mas outros,

mais finos e mais puros, do próprio espírito operante ou dos planos invisíveis captados no momento do passe. Todavia nota-se que nos passes espirituais, o espírito transmite uma combinação de fluidos, inclusive emanções de sua própria aura e o poderoso influxo de sua mente, elementos estes que quando o espírito é de elevada categoria possui grande poder curativo, muito diferente e muito melhor que o que possui o magnetismo encarnado.

Para todos os efeitos fica estabelecido que os passes magnéticos se referem às curas materiais, e os espirituais, às perturbações de origem ou fundo espiritual.

E quanto às padronizações, os passes podem ser individuais ou coletivos; individuais quando as aplicações são feitas para cada atendimento individualmente; pode-se lançar mão deste recurso como uma medida de emergência.

Realiza-se esse trabalho com o diretor após a prece e a preleção evangélica pedindo a todos os passistas presentes que doem fluidos aos trabalhadores do plano espiritual e mentalizem as aplicações dos passes necessários a cada paciente.

(Pesquisado no Livro Passes e Radiações, de Edgard Armond)

## CAPÍTULO 19 COMO GANHA ESPAÇO A ESPIRITIZAÇÃO

Geralmente nós conhecemos o Espiritismo através da dor, pois 90% das pessoas que conhecem a Doutrina Espírita, depois de procurar todos os recursos na medicina e não encontrando uma cura positiva para seus males, recorrem à Doutrina Espírita.

Podemos afirmar, com convicção, que quase 50% destas pessoas que se curam através de suas freqüências aos Centros Espíritas Kardecistas já haviam procurado a medicina, e se submetido a todos os exames exigidos pelos facultativos, como, de sangue, de fezes, de urina; fizeram também radiografias do pulmão, da cabeça etc, e todos os exames possíveis para identificação da doença E o médico examinador, não encontrando o mal que está afetando aquele paciente, e sendo criterioso, usa de sinceridade, declara que realmente não pode diagnosticar a moléstia e não podendo identificar o vírus provocador daquela moléstia, na maioria das vezes, desiste de continuar o tratamento e aconselha o paciente a procurar outros recursos.

Nós, os espíritas, sabemos perfeitamente que o espírito doente reflete toda sua doença no corpo, razão por que neste caso somente a freqüência a um Centro Espírita Kardecista será a solução.

E passada aquela fase de recuperação da saúde, a maioria destas pessoas, por um gesto de gratidão ou mesmo por um despertar religioso, procura conhecer de perto o que vem a ser a Doutrina Espírita, e baseada no seu dogma, que tem a tendência de renovação do próprio “eu das criaturas, pois este foi realmente o meu caso”, adere a esta

religião.

Pois precisamos converter este extraordinário potencial em uma ação dinâmica ativa e justa, para nos equilibrarmos corretamente diante das questões que nos reclamam atitudes, para não cairmos numa omissão ou neutralidade em nossos dias, podendo até correr o risco de tomar parte no abuso do poder e na subjugação, repetindo lamentavelmente as experiências de outras religiões em períodos não muito distantes. Tudo isso em nome daquele que só usou da voz para falar a verdade, que usou do poder somente quando era para desmascarar a hipocrisia

Nós somos de opinião que a Doutrina Espírita tem muito a dar, porque precisamos de uma tomada de consciência, em tomo de nosso papel dentro da sociedade e de nossa contribuição para o progresso de toda humanidade.

Não queremos nos desculpar da moral do ensinamento cristão, do amparo aos necessitados, porque estas coisas são mais importantes do que a parte científica, o amparo aos necessitados que ela também ensina porque fortalece as nossas convicções e mesmo para termos argumentos para aqueles que combatem, em nome da ciência, a Doutrina

Pois diante da investida da parapsicologia que muitos refutam postulados espíritas, vamos aceitar o quê? Que consultem as obras espíritas? Não, pois temos que buscar o pronunciamento da ciência ou a evidência dos fatos, procurando pelo menos entender um pouco de filosofia, para esclarecer as dúvidas destas pessoas.

Do mesmo modo, para realizar as alterações, como fez Einstein, na mecânica de Newton, que recorreu à experiência e à teoria eletromagnética, coisas externas à mecânica.

Embora compreendamos bem a posição de certos companheiros que mantêm uma atitude de apreensão - quando elementos do grupo espírita se manifestam desejosos de estudar cientificamente o Espiritismo, alguns chegam a pensar e até mesmo dizer "Vamos estudar cientificamente o Espiritismo, mas só à luz da Doutrina Espírita". Em alguns casos sabemos que isso se deve a um zelo doutrinário e vamos tentar justificar. Se tal estudo for feito na casa espírita estará se correndo o risco de se formar uma "Elite Intelectual no Centro Espírita", um grupo fechado, esotérico, enfim, uma equipe de doutores em Espiritismo. E isto realmente não convém, porque a questão vai desde um sutil, até um categórico "dogmatismo". O que temos a dizer neste caso é um "não" bem declarado.

Gostaria de começar dizendo que aquelas pessoas que buscam uma renovação na Doutrina Espírita procurem antes se questionar, se criticar, mas também estudar, pois os espíritos deram a Kardec ensinamentos de muito mais alcance do que se supõe.

As pessoas que realmente aceitam a Doutrina Espírita sem restrições vão gradativamente se libertando do modelo religioso cristão, que os místicos trouxeram para o movimento espírita; compreendem que é imprescindível caracterizar o Espiritismo, a fim de que ele ganhe sua verdadeira identidade e possa influenciar.

*A espiritização é a favor da moral evangélica que Jesus viveu e ensinou, é a verdadeira base moral espírita, não significa modelo religioso ; cristão, ou de qualquer outra natureza. Daí a crítica que a espiritização faz no ranço - Católico | Protestante e à verborragia pregacionista, ex- plicativa e interpretadora das palavras do Novo Testamento, comprovadamente desnecessária, que poluía nos meios espíritas e que veda impedir ou impede, e aliena o sentido crítico em que a Doutrina se baseia.*

*A espiritização é uma idéia que precisa avançar para debelar uma série de arestas e estabelecer um primado de autoridade de pes- soas e instituições; a começar principalmente pelas crianças que precisam ser espiritizadas, aos jovens que precisam aprender a pensar, pes-quisar e encontrar soluções e não apenas recitar mensagens e versículos, pois todos esses serão os futuros dirigentes da Doutrina Espírita de amanhã e desde cedo devem começar.*

*Os centros espíritas necessitam renovar-se. Pois é imprescindível uma reformulação geral no que diz respeito aos dirigentes ou médiuns | que se tomaram "Donos de Centro e da Verdade".*

*O objetivo da espiritização é criar uma consciência crítica, social | e participativa no movimento espírita. Os "Cursos de Sistematização" foram os melhores já criados dentro dos centros espíritas.*

*Seu objetivo também é questionar o poder de médiuns e dirigentes de Centros e Federações dominados por grupos fechados, incentivar | a criação de uma linguagem explícita, caracterizar o Espiritismo em sua globalidade - Ciência, Filosofia e Moral, desvinculando-o de qualquer misticismo "espírita de seita" ou religiosismo. E, ainda, estimular a pesquisa, a criatividade e a busca do caminho próprio para o movimento infantil, juvenil e de adultos.*

*Finalmente a espiritização absorve a mensagem de Jesus de Nazaré, e a sistematização traz a ramificação de um aprendizado consciente e a renovação dos seus seguidores que procuram ver realmente a Doutrina Espírita como ela é e deve ser estudada.*

*Quem luta por transformar o Espiritismo em uma religião cristã está a serviço de sua descaracterização. A moral evangélica assim entendida é a essência do ensinamento de Jesus; não tem uma relação necessária com rituais, organização ou sacerdócio, bem ao contrário.*

*Tudo o que Jesus disse leva à libertação do homem pelos seus próprios recursos. Solidariamente, é claro, sem dependência intelectual ou moral. Jesus pregou o individualismo decisório e o prático solidário, e em tempo algum esteve preso a sistema ou igrejas, ou sugeriu que esse fosse o caminho.*

*Se o Espiritismo quer mesmo reviver a mensagem de Jesus, a primeira providência é desvincular-se dos esquemas rituais e de culto. É mesmo necessário que o Espiritismo critique e negue todo o misticismo, toda a mitologia que cerca a figura do Mestre, de*

modo que projete a sociedade numa nova imagem e interpretação adequadas ao conteúdo do que o Nazareno vivenciou.

## CAPÍTULO 20 A FELICIDADE NÃO É DESTE MUNDO

*Através do Livro dos Espíritos, a Doutrina Espírita nos afirma que quando nos tomamos espíritas, encontramos a doutrina da liberdade, na qual temos de escolher as nossas existências, e as provas que devemos sofrer. Deixa de parecer singular, desde que se atenda a que os espíritos, uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa maneira de apreciá-las. Divisam a meta, que para eles é bem diferente dos gozos fugitivos do mundo.*

*Após cada existência, vêem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem a meta da perfeição. Daí se submetem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, solicitando as que possam fazer com que alcancem mais presto esta meta. Não há, pois, motivo de espanto no fato de o espírito não preferir a existência mais suave.*

*Não lhe é possível, no estado de imperfeição em que se encontra, gozar de uma vida isenta de amarguras.*

*Ele o percebe e, precisamente para chegar a fruí-lo, é que trata de se melhorar, pois assim o espírito pode escolher prova muito rude e, conseqüentemente, uma angústia da existência, na esperança de alcançar depressa um estado melhor, como o doente escolhe muitas vezes o remédio mais desagradável, para se curar de pronto.*

*Ninguém galga qualquer posição nas ciências, nas artes e na indústria, senão passando pela série das posições inferiores, que são outras tantas provas.*

*A vida humana é, pois, cópia da vida espiritual; nela se nos deparam em pontos pequenos todas as peripécias da outra. Ora, se na vida terrena muitas vezes escolhemos duras provas, visando à posição mais elevada, por que não haveria o espírito, que enxerga mais longe que o corpo e para quem a vida corporal é apenas incidente de curta duração, de escolher uma existência árdua e laboriosa, desde que o conduza à felicidade eterna? No Livro dos Espíritos, nós vamos encontrar uma série de afirmações sobre o Bem e o Mal, em forma de perguntas e respostas.*

*A primeira pergunta: - Como se pode distingüir o bem do mal?*

*Vem a resposta - "O bem é tudo o que é conforme a lei de Deus; o mal, tudo que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la."*

*A segunda pergunta: - Tem meios o homem de distingüir por si mesmo o que é bem e o que é mal?*

Resposta - "Sim, quando crê em Deus e quer saber. Deus lhe deu a inteligência para distinguir um do outro".

A terceira: - Por que é que alguns espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?

Resposta: - "Não têm eles o livre-arbítrio? Deus não os criou maus; criou-os simples, ignorantes, isto é, tendo tanto aptidão para o bem quanto para o mal, os que são maus, assim se tomaram por vontade própria"

A quarta pergunta - Não podia Deus isentar os espíritos das provas que lhes cumpre sofrer para chegarem à perfeição?

Resposta - "Se Deus os houvesse criado perfeitos, nenhum mérito teriam para gozar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o merecimento sem a luta? Demais, a desigualdade entre eles existente é necessária às suas personalidades. Acresce ainda que as missões que desempenham nos diferentes graus da escala estão nos desígnios da Providência, para a harmonia do Universo".

A quinta pergunta: - Os espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram?

Resposta\* - "São os próprios espíritos que se melhoram e melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada".

A sexta pergunta - Dos espíritos, uns terão sido criados bons e outros maus?

Resposta: - "Deus criou todos os espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. A cada um deu determinada missão, com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição é que eles encontram a pura e eterna felicidade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns, aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros, só a suportam murmurando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade".

A sétima pergunta: - São absolutos para todos os homens o bem e o mal?

Resposta: - "A lei de Deus é a mesma para todos; porém, o mal depende principalmente da vontade que se tenha de o praticar. O bem é sempre o bem e o mal é sempre o mal, qualquer que seja a posição do homem. Diferença só há quanto ao grau da responsabilidade".

Dando continuidade às perguntas e respostas, sobre outro assunto, queremos saber se a felicidade é ou não deste mundo.

A primeira pergunta: - Pode o homem gozar de completa felicidade na Terra?

Resposta: - "Não. Por isso que a vida lhe foi dada como prova ou expiação. Dele, porém, depende a suavização de seus males e o ser tão feliz quanto possível na Terra".

A segunda pergunta: - Por que, no mundo, tão amiúde, a influência dos maus

sobrepuja à dos bons?

Resposta: - "Por fraqueza destes, os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão".

A terceira pergunta: - Por que favorece Deus, com os dons da riqueza, a certos homens que não parecem tê-la merecido?

Resposta: - "Isso significa um favor aos olhos dos que apenas vêem o presente. Mas, ficai sabendo, a riqueza é, de ordinário, prova mais perigosa do que a miséria".

A quarta pergunta: - Por que Deus a uns concedeu as riquezas e o poder, e a outros, a miséria?

Resposta: - "Para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios espíritos, que, entretanto, sucumbiram com freqüência".

A quinta pergunta: - Qual das duas provas é mais terrível para o homem, as da desgraça ou as da riqueza?

Resposta: - "São, no entanto, uma quanto a outra. A miséria provoca as queixas contra a Providência, a riqueza incita todos a excessos".

A sexta pergunta; - Estando o rico sujeito a maiores tentações, também não dispõe, por outro lado, de mais meios de fazer o bem?

Resposta: - "Mas, é justamente o que nem sempre faz. Toma-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Com a riqueza, suas necessidades aumentam e ele nunca julga possuir o bastante para si unicamente".

Observação: - A alta posição do homem neste mundo e o ter autoridade sobre os seus semelhantes são provas tão grandes e tão escorregadias como a desgraça porque, quanto mais rico e poderoso é ele, tanto mais obrigações tem que cumprir e tanto mais abundantes são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo emprego que dá aos seus bens e ao seu poder.

A riqueza e o poder fazem nascer todas as posições que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual.

Por isso foi que Jesus disse: Em verdade vos digo que mais fácil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino dos céus.

(Pesquisado no Livro dos Espíritos)

## CAPÍTULO 21 O ESPIRITISMO E OS SEUS FENÔMENOS BASEADOS NA BÍBLIA

O grande escritor Rodolfo Colligaris, se referindo aos fenômenos espíritas, declara que o Espiritismo propriamente dito, coordenado sob o tríplice aspecto de Ciência, Filosofia e

heligiao, só existe há pouco mais de um século, ou mais precisamente a partir de 18 de abril de 1857, data em que se deu a publicação do “Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

Mas podemos dizer que os fenômenos sobre os quais o Espiritismo se apóia, porém atribuídos à ação dos espíritos – remontam aos primeiros dias da existência do homem na Terra.

A literatura mais antiga que se conhece a eles se refere, ora sob a forma de lendas e alegorias, ora de maneira clara e positiva.

Por exemplo na Índia, a prática da invocação dos mortos sempre existiu e ainda hoje existe, principalmente na casta sacerdotal.

No antigo Egito, os mortos também tinham grande influência sobre os vivos; imiscuíam-se nos negócios mundanos, obsediavam, manifestavam sua presença e sua ação por diversas formas.

Na literatura e na história da Grécia e de Roma encontram-se, em abundância, casos de comunicação com as almas trespassadas.

Maiores subsídios a respeito poderão ser encontrados em a obra “A Evolução” de Carlos Imbassahy, onde colhemos grande parte dos casos citados neste capítulo.

Pois uma nova idade, em nosso mundo, começa com Cristo, seus ensinamentos e sua moral, que são fundamentos de uma nova era

Embora muitas pessoas que se dizem religiosas cheguem a negar a afirmação pela Bíblia da existência do Espiritismo, nós queremos, através deste “capítulo”, provar, dentro da “Bíblia Sagrada”, a afirmação por ela dos fenômenos espíritas e queremos provar também inumeráveis fatos narrados pela própria Bíblia, cuja ação se atribui a espíritos bons ou a espíritos maus.

Começemos pelo Livro de Tobias, que não aparece nas edições populares, mas consta da Bíblia Sagrada Oficial Católica Romana, em que relata o caso da materialização de um espírito superior, o anjo Rafael e sua manifestação ostensiva, qual se fora um homem como nós, em episódio que se prolonga por muitos dias e esse anjo, interrogado sobre sua identidade, informou ser um dos filhos de Israel e à pergunta de Tobias, “de que família ou que tribo és tu?” respondeu: “eu sou Azarias, filho do grande Suânias” (Cap. 5 Vers. 7,16 e 18).

No Evangelho de São Marcos, em que ele relata no Cap. 9, Vers. 17 a 25 a seguinte história, de um homem que se chegou a Jesus e disse-lhe: “Mestre, eu te trouxe meu filho possuído de um espírito imundo, o qual, onde quer que o apanhe, lança-o por terra, e o moço deita, espuma pela boca, e range com os dentes, e vai-se mirrando”. Trazei-me, disse Jesus; trouxeram, então, e ainda bem ele não tinha visto Jesus quando logo o espírito imundo começou a agitá-lo com violência até que caiu por terra, onde se revolvia, babando-se todo.

Perguntou Jesus ao pai do moço. Quanto tempo faz que lhe sucede isto? E ele disse:

desde a infância E respondeu: muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o matar, mas, se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós, e ajuda-nos.

Ao que lhe respondeu Jesus: Podes! Tudo é possível ao que crê.

E imediatamente o pai do menino exclamou com lágrimas : Eu não creio, ajuda-me na minha falta de fé.

Vendo Jesus que a multidão corria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito imundo e surdo, eu te ordeno, sai deste jovem e nunca mais torne a ele.

E ele clamando, agitando-o muito, saiu, deixando-o como se estivesse morto, ao ponto de muitos presentes dizerem: morreu.

Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou.

Quando entrou em casa, os seus discípulos lhe perguntaram em particular. Por que não pudemos nós expulsá-lo?

Respondeu-lhes: Esta casta não pode sair, senão por meio de oração e "jejum".

Tendo ficado claro, através dos textos citados, que "anjo" e "demônio" são designações equivalentes a "espírito bom" e "espírito mau", podem os leitores verificar, por si mesmos, quanto são abundantes os fenômenos espíritos registrados nas Sagradas Escrituras.

Podemos continuar a oferecer mais alguns textos da Bíblia Sagrada, submetendo à consideração dos prezados leitores, que não dispõem de tempo para uma busca demorada, e iremos provar que o Espiritismo se baseia também em textos evangélicos e na Bíblia

Podemos ver 1<sup>o</sup> Samuel Cap. 16 Vers. 14 a 23, que diz que Davíd afastava, por meio da música, o espírito maligno que atormentava o rei Saul. Este mesmo Saul, servindo-se de uma mulher que era médium em Endor a fez invocar o espírito de Samuel, o qual se manifestou e lhe predisse a morte no dia seguinte, o que de fato sucedeu (1<sup>o</sup> Samuel Cap. 28 Vers. 7 e 19).

Elifaz refere a Jó - e ao passar diante de mim um espírito, os cabelos de minha carne se arrepiaram (Jó Cap. 4 Vers. 15).

O rei da Babilônia vê a mão materializada de um espírito a escrever defronte do candeeiro na caiadura da parede do palácio real e o rei via os dedos que estavam escrevendo (Daniel Cap. 5 Vers. 5).

O profeta Elias recebe alimentos colocados ao seu lado, no deserto, por um anjo ou espírito do Senhor (1<sup>o</sup> Reis Cap. 19 Vers. 5 a 8).

Na noite anterior ao combate com Nicanor, Judas Macabeu tem uma visão em que lhe apareceu o sacerdote "Onias e o profeta Jeremias", de há muito falecidos; Jeremias ofertou uma espada a Judas e predisse-lhe a vitória

Encorajado pelo relato da visão, os judeus combateram intrepidamente e derrotaram o inimigo (II - Macabeus Cap. 15).

Moisés e Elias aparecem a Jesus e falam com ele; na transfiguração no monte Tabor, Elias e Moisés, já falecidos há muitos anos, se materializam e foram testemunhas de

Pedro, Tiago e João (Mat. Cap. 17 Vers. 3 e 4).

No dia de Pentecostes achando-se os apóstolos reunidos, viu-se descer sobre eles algo semelhante a línguas de fogo e começaram a falar em várias línguas; isto deu azo a que alguns dos circunstantes, supondo- os embriagados, escarnecessem deles. Pedro então, tomando a palavra, esclareceu: Isto é o que foi predito pelo profeta Joel - acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que Eu derramei do meu espírito sobre toda a carne, e profetizarão vossos filhos e vossos mancebos virão visões, e os vossos anciãos sonharão sonhos. E certamente naqueles dias derramarei do meu espírito sobre os meus servos e sobre as minhas servas e profetizarão (Atos Cap. 2 Vers. 1 a 18).

À noite sobreveio um espírito a Paulo em visão, na qual um macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos.

Assim que Paulo teve a visão, imediatamente procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o Evangelho (Atos Cap. 16 Vers. 9 e 10).

Este mesmo apóstolo Paulo, falando ao rei Agripo, assim lhe descreve como foi chamado ao ministério cristão. Diz ele, o apóstolo Paulo: "Ao meio dia precisamente, vi, oh, rei, no caminho, uma luz, que descia do céu, excedia o resplendor do sol, a qual me cercou a mim, e aos que iam comigo. E como todos nós caíssemos por terra, ouvi uma voz que me dizia em língua hebraica\* Saulo Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalcitrates contra os aguilhões.

Então disse eu!... Quem és Tu Senhor? E o Senhor me respondeu\*. Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-se e põe em pé; porque Eu para isso te apareci; para te fazer ministro e testemunha das coisas que viste, e de outras que te hei de mostrar em minhas aparições (Atos Cap. 26 Vers. 13 e 16).

Os protestantes condenam o Espiritismo, somente porque o capítulo 18 Vers. 11 e 12 do livro Deuteronômio diz o seguinte: Nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor, e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança diante de ti; digo-vos mais, ainda, que em toda a Bíblia (Velho e Novo Testamento), foi a única proibição que eles encontraram para condenar a Doutrina Espírita, pois as vezes que eles condenam o Espiritismo, este capítulo 18 e estes 2 versículos são apontados como base de suas condenações. Os protestantes esquecem uma quantidade enorme de livros e capítulos da Bíblia Sagrada que apontam as suas faltas graves cometidas por desobediência, como por exemplo: a circuncisão), que é obrigatória no livro de Gênesis Cap. 17 Vers. 9 a 14 que condena até por morte aquele que desobedecer aquela aliança feita com Abraão por Deus Jeová; a criança do sexo masculino é obrigada a fazer , circuncisão até o oitavo dia do nascimento. O próprio Jesus cumpriu esta determinação e foi circuncidado; os protestantes não cumprem esta determinação da Bíblia. O próprio Moisés transgrediu um dos maiores

mandamentos, ou seja, o quinto mandamento que diz não matarás; no entanto, quando Moisés descia do monte Sinai, com as duas Tábuas da Lei do Testamento na mão e que viu o povo adorando o “Bezerro de ouro”, não teve dúvida, quebrou as tábuas e mandou que os filhos de Levi, que eram seus auxiliares, matassem pela espada, naquele dia, três mil homens, somente porque eles desobedeceram a ele Moisés que trazia as Tábuas da Lei nas mãos e acabara de conversar com o próprio Deus Jeová; desobedeceu igualmente ao povo que ele mandou matar por adorar uma imagem e no entanto não sofreu nenhuma punição. (Êxodo Cap. 32 Vers. 25 a 29). E para não nos tomarmos enfadonhos, deixamos de dar outros exemplos expressos na Bíblia, que os protestantes continuam desobedecendo.

Diante do que acabamos de transcrever, apontando alguns capítulos e versículos da Bíblia quisemos afirmar que os apóstolos e profetas também invocavam os espíritos e acreditavam nas suas manifestações, como se faz atualmente no Espiritismo. A Doutrina Espírita encontra apoio na Bíblia, e querer negar esta afirmativa é o mesmo que pretender tapar a luz solar com uma peneira.

Observação: Quem ler este capítulo e que não conheça a história da Doutrina Espírita poderá querer desmentir o que acabo de afirmar, que os profetas e discípulos de Jesus invocavam os espíritos. Somente com a publicação do Livro dos Espíritos, Kardec tira a mordaca que tinha sido colocada pelo imperador Constantino no ano 325 da era cristã, por ocasião do Concílio de Nicéia.

O Espiritismo existe desde os primórdios da criação da humanidade, e nesta data da era cristã no ano 325, de fato ele foi amordaçado pelo imperador Constantino e Kardec o libertou tirando a sua mordaca

## CAPÍTULO 22 O QUE NOS AGUARDA NO FINAL DOS TEMPOS?

Os sinais que o Mestre Jesus nos deixou, para identificarmos o final dos tempos conforme Mat. Cap. 24 Vers. 6 a 14, já estamos participando deles. Sua época já chegou até nós, estão presentes e bem visíveis, mais que isto, berrantes, exigem nossa atenção; porque o Evangelho diz bem claro que haverá no final dos tempos grandes tribulações, guerra, rumores de guerra, nações contra nações, terremotos em diversos lugares, tudo isto é princípio das dores e aflições, angústias individuais, pais contra filhos e vice-versa, um verdadeiro conflito entre os povos, falência das religiões e recrudescimento das paixões humanas.

Quer isto dizer, porém, que tudo está perdido e que fomos abandonados à nossa própria sorte? Absolutamente, não. Não podemos colocar em dúvida a competência de Deus na direção do Universo, nem a assistência desvelada dos seus prepostos, à frente dos quais se encontra incumbido da Terra o nosso amado Jesus, que é governador geral de to-

dos os mundos.

O que está acontecendo foi previsto em planos bem estudados e amadurecidos, para cuidarem das aflições em que estamos mergulhados. Atravessamos todos um período de transição, no qual se fomentam acontecimentos espantosos, mas necessários ao progresso espiritual da civilização.

A crise sem precedentes em que nos encontramos resulta da polarização das duas forças que compõem o Universo, Espírito e Matéria, Luz e Sombra, Bem e Mal.

Chame-se-lhes como quiser, que são muitas as suas manifestações, mas no fundo são sempre as mesmas porque representam a própria dualidade humana. Muitos de nós entendemos que a matéria é apenas a muleta na qual nos apoiamos por algum tempo para galgar melhores posições espirituais mas não somos materiais, somos seres espirituais eternos, a caminho da perfeição distante.

Incontáveis irmãos nossos, porém, ainda não entenderam isso, porque é variável ao infinito o tempo de que cada um de nós necessita para alcançar as verdades básicas da vida espiritual.

É por isso que, na sua sabedoria profunda, as leis divinas precisam interferir corrigindo o curso da história, para que o grupo que aspira à paz e ao progresso não fique eternamente à mercê dos retardatários.

A todos foram dadas as mesmas oportunidades, ensinados os mesmos princípios, concedidos os mesmos recursos; e são muitos os que recalcitram e relutam e reagem diante da idéia do bem. É inevitável, pois, esperá-los por algum tempo. Não que as ovelhas, na classificação de Jesus, já tenham alcançado a perfeição e mereçam de repente um céu de bem-aventuranças eternas, mas já existe nelas o germe vivo do bem, já se lhes desperta o espírito para a visão maravilhosa da paz, já têm elas sonhado os sonhos de amor universal, impossíveis de implantarmos em semelhantes agrestes e hostis como desse mundo em que vivemos hoje.

Por outro lado, não estarão para sempre perdidos num castigo eterno aqueles que forem separados para a esquerda. O processo evolutivo irresistível continuará a arrastá-los, dentro do seu próprio retiro, para as conquistas mais lentas a que estão condicionados pelas suas paixões.

Já há algum tempo, começou a polarização das forças que durante milênios fazem da Terra o seu campo de trabalho. Nos dias que correm segue cada vez mais intensa, inapelável a definição das tendências.

Do lado das sombras, a polarização tinge-se de radicalização, virou opressão e degenerou em terror; no lado da luz, agrupam os que eonfiam na vitória final das hostes da paz, porque esta é a promessa, ou melhor, o compromisso dos seres superiores que nos orientam.

Jesus sempre usou as parábolas para melhor se tomar compreensível pelo povo que o

seguia, pois naquela época, tinha uma tranquilidade enorme de Deus, que o povo adorava. E para demonstrar e provar a sua missão aqui na Terra, foi necessário se submeter às piores provas da época. Hoje, graças a Deus, a humanidade se acha mais esclarecida, com a comprovação da existência de um único Deus, ainda que às vezes nos assaltem certos temores, que nos aflijam algumas dúvidas, que nos deprimam umas tantas inquietações, vamos continuar sempre caminhando, com toda confiança, porque estamos entre aqueles que sabem o que são, o que querem e o que podem esperar.

Somos espíritas atados às duras condições materiais, às difíceis contingências de uma hora tumultuada da história, mas espírita hoje, amanhã e sempre; queremos estar entre aqueles que vão ficar do lado da luz, para ajudar os irmãos mais experimentados a reconstituírem o mundo de amanhã.

Nesse mundo novo, não haverá lugar para ódios raciais, nem guerras, nem sistemas filosóficos, políticas sociais e econômicas, baseadas em conceitos materialistas.

A matéria é o suporte necessário, mas transitório, eventual, para algumas das atividades do espírito na sua escalada para Deus.

Cabe ao espírita usá-la, dominá-la, e um dia libertar-se dela. Não iremos, portanto, montar sistemas de vida segundo os quais ficaremos cada vez mais dependentes daquela que foi criada para nos servir e não para ser a senhora das nossas aspirações.

Enquanto isso, esperamos tranquilos e em paz a grande separação, confiantes de que estaremos entre aqueles que, na palavra registrada por Mateus, ficarão à direita do Senhor, mas esperemos trabalhando, amando e servindo, e não de braços cruzados. O Evangelho Segundo o Espiritismo é muito compreensível, claro, quando diz que o Espiritismo amplia o pensamento humano e lhe abre novos horizontes.

Em vez da estreita visão da vida presente, que faz do instante vivido na Terra o único e frágil eixo do eterno futuro, ele demonstra que esta vida é apenas um anel no conjunto harmônico e grandioso da obra do Criador, revela a solidariedade que liga as existências do mesmo ser a todos os seres de todos os Universos. Oferece a base e a razão de ser da fraternidade universal.

Já a doutrina da criação da alma no momento em que era inexplicável, é observada por um só prisma.

E essa complexão que na época do Cristo os homens não poderiam compreender, e cujo conhecimento Ele reservou para melhores tempos. Portanto, cremos com toda convicção que os esclarecimentos das dúvidas que existiam na consciência da humanidade daquela época estão neste momento sendo feitos, através da “consolação prometida por Jesus” — o espírito da verdade, porque assim encontramos em São João Cap. XIV Vers. 15,16,17 e 26.

(Pesquisado na Bíblia e no Evangelho Segundo o Espiritismo)

# CAPÍTULO 23 ALGUNS PRECURSORES DA DOCTRINA ESPÍRITA

*As grandes idéias jamais irrompem de súbito. As que assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos.*

*Depois, em chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de Doutrina. Deste modo vai surgindo bruscamente a idéia que ao aparecer encontra espíritos dispostos a aceitá-la. Tal o que se deu com a idéia cristã que foi presentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, tendo por principais precursores Sócrates e Platão.*

*Embora saibamos que tanto Sócrates, como Cristo, nada escreveram ou pelo menos nenhum escrito deixaram sobre suas passagens por este planeta, ambos foram vítimas do fanatismo dos povos de sua época por haverem combatido os preconceitos religiosos. Nós sabemos que tanto Sócrates como Jesus, por proclamar o dogma da unidade de Deus e a imortalidade da alma e da vida futura, foram condenados a morte infamante.*

*Essas duas personalidades da história religiosa foram realmente os verdadeiros precursores da Doutrina Espírita.*

*Fazendo um pequeno resumo da doutrina de Sócrates e Platão, vamos encontrar o seguinte a respeito de suas pregações.*

*Nas pregações de Sócrates, o homem é uma alma encarnada. Antes de sua encarnação existiam, nos tipos primordiais, as idéias do verdadeiro, do bem e do belo; separam-se eles, encarnando e recordando o seu passado e mais ou menos atormentados pelo desejo de voltar a ele.*

*Não só o princípio da reencarnação se acha aí claramente expresso, mas também o estado das almas que se mantêm sob a fuga da matéria é descrito qual mostra o Espiritismo nas invocações. Quanto ao Cristianismo, nós vimos no Evangelho a continuação dos seus ensinamentos em que tem se baseado a Doutrina Espírita.*

*Diz mais Sócrates e Platão que os que viveram na terra se encontram após a morte e se reconhecem. Mostra o Espiritismo que continuam as relações que entre eles se estabeleceram de tal maneira que a morte não é nenhuma interrupção, nem a cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade.*

*Houvessem Sócrates e Platão conhecido os ensinamentos que Jesus difundiu quinhentos anos mais tarde e os que agora o Espiritismo espalha e não teriam falado de outro modo.*

*Não há nisso, entretanto, o que surpreenda, se consideramos que as grandes verdades são eternas e que os espíritos adiantados hão de tê-las conhecido antes de virem à terra, para onde as trouxeram; que Sócrates e Platão e os grandes filósofos daqueles tempos bem podem depois que secundaram o Cristo na sua missão divina terem sido escolhidos para esse fim precisamente por se acharem, mais do que outros, em condições de lhe*

compreender bem as sublimes lições; que, finalmente, pode dar-se façam eles agora parte da plêiade dos espíritos encarregados de ensinar aos homens as mesmas verdades.

*As Mesas Girantes:*

Durante muito tempo esse fenômeno entreteve a curiosidade dos salões. Depois aborreceram-se dele e passaram a cultivar outras distrações, porquanto apenas o consideravam como distração nas altas rodas das sociedades européias. Duas causas contribuíram para que pusessem de parte as mesas girantes. A primeira foi pelo que toca à classe de gente frívola, que não teve persistência. A segunda, foi quanto às pessoas criteriosas e observadoras, o que as fez desprezar as mesas girantes, por que viram nascer delas algo de sério destinado a prevalecer, passando a ocupar-se com as conseqüências a que o fenômeno dava lugar, bem mais importantes em seus resultados.

Pois deixaram o alfabeto pela ciência, tal o segredo deste aparente abandono.

Como quer que seja, as mesas girantes representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita e, por essa razão algumas explicações lhe devemos tanto mais que mostrando os fenômenos na sua maior simplicidade, o estudo das causas que se produzem ficará facilitado e, uma vez firmada, a teoria nos fornecerá a chave para a decifração dos efeitos mais complexos.

Para o fenômeno se reproduzir faz-se mister a intervenção de uma ou mais pessoas dotadas de especial aptidão, que designam pelo nome de médiuns. Porque se a pessoa que está cooperando não for médium a presença dela nenhum resultado produz.

E a única prescrição de rigor obrigatório é o recolhimento, absoluto silêncio e, sobretudo, a paciência, caso o efeito se faça esperar.

Pode acontecer que ele se reproduza em alguns minutos como pode tardar meia hora ou uma hora. Isso depende da força mediúnica dos co-participantes.

Estando as coisas neste pé, quando o efeito começa a produzir-se, geralmente se ouve um pequeno estalido na mesa; sente-se como que um frêmito (rumor, espécie de um som frouxo, áspero), que é prelúdio do movimento. Tem-se a impressão de que ela se esforça por despregar-se do chão; depois o movimento de rotação se acentua e acelera ao ponto de adquirir tal rapidez que as assistentes se vêem nas maiores dificuldades para acompanhá-lo.

*Alguns Fenômenos na Doutrina Espírita:*

A imitação de todos os fenômenos espíritas não é igualmente fácil, alguns há que evidentemente desafiam a habilidade da prestidigitação; tais, notadamente, o movimento dos objetos sem contato, a suspensão dos corpos pesados no ar, as pancadas de diferentes lados, as aparições etc.

Os fenômenos de transporte não diferem do que vimos de falar, senão pela natureza dos objetos quase sempre graciosos, de que eles se servem, e pela maneira suave e delicada mesmo, por que são trazidos. E este fenômeno é de uma raridade muito grande por uma

série de processos por que passaria o médium, porque muito difícil de se realizar, não pelas condições em que se produzem. E ele apresenta uma particularidade notável: é que alguns médiuns só o obtêm em estado sonambúlico, o que facilmente se explica.

A Doutrina Espírita está cheia de fenômenos, mas também devemos nos lembrar, não é de bom aviso aceitar todos cegamente.

Quando um fenômeno de tangibilidade, de visibilidade, ou de transporte se operar espontaneamente e de modo instantâneo, devemos aceitá-lo? Porém, nunca o repetirei demasiado, não aceitai coisa alguma às cegas. Seja cada caso ou fato submetido a um exame minucioso, aprofundado e severo, porquanto, crede, o Espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes, e grandiosos, nada tem que ganhar com pequenas manifestações de prestidigitadores hábeis que podem imitar os verdadeiros.

Ninguém possa pretextar ignorância e para que todos possam julgar e apreciar com a razão, estamos incumbidos de preparar o reino do bem que Jesus anunciou. Daí a necessidade de que a ninguém seja possível interpretar a lei de Deus ao sabor de suas paixões nem falsear o sentido de uma lei toda de amor e caridade.

Finalizando: - Importa que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a Luz; o homem precisa habituar-se a ela pouco a pouco; do contrário fica deslumbrado. Porque jamais permitiu Deus que o homem recebesse comunicações tão completas e instrutivas como as que hoje lhe são dadas.

Não é que somente os que a possuem hajam de ser salvos; é que ajudando-vos a compreender os ensinamentos do Cristo ele nos fez melhores cristãos. Esforçai-vos, pois, para que os vossos irmãos, observando-vos, sejam induzidos a reconhecer que verdadeiros espíritas e verdadeiros cristãos são uma só e a mesma coisa, dado que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus sem embargo da Seita a que pertençam. (Pesquisado no Evangelho Segundo o Espiritismo)

## CAPÍTULO 24 COMO EDUCAR UMA CRIANÇA NA ATUALIDADE

A criança de hoje será o adulto de amanhã, terá uma nova visão de todos os problemas, pois a vida atual não é como outrora, quando os homens seguiam como carneiros a mesma direção. Atualmente a humanidade marcha para a descoberta de um novo horizonte, sem limites para a sua personalidade; porque a criança de hoje já sente a ânsia de fugir de tudo quanto é formal e doutrinário.

Sua mente quer, como pássaro, voar amparada somente por suas asas, embora com risco de cair ou ser ferida pelo caçador. Querendo se libertar desde cedo não se sujeitando à proteção daquele, ao qual deve a luz do dia.

Não há conversa de educadores que não seja de apreensões. O número de delinquentes

*infantis e juvenis cresce em quase todas as nações, de modo assustador.*

*Na escola ensina-se tudo às crianças: - Ciências, arte literária, línguas - mas não se ensina ao homem de amanhã o que é a vida. Ninguém diz "de onde veio e por onde vai".*

*Religiosamente, educam-no dentro de um princípio de mistério, impondo-lhe dogmas que ele despreza logo que sua inteligência supera o domínio da autoridade externa*

*Socialmente, separam-no em classes, o que impede a realização da Fraternidade Universal.*

*Esqueceram de ensinar que Deus é a manifestação suprema da bondade, justiça e beleza, reinando no coração de todo ser humano, qualquer que seja a sua nacionalidade, raça ou cor.*

*É preciso contar-lhe também que a vida é bela porque é a manifestação de Deus.*

*Mostram-lhe que o mundo é apenas uma escola na 86*

*qual recebemos as lições e dizem-lhe que as más nos prendem e as boas nos libertam.*

*Fazem-no sentir que liberdade não é coisa de força, e sim, que se conquista. Educam-no convenientemente para aplicar-se ao bem comum. Enquanto os pais não compreenderem que deles depende em grande parte a formação moral do filho, e não fugirem as suas responsabilidades paternas, a vida em família deve ser encarada com muita seriedade.*

*Atualmente a maioria dos pais infelizmente não têm tempo para atender a investigação dos filhos; estão demais ocupados nos seus negócios materiais para ganhar dinheiro e dar maior conforto ao lar, ou preocupados com seus assuntos políticos, sociais ou religiosos, porque têm a pretensão de salvar o mundo. E assim, nesta ilusão, ficam os filhos sem saber e sem obter o que necessitam para sua formação, o carinho e a dedicação paternas.*

*Isto porque o jovem está na plenitude de suas forças, acudindo todas as necessidades com a esperança de viver e é nessa fase que a mente mostra maior fulgor e sensibilidade sobremodo fecundante a gravar todos os anseios emocionais, forjados pelos sentimentos. A primeira é o lar; seguindo-se de acordo com a necessidade da alma, para as escolas e universidades, vindo, depois, a própria vivência das criaturas no dia-a-dia.*

*Portanto, jovem, conservai a harmonia com a qual nascestes e avançai pelos caminhos que o vosso destino traça, removendo impedimentos e desfazendo obstáculos, educando os sentimentos e disciplinando emoções, para que no amanhã não tenhais vergonha de vós mesmos.*

*Se a dor vos acompanha, avançai assim mesmo, que ela vos mostrará com mais clareza os caminhos iluminados pelo Evangelho. Sede sempre jovem. Nunca vos deveis apegar à lamúria, pois ela empobrece os tecidos do vosso corpo com o magnetismo inferior e, mesmo que tenhais pouca idade, o vosso rosto demonstrará velhice e os vossos órgãos darão logo sinal de cansaço.*

*Recusai a tristeza, substituindo-a pela alegria. Vamos pensar no belo e a beleza nos*

invadirá o coração; vamos pensar na saúde e a harmonia cantará em nosso mundo inteiro, por bondade e misericórdia de Deus.

É este, portanto, meus caros leitores, o estado da educação da geração presente. Mas temos certeza que dentre esta nova geração desnorteada, algumas pessoas saberão buscar o sentido reto. Não mais sujeita ao passado, mas com a visão fixa no futuro, ela sairá da mata virgem e bravia em que se embrenhara, os filhos dependendo do nosso carinho e atenção, todavia bem dosados eles crescerão, como já dissemos, modificados e independentes, atingindo a maturidade, quando terão mais condições de pensar e resolver sozinhos seus problemas.

Com referência à felicidade dos filhos, é necessário escutarmos a advertência de Jesus, quando disse, orai e vigiai, porque tem uma significação permanente, importante não podendo de forma alguma ser olvidada.

É por esta mocidade desta infância em luta que será aberta a nova porta para a entrada triunfal no novo mundo.

Desta renovação de idéias sairá uma nova concepção da vida. Deste conflito provocado pela insatisfação interior da humanidade, veremos surgir e florescer uma nova aurora da paz e igualdade; porque o novo mundo verá surgir o sol da liberdade. E nele o homem encarnará sem cadeias e nem algemas que o prendam a religião ou filosofias. Saberá pensar por si, será capaz de descobrir a verdade que está em si próprio e conquistará a paz tão almejada.

Pois sabendo que faz parte do todo, e que o todo não se completa sem as suas partes, saberá amar verdadeiramente o próximo como a si mesmo, e sentirá em seu coração o verdadeiro amor.

Viverá em paz consigo e levará a paz aos outros e sentirá dentro de si a manifestação de Deus, do qual ele faz parte e viverá dentro dos princípios da verdadeira Fraternidade Universal.

## CAPÍTULO 25 A MEDIUNIDADE COM JESUS

A Doutrina Espírita fala muito sobre a mediunidade, reencarnação, comunicação com os espíritos etc. Todos estes assuntos se acham grafados no Evangelho. Sabemos que o Evangelho não é um livro somente do povo, mas é um código de princípios morais do universo, adaptável a todas as pátrias, a todas as comunidades, a todas as raças e a todas as criaturas, porque representa, acima de tudo, a carta de conduta para a ascensão da consciência à imortalidade, na revelação da qual Nosso Senhor Jesus Cristo empregou a mediunidade sublime, como agente de luz eterna, exaltando a vida e aniquilando a morte, abolindo o mal e glorificando o bem a fim de que as leis humanas se purifiquem, se

engrandeçam, se santifiquem e se elevem para a integração com as leis de Deus.

Todos nós sabemos que Jesus era o maior médium que já passou pelo planeta Terra, possuía todas as mediunidades inimagináveis que um ser humano pode possuir. Como exemplo podemos citar alguns casos;

Desde cedo começou para o Mestre divino a posição de médium de Deus.

Aos 12 anos de idade, assenta-se entre os doutores de Israel, “ouvindo-os e interrogando-os”. E todos os que o ouviam muito se admiravam da sua inteligência e de suas respostas. Em Canã da Galiléia, oferecendo notável demonstração de “efeito físico”, com ação a distância, sobre a matéria, transformando a “água em vinho”, (como na festa do casamento quando acabou o vinho, ele mandou encher seis talhas de água e transformou em vinho de boa qualidade).

Mas, o acontecimento não permanece circunscrito ao ambiente doméstico, porquanto, evidenciando a extensão dos seus poderes associados ao concurso dos mensageiros espirituais que de ordinário lhe obedeciam as ordens e sugestões, nós o encontramos, de outro feito, a “multiplicar pães e peixes”, no topo do monte, para saciar a fome da turba inquieta que lhe ouvia os ensinamentos e a tranqüilidade à natureza em desvario, quando os discípulos assustados lhe pedem socorro, diante de tormenta. Diz o Evangelho de João no cap. 6 vers. 1 a 15, que transformando os 5 pães e os 2 peixinhos, Jesus saciou a fome de quase 5 mil pessoas, e ainda sobraram 12 cestos de pedaços de pão.

No campo da Fenomenologia Física ou Metapsíquica objetiva, identificamo-lo em plena “levitação” – caminhando sobre as águas e em prodigiosa ocorrência de materialização ou “Ectoplasmia”, quando se põe a conversar, diante dos aprendizes, com dois varões desencarnados que, positivamente, apareceram glorificados, e lhe falaram de acontecimentos próximos; e esses dois varões, que apareceram falando sobre os acontecimentos próximos, eram nada mais e nada menos do que “Moisés e Elias” – eram espíritos já desencarnados que se materializaram no “monte Tabor”. E os aprendizes que acompanhavam Jesus eram Pedro, João e Tiago.

Já em Jerusalém no templo, Jesus desaparece de chofre “des-materializando-se”, ante a expectativa geral, na mesma cidade perante a multidão, naquele instante da desmaterialização eles procuravam prender o Mestre Jesus, no cerco que lhe fizeram os guardas; ele desmaterializou-se e fugiu porque ainda não era chegada a sua hora. As autoridades que procuravam prendê-lo achavam que Jesus era um impostor, pois conheciam sua origem, sabiam de quem era filho, e não aceitavam que ele fosse o Cristo prometido, e profetizada a sua vinda há seiscentos anos atrás, anunciada pelos profetas através do Velho Testamento e outras profecias.

No “efeito intelectual” ou melhor nas provas da “Metapsíquica subjetiva”, que reconhece a inteligência humana como possuidora de outras vias de conhecimento, além daqueles que se constituem dos sentidos morais, Jesus, no mais alto testemunha,

mostrando ser portador desta mediunidade.

Quando Jesus utilizou sua “clarividência e clariaudiência”, nas preces feitas no Getsemon, conversa com um mensageiro espiritual, que o conforta naquele instante, (no Evangelho de Lucas cap. 22 vers. 43) que diz o seguinte: então lhe apareceu um anjo do céu que o confortava — porque seu estado de espírito estava em agonia, e o seu suor se transformou como gota de sangue caindo sobre a Terra.

Em outro momento antes, quando Jesus utilizou também a sua mediunidade de “clarividência”, que lhe era peculiar, antevê Simão Pedro cercado de personalidades inferiores da esfera extrafísica, e avisa-o quanto ao perigo que isso representa para a fraqueza do apóstolo - (Lucas cap. 22 vers. 31 a 34), referente à negação de Pedro, que antes que o galo cantasse ele negaria três vezes a sua qualidade de discípulo. Confirmada a profunda lucidez que lhe caracterizava - as apreciações percipientes, demonstra conhecer Jesus, profundamente, a perturbação consciente de Judas; pois perante todos, pela vidência, previa a traição que estava para acontecer, por intermédio daquele discípulo que depois daquela reunião iria vender ao sumo sacerdote a identificação de Jesus por trinta moedas.

Na sua mediunidade curativa - no que se refere aos poderes curativos, temo-lo em Jesus nas mais altas afirmações de grandezas. Cercam-no doentes de variada expressão. - Paralíticos estendem-lhe membros mirrados, obtendo socorro imediato. Cegos recuperam a visão. Ulcerados mostram-se limpos, alienados mentais, -notadamente obsediados diversos, receberam equilíbrio (Mat. cap. 9 vers. 19 a 22) a cura de uma mulher que durante 12 anos padecia de uma hemorragia, e veio por trás dele, tocou na orla da veste e ficou curada; também dois cegos, apenas Jesus os tocou com as pontas dos dedos nos seus olhos, e eles ficaram curados, de acordo com a fé de cada um.

Embora saibamos que a prática da mediunidade não está somente na passagem do Mestre Jesus entre os homens, junto aos quais, a cada hora, revela o seu intercâmbio constante com o plano superior, seja se dirigindo aos aflitos desencarnados, no socorro aos obsessos do caminho mas também na equipe dos companheiros, aos quais se apresenta em pessoa, depois da morte, ministrando instruções, para o edifício do Evangelho nascente.  
(Pesquisado do Mecanismo da Mediunidade - André Luiz Xavier)

## CAPITULO 26 A TERRA - PLANETA DE PROVAS E EXPIAÇÃO

Embora a Terra seja considerada como um planeta de provas e expiação, nem todos os espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação; temos os espíritos que encarnam em missão.

As missões dos espíritos têm sempre por objetivo o bem, pois, quer como espírito, quer

como homem, são incumbidos de auxiliar o progresso da humanidade, dos povos e dos indivíduos dentro de um círculo de idéias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais e de valor pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou intencionalmente locais como sejam: assistir aos enfermos, aos agonizantes, aos aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, dirigi-los, dando-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos. Pode dizer-se que há tantos gêneros de missões quanto as espécies de interesses a resguardar; assim no mundo físico como no moral o espírito se adianta conforme a maneira por que desempenha a sua tarefa. A missão do espírito encarnado é no sentido de auxiliar o progresso, em melhorar as instituições, por meios diretos e materiais.

As missões, porém, são mais ou menos gerais e importantes – o que instrui. Tudo em que a natureza se encadeia; ao mesmo tempo que o espírito se depura pela encarnação, concorre dessa forma para a execução dos desígnios da Providência Cada um tem neste mundo a sua missão. Os espíritos encarnados têm também ocupação inerente às suas existências corpóreas.

Uns percorrem os membros, se instruem e preparam-se para as novas encarnações.

Outros mais adiantados se ocupam com o progresso, dirigindo os acontecimentos e sugerindo idéias que lhes sejam propícias. São os homens de gênio que concorrem para o adiantamento da humanidade.

Outros encarnam com determinada missão de progresso; outros tomam sob sua tutela os indivíduos, as famílias, as reuniões, as cidades e os povos, dos quais se constituem os anjos guardiões, os gênios protetores e os espíritos familiares, e outros, finalmente, presidem aos fenômenos da natureza, de que se fazem os agentes diretos.

Mas, as raças, a que chamais “selvagens”, são formadas de espíritos que apenas saíram da infância e na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com espírito mais adiantado.

Vêm depois as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos espíritos em via de progresso.

São eles de certo modo raças indígenas da Terra, que aí se elevaram pouco a pouco em longos períodos seculares, algumas das quais não podiam chegar ao aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Sabemos também que a Terra, conseguintemente, oferece um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita mas revelando, como caráter comum, o servirem de lugar de auxílio para espíritos rebeldes à lei de Deus.

Esses espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus em sua bondade fez que o próprio castigo redunde em proveito do progresso do espírito.

Por tudo isto, muitos se admiram de que na Terra haja tanta maldade e tantas paixões grosseiras, tantas misérias e enfermidades de todas as naturezas, e daí se conclui que a espécie humana bem triste coisa é. Provém esse juízo do acanhado ponto de vista em que se colocaram os que o emitem e que lhes dá uma falsa idéia do conjunto. Deve-se considerar que na Terra não está a humanidade toda, mas apenas uma pequena fração desta humanidade.

Com efeito a espécie humana abrange todos os seres dotados de razão que povoam os inúmeros orbes do universo.

Ora, assim como numa cidade a população não se encontra toda nos hospitais, ou nas prisões, também na Terra não está a humanidade inteira.

E do mesmo modo que do hospital saem os que se curam e da prisão os que cumpriram suas penas, o homem deixa a Terra quando está curado de suas enfermidades morais.

E para finalizar, ouçamos o que disse Santo Agostinho – em Paris no ano de 1862, através da psicografia de um médium:

“Ao mesmo tempo que todos os espíritos progridem moralmente, progridem também materialmente os mundos em que eles habitam”.

Segundo esta lei, a Terra esteve material e moralmente em estado inferior ao que hoje se acha e se alçará sob esse duplo aspecto a um grau mais elevado. Ela havia chegado a um dos seus períodos de transformação, em que, de orbe expiatório, mudar-se-á em planeta de regeneração, onde os homens serão ditosos porque nele imperará a lei de Deus.

Santo Agostinho.

(Pesquisado no Evangelho Segundo o Espiritismo)

## CAPÍTULO 27 RECORDAÇÃO DA EXISTÊNCIA CORPÓREA

O Espiritismo não cria a renovação social. Pelo seu poder moralizador e por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é mais apto do que outra doutrina e ele surgiu justamente na hora em que podia ser de grande utilidade, visto que também para ele os tempos são chegados. Se ele tivesse vindo mais cedo teria esbarrado em grandes obstáculos insuportáveis.

Hoje, nascido com as idéias que fermentaram, encontrou preparado o terreno para recebê-lo – porque os espíritos causadores da dúvida e da incerteza, horrorizados com o abismo que se lhes abre à frente, os acolhem como âncora de salvação e consolação Suprema.

Quando o espírito encarna lhe é passado um véu que o oculta para tomá-lo esquecido do seu passado.

Embora algumas pessoas tenham vaga recordação de seu passado desconhecido, que se

lhes apresenta como a imagem fugitiva de um sonho, que em vão se tenta reter, e embora algumas vezes, nos pareça uma impressão real, o que não passa de mera ilusão, não pode e nem deve o homem saber tudo a respeito do que lhe acontecera em outras vidas.

Primeiro: - Porque Deus assim o quis;

Segundo: - Gravíssimos inconvenientes teria se nos lembrássemos das nossas vidas anteriores; porque em certos casos, humilhar- nos-ia sobremaneira;

Terceiro: - Em outros casos exaltaria o orgulho, e, em consequência, nosso livre-arbítrio.

Portanto, para melhorarmos, dá-nos Deus exatamente o que nos é necessário e nos é bastante; por exemplo- a voz da consciência e os pendores instintivos, de que nos tem privado evitando prejuízos futuros. E acrescenta também que, se nos recordássemos dos nossos precedentes atos pessoais, igualmente nos recordaríamos dos atos dos outros homens, o que resultaria talvez nos mais desastrosos efeitos, para as relações sociais. Porque nem sempre podemos livrar-nos do nosso passado. Caríssimos leitores, melhor é que sobre ele um véu seja lançado, o que sabiamente fez Deus.

A recordação da existência corpórea só é permitida ao espírito que se lembra ter vivido muitas vezes aqui na Terra, e recorda-se do que foi como homem; e freqüentemente ri, das suas traquinices e das suas loucuras, como moço. E lembra-se das coisas de conformidade com as conseqüências que delas resultaram para o estado em que se encontra como espírito errante.

Estão muitas vezes como que presentes todos os atos de que tinha interesse em lembrar-se; os atos que não há interesse permanecem mais ou menos vagos na mente. Quanto mais desmaterializados estiverem, tanto menos importância darão às coisas materiais. Essa é uma das razões por que, muitas vezes, evocamos um espírito que acabou de deixar o plano material e notamos que muitas coisas que nos parecem importantes, ele não lembra. Por exemplo: O próprio nome, pessoas que lhe eram caras. É que tudo isso, pouco lhe importando, logo cai em esquecimento. Talvez só se recorde perfeitamente bem dos fatos principais que ocorrem para sua melhoria espiritual.

Como já dissemos, não se recorda, de modo absoluto, de todos seus atos em encarnação passada; e quase se conserva indiferente a isso, como uma coisa que nada o interessa, pois freqüentemente assim acontece e essas lembranças lhe fazem compreender melhor o valor da felicidade que pode gozar como espírito, conforme a sua elevação ou a missão que possa ter que desempenhar.

Muitas vezes, o que nos parece magnífico, bem pouco é para certos espíritos, que então o admiram, como o sábio admira a obra de um estudante.

Lembrança será somente de fatos que digam respeito à sua vida espiritual. E a lembrança é mais ou menos acentuada para os espíritos menos elevados.

Somente os espíritos inferiores podem sentir saudades de gozos condizentes ao plano

material, com uma natureza impura qual a deles, gozos que lhes acarretam a expiação pelo sofrimento, porque as condições dos espíritos e as maneiras por que vêm as coisas variam ao infinito de conformidade com os graus de desenvolvimento moral e intelectual em que se acham.

Geralmente os espíritos de ordem elevada só por breve tempo se aproximam da Terra. Tudo que aqui se faz aos seus olhos é muito mesquinho em comparação com as grandezas do infinito, e nenhum atrativo lhes oferece o nosso mundo, a menos que por aqui os leve o propósito de concorrerem para o progresso da humanidade; ou em uma missão que lhe tenha sido designada pelo poder supremo.

São os espíritos superiores que se distinguem dos outros por sua perfeição, seus conhecimentos, sua aproximação de Deus, a pureza dos seus sentimentos e seu amor ao bem. São considerados também como espíritos puros e de primeira classe ou classe única - já percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que suportar prova ou expiação. Não estando mais sujeitos a reencarnação em corpo perecível é para eles a vida eterna, que desfrutam no seio de Deus. Eles são os mensageiros e ministros de Deus, cujas ordens executam para a manutenção da harmonia universal. Comandam a todos os espíritos que são inferiores, ajudam-nos a se aperfeiçoarem e lhes designam as suas missões. Assistir aos homens em suas aflições, concitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os mantêm distanciados da felicidade suprema é, para eles, uma doce ocupação. São designados às vezes sob o nome de anjos, arcanjos ou serafins.

Os espíritos de ordem intermediária são os que mais frequentemente baixam a este planeta, se bem considerarem as coisas de um ponto de vista mais alto do que quando encarnados.

Os espíritos vulgares, esses são os que aqui mais se comprazem e constituem a massa da população invisível do globo terráqueo. Conservam quase que as mesmas idéias, os mesmos rostos, e as mesmas inclinações que tinham quando revestidos do invólucro corporal.

Mantêm-se em nossas reuniões, negócios, divertimentos, nos quais sempre tomam parte mais ou menos ativa; e a tudo respondem sem se incomodarem com a verdade, gostam de causar pequenos desgostos e induzem maldosamente ao erro, por meio de mistificação e de esperteza. E quando advertimos do mal que estão causando a alguma criatura, eles negam aquela nossa advertência e muitas vezes até se revoltam, segundo os seus caracteres.

Não podendo satisfazer as suas paixões, gozam na companhia dos que a ela se entregam e os excitam a cultivá-las.

Finalmente para os espíritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres efêmeros da Terra e de acordo com a sua elevação, apreciada de outro ponto de vista, o princípio é sempre o mesmo, para os espíritos elevados, a pátria é o universo.

A cada nova existência, o homem tem mais inteligência, e ele pode distinguir o bem e o mal.

Quando ele volta à sua vida primitiva (vida espírita), toda a sua vida pessoal se desenrola diante dele, ele vê as faltas e as grandes tolices que cometeu e nesta reencarnação que venha a ter, ele estará mais consciente, tanto isto é verdade que ele pede aos espíritos que lhe são superiores para ajudá-lo nesta nova missão que vai empreender, porque sabe que os espíritos que lhe serão dados por guia nessa nova existência procurarão fazê-lo reparar suas faltas dando-lhe uma espécie de intuição do que cometeu em encarnação anterior.

(Pesquisado no Livro dos Espíritos e no Evangelho Segundo o Espiritismo)

## CAPÍTULO 28 COMO COMBATER O EGOÍSMO

O Espiritismo se opõe a todas estas tentativas imaginosas que podem levar, como têm levado, muitas pessoas ao desequilíbrio.

O egoísmo, a vaidade, o orgulho, a pretensão e a ambição representam elementos negativos da constituição do ser humano, que devem ser eliminados. Embora saibamos que os métodos antigos das corporações religiosas, até hoje empregados para eliminar tais malefícios, foram métodos ineficientes, sem nenhum resultado positivo.

Kardec e os espíritos superiores consideram o egoísmo como verdadeira praga que tem impedido o desenvolvimento real do Cristianismo na terra; sabemos também que os espíritos superiores em suas comunicações têm afirmado o grande entrave que o egoísmo traz para a humanidade.

Mas jamais aconselharam métodos artificiais para combatê-lo. Embora certas religiões aconselhem as penitências, os cilícios, o isolamento, a autoflagelação de toda espécie, nada tem resolvido o desequilíbrio de milhões de criaturas que constituem o triste e pesado legado da Antigüidade para o nosso tempo.

O Evangelho Segundo o Espiritismo traz uma advertência nas instruções dos espíritos – dada em Paris em 1861, pelo espírito de Emanuel, a respeito dos malefícios que nos traz o egoísmo. Ele começa chamando a atenção da seguinte maneira: “O egoísmo, essa chaga da humanidade, deve desaparecer da face da terra, porque deteve o seu progresso moral”.

Ao Espiritismo está reservada a tarefa de fazê-lo sumir da hierarquia dos mundos.

O egoísmo é o alvo para o qual os verdadeiros crentes devem dirigir as armas, as forças, a coragem, e digo a coragem porque ela é mais necessária para vencer a si próprio que aos outros. Assim dispensa cada qual seus cuidados em combatê-lo em si mesmo, pois esse monstro devorador das inteligências é a negação da caridade e, por conseguinte, o maior entrave à felicidade humana.

Jesus nos deu o exemplo da caridade e Pôncio Pilatos o do egoísmo, pois quando o justo ia percorrer a estrada, seu martírio, Pilatos lavou as mãos murmurando: "Que importa?" e depois disse aos judeus: "Este homem é um justo, por que quereis crucificá-lo"? Entretanto deixou que o conduzissem ao suplício.

É a este antagonismo entre a caridade e o egoísmo, é a invasão dessa lepra no corpo humano que o Cristianismo deve o não cumprimento de sua missão.

É a nós outros, novos apóstolos da fé, a quem cabe a tarefa e o dever de extirpar esse mal para dar ao Cristianismo a fortaleza e desbravar o caminho dos espíritos que lhe embaraçam a marcha.

Escorraçai o orgulho da terra para que ela possa gravitar na escala dos mundos, pois já é tempo de a humanidade revestir-se de força viril, e para tanto deveis preliminarmente eliminar do vosso coração o egoísmo.

Devemos antes de tudo tentar visualizar o processo de formação do "ego", para compreendermos a função do egoísmo.

A dialética espírita nos ensina que o espírito liga-se à matéria para lhe dar forma, estrutura. Podemos seguir estes processos no caso humano, em que o ego apareça em formação desde a infância, e podemos observar no gesto da criança, quando na escola e nos brinquedos ela se posiciona individualmente, querendo tudo em torno de si, não admitindo a outrem.

Essa é a primeira função do "ego", e esta função não é egoísta, mas centralizadora por necessidade de estruturação íntima. Quando esta estruturação se define como tal a criança se abre intimamente para oferecer ao mundo a sua contribuição inicial de beleza e ternura.

Embora seja um novo ser que surge no mundo, vestido com a roupagem da inocência, como diz Kardec, e ao mesmo tempo trazendo pouco a pouco a incógnita de um passado que se revela no esquema de um platídio com ideais e hábitos negativos que foram impostos à força milenária da brutalidade civilizadora.

J. Herculano Pires, no seu livro "Curso Dinâmico de Espiritismo", começa explicando o seguinte: A simulação na luta pela vida estudada é a sintonia mais evidente das condições patológicas do homem atual que se tornou num "ego" atrofiado, vazio e faminto que tudo quer exclusivamente para si mesmo. E isso a tal ponto que a palavra caridade, definida pelo apóstolo Paulo numa síntese insuperável e adotada por Kardec como fundamento da evolução humana, transformou-se na linguagem atual num sinônimo hipócrita.

No próprio meio espírita encontramos os desavisados, que condenam essa palavra, sem lhe aprofundarem o sentido. E há os que pretendem disciplinar a caridade, fiscalizar o seu aproveitamento pelos benefícios e obrigá-los a determinadas exigências para socorrê-los.

Há também os que alegam a inutilidade dessa forma de ajuda. Esses não pensam no bem que uma palavra amiga e confortadora, uma visita de solidariedade, um socorro de

emergência a quem desprovido de roupa para enfrentar o inverno, ou de remédio para uma chaga, podem representar.

A caridade espírita não é esmola, é doação de amor, solidariedade humana, que vale não só pelo amparo material, mas acima de tudo, pelo conforto da relação humana.

Sua prática não tem por finalidade somar os males sociais com remendos eventuais, mas mudar as formas egoístas da relação humana na Terra, ampliando-se e aprofundando-se nas dimensões superiores do altruísmo. Nesse estranho panorama de castas privilegiadas, povo necessitado e multidões miseráveis, o Espiritismo considera a mecânica da caridade como o instinto ideal para abrir corações, despertar consciências, e alertar esperanças. As ideologias políticas apresentam formas de efeitos superficiais na reforma muitas vezes penosa de estruturas, mas o Espiritismo restabelece a técnica simples do Cristo que toca o íntimo das criaturas para atingir as causas profundas dos desajustes.

Em cada reencarnação o ser repete ao mesmo tempo a filogênese material e espiritual do homem no desenvolvimento de embriões e na abertura progressiva do egoísmo no meio social.

Nós os espíritas sabemos que a vaidade, a arrogância, a prepotência, a insolência, a fatalidade, formam sempre no cortejo de estupidez das pessoas egoístas.

Por isso, é que o Evangelho Segundo o Espiritismo proclama que a caridade é como virtude liberadora, e fora da qual não há solução para o homem.

A mecânica da caridade pode muitas vezes se desencadear no homem do mundo, por uma situação aflitiva, às vezes da saúde, de problemas familiares ou mesmo financeiros, levando a doar uma moedinha a um mendigo, e muitas vezes essa pequena doação insignificante abre uma pequena brecha no egoísmo. E daí virão outras doações mais generosas até que a fortaleza do seu ego possa abalar o seu orgulho e ele possa perceber a sua própria imagem refletida no espelho doloroso no rosto de um pedinte esfomeado.

O Espiritismo nos ensina a doar, além da moeda, o nosso amor ao próximo e se possível a toda a humanidade, sem discriminações de cor, credo religioso e político.

E para finalizar este assunto, sabemos que a dor e a infelicidade caminham juntas em quase todas as criaturas; nós os espíritas temos por obrigação levar o esclarecimento que liberta e consola pois é tarefa fundamental que nos completa e isto devemos fazer sem visar lucro material.

(Pesquisado no Evangelho Segundo o Espiritismo)

## CAPITULO 29 NOTÍCIA DE MARIA, A MÃE DE JESUS

Todas as religiões cristãs reverenciam com extremado carinho e profunda gratidão a

figura ímpar de Maria de Nazaré, a sublime Mãe de Jesus.

Maria de Nazaré, uma mulher simples e da mais humilde condição social, foi uma das figuras mais salientes no processo de relação do Cristianismo. É inegável que a sua missão teve um cunho relevante alcançando tal magnitude que ainda agora, decorridos quase dois mil anos, a sua figura excelsa se impõe à veneração de toda a humanidade, motivo pelo qual muitas religiões da Terra passaram a denominá-la "Rainha do Céu", "Mãe Santíssima", "Virgem Maria", "Nossa Senhora", além de toda uma gama de qualificativos.

Servindo de dócil instrumento da vontade de Deus, ela contribuiu, como espírito, no grandioso quadro de revelação de uma doutrina altamente consoladora da humanidade sofredora, fato que representou uma das mais sublimes dádivas vindas dos Céus.

Ela foi instrumento de uma das mais retumbantes manifestações de que se tem conhecimento. Visitada por um espírito de elevada hierarquia, este lhe anunciou que ela teria um filho, em quem deveria pôr o nome de Jesus, acrescentando que Ele seria chamado Filho do Altíssimo; e que Deus lhe daria o trono de David, seu pai, conforme Evangelho de São Lucas Cap. 1 Vers. 28, 34 e 46 a 54. Nos seguintes termos a mensagem . "E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um Filho do altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai. Digno de registro foi o fato de Maria, ao visitar a sua prima Isabel, que vira a ser mãe de João Batista, ter proferido vibrante prece de enaltecimento, cujo teor transcendia os seus conhecimentos e é apenas justificável pelos seus dons mediúnicos: "A MINHA ALMA ENGRANDECE AO SENHOR. E MEU ESPÍRITO SE ALEGRA EM DEUS MEU SALVADOR. PORQUE ATENTOU NA BAIXEZA DE SUA SERVA, POIS, EIS QUE DESDE AGORA TODAS AS GERAÇÕES ME CHAMARÃO BEM-AVENTURADA. PORQUE ME FEZ GRANDES COISAS O PODEROSO; E SANTO É O SEU NOME. E, A SUA MISERICÓRDIA, É DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO SOBRE OS QUE TEMEM; COM SEU BRAÇO OBROU VALOROSAMENTE; DISSIPOU OS SOBERBOS NO PENSAMENTO DE SEUS CORAÇÕES. DEPÓS DOS TRONOS OS PODEROSOS, E ELEVOU OS HUMILDES; ENCHEU DE BENS OS FAMINTOS E DESPEDIU VAZIOS OS RICOS. AUXILIOU ISRAEL, SEU SERVO, RECORDANDO-SE A SUA MISERICÓRDIA PARA COM ABRAÃO E SUA POSTERIORIDADE PARA SEMPRE".

A revelação feita a Maria aconteceu na cidade de Nazaré na Galiléia, a mesma cidade onde havia nascido o rei David.

Um recenseamento decretado pelo Imperador Romano exigia que todas as pessoas se cadastrassem em sua cidade de origem. Por isso, Maria e José se dirigiram àquela cidade, a fim de dar cumprimento àquela ordem do imperador.

Cumpriram-se os dias em que Maria havia de dar à luz, e Jesus nasceu, e como não havia lugar para eles na estalagem, ela envolveu-o em panos e deitou-o numa manjedoura.

Depois da apresentação de Jesus no Templo de Jerusalém, para ser consagrado ao

Senhor, segundo as leis vigentes pelo ancião ali residente, de nome Simeão, este fez uma grande revelação profética a Maria nos seguintes termos: “Eis que este é posto, para quedas e elevação de muitos em Israel, e para sinal que é contraditado. E uma espada traspassará também a tua própria alma, para que se manifeste os pensamentos de muitos corações”.

Desta forma, o velho médium profetizou as angústias que assolariam o coração de Maria, quando 33 anos mais tarde aconteceria o episódio hediondo do calvário, como de fato aconteceu.

No Espiritismo – doutrina que se assenta em base científica, filosófica e religiosa, sendo que neste último, como Cristianismo redivivo, caracteriza o consolador prometido por Jesus, também aprendemos a reconhecer em Maria uma entidade evoluidíssima, que já havia conquistado há 2000 anos elevadas virtudes, tomando-a apta a desempenhar na Crosta Terrestre tão elevada missão, recebendo em seus braços o “Emissário de Deus”! Que se fez menino para se transformar no modelo da perfeição moral que a humanidade pode pretender sobre a Terra.

Além do que se conhece nas antigas tradições religiosas, especialmente no Novo Testamento, encontramos na literatura espírita outros importantes dados biográficos de Maria, que vieram até nós por via mediúnica, naturalmente extraídos de arquivos fidedignos do Mundo Espiritual, revelando-nos que ela continua, até hoje, zelando com muito carinho pela humanidade terrestre, encarnada e desencarnada.

A desencarnação de Maria, assistida por Jesus, é descrita pormenorizadamente, pelo espírito de Humberto de Campos no final do último livro. Segundo ele, ao libertar-se do vaso físico, ela desejou, primeiramente, rever a Galiléia, e logo em seguida visitar os cárceres sombrios de Roma, repletos de Discípulos do Mestre, que aguardavam a morte certa, quando lhes infundiu a força da alegria cristã, transmitindo a seguinte sugestão espiritual a uma jovem encarcerada.

Canta minha filha! Tenhamos bom ânimo!... Convertamos as nossas dores da Terra em alegria para o céu.

E logo em seguida a caravana majestosa conduziu ao Reino do Mestre a Bendita entre as Mulheres e, desde esse dia, nos tormentos mais duros, os Discípulos de Jesus têm cantado na Terra, exprimindo o bom ânimo e a sua alegria, guardando a suave herança de nossa Mãe Santíssima.

No livro mediúnico “Memórias de um Suicida”, inteiramo-nos da notável e completa assistência aos suicidas, em profundo sofrimento no além, pela Legião dos Servos de Maria, “Chefiada pelo Grande Espírito Maria de Nazaré”, ser angélico e sublime que na Terra mereceu a missão honrosa de seguir, com solicitude maternal, aquele que foi o wlentor dos homens.

Um setor muito importante da assistência aos suicidas é a Cidade Universitária, que

abriga as entidades com alta do Departamento Hospitalar e, naturalmente, aptas para frequentá-la. O diretor dessa cidade, Irmão Sóstenes, ao receber um novo grupo de aprendizes, assim explicou-lhes a sua origem: “Maria, sob o beneplácito de seu Augusto Filho, ordenou sua criação para que vos fosse proporcionada ocasião de prepativos honrosos para a reabilitação indispensável. Encontrareis no seu amor de mãe sustentáculo sublime para vencerdes o negror dos erros que vos afastaram das pegadas do Grande Mestre a quem deveis antes amor e obediência! Espero que sabereis compreender com inteligência as vossas próprias necessidades.

Em outro passo da obra, um Mentor esclareceu: Geralmente, porém, os avisos e as ordens vêm de mais alto... de lá, onde paira a assistência magnânima da piedosa Mãe da Humanidade, a Governadora de nossa Legião... Se as entidades em apreço não pertencem a sua tutela direta de Guardiã, poderá o Guardiã da falange ou da legião a que pertenceram impetrar o seu favor em prol dos transviados, seu amoroso concurso para o alvo a ser colimado, porquanto existe fraterna solidariedade entre as várias agremiações do Universo Sideral, infinitamente mais perfeitas que as existentes entre as nações físico-terrenas... No entanto, se a outro eminente espírito for dirigida a súplica, será esta encaminhada a Maria e seguir-se-ão as mesmas providências, pois, como vimos afirmando, é Maria a sublime acolhedora dos réprobos que se arrojaram aos temerosos abismos da morte voluntária... Tudo isso, porém, não quererá certamente dizer que nossa Excelsa Diretora precisará esperar súplicas e pedidos de quem quer que seja a fim de tomar suas caridosas providências! Ao contrário estas foram perenemente tomadas, com a manutenção dos postos de observação e socorros especiais para suicidas.

Ao apresentar o destacado educador Aníbal aos novos alunos, Irmão Sóstenes prestou-lhes importante informação, nestes termos: É que Aníbal vinha sendo, para isso, preparado desde eras afastadas! ...Até que um dia, glorioso para seu espírito de servo fiel e amoroso, ordem direta desceu das altas esferas de luz, como graça concedida por tantos séculos de abnegado amor. - Vai, Aníbal... e dá dos teus labores à Legião de Minha Mãe! Socorre com Meus ensinamentos, que tanto prezas, os que mais destituídos de luzes e de força encontrares, confiados aos teus cuidados... Pensa, de preferência, naqueles cujas mentes não desfaleceram sob as penalidades do suicídio... Entreguei-os, de há muito, à direção de Minha Mãe, porque só a inspiração maternal será bastante caridosa para erguê-los para Deus.

Quando da visita de estudo sobre a lei de causa e efeito ao Templo da “Mansão Paz”, importante instituto de reajuste localizado nas regiões inferiores, os espíritos André Luiz e Hilário colheram valiosas observações. Ao analisarem o caso de uma veneranda senhora que orava fervorosamente, invocando a proteção da Mãe Santíssima, pelos filhos transviados, receberam do instrutor Silas a seguinte elucidação: - Isso, contudo, não significa que a prece esteja sendo respondida por ela mesma. Petições semelhantes a esta

elevam-se a planos superiores e aí são acolhidas pelos emissários da Virgem de Nazaré, a fim de serem examinadas e atendidas, conforme o critério da verdadeira sabedoria.

## CAPÍTULO 30 A MULHER NA DIMENSÃO ESPÍRITA

*A história mostra que a mulher tem sido discriminada em todas as épocas e que seu papel na sociedade nem sempre foi considerado importante. Muito pelo contrário, sua existência era algo secundário no centro das decisões humanas. Com o passar do tempo, sentindo-se ela lesada nos seus direitos e aspirações, iniciou aquilo que chamamos de “movimento de libertação feminina”.*

*Como a Doutrina Espírita assume um papel preponderante na solução das questões sociais, vem contribuindo para a compreensão global do problema da mulher. Fazendo uma análise histórica de toda a opressão vivida por ela em todos os continentes, registra-se que no decorrer dos séculos, a mulher tem passado por fases angustiantes, mesmo no seio de povos civilizados, onde sempre foi considerada como “sexo frágil”. Neste processo todo, os homens desconhecem que os espíritos renascem na Terra em ambos os sexos, porque Deus quer que os seus filhos aprendam tudo o que sabem as mulheres e tudo o que sabem os homens. O Espiritismo surgiu na hora adequada, reconhecendo igualdade dos direitos e deveres entre homens e mulheres. Ensina a Doutrina que o homem e a mulher, no instinto conjugal, são como o cérebro e o coração, e ambos portadores de uma responsabilidade igual no sagrado instinto da família. “Se a alma da mulher sempre apresentou um coeficiente mais avançado de espiritualidade na vida, é que desde cedo, o espírito do ho\* mem encarnado intoxicou as fontes de sua liberdade, através de abusos de todos os matizes, prejudicando a sua posição moral no decurso de existências terrenas, nas quais não soube compreender a necessidade imperiosa da evolução incessante rumo ao Criador de todas as coisas”.*

*(Emmanuel)*

*Felizmente, a história registra a participação efetiva de várias mulheres no desempenho do sublime Messiado de Jesus Cristo e/ou outras atividades que tiveram importância na evolução da Humanidade como um todo. Entre muitas dessas personagens, podemos citar*

*1 — Maria de Nazaré — A mãe carnal de Jesus foi um espírito missionário que veio de altas esferas espirituais para servir-se de genitora do maior dos espíritos que encarnou a Terra. S aquele que foi eleito por Deus para dirigir os destinos do nosso planeta.*

*2 - Isabel - Mãe de João Batista, prima de Maria de Nazaré e mãe do profeta maior que já desceu à Terra, foi outro espírito missionário que veio a este mundo para gerar aquele que viria a ser o precursor do Grande Mestre, preparando-lhe o caminho que ele deveria trilhar.*

3 i Maria Madalena 1 Foi outro espírito de elevada estirpe espiritual, que também desceu à Terra, a fim de assessorar Jesus em Sua fulgurante missão, oferecendo ao mundo uma das mais incisivas lições de reforma íntima e do amor. Mulher a quem a vida humana oferecia todas as vantagens transitórias que o mundo encerra, mas que despertou e lutou corajosamente, após ouvir o convite generoso do Meigo pastor, para que palmilhasse o caminho da redenção espiritual.

4 - Maria de Betânia, espírito dócil e dedicado, muito achegado a Jesus, propiciou-nos o espetáculo de, após ter lavado os pés do Mestre com lágrimas e com perfumes, tê-los enxugado com seus cabelos, merecendo, apesar da crítica de um dos apóstolos, as célebres palavras de Jesus: "Muitos pecados lhe são perdoados, porque ela muito amou".

Outras mulheres também merecem destaque nas páginas fulgurantes do Evangelho, entre elas Joana de Cusa que sofreu os tormentos da fogueira, sacrificando-se por devotamento à Causa do Evangelho; as irmãs de Lázaro, dedicadas servidoras da Boa Nova nascente e acompanharam o Senhor nos instantes supremos do Gólgota; Lívia Comélia, que padece por longos e sofridos anos por ter sido a única criatura no mundo a se expor para salvar o Mestre dos martírios da Cruz; enfim, o próprio Paulo de Tarso, após ter sido convertido e ter assumido árduas tarefas de divulgador da Boa Nova, em sua Epístola aos Gálatas afirma: "Todos vós estais revestidos de Cristo. Não há mais escravos, nem homens livres; não há mais nem homem nem mulher. Todos sois uma única pessoa em Cristo".

Quando as luzes do Cristianismo e do Espiritismo penetram nos corações dos homens, aumenta neles o respeito pela mulher, enaltece-a, e nutrendo para com ela um amor mais estreito, passando a considerá-la uma companheira inseparável que Deus colocou a seu lado para, juntamente, vencerem as provas impostas pela vida terrena, procurando subjugar as expiações e os percalços que a jornada terrena oferece, compartilhando com eles as horas de aflição e de alegria nos altos e baixos da vida.

Numa discussão em 1866, sobre uma questão intitulada: "A mulher tem alma"? na qual analisava a participação da mulher na vida social, Allan Kardec, em um artigo da Revista Espírita, argumenta que, dentro dos conceitos espíritas, Deus não criou espírito-homem e espírito-mulher, mas simplesmente espíritos que se manifestam no plano físico através de organismos femininos e masculinos. E sendo o espírito sem sexo, e ainda mais havendo a Lei da Reencarnação, pela qual tanto pode-se encarnar num corpo masculino, quanto num feminino, não sobrava nenhuma base para discriminação. Kardec diz ainda que a liberdade essencial entre o homem e a mulher era um direito natural que competia ser estabelecido na Terra.

Definido o ponto de vista espírita a respeito do problema que envolve a mulher, conclui-se que a discriminação contra a mulher é produto do sistema social criado através do tempo e não guarda qualquer relação com as Leis da Natureza.

Muitas mulheres sofreram absurdas e violentas reações, nas lutas que travaram contra os estereótipos sexuais impostos pelas sociedades de estruturas patriarcais, onde criou-se uma dupla tábua de valores determinando características consideradas “normais” para cada sexo, a qual visivelmente delega ao macho os privilégios da soberania. Foi o caso de Olympe de Gouges que em 1781 redigiu uma “Declaração dos direitos da mulher e cidadã”. Por causa disso, foi guilhotinada em 1793. Depois em 1840, Florence Tristan publicou o livro “Os Passeios de Londres”, criticando o sistema social londrino e afirmando que “a mulher é o proletário do proletário. O homem mais oprimido quer oprimir outro ser, a mulher”. Recebeu grandes críticas reacionárias.

Em 1848 tivemos a fundação do movimento de emancipação feminina nos EUA. Somente em 1906, as mulheres foram incluídas pela primeira vez entre os eleitores da Europa, isso na Finlândia. Em 1919 foi eleita a primeira deputada na Inglaterra. Em 1949, Simone de Beauvoir escreveu o livro “O segundo sexo”, que é considerado um marco para o movimento feminista. E com muita luta a mulher vem abrindo espaço e assumindo papéis, antes considerados masculinos.

Infelizmente, mesmo nos dias de hoje e apesar de já ter havido tanto progresso nessa escalada que estão percorrendo as mulheres, muito há ainda por fazer. Instituições, como a família, a escola e os meios de comunicações, não têm consciência do papel fundamental que exercem na manutenção dos estereótipos sexuais. Elena Belotti afirma que as diferenças biológicas realmente existem mas não justificam traduzi-las culturalmente em diferenças sociais que dão a entender que o homem é superior à mulher. Muito pelo contrário, senão vejamos o que diz o Livro dos Espíritos, obra fundamental da filosofia espírita, nas perguntas:

817 - O homem e a mulher são iguais perante Deus e têm os mesmos direitos? “Deus não deu a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?”

818 - De onde procede a inferioridade moral da mulher em certas regiões? “Do domínio injusto e cruel que o homem exerceu sobre ela. Uma consequência das instituições sociais e do abuso da força sobre a debilidade. Entre os homens pouco adiantados do ponto de vista moral a força é o direito”.

820 - A debilidade física da mulher não a coloca naturalmente na dependência do homem?

“Deus deu a força a uns para proteger o fraco e não para o escravizar”. A Doutrina Espírita nos diz mais ainda, que devemos consagrar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher, mas de função, não. E a lei humana para ser justa deve obedecer a este critério. Todo privilégio concedido a um ou a outro é contrário à justiça. A emancipação da mulher segue o processo da civilização e a sua escravização é característica de barbárie. Verificamos que há uma recomendação dos espíritos quanto às funções específicas da mulher. Ela tem uma necessidade, um dever, com sua estrutura

psicológica, com sua estrutura mental. Ela está preparada para exercer uma função específica junto à família e aos filhos. Devemos frisar que a mulher foi cantada em verso e prosa, como mãe. Quando atinge o “status” de mãe, todo mundo acha que ela é santa. Mas quando se trata da mulher, como mulher, quase sempre ela é “a perdição dos homens”. Porque o “amor de mãe” parece que a toma transcendental e fora de seu tempo. Nas sociedades de caráter patriarcal os únicos papéis definidos são os papéis de “mãe” ou então de “doméstica”, como mostra a seguinte ilustração: direito da mulher é, simplesmente, uma questão de progresso, um direito inalienável do espírito. Não se pode fundamentar sociedade em bases de discriminação, qualquer que seja ela. E Emmanuel nos diz que “quando cada criatura for respeitada em seu foro íntimo, para que o amor se consagre por vínculo divino, muito mais de alma para alma que de corpo para corpo” então teremos vencido a árdua batalha contra as discriminações sociais.

Pesquisado nos seguintes livros citados por Leila L. Barbosa Xavier:

- \* Godoy, Paulo Alves — O Evangelho por Dentro: 1ª edição, FEESP. SP, 1989
- \* Kardec, Allan — O Livro dos Espíritos — Trad. de Guillon Ribeiro. 57ª edição, Rio de Janeiro, FEB, 1983.
- \* Regis, Jaci — A Mulher na Dimensão Espírita: 1ª edição. DICESP. SP, 1970 (Marlene Rossi, S. Nobre e Nancy P. di Girolamo).
- \* Toledo, Regina Antonia G. de — A Dominação da Mulher - Os papéis sexuais na educação — 3ª edição, Vozes, 1985.

(Vera L. de O. Lins, Ana Maria Winogron e Clarice W. Mota)

As crianças já são educadas com exemplos vivos da divisão estereotipada das funções do homem e da mulher. Desde cedo já percebem que ao pai está reservado o mundo lá de fora. A autonomia, o poder de decisão são evidentes! Tarefas domésticas, só nos casos em que tenha caráter de lazer.

À mãe está reservado em primeiro lugar o mundo do lar. É a pessoa que se mostra atenta e desejosa de satisfazer às necessidades do marido e dos filhos. Mas o mundo lá de fora é algo a ser levado a sério, a ser conquistado. As mulheres procuram agora uma posição que, sem deixar de desempenhar seu papel importante na condução dos filhos (e isso é também tarefa do homem) possa participar ativamente no plano social.

Conclui-se que é preciso fazer uma reformulação desses conceitos, tanto do feminismo, como do machismo, a fim de que, no futuro, o lar seja um ponto comum onde homem e mulher se encontrem, não como inimigos disputando alguma coisa, mas como indivíduos conscientes de todos os seus valores.

As exigências econômicas e a própria necessidade de afirmação pessoal levaram a mulher a se profissionalizar, disputando os espaços com o homem. Na verdade é a mulher encontrando seu lugar na sociedade, sua afirmação como espírito que vai viver sempre e que portanto precisa desenvolver suas potencialidades. Logo, podemos dizer que a

Doutrina Espírita prega a igualdade de ambos.

## CAPÍTULO 31 APARECIMENTO DA RAÇA HUMANA

*Hoje, não mais se ignora que os seres vivos, suas formas, estruturas, funcionamento orgânico e vida, longe estão de serem efeito sobrenatural ou fruto do acaso.*

*Pois, segundo nos diz a história, as pesquisas e a conclusão a que chegou a ciência oficial é que a terra tem mais ou menos dois e meio bilhões de anos de existência; tendo vivido um bilhão e meio de anos em processo de ebulição e resfriamento, após o que, somente então, surgiram os primeiros seres dotados de vida.*

*Embora contradizendo a história bíblica, a maneira e forma rudimentar como ela transcreve a criação da humanidade, em parte, subestima o poder de Deus. Ora, sendo Deus como é, um poder incomparável, onisciente, onipotente e onipresente, jamais seria necessário, como ela diz, descer dos céus até a Terra, e tomar do barro ou pó da terra como queiram, para confeccionar, com suas próprias mãos, o homem chamado Adão, e que seria o pai da humanidade, e também retirar uma das costelas de Adão e fazer a sua companheira de nome Eva. Pois, se Deus fez todas as coisas, como diz a própria Bíblia, do nada, só com a sua palavra e o seu poder, como é que vamos entender que, para fazer o homem e a mulher, seria necessário tomar do barro e fabricar o boneco e soprar nas suas narinas, para lhe dar o fôlego da vida?*

*Na realidade a ciência ignora a data e o local do aparecimento do verdadeiro tipo humano, o primeiro ser considerado como tal.*

*Nós temos duas definições do surgimento do tipo humano. Temos a tradição esotérica, que define o aparecimento do tipo humano como sendo o aparecimento da primeira Raça Mãe. E temos a definição do Livro dos Espíritos que nos parece ser a mais real.*

*Vejamos a definição do Livro dos Espíritos. Os povos têm formado idéias muito divergentes acerca da criação, de acordo com as luzes que possuíam.*

*Apoiada na Ciência, a razão reconheceu a inverossimilhança de algumas dessas teorias. A que os espíritos apresentam confirma a opinião de há muito pontilhada pelos homens mais esclarecidos.*

*A objeção que se lhe pode fazer, é a de estar em contradição com o texto dos livros sagrados. Mas, um exame sério mostrará que essa contradição é mais aparente do que real, e que decorre da interpretação dada ao que muitas vezes só tinha sentido alegórico.*

*A questão de ter sido Adão, como primeiro homem, a origem exclusiva da humanidade, não é a única a cujo respeito as crenças religiosas tiveram que se modificar. O movimento da Terra pareceu, em determinada época, tão em oposição às letras sagradas, que não houve gênero de perseguições a que essa teoria não tivesse servido de pretexto, ei*

entretanto, a Terra gira, malgrado os anátemas, não podendo ninguém hoje contestá-lo sem agravo à sua própria razão.

Diz também a Bíblia que o mundo foi criado em seis dias, e põe a época da sua criação, há quatro mil anos, mais ou menos, antes da era cristã. Anteriormente, a Terra não existia; foi tirada do nada:

Eis, porém, que a ciência positiva, a inexorável ciência, prova o contrário.

A história da formação do globo terráqueo está escrita em caracteres irrecusáveis ao mundo fóssil achando-se provado que os seis dias da criação indicam outros tantos períodos, cada um de, talvez, muitas centenas de milhares de anos. Isto não é um sistema, uma doutrina, uma opinião isolada; é um fato tão certo, como o do movimento da terra, e que a Teologia não pode negar-se a admitir, o que demonstra evidentemente o erro em que se está sujeito a cair, tomando ao pé da letra expressões de uma linguagem freqüentemente figurada.

Deve-se daí concluir que a Bíblia é um erro? Não; a conclusão a tirar-se é que os homens se equivocaram ao interpretá-la.

Escavando os arquivos da terra, a ciência descobriu em que ordem os seres vivos apareceram na superfície, ordem que está de acordo com o que diz a Gênese, havendo apenas a notar-se a diferença de que essa obra, em vez de ser executada milagrosamente por Deus em algumas horas, se realizou, sempre pela sua vontade, mas, conformemente à lei das forças da Natureza, em alguns milhões de anos. Ficou sendo Deus, por isso, menor e menos poderoso? Perdeu em sublimidade a sua obra por não ter o prestígio da instantaneidade? Indubitavelmente, não.

Fora mister fazer-se da Divindade bem mesquinha idéia, para se não reconhecer a sua onipotência nas leis eternas que ele estabeleceu para regerem os mundos. A ciência, longe de apoucar a obra Divina, nó-la mostra sob aspecto mais grandioso, e mais acorde com as noções que temos do poder e da majestade de Deus, pela razão mesma de ela se haver efetuado, sem derrogação das leis da Natureza.

De acordo neste ponto, com Moisés, a ciência coloca o homem em último lugar na ordem da criação dos seres vivos. Moisés, porém, indica, como sendo o do dilúvio universal, o ano 1654, da formação do mundo, ao passo que a Geologia nos aponta o grande cataclisma como sendo anterior ao aparecimento do homem, atendendo a que, até hoje, não se encontrou, nas camadas primitivas, traço algum de sua presença, nem dos animais de igual categoria, do ponto de vista físico. Contudo, nada prova que isso seja impossível. Muitas descobertas já fizeram surgir dúvidas a tal respeito. Pode dar-se que, de um momento para outro, se adquira a certeza material da anterioridade da raça humana, e então se reconhecerá que, a esse propósito, como a tantos outros, o texto bíblico encerra uma figura. A questão está em saber se o cataclisma geológico é o mesmo a que assistiu Noé. Ora, o tempo necessário à formação das camadas fósseis não permite confundi-las e, desde que se achem vestígios da existência do homem antes da grande catástrofe, provado ficará ou que Adão não foi o primeiro homem, ou que a sua criação se perde na noite dos tempos.

Contra a evidência, não há raciocínios possíveis; forçoso será aceitar-se esse fato, como se aceitou o do movimento da Terra e os seus períodos da criação. A existência do homem antes do dilúvio geológico ainda é, com efeito, hipotética. Eis aqui, porém, alguma coisa que o é menos.

Admitindo-se que o homem tenha aparecido pela primeira vez na terra, há 4000 anos, antes de Cristo, e que, 1650 anos mais tarde, toda raça humana foi destruída, com exceção de uma família, resulta que o povoamento da terra data apenas de Noé, ou seja, de 2350 anos antes da nossa era.

Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, do décimo oitavo século, encontraram esse país muito povoado, e já bastante adiantado em civilização. A história prova que, nessa época, as índias e outros países também estavam florescentes, sem mesmo se ter em conta cronologia de certos povos, que remonta a uma época muito mais afastada. Teria sido preciso, nesse caso, que do vigésimo quarto, ao décimo oitavo século, isto é, que num espaço de 600 anos, não somente a posterioridade de um único homem houvesse podido povoar todos os imensos países então conhecidos, suposto que os outros não o fossem, mas também que, nesse curto lapso de tempo, a espécie humana houvesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado primitivo, ao mais alto grau de desenvolvimento intelectual, o que é contrário a todas as leis antropológicas.

A diversidade das raças corrobora, igualmente, esta opinião. O clima e os costumes produzem, é certo, modificações no caráter físico; sabe-se, porém, até onde pode ir a influência dessas causas. Entretanto,\* o exame fisiológico demonstra haver, entre certas raças, diferenças constitucionais mais profundas, do que o clima é capaz de determinar.

O cruzamento das raças dá origem aos tipos intermediários, tende a apagar os caracteres extremos, mas não cria; apenas produz variedades. Ora, para que tenha havido

cruzamento de raças, preciso era que houvesse raças distintas. Como, porém, se explicará a existência delas, atribuindo-se-lhes uma origem comum e, sobretudo, tampouco afastada? Como se há de admitir que, em poucos séculos, alguns descendentes de Noé se tenham transformado ao ponto de produzirem a raça "Etiópe" - por exemplo? Tão pouco admissível é semelhante metamorfose, quanto a hipótese de uma origem comum para o lobo e o cordeiro, para o elefante e o pulgão, para o pássaro e o peixe. Ainda uma vez, nada pode prevalecer contra a evidência dos fatos.

Tudo, ao invés, se explica, admitindo-se que a existência do homem é anterior à época em que vulgarmente se pretende que ela começou; que diversas são as origens; que Adão, vivendo há seis mil anos, tinha povoado uma região ainda desabitada; que o dilúvio de Noé foi uma catástrofe parcial, confundida com o cataclisma geológico; e atente-se, finalmente, na forma alegórica peculiar ao estilo oriental, forma que se nos depara nos livros sagrados de todos os povos. Isto faz ver quanto é prudente não lançar, levianamente, a pecha de falsas às doutrinas que podem, cedo ou tarde, como tantas outras, desmentir os que as combatem.

As idéias religiosas, longe de perderem alguma coisa, se engrandecem, caminhando de par com a Ciência. Esse o meio único de não apresentarem lado vulnerável ao cepticismo.

Vejamos agora a definição da tradição esotérica, como ela se define na descrição da primeira Raça Mãe.

Diz ela que essa operação se consumou fora da terra, no astral planetário, ou em algum mundo vizinho; porque estava assim, "ipso facto", criada a raça humana, com todas as suas características e atributos iniciais, com espírito ainda inconsciente, habitando corpo fluídico de pouco raciocínio, quando cessou o trabalho de integração de espíritos animalizados nesses corpos fluídicos.

Os primeiros seres eram grotescos, peludos, tinham enormes cabeças pendentes para frente, braços longos que quase tocavam aos joelhos. Eram ferozes e de andar trôpego e vacilante, e em cujo olhar inexpressivo e esquivo predominava desconfiança e medo.

Alimentavam-se de frutas e raízes; viviam isolados, fugindo um dos outros, escondidos nas matas e nas rochas; vendo nas feras que rodeavam por toda parte seres semelhantes a eles mesmos, e procriando-se instintivamente, sem preocupação de estabelecerem entre si laços de afeto, ou de intimidade permanente. Quem olhasse então o mundo, não diria que ele já era habitado por seres humanos.

A proliferação era desordenada, os ímpetos do sexo nasciam de forma terrivelmente bárbara, e os homens saíam furtivamente dos seus antros escuros, para se apoderarem, pela força, de companheiras inconscientes e indefesas, com as quais geravam filhos, que se criavam, por si mesmos, ao redor do núcleo familiar, como feras.

As suas inteligências não bastavam para idealização de construções mais apropriadas, e assim surgiram os trogloditas da idade da pedra, em cujos olhos porém, já nesse tempo,

luziam os primeiros fulgores do entendimento, e cujos corações, já de alguma forma, se abrandavam ao calor dos primeiros sentimentos humanos.

Essa, portanto, foi a descrição esotérica com relação à criação da primeira Raça Mãe. A formação dos seres vivos, saindo eles do seus esconderijos pela força mesma da natureza, perguntamos, diminui de alguma forma a grandeza de Deus? Longe disso: corresponde melhor à idéia que fazemos do seu poder, a se exercer sobre a infinidade dos mundos, por meio de leis eternas.

Esta teoria não resolve, é verdade, a questão da origem dos elementos vitais; mas, Deus tem seus mistérios e pôs limites as nossas investigações. Podemos transcrever, também, à guisa de esclarecimento, a mensagem dada no fim do século passado na Espanha, pelo espírito do profeta João Evangelista, no seguinte teor.

Adão ainda não tinha vindo; porque eu via um homem, dois homens, muitos homens e no meio deles não via Adão, e nenhum deles conhecia Adão.

Eram os homens primitivos, esse que meu espírito absoluto contemplava. Era o primeiro dia da humanidade; porém que humanidade meu Deus!...

Era também o primeiro dia do sentimento, da vontade, e da luz; mas de um sentimento que apenas se diferenciava da sensação, de uma vontade que apenas desvanecia as sombras do instinto.

Primeiro que tudo, o homem procurou o que comer, após procurar uma companheira juntou-se com ela e tiveram filhos.

Meu espírito não via o homem do Paraíso; via muito menos que o homem, coisa pouco mais que um animal irracional superior.

Seus olhos refletiam a luz da inteligência; sua fronte desaparecia sob o cabelo áspero e rijo da cabeça, sua boca, desmesuradamente aberta, prolongava-se para diante; suas mãos pareciam com os pés e frequentemente tinham o emprego destes; uma pele pilosa e rija cobria as suas carnes duras e secas, que não dissimulavam a fealdade do esqueleto.

Oh! se tivessem visto, como eu, o homem do primeiro dia, com seus braços magros e esqueléticos caídos ao longo do corpo, e com suas grandes mãos pendidas até os joelhos, vosso espírito teria fechado os olhos, para não ver e procuraria o sono para esquecer. Seu comer era como devorar; bebia abaixando a cabeça e submergindo os grossos lábios nas águas; seu andar era pesado e vacilante, como se a vontade não interviesse; seus olhos vagavam sem expressão pelos objetos, como se a visão não se refletisse em sua alma; e seu amor, e seu ódio, que nasciam de suas necessidades satisfeitas ou contrariadas, eram passageiros como as impressões que se estampavam em seu espírito, grosseiros, como as necessidades em que tinham sua origem.

O homem primitivo falava, porém não como homem; emitia sons guturais, acompanhados de gestos, os precisos para responder às suas necessidades mais urgentes.

Fugia da sociedade, e buscava a solidão, ocultava-se da luz, e procurava

indolentemente as trevas, a satisfação de suas exigências naturais.

Era escravo do mais grosseiro egoísmo; procurava alimento somente para si; procurava a companheira quando eram mais imperiosos os desejos da carne, e satisfeito o apetite, retraía-se de novo à solidão sem mais cuidar da prole.

O homem primitivo nunca ria; nunca seus olhos derramavam lágrimas; o seu prazer era um grito, e a sua dor era um gemido, o pensar fatigava-o; fugia do pensamento como da luz.

E mais para adiante acrescenta:

E nesses homens brutos do primeiro dia, o predomínio orgânico gerou a força muscular, e a vontade, subjugada pela carne, gerou o abuso da força; dos estímulos da carne nasceu o amor; do abuso da força nasceu o ódio; a luz agindo sobre o amor e sobre o tempo gerou as sociedades primitivas.

A família existia pela carne; a sociedade existia pela força. O homem mais forte era o senhor da tribo; a tribo mais poderosa era o lobo das outras.

Assim como bem deixa ver o profeta Evangelista, no final de sua visão e comunicação, com o correr dos tempos, as famílias foram se unindo, formando tribos, se amalgamando, cruzando tipos, elegendo chefes, e elaborando as primeiras regras de vida em comum, que visavam perfeitamente às necessidades materiais da subsistência e da procriação.<sup>(1)</sup>

1. Os Exilados da Capela - Págs. 43 a 46

Essa visão do profeta Evangelista correspondeu perfeitamente ao que a história consagrou de primeira e segunda Raça Mãe.

Nós podemos aproveitar essa narrativa da visão do profeta, como verdade, para encaixar o período em que a ciência oficial o chamou de "Pedra Lascada", o qual é considerado como início da história da terceira Raça Mãe.

Diz então a história:

Nessa época, em pleno quaternário, por efeito de causas pouco conhecidas, ocorreu um resfriamento súbito da atmosfera, formando-se geleiras, que cobriam toda Terra. O homem, que mal ainda se adaptava ao ambiente planetário, temeroso e hostil, teve então seus sofrimentos agravados com a necessidade vital de defender-se do frio intenso, que então sobreveio; cobrindo-se de peles de animais, subjugados em lutas temerárias e desiguais, em que lançavam mão de armas rudimentares, e insuficientes contra feras e monstros terríveis, que o rodeavam por toda parte. Foi então que seu instinto e as inspirações dos "Assistentes Invisíveis" o levaram à descoberta providencial do fogo, o novo e precioso elemento de vida e defesa, que abriu à humanidade torturada, de então, novos recursos de sobrevivência e de conforto.

Entretanto, tempos mais tarde, as alternativas da evolução física do globo determinaram acentuado aquecimento geral, que provocou súbito degelo e terríveis inundações, fenômeno esse que, na tradição pré-histórica, ficou conhecido como - "O

dilúvio UNIVERSAL”, - atribuído a um desvio do eixo da Terra, que se oblicou e provocado pela aproximação de um astro, que determinou também alterações na sua órbita, que se tornou então mais fechada.

Mas o tempo transcorreu em sua inexorável marcha, e o homem, a poder de sofrimentos indivisíveis e penosíssimas experiências de toda a sorte, conseguiu superar as dificuldades dessa época tormentuosa.

Acentuou-se em conseqüência o progresso da vida humana no orbe, seguindo-se as primeiras tribos de gerações mais aperfeiçoadas, que formaram a humanidade da terceira Raça Mãe, composta de homens de porte agigantado, cabeça melhor conformada e mais ereta, os braços mais curtos, e pernas mais longas, que caminhavam com mais aprumo e segurança, e em cujos olhos se vislumbravam mais acentuados lampejos de entendimentos.

Nasceram, principalmente, na “Lemúria” e na “Ásia”, e suas características etnográficas, mormente no que respeita à cor da pele, cabelos e feições do rosto, variavam muito, segundo a alimentação, os costumes, e o ambiente físico das regiões em que habitavam.

Eram nômades, mantinham-se em lutas constantes entre si, e mais do que nunca, predominavam entre eles a força e a violência, a lei do mais forte prevalecendo para a solução de todos os casos, problemas ou divergências que entre eles surgissem; todavia, formavam já sociedades mais estáveis e numerosas, do ponto de vista tribal, sobre as quais dominavam, sob o caráter de chefe ou patriarca, aqueles que fisicamente houvessem conseguido vencer todas as resistências, e afastar toda a concorrência.

Do ponto de vista espiritual ou religioso, essas tribos eram ainda absolutamente ignorantes, e já de alguma forma fetichistas, pois adoravam por temor ou superstição instintiva fenômenos que não compreendiam e imagens grotescas, representativas tanto de suas próprias paixões e impulsos nativos, como de forças maléficas, ou benéficas que ao seu redor se manifestam perturbadoramente.

A humanidade, naquela ocasião, estava carente de um ajuda exterior com urgência, não só para consolidar os poucos e laboriosos passos já palmilhados, principalmente, para dar-lhe diretrizes mais seguras e mais amplas, no sentido evolutivo.

Em nenhuma época da vida humana, tem-lhe faltado o auxílio do alto, que, quase sempre, se realiza pela descida de Emissários autorizados; porém, o problema da terra, naqueles tempos, era muito maior que hoje, e ela não tardou a ser tomada pelas Entidades Espirituais responsáveis, pelo progresso planetário, como veremos em seguida.

“Como era então o Mundo”!...

O panorama geográfico da Terra, nessa época, era o seguinte:

Ao Oriente

a) o grande Continente da Lemúria, que se estendia das alturas da ilha de Madagascar, para leste e para sul; cobrindo a região ocupada hoje pelo Oceano Índico,

descendo até a Austrália, e incluindo a Polinésia;

b) a região central da Ásia, limitada, ao sul, pelo Himalaia e que se estendia ao leste, Pacífico adentro; para Oeste, a terminar num grande mar, que subia de sul para norte, passando pelas regiões, hoje ocupadas pelo Indostão, Belukistão, Pérsia e Tártaria, e terminando na região su-bártica: esta região foi o habitat central da terceira Raça:

Ao Ocidente

c) o continente formado pela grande Atlântida, que se desenvolvia, de sul a norte, sobre a região hoje ocupada pelo Oceano Atlântico, que lhe herdou o nome:

d) a parte superior da América do Norte, que formava então dois braços dirigidos, um para o oriente, na direção da atual Groenlândia, e outro para o ocidente, prolongando-se pelo Oceano Pacífico, na direção da Ásia - Nestas duas regiões, se estabeleceram mais tarde os povos da quarta Raça;

e) ao norte um continente Ártico, denominado Hiperbário, que cobria toda a região do Pólo Norte, mais ou menos até a altura do paralelo 80, sobre todo o território europeu.

Esta foi a região habitada mais tarde pelos formadores da quinta Raça, os árias.

Esses continentes a que nos referirmos eram então habitados pelos homens da terceira Raça, que assim se distribuía:

a) Na Lemúria - Os rufas, os homens de pele escura;

b) Na Ásia - Os mongóis, de pele amarela;

c) Na Atlântida - Os atlantas, de pele avermelhada, os primitivos serviram de semente à raça.

Sem embargo dessas diferenças de cor, as demais características biológicas já descritas prevaleciam, mais ou menos uniformemente, para todos os indivíduos dessa terceira Raça, em todos os lugares. (2)

Ainda à guisa de esclarecimento com relação ao aparecimento do homem, podemos acrescentar a continuação da visão do vidente e clarividente, espírito de luz, do ex-discípulo de Jesus - João Evangelista, quando de sua mensagem, transmitida no fim do século passado, na Espanha, quando ele emitia sua comunicação.

Diz o texto conclusivo:

Depois do primeiro dia da humanidade, o corpo do homem aparece menos feio, menos repugnante à contemplação de minha alma - Sua fronte começa a debuxar-se na parte superior do rosto, quando o vento açoita e levanta as ásperas melenas que a cobrem.

Seus olhos são mais vivos e transparentes; e o seu nariz é mais afilado e levantado, e a sua boca é menos proeminente.

Seus braços são menos longos e esqueléticos, suas carnes menos secas; suas mãos menos volumosas e com dedos menos prolongados; os ossos do esqueleto mais arredondados, mais bem dispostos aos movimentos das articulações; maior elasticidade existem nos músculos e mais transparência na pele que cobre todo o corpo.

No seu olhar se reflete o primeiro raio de luz intelectual, como um primeiro despontar do seu espírito adormecido.

No seu caminhar, já menos lerdo e vacilante, adivinha-se a ação inicial da vontade, o princípio das manifestações espontâneas.

Procura a mulher e não mais a abandona; assiste-lhe no nascimento dos filhos, com quem reparte o calor e o alimento. Enfim o sentimento começa a despertar-lhe.

(Dados pesquisados na Bíblia dos Nossos Dias, de M.C. Melo, e no livro Os Exilados da Capela, págs. 46 a 53) (2 Os Exilados da Capela, págs. 46 a 53).

## CAPÍTULO 32 A LEI DE TALIÃO

O escritor espírita Ricardo Simonetti, por intermédio de o Reformador de dezembro do ano de 1976, procurou explicar através de seu artigo “De Talis”, a Boa Vontade, a famosa pena de “TALIÃO”, de que tanto a Bíblia fala, em que ele começa explicando o seguinte:

No livro de Êxodo (cap. 21 vers. 24 e 25), em que Deus Jeová, o Deus dos judeus, diz: “Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe”.

No livro de “Levítico” (cap. 24 vers. 19 a 21), repete: “Se alguém causar defeito a seu próximo, que receba o mesmo mal, fratura por fratura, olho por olho, dente por dente. Como ele tivesse desfigurado a alguém, assim lhe fará”.

E, em “Deuterônômio” (cap. 19 vers. 21), ratifica: vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, é a famosa pena de Talião (Do latim Talio, geralmente relacionado com Talis; a pena “tal”, o crime), de prescrições incríveis, uma agressão, se a vítima fica sem dentes, o agressor sofrerá idêntica perda; se fica cego, o agressor terá seus olhos vazados, se morre, o agressor será morto, se for pego roubando, o ladrão terá sua mão cortada; o caluniador ficara sem a língua. Essa justiça temível que rescendia vingança, era usada com braço de ferro por Moisés para disciplinar um povo materialista e rebelde, sempre disposto por iniciativa própria a empregar o ‘TALIO’, castigando as ofensas sem esperar pelo concurso das autoridades.

Ainda hoje, apesar da evolução das leis e dos costumes, muita gente julga que a pena de Talião resolveria o problema da criminalidade, tomando os homens menos ofensivos.

Milenar engano, porquanto toda violência, ainda que combatida com amparo legal, apenas gera violência.

O mal não pode ser contestado com suas próprias armas, sob pena de expandir-se. Temos um exemplo na Idade Média, quando a pena de Talião foi usada em longa escala para punir criminosamente, e o resultado todos nós conhecemos; um dos períodos mais violentos da história.

Por isso no combate ao mal é fundamental ver no criminoso um doente a exigir

tratamento, e no irmão, ofensor em perturbação, a reclamar compreensão. Por isso no combate ao mal é fundamental uma relevância, pois estas noções, que vão sendo assinaladas paulatinamente pela justiça humana (dia virá em que as prisões serão transformadas em hospitais do espírito) são frutos da nova moral instituída por Jesus ao recomendar que não oponhamos resistência ao ofensor. Pois Jesus nos advertiu do seguinte: “Sabeis que vos foi antigamente dito: olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não oponhais resistência ao homem; que ao contrário, se alguém vos bater na face direita, lhe apresente a outra; aquele que quiser demandar convosco em Juízo, para vos tomar a túnica, cedei-lhe também a capa.

E se alguém vos forçar a caminhar mil passos, caminhareis com ele” (Mateus, cap 5 vers 38 a 41).

Naturalmente, suas palavras devem ser observadas sob o aspecto simbólico porquanto se tomadas ao pé da letra, teríamos a consagração da possibilidade favorecendo a desordem.

Sabemos que a lei de Talião sempre foi objeto de vingança, ensinada e executada por Moisés, pois a contingência daquela época exigia um braço forte e um poder ilimitado para disciplinar com autoridade aquele povo materialista Mas com a vinda de Jesus e com os seus ensinamentos, forçosamente a tendência foi desaparecer a lei de Talião, que tanto pregou Moisés.

Vejamos então a modificação total referente ao desaparecimento da lei de Talião, que forçosamente alterou o que se encontra no Evangelho no Livro de São Mateus (cap. 2 vers. 34 a 40), que diz o seguinte:

“Os fariseus, quando ouviram que Jesus tinha feito calar a boca aos saduceus, se ajuntaram em conselho — e um deles, que era doutor da Lei, tentando-o, lhe perguntou: - Mestre, qual é o maior mandamento da lei? - Jesus lhe disse: amarás ao Senhor teu Deus de todo coração e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento - este é o maior e o primeiro mandamento - e o segundo, semelhante a este é: amarás a teu próximo como a ti mesmo - destes dois mandamentos dependem toda a lei e os protetas”.

Sabemos que o mais precioso de todos os dons é a paz, tempero da felicidade humana; sem ela todas as alegrias e satisfações perderão inteiramente o sabor, e segundo os anjos, Jesus viera trazer paz mas somente aos homens de boa vontade.

A boa vontade, portanto, deve ser recurso para todas as horas principalmente quando algo nos molesta. Somente com ela nos habilitaremos à vivência dos ensinamentos evangélicos. E a todo instante, em variadas circunstâncias, somos convocados ao seu exercício.

O problema da paz, cuja solução se tem buscado, improficuamente, na promulgação de códigos e decretos humanos sempre falhos e imperfeitos, e por isso mesmo inoperantes,

assim como os tratados e pactos entre nações ou blocos de nações; o problema da paz, dizíamos, é bem mais difícil porque é de ordem espiritual, e só poderá ser resolvido em definitivo quando todos os homens tiverem conhecimento das leis de Deus, e forem capazes de lhes dar cumprimento, transformando-se em colaboradores conscientes da Providência.

A suprema paz disse-o alguém é “um estado de pureza e consciência” e, para chegar a este estado, o caminho é aquele que a humanidade terrena, devido ao seu atraso espiritual, ainda não se decidiu a trilhar, o caminho do amor e da justiça.

Quando, inspirados no Evangelho do Cristo, os homens puserem em prática essas virtudes, reinará, finalmente, paz no mundo, porque então cada qual poderá trazê-la consigo, gozá-la em toda parte e em qualquer momento.

Às vezes querem tirar-nos a túnica. Quantas ações dão entrada na justiça, envolvendo disputa, problemas de aumento de aluguel, de execução de serviço, de herança, porque as partes não entram em acordo, prendendo-se a bagatelas. Boa vontade aqui seria usar um pouco de desprendimento, considerando que as disputas em que nos envolvemos; quando decidimos manter nosso ponto de vista, nos causarão tantas dores de cabeça e tantas irritações que fatal mente viremos a lamentar nossas intransigências.

A grande dificuldade é que muita gente acha que se comportar assim é ser bobo ou covarde. No mundo onde impera o desalinho e a violência, o bom senso e a mansitude serão sempre recebidos com estranheza. \*

Mas, se estamos preocupados com a opinião alheia jamais seremos cristãos.

O que o Mestre pretende é que não reajamos negativamente ao mal que nos façam, respondendo na mesma dose de agressividade. Sua filosofia de vida pode ser resumida numa afirmativa que nem é sua, mas consta do Evangelho, e é sempre lembrada nas comemorações do Natal. A proclamação dos anjos diante dos espantados pastores de Belém; “Glória a Deus nas alturas, paz na Terra aos homens de boa vontade”.

E Jesus não nos prometeu um diploma de consagração popular; o que ele nos oferece é um áspero caminho de renovação, repleto de espi\* nhos e sacrifícios, mas o único capaz de favorecer a edificação da paz em nossos corações. E, finalmente, não é isso o que mais almejamos?

Voltemo-nos, pois, para o Cristo enquanto é tempo; filiamo-nos entre os que semeiam, com humildade e amor, servindo ao próximo e abramos nossos corações, amplamente, amorosamente, para o sofrimento tío mundo, do nosso mundo.

(Pesquisado do Reformador de 1976 e na Bíblia Sagrada).

# CAPITULO 33 E O VERBO SE FEZ CARNE

O Reformador de 1<sup>o</sup> de maio de 87 traz uma "Crônica Evangelista" do jornalista espírita Paulo Alves Godoy, sobre a personalidade de Jesus, nos seguintes termos:

*"No Princípio era o verbo, e o verbo era com Deus, e o verbo era Deus. Ele era no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele e nada do que foi feito, foi feito sem Ele", (S. João Cap. 1: vers. 1 a 3)•*

O verbo é Deus, ou a palavra de Deus. A vontade de Deus é força criadora. Através dela se criaram todas as coisas. No início da formação do mundo, Jesus Cristo estava com o Verbo, era o seu eleito para presidir os destinos do mundo. O verbo é Deus, mas Jesus foi o seu escolhido, o seu Ungido, e, com a vontade de Deus e a supervisão de Jesus, tudo se fez, e nada do que se fez foi feito sem ele.

Realmente, o Verbo é Deus, porque é a palavra de Deus, Jesus, tendo recebido esta palavra diretamente de Deus, com a missão transcendental de a transmitir aos homens, assimilou-a. A palavra divina que ele absorveu ficou nele encarnada.

Da mesma maneira que um embaixador de um país fala em nome do seu supremo mandatário, Jesus Cristo também falou em nome do Pai, em nome de Deus, mas não era o próprio Deus. Não era parte de Deus, mas criatura de Deus, submisso a Deus.

Em todo o Evangelho, o Mestre deixou transparecer a sua submissão à vontade de Deus, a sua condição de criatura subalterna, em relação ao Criador, contrapondo-se ao dogma emanado do Concílio de Nicéia, realizado no ano 325 da era cristã, o qual outorgou ao Mestre a condição de co-criador, ou parte trina de Deus, ou melhor, atribuiu-lhe a condição de segunda pessoa da Trindade.

Deus é pai, eterno, criador, não teve princípio. É o criador de todas as coisas, arquiteto do universo e da vida. É uno e indivisível. Jesus é criatura, é filho de Deus, sujeito à evolução, embora já tendo atingido elevadíssimo índice de progresso.

Existe uma pequena discrepância nesse trecho evangélico pois a expressão "o verbo era oom Deus" conflita com "o verbo era Deus". O que é mais lógico é a terceira expressão "ele era no princípio com Deus".

Em seu Evangelho, João asseverou: "o verbo se fez carne e habitou entre nós", porém, logo a seguir, diz: "e vimos a sua glória do unigénito do pai", isso ainda uma vez comprova que quem se fez carne foi o filho unigido de Deus, como seu enviado, daí pode-se dizer vimos a glória do filho como fora a glória do Pai.

Jesus Cristo também não é unigénito, pois unigénito significa o único criado, e Deus não criou apenas Jesus. Ele é o criador de todas as coisas, de todos os homens. Se Jesus fosse o Unigénito ele não poderia, mais tarde, ter dito a Maria Madalena: "Mas vai para meus irmãos, e diz-lhes que: Eu subo para meu pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus"

(João Cap. 20 vers. 17).

Deste modo, quem tomou a forma carnal e habitou entre nós não foi o Pai, mas o filho, e nós sentimos a sua glória como expressão da glória do Pai, pois foi o maior espírito que já encarnou na Terra.

Allan Kardec, em "Obras Póstumas\*\*"-referindo-se ao enunciado de João, contido no capítulo I do seu Evangelho, diz: "é preciso notar-se que as palavras supracitados são de João e não de Jesus e que admitindo-se mesmo que não tenham sido alteradas, elas não exprimem, na realidade, senão uma opinião pessoal, uma indução, onde se descobre o misticismo habitual da linguagem daquele escritor.

Estas palavras não podem prevalecer contra as reiteradas afirmações do próprio Jesus. Aceitando-as, porém, tais quais são, ainda assim elas não resolvem a questão no sentido da Divindade, porque tanto se aplicariam a Jesus Deus como a Jesus criatura de Deus.

O Evangelista João afirma ainda que "Deus jamais foi visto por alguém, mas que Jesus o fez conhecer". Este versículo corrobora de forma categórica que Jesus não é Deus, mas o seu emissário, que desceu à Terra com o fito de fazê-lo conhecido de toda a humanidade.

O Capítulo I, versículos 1 a 14, do Evangelho de João, é o único- que, à primeira vista, parece encerrar implicitamente algo que identifique Deus com a pessoa de Jesus Cristo, e também é aquele sobre o qual se estabeleceu, mais tarde, a controvérsia da qual resultou a divinização de Jesus e a implantação do dogma da Trindade.

Realmente no século IV, se formaram duas correntes entre os que acreditavam ser Jesus o Messias, anunciado pelos profetas; uma corrente judeu-cristã, que não concordava com a divinização de Jesus, a qual tinha Ario como expoente, e uma corrente judeu-grega, que foi até à divinização do Cristo.

Quando, no ano 313, o imperador Constantino, através do Edito de Milão, proclamou igual a liberdade de todos os cultos, fez com que os debates em tomo da divindade de Jesus, que até então não tinham alcançado muita repercussão, fossem levados para as praças públicas, tornando-se ostensivos. O povo passou a tomar parte nas discussões, disputas foram realizadas, chegando a haver até derramamento de sangue por parte dos mais exaltados. O imperador, a fim de resguardar a tranqüilidade pública, teve que intervir nos debates, ordenando ao bispo Osius que tentasse um acordo com Ario.

Vendo malogrados os seus esforços, no sentido de convencer Ario a ceder, Osius aconselhou Constantino a convocar uma grande assembléia de bispos, que se chamou Concílio de Nicéia, na qual os arianos foram proscritos por afirmarem que "o filho é de uma outra hipótese ou substância que o Pai" prevalecendo a tese sustentada por Antanásio e Alexandre, a qual ficou na simpatia do imperador, de que "Jesus era da mesma substância de Deus".

A questão da divindade de Jesus surgiu, gradualmente, nos primeiros séculos da era

cristã.

Ela nasceu das discussões levantadas a propósito das interpretações de alguns sobre as palavras "verbo e filho". Uma parte da Igreja resolveu aceitar as recomendações do Concílio de Nicéia, surgindo daí o dogma Trindade, dividindo Deus em três partes distintas: Pai, Filho e Espírito Santo, transformando Deus em uno e indivisível.

Os evangelhos estão repletos de afirmações partidas de Jesus Cristo, asseverando não ser Deus, mas que está submisso a Deus. Citaremos apenas algumas:

Então, aproximou-se um moço e disse-lhe: Bom Mestre, que boas obras devo fazer para ganhar a vida eterna? Jesus respondeu-lhe: Por que me chamas bom? Só Deus é bom (Mateus Cap. 19 vers. 16-17).

Eu não faço de mim mesmo; mas meu Pai, que me enviou, é quem me prescreveu o que devo dizer e como devo falar" (João 12-49).

Se me amásseis, regozijar-vos-íeis de me ver ausentar para ir a meu Pai, porque meu Pai é maior do que eu (João Cap. 14 vers. 28).

Eu não baixei do Céu para fazer a minha vontade, mas sim a daquele que me enviou (João cap. 6 vers. 38).

A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou (João cap. 7-16).

Quando será o dia e a hora, ninguém sabe, nem mesmo os anjos que estão nos céus, nem mesmo o filho; mas somente o Pai (Marc. 13-32).

A palavra que tendes ouvido não é a minha, mas sim de meu Pai que me enviou (João cap. 5 vers. 30).

E o Pai que me enviou, a si mesmo deu testemunho de mim. Vós nunca ouviste a sua voz, nem viste a sua face, e a sua palavra não ficará entre vós porque vós não credes naquele que me enviou (João cap. 5 vers. 37).

Então Jesus em alto brado exclamou: Pai, em vossas mãos deixo o meu espírito (Marcos 16-36).

Divinização de Jesus, como parte de Deus, é, portanto, uma resolução partida de homens falíveis. Se Ario tivesse alcançado maioria no Concílio de Nicéia, e tivesse contado com a simpatia do imperador Constantino, não existiria o dogma da Trindade. Os partidários da divinização teriam sido proscritos, anatemizados. Jesus Cristo é, portanto, o Filho Ungido de Deus, mentor maior do nosso mundo, que o preside desde o seu princípio. Nosso irmão maior que dirige com amor e dedicação o Planeta onde vivemos e ao qual desceu para dar testemunho da verdade, e, para esse testemunho pagou com a própria vida, crucificado no cimo do Calvário.

(Pesquisado no Novo Testamento e Evangelho Segundo o Espiritismo)

# CAPÍTULO 34 NOS “AIS” DO APOCALIPSE

O Reformador de dezembro de 1976 traz uma mensagem, nos “AIS” do Apocalipse, mensagem psicografada pelo espírito do Dr. Bittencourt, desencarnado há muitos anos, e publicada no Reformador de 1934, do seguinte teor:

“Não é de balde que se vos tem anunciado, das alturas, serem chegados os tempos preditos pelo Cordeiro Divino, através da mediunidade do profeta João Evangelista quando o mesmo esteve preso na ilha de Pátamos, para o restabelecimento da verdade entre os homens. Os séculos passaram, no seu escoar incessante, sobre a personalidade de Jesus Cristo; todavia, não conseguiram empanar as suas promessas, que se cumprirão integralmente, como outrora se cumpriram, com a sua vinda ao mundo, as profecias dos elevados espíritos que escreveram com seu sacrifício a história de Israel.

Tocais a época em que a luz espiritual se derramará sobre as trevas da carne e das impurezas, mas, luz que nascerá de choques tremendos, obedecendo à lei natural que presidiu os cataclismas inconcebíveis, que varreram da face do planeta, em seus períodos primários, as causas de desorganização, para que se efetivasse a aglutinação de todos os elementos aptos a receber em seu seio os primeiros organismos humanos. Como vós outros, é nas sagradas promessas do passado que bebemos as inspirações do futuro, e, sem nos aventurarmos imprudentemente pelo terreno das afirmações categóricas, que implicariam desconhecermos o nosso dever de submissão aos sábios e irrevogáveis decretos do altíssimo, podemos afiançar que a transformação morâl da humanidade se processa de há muito, e de há muito uma ativa colaboração dos espaços infinitos se vem fazendo sentir nos destinos da humanidade, com elevado objetivo de norteá-la para o verdadeiro conhecimento da vida. O Cristianismo, em suas origens simples e puras, iniciou um ciclo de progresso espiritual no planeta, e o século XX, com as suas concepções de liberdade, dentro da razão e da ciência, assinala a transição entre a morte do mundo material e o nascimento de uma nova era.

É claro que nem todos os homens se apercebem da verdade evangélica; porém, apáticos ou indiferentes, serão tocados pela vibração que fará estremecer todas as almas e estalar de ansiedade os corações.

Chegarão os tempos em que a verdade será dita de cima dos telhados e, sem retóricas, serão as dores as portadoras das suas mensagens, porque o “homem velho” reagirá como o “homem novo”.

A guerra se desencadeará; porém, um tombará na noite coligiosa da ignorância com suas armas fratricidas, e o outro surgirá na alvorada do Evangelho do Amor. Contudo, os tempos novos, cujos eflúvios de paz podeis prelibar, quantas flagelações e dores expiatórias não custarão!...

Instituições veneradas, sistemas filosóficos, organizações políticas desaparecerão no abismo que trará todos os fatores do estacionamento e da esterilidade entre os homens, e os corações serão lavados com lágrimas, purificando-as nessas oblações divinas. A luta será gigantesca; vereis homem contra homem, nação contra nação. A guerra, esse pavoroso gênio do extermínio, alargará todas as suas possibilidades de destruição e as suas vozes aterradoras anunciarão outros flagelos, decorrentes da sua ação corrosiva, mas necessária. Então a humanidade se lembrará daquela voz austera e doce que lhe implorava - "Ó Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes eu te quis abrigar, como a galinha abriga seus pintinhos."

O Livro do Apocalipse traz realmente a verdadeira profecia, que o Senhor Jesus quis revelar aos homens por intermédio do apóstolo João Evangelista, quando o mesmo esteve preso na ilha de Pátamos, anunciando os sinais que viriam no fim dos tempos. E realmente todas estas profecias e exortações ali reveladas estão se cumprindo integralmente.

O Senhor Jesus nos advertiu com bastante ênfase da seguinte maneira: Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo, e acrescentou mais o seguinte: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor Deus dos espíritos, dos profetas, enviou seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer.

Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.

Tais acontecimentos serão atestados de um trabalho de seleção que se fará, entre todos os elementos espirituais do orbe terráqueo, e o homem amedrontado assistirá aos funerais de toda uma civilização que, tendo nas veias do seu vasto organismo o sangue metálico, o ouro corrupto dos seus anseios de espiritualidade, conservador dos instintos animalizados, sangue viciado pelo vício de um egoísmo sem limites, morrerá intoxicado pelos excessos e pelos desvios a que se entrega desenfreadamente. A confusão se consumará e o mundo será a morte das facções teocráticas, porque todos os templos materiais serão destruídos, todos os sistemas de falsa democracia desaparecerão no vértice de reações fantásticas, que abalarão as coletividades tomadas de pavor. Uma onda de destruição pairará sobre a Terra; mas, no período das grandes dores, uma voz ecoará branda e severa, compassiva, e enérgica, para coordenar o princípio do novo ciclo de evolução planetária. A escória espiritual, constituída pelos cegos e surdos voluntários, será exilada, como raça de seres decaídos, porque não mais a sede maldita do ouro predominará entre os homens e uma fraternidade cristã se implantará, sob uma só bandeira de paz.

Os espíritos prepostos a essa grande obra de levantamento moral do planeta já se acham a postos, entre as sombras da carne, para amparar os fracos e libertar os oprimidos, na realização das promessas evangélicas, e para sustentar as almas combatidas

nos "AIS" do Apocalipse.

Nos espaços, elaboram-se grandiosos projetos; todavia, na execução dos planos divinos estão eliminadas as noções de tempo e de espaço. Pdr este motivo, os que podem descortinar algo do futuro se acham isentos da idéia estreita da pátria e personalidade e de forma alguma circunscreverão as suas palavras. Para os homens, falarão de modo que parecerá vago; mas, essa suposição nasce de uma interpretação falsa, porquanto daqueles que se acham possuídos da real concepção do Universo e da fraternidade de todas as almas. O que vos arirmo é que, como no princípio o verbo estava com Deus, a Terra se formou, tem vivido e viverá com o verbo que está com Deus até a consumação dos séculos. Jesus presidiu e presidirá todas as transformações do planeta e o que se faz mister é que vos identifiqueis com ele.

Esperai, pois, com humildade e pureza, e trazei vosso coração como um tabernáculo sagrado, onde seja depositada a centelha aue estabelecerá a verdade. Nunca vos detenhais nas palavras, procurai descobrir o espírito, a essência de todas as coisas. Lembrai-vos de que a cada um será dado segundo as suas obras. Como disse o grande espírito de Lacordaire, em Constantina, em 1863, na seguinte mensagem: - "Quando o Senhor vos der uma manifestação mais retumbante da sua clemência, que o enviado celeste já vos encontre formando uma grande família; que os vossos corações, mansos e humildes, sejam dignos de ouvir a palavra divina que ele a vós vem trazer, que ao eleito somente se deparem em seu caminho as palmas que aí tendes deposto, volvendo ao bem, à caridade, à fraternidade. Então, o vosso mundo se tomará o paraíso terrestre. Mas, se permanecerdes insensíveis à voz dos espíritos enviados para depurar e renovar a vossa sociedade civilizada, rica de ciência, mas, no entanto, tão pobre de bons sentimentos, ah! então não restará senão chorar e gemer pela vossa sorte. Voltai para Deus, vosso pai, e todos nós que houvermos contribuído para o cumprimento da sua vontade entoaremos o cântico de ação de graças, agradecendo-lhe a inesgotável bondade e glorificando-o por todos os séculos dos séculos".

E que o espírito da verdade se derrame sobre todos os corações amenizando todos os sofrimentos e estabelecendo o reinado da verdadeira paz sobre a Terra.

(Dados pesquisados noReformadorde dezembro de 1976enoEvangelhoSegundoEspiri1isnx>).

## CAPÍTULO 35 A RENOVAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA

Nós sabemos que a Igreja sempre se esforçou por impedir o homem de usar desse direito de pensar, e lhe disse: "Crê e não raciocines; ignora e submete-se; fecha os olhos e aceita o jugo". Não é isso ordenar que renunciemos ao divino privilégio?

Evidenciamos pelo exposto o quanto os homens têm vivido em contradição. Aceitando

uma doutrina de amor, o Cristianismo, uma doutrina que proíbe matar, qualquer que seja a circunstância, difícil, por isso, de ser posta em prática uma doutrina de perdão ao semelhante; não chegamos a atinar com a causa que fez com que esse mesmo homem pudesse conciliar os sublimes postulados de Jesus, com os que foram expostos por Moisés, em nome de um imaginário Deus Jeová.

Um Deus Jeová que foi o maior incentivador dos patriarcas à vingança; haja vista, quando o Senhor Deus Jeová dialogava com Caim, ele disse: Qualquer que ferir ou matar a Caim será vingado sete vezes (Cap. 4 vers. 15 no Livro de Gênesis da Bíblia).

Achamos que é por isso, com base nestas orientações, que a Igreja Católica Romana não pensou duas vezes para criar o "Tribunal da Santa Inquisição", pelo então Papa Inocêncio III, e que levou milhares de pessoas, até certo ponto inocentes, às fogueiras e às prisões supliciais.

O Concílio de Verona ordenou aos bispos de Lombárdia que procurassem com cuidado os hereges pérfidos e entregassem ao magistrado juiz civil aqueles albigenses obstinados, a fim de serem corporalmente punidos; e esta ordem da Igreja estendeu-se a toda Itália, exceto a Nápoles.

A Espanha a ela se submeteu inteiramente, sob o reinado de Fernando e Isabel. Portugal também a adotou sob o reinado de D. João III, de acordo com a mesma fôrnia aceita na Espanha

O direito de defesa era praticamente negado, ou melhor vedado, pois ninguém se atrevia a amparar um réu do Santo Ofício, uma vez que era sabido que o defensor cairia fatalmente nas iras desses juizes de consciência negra

O delator era naquele tempo cercado das mais distinguidas considerações.

A história nos conta que não se confrontavam os acusados com os delatores, e não havia delator que não fosse ouvido; se uma pessoa tivesse um inimigo, e desejasse ver sua condenação, bastava denunciá-lo como sendo um herege, que era logo condenado pela justiça.

Até uma criança, ou uma cortesã, eram acusadores graves. O filho podia depor contra o pai, a mulher contra o marido, o irmão contra o irmão. Enfim, o acusado era obrigado a ser o seu próprio delator.

Destaque-se que o Tribunal da Inquisição tinha poderes de vida e morte, e fazia devassa em todos os institutos sociais e violação de todos os lares; o Papa Leão X, que ocupava nesse época a Cadeira Pontifícia, e cuja vida mundana impressionava desagradavelmente os espíritos sinceros religiosos, cria, sob sua direção e orientação, em 1518, o célebre 'Livro das Taxas Sagradas da Chancelaria e da Sagrada Penitenciária Apostólica', onde se encontrava estipulado o preço de absolvição, para todos os pecados, para todos os adultérios, inclusive os crimes mais hediondos.

Tais rebaixamentos da dignidade eclesiástica ambientaram as pregações de "Martinho

Lutero” e seus companheiros de apostolado.

De nada valeram as perseguições e ameaças ao eminente frade agostiniano. A verdade contudo é que o humilde filho de Eislebene tomara-se alvo de repulsa geral aos abusos da Igreja, no capítulo da imposição dogmática e da extensão pecuniária.

Sua ação desdobrou-se por largos anos de trevas, nos domínios da civilização Ocidental, contribuindo amplamente para o atraso moral em que se encontrava o homem científico dos tempos modernos.

Suas hordas de domínio, de cupidez e de ambição, não martirizavam apenas o mundo secular. Também alguns padres sinceros sofreram largamente sob sua preponderância nefasta. Tanto isto é verdade que, quando o Papa Clementino XIV tentou extinguir o tal tribunal em 1773, com seu breve “Dominus Ac Redemptor”, exclamava desolado; “Assino Minha Sentença de Morte”, mas obedeço a minha consciência “Com efeito” em setembro de 1774, ano seguinte, o grande pontífice entregava a alma a Deus, em meio dos mais horrorosos padecimentos, vitimado por envenenamento letal, que lhe apodreceu lentamente o corpo.

A partir daí, a Igreja começou a sofrer os golpes mais fortes e dolorosos, porque alguns príncipes ambiciosos se aproveitaram do movimento de massas, confiscando-lhes bens preciosos.

Com a concordata de “ANGESBURGO”, instituiu-se um regime da mais larga tolerância recíproca. O direito de exame livre religioso dividiu a reforma em vários departamentos religiosos de acordo com as orientações pessoais de seus pregadores, ou das conveniências políticas em que viviam; daí começou a proliferação religiosa.

Desde 1870, quando Garibaldi e Cavour unificaram a Itália destruíram o Papado do seu poder temporal, e então o papa se tornou um prisioneiro no Vaticano.

Do Papa Pio XI a Pio XII, esta situação prevaleceu; até que Mussolini, através do tratado de Latrão, devolveu à Santa Sé a soberania de país independente.

Depois daquele tratado, foi que os papas puderam viajar, mas nem o Papa Pio XI Pio XII saíram dos limites de Roma.

Somente no reinado do Papa Pio XII, nos idos da década de 30, foi que começou realmente a se renovar e modificar um pouco a igreja, no modo de agir, com relação à ciência, quando a Igreja passou a acreditar nos prodígios da ciência, nas suas maravilhas, pois até então ela era subjugada e amordaçada.

Mas a perseguição às religiões protestante e outras continuou sem tréguas.

Lembro-me perfeitamente, ainda na década de 1930, quando em minha adolescência, eu e meus pais éramos protestantes; como sofremos perseguições da Igreja Católica, na pessoa de um padre da Paróquia da cidade de Piripiri-Piauí, por nome “Padre Formiga”, Esse cidadão mandava apedrejar o nosso templo, por ocasião dos cultos, ou qualquer outra reunião que se fizesse, éramos perseguidos. Chegou a um ponto insuportável, e tivemos que

recorrer às autoridades locais.

Nós só conseguíamos tranquilidade nas nossas reuniões quando a polícia local montava guarda. Embora a Constituição Federal garantisse o livre direito de pensamento religioso, para o Padre Formiga e os outros seus comparsas isto não interessava.

Mas graças a Deus, com o surgimento do Papa João XXIII, e com a publicação da “Encíclica Ecumênica”, tudo mudou; hoje as religiões têm liberdade plena, podem celebrar os seus cultos, sem serem importunadas.

O Papa João XXIII foi um verdadeiro religioso, fervoroso, e de uma extraordinária compreensão, tanto isto é verdade que tentou fazer a unificação das religiões, mas infelizmente não foi possível.

Com o desaparecimento de João XXIII, veio o seu continuador, o Papa Paulo VI, o primeiro papa a sair da cidade do Vaticano, chegando a visitar outros países como a Colômbia, as Filipinas, Israel e a ONU.

1978 foi um ano importante e raro para a história da Igreja Católica; em apenas três meses os católicos do mundo inteiro tiveram três papas; a capela Sistina abrigou dois conclaves.

A 26 de agosto daquele ano, os cardeais elegeram o sucessor de Paulo VI, na pessoa do Patriarca de Veneza, Albino Luciani, um homem que rapidamente, com sua simpatia e o seu sorriso, conquistou o mundo.

Mas infelizmente, Albino Luciani, Papa João Paulo I, só reinou 33 dias.

A 16 de outubro de 1978, novamente a fumaça branca saiu pela chaminé da capela Sistina, anunciando a nova eleição do Papa; só que desta vez, era um polonês, o arcebispo de Cracóvia Karol Wojtyla, de apenas 58 anos de idade, o Papa João Paulo II.

O Papa João Paulo II é o que mais tem viajado a outros países; antes de João Paulo II visitar o Brasil, salvo engano, parece-me que ele já visitara 13 países; sua primeira viagem foi ao México, para assistir e presidir a conferência de Puebla, depois aconteceram as outras viagens: Polônia, Irlanda, Zaire, Nova Iorque, França e outros. E em todos estes países, ele foi muito bem recebido.

A 29 de junho de 1980, ele chegava ao Brasil, para uma visita de 11 dias; visitou 14 cidades brasileiras. Foi muito bem recebido em todas as cidades visitadas, era uma verdadeira apoteose, quando da sua presença naquelas cidades.

O que muito me admira, no Papa João Paulo II, é a humildade, e os seus conselhos sábios e espirituais ao povo, e a sua resistência física.

Em todos os seus pronunciamentos, a base fundamental era o amor em Jesus Cristo, e a caridade para com o próximo.

A gente nota e sente no Papa João Paulo II uma atração espiritual; não sabemos se é pelo modo de se portar entre os homens, ou se é pela sua vida espiritual.

O fato é que, ao longo destes últimos anos, a Igreja Católica Romana tem realizado

algumas experiências, cujo rumo e resultado podem ter influência decisiva sobre o Catolicismo, no terceiro milênio.

O certo também é que, deste contato e do exemplo de humildade que deu este papa, aos seus cardeais e bispos, poderá surgir compreensão mútua entre os homens; e o que esperamos é que toda a humanidade, ou parte dela, compreenda a mensagem de João Paulo II e procure segui-la.

De fato a mudança da Igreja Católica tem sido muito radical e acentuada, embora existam pequenas divergências entre o arcebispado; mas são pequenos desentendimentos, que os chefes e dirigentes têm procurado sanar. Porque os seus chefes e dirigentes verificaram que agir como vinham agindo seria muito difícil e ruim para a Igreja, que estava perdendo muito terreno, no campo religioso.

Se fizermos um paralelo na maneira e forma de agir da Igreja atual com a Igreja de alguns séculos passados, vamos encontrar uma diferença tão grande e tão diversa, que poderemos comparar com a diferença do mel para o fel.

NOTA:

1. Os dados estatísticos e outras informações foram colhidos no Livro a Bíblia dos Nossos Dias, de Mário Cavalcante de Melo.

2. No livro Questão Social e Catolicismo - 2ª ed. de Joaquim Pimenta.

## CAPÍTULO 36 INSTINTO E MEIOS DE CONSERVAÇÃO

### a) Instinto de Conservação

É lei da natureza o instinto de conservação?

Sem dúvida, todos os seres vivos o possuem, qualquer que seja o grau de sua inteligência. Em uns, é puramente maquinal; raciocinado em outros.

Com que fim Deus outorgou a todos os seres vivos os instintos de conservação?

Porque todos têm que concorrer para cumprimento dos desígnios da Providência.

Por isso foi que Deus lhes deu a necessidade de viver. Acresce que a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres; eles o sentem instintivamente, sem disso se aperceberem.

Portanto em cada dia de vida e luta, é indispensável atentar para a utilização do vaso de nossas possibilidades individuais. Quem não guarda os ouvidos pode ser utilizado pela injustiça; quem não vigia sobre a língua pode facilmente converter-se em vaso de calúnias pela leviandade ou pela preocupação de sensacionalismo. Quem não ilumina os olhos, pode tornar-se vaso de falso julgamento. Quem não se orienta pelo Espírito Cristão, será naturalmente conduzido a muitos disparates e perturbações, ainda mesmo quando a boa-fé lhe incuta propósitos louváveis.

### b) Meios de Conservação

Tendo dado ao homem a necessidade de viver, Deus lhe facultou, em todos os tempos,

os meios de o conseguir?

Certo, e se ele os não encontrar? É que não os compreende; não fora possível que Deus criasse para o homem a necessidade de viver, sem lhe dar os meios de consegui-lo. Essa a razão por que faz que a Terra produza de modo a proporcionar o necessário aos que a habitam, visto que só o necessário é útil, o supérfluo nunca o é.

Por que nem sempre a Terra produz bastante para fornecer ao homem o necessário?

É que, ingrato, o homem a despreza! Ela, no entanto, é excelente mãe. Muitas vezes, também, ele acusa a Natureza do que só é resultado da sua imperícia ou da sua imprevidência

A Terra produzirá sempre o necessário, se com o necessário soubesse o homem contentar-se. Se o que ela produz não lhe basta a todas as necessidades, é que emprega, no supérfluo, o que poderia ser aplicado no necessário. Olha o árabe no deserto. Acha sempre de que viver, porque não cria para si necessidades fictícias.

Desde que haja desperdiçado a metade dos produtos em satisfazer a fantasia, que motivos tem o homem para se espantar de nada encontrar no dia seguinte e para se queixar de estar desprovido de tudo, quando chegam os dias de penúria? Em verdade vos digo: imprevidente não é a natureza, é o homem, que não soube regrar o seu viver.

É frequente a certos indivíduos faltarem os meios de subsistência, ainda quando os cerca abundância. A que se deve atribuir isso?

Ao egoísmo dos homens, que nem sempre fazem o que lhes cumpre. Depois e as mais das vezes, devem-no a si mesmos. Como disse Jesus: "Buscai e achareis"; estas palavras não querem dizer que, para achar o que se deseje, basta que o homem olhe para a Terra, mas que é preciso procurá-lo, não com indolência, e sim com ardor e perseverança, sem desanimar ante os obstáculos, que muito amiúde são simples meios de que se utiliza a Providência, para lhe experimentar a constância e a firmeza.

Se é certo que a civilização multiplica as necessidades, também o é que multiplica as fontes de trabalho e os meios de viver.

Forçoso, porém, é convir que, a tal respeito, muito ainda lhe resta por fazer. Quando ela houver concluído a sua obra, ninguém deverá haver que possa queixar-se de lhe faltar o necessário, a não ser por sua própria culpa.

A desgraça, para muitos, provém de enveredarem por uma senda diversa da que a Natureza lhes traça; é então que lhes falece a inteligência para o bom êxito; para todos há lugar ao sol, mas com a condição de que cada um ocupe o seu e não o dos outros.

A natureza não pode ser responsável pelos defeitos da organização social, nem pelas conseqüências da ambição e do amor-próprio.

Fora preciso, entretanto, ser-se cego, para se não reconhecer o progresso que por esse lado têm feito os povos mais adiantados; graças aos louváveis esforços que, juntas, a filantropia e a ciência não cessam de despender para melhorar a condição material dos

homens e malgrado ao crescimento incessante das populações, a insuficiência da produção se acha atenuada, pelo menos em grande parte, e os anos mais calamitosos do presente não se podem de modo algum comparar aos de outrora; a higiene pública, elemento tão essencial da força e da saúde, que nossos pais conheceram, é objeto de esclarecida solicitude. O infortúnio e o sofrimento encontram onde se refugiem.

Por toda parte a ciência contribui para exercer o bem-estar, poder-se-á dizer que já se haja chegado à perfeição? Oh! não, certamente, mas o que fez deixa prever o que, com perseverança, se logrará conseguir, se o homem se mostrar bastante avisado para procurar a sua felicidade nas coisas positivas e sérias e não em utopias que o levam a recuar em vez de fazê-lo avançar.

Não há situações nas quais os meios de subsistência de maneira alguma dependam da vontade do homem, sendo-lhe a privação do que mais impreriosamente necessita uma consequência da força mesma das coisas? É isso uma prova muitas vezes cruel, que lhe compete sofrer e à qual, sabia ele, de antemão, viria a estar exposto.

Seu mérito então consiste em submeter-se à vontade de Deus, desde que a sua inteligência nenhum meio lhe faculta de sair da dificuldade. Se a morte vier colhê-lo, convém recebê-la sem murmurar, ponderando que a hora da verdadeira libertação soou, e que o desespero no derradeiro momento pode ocasionar-lhe a perda do fruto de toda a sua resignação.

Terão cometido crime os que, em certas situações críticas, se viram na contingência de sacrificar seus semelhantes, para matar a fome?

Se houver crime, não teve este a atenuá-lo a necessidade de viver, que resulta do instinto de conservação?

Diz o seguinte — Já respondi, quando disse que há mais merecimento em sofrer todas as provações da vida com coragem e abnegação. Em tal caso, há homicídio e crime de lesa natureza, falta que é duplamente punida.

Nos mundos de mais apurada organização, têm os seres vivos necessidade de alimentar-se? Têm, mas seus alimentos estão em relação com a sua natureza. Tais alimentos não seriam bastante substanciosos para os vossos estômagos grosseiros; assim como os deles não poderiam digerir os vossos alimentos.

Finalizando: - Conserva tua alma sem máculas, tua consciência sem remorsos. Todo pensamento, todo mal atrai as impurezas mundanas; todo impulso, todo esforço para o bem centuplica as tuas forças e far-te-á comunicar com as potências superiores. Desenvolve em ti a vida espiritual que te fará entrar em relação com o mundo invisível e com a natureza inteira. Consiste nisso a fonte do verdadeiro poder, e, ao mesmo tempo, a dos gozos e das sensações delicadas, que irão aumentando à medida que as sensações da vida exterior se enfraquecem com a idade e com o desprendimento das coisas terrestres. Nas horas de recolhimento, escuta a harmonia que se eleva das profundezas do teu ser,

como o “E- co” dos mundos sonhados, entrevistados, e que fala de grandes lutas morais e de nobres ações. Nossas sensações íntimas, nossas inspirações, desconhecidas dos sensuais e dos maus, reconhecem o prelúdio da vida livre dos espaços e uma prelibação das felicidades reservadas ao espírito justo, bom e valoroso.

(Pesquisado no Livro Depois da Morte de Léon Denis)

## CAPÍTULO 37 COMO SERÁ NO TERCEIRO MILÊNIO

Vamos narrar agora uma das grandes vivências do profeta João Evangelista, quando ele se expressou durante sua prisão na ilha de Pátamos, afirmando o que irá ocorrer com o nosso planeta Terra, no fim do presente século, quando se referiu ao “terceiro milênio”, esse milênio de luz, esse milênio do Evangelho, esse milênio com Cristo.

Inicia o profeta João Evangelista - “E vi um novo céu, e uma nova Terra”. Ele viu, pois, um novo céu constelar, uma nova passagem geográfica, uma nova apresentação, nova distribuição de novos oceanos e continentes.

“Porque já o primeiro céu e a primeira terra”, - este azul e esta terra em que vivemos, com estes cinco continentes - “passaram” - não se encontram mais em seus lugares primitivos, foram modificados, e o “mar já não existe”, ou seja, onde era mar tornou-se terra, não é mais oceano, transformou-se em terra plana e firme, onde irão habitar os escolhidos de Deus. E ele acrescenta: “E eu vi a santa cidade”, a nova Jerusalém, ou seja, esta nova humanidade, espiritualizada, evangelizada, que aqui permanecerá no “terceiro milênio”, como que nos esclarecendo que, provinda do alto, será uma humanidade selecionada. De acordo com esta profecia, os espíritos que aqui permanecerão no próximo século já serão aqueles “Vencedores”, que são tachados de chamados e escolhidos, são “adereçados”, isto é, enfeitados, como uma esposa ataviada para seu marido. “Uma esposa que natural mente tem apreço, amor pelo marido, e que a ele se apresenta com os seus melhores e maiores atrativos espirituais”. E continua - “E ouvi uma grande voz do Céu” - Uma voz espiritual, naturalmente, de uma entidade de elevada hierarquia, que dizia: - “Eis aqui esta cidade santa”, esta nova Jerusalém, esta nova humanidade, já evangelizada no terceiro milênio.

Pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, o povo de Deus. Porque hoje, a maioria das criaturas humanas vivem como se Deus não existisse. A humanidade está esquecida do Pai Celestial; mas no terceiro milênio, permanecerá em sintonia constante com o alto. “E o mesmo Deus está com eles, e será o seu Deus”, é a confirmação reiterada do que consta no Livro de Zacarias - Cap. 13 vers. 8 e 9, que diz o seguinte:

“e acontecerá em toda Terra, diz o Senhor, que as duas partes dela serão extirpadas e expirarão, mas a terceira parte restará nela E farei passar esta terceira parte pelo fogo, e

a purificarei, como se purifica a prata, e a provarei como se prova o ouro; ela invocará o meu nome, e eu ouvirei; direi, é meu povo, e ele dirá, o Senhor é meu Deus”.

E aqui, o magnífico João Evangelista ratifica, no final de uma de suas visões, dizendo no cap. 21 e vers. de 1 a 4 do Livro de Apocalipse, o seguinte: “E eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus”. O Criador estará dentro de seus corações, e dentro de suas mentes, estará sempre; e todos os seus atos, todos os seus gestos, todas as suas ações estarão impregnadas, revestidas da sintonia, do influxo divino, ou seja, transbordante de amor e fraternidade.

Em seguida, este versículo que nos oferece uma promessa magnífica: “E Deus limpará de seus olhos todas as lágrimas”. Hoje, isso não pode se realizar, porque a terra em que habitamos ainda permanece com seu eixo inclinado, e é considerada ainda perante o mundo espiritual como sendo um planeta de expiação e provas; mesmo todas as criaturas que aqui renascem retornam com seus carmas, com seus débitos do pretérito.

O destino daqueles que voltam ao corpo de carne (encarnam), dentro da humanidade, são vidas que devem enfrentar os testemunhos redentores, para que através da angústia, dos desencantos, do sofrimento, da amargura, possam corrigir os seus pensamentos e os próprios corações, e responder as lições de amor que ainda não conseguiram gravar dentro de suas mentes.

Por isso é que no plano em que habitamos, a lágrima é uma companheira constante de quase todas as criaturas encarnadas.

Ninguém está imune e isenta da dor e do sofrimento. “E Deus limpará de seus olhos todas as lágrimas”; portanto, é um versículo maravilhoso, sobremodo consolador e confortador, esclarecendo-nos, conformando-nos de que, no próximo milênio, não haverá mais sofrimentos. As criaturas que aqui permanecem não terão mais “carma” para resgatar, não terão mais débito para saldar, e serão criaturas com leveza espiritual, sem dívidas terríveis para purgar, e não terão esses destinos tão transbordantes de sofrimentos, porque aqui está escrito que “Deus limpará de seus olhos todas as lágrimas”.

E então não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem luto, nem dor e o sofrimento desaparecerá. E podemos observar que o profeta João Evangelista se revela neste final de apocalipse, mais uma vez, aquele profundo conhecedor de todo o Velho e Novo Testamento, porque este capítulo atual, vigésimo primeiro, como o subsequente, o vigésimo segundo, está de certa forma ligado, e como que um prosseguimento, após vários milênios, daquilo que consta da Gênese, Caps. 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> O pai punindo os espíritos de Adão e Eva, ou seja, o homem e a mulher, – simbologia de Adão e Eva — impõe à criatura humana a permanência na Terra, com sofrimento, com lutas, com dissabores. E transcorreram vários milênios nesse sofrimento. Agora o Criador diz que essa fase, esse ciclo de dor termina Como o homem desobedeceu ao pai, ele mesmo, com seu livre-arbítrio, condenou-se. E Deus inflingiu-lhe a dor na concepção para a mulher, a obrigação de

ganhar o pão com o suor do seu rosto, e avisou-lhe de que surgiriam espinhos e cardos junto com as flores e as ervas da Terra, acenando a obrigação de enfrentarmos o sofrimento.

Neste versículo, o profeta João Evangelista traça como que uma linha que vai da Gênese, até este capítulo e o subsequente deste apocalipse final, explicando-nos que aquele ciclo terminou. Inicia-se uma nova etapa.

Inicia-se o milênio da luz, o milênio do Evangelho, onde a dor, onde a angústia, onde o sofrimento, onde a mágoa e o desencanto não existirão mais. Por isso é que ele escreve: “E Deus limpará de seus olhos todas as lágrimas” e - não haverá mais lágrima, tristeza ou aflições. E não haverá mais morte do espírito, a estagnação da alma.

Prosseguiremos sim tendo a morte física, o corpo material continuará morrendo, não haverá mais a morte do espírito, não haverá mais a segunda morte; nem pranto, nem dor, nem clamor, aflição, nem tampouco amargura e nem atribulações. Porque já as primeiras coisas são passadas. Lá o orgulho não emudece o coração, a inveja não o tortura, nem o ódio o atrofia. A palavra amor está esculpida em todas as frentes. As relações sociais são reguladas por uma perfeita equidade. Todos conhecem Deus e buscam dele aproximar-se, seguindo suas leis.

Diz o profeta João Evangelista: “Eis que estava sentado sobre o trono o Criador” - disse: “eis que faço novas todas as coisas” - confirmando o que já se encontrava escrito em Isaías, de que faria novas todas as coisas.

Tudo fora criado por ele, e está real mente em poder do pai, a renovação e a criação de tudo.

E disse-me: - “Escreve, porque estas palavras são verdadeiras e fiéis, não são enganosas, não nos conduzem por caminhos ínvios, ou por estradas íngremes e escarpadas, cheias de precipícios, onde poderemos cair”. São palavras verdadeiras e fiéis, que nos traçam luz, programas redentores.

E disse-me mais: “Está cumprido”, está finalizada a fase da evolução desses espíritos que acompanharam o progresso da Terra: já está terminado, já está tudo feito. Uma etapa que já se completou e que se transpôs. Está terminado, está tudo cumprido.

E disse mais: “Eu sou o Alfa e o Ômega”. Alfa é a primeira letra do alfabeto, e ômega a última. Entre a primeira e a última letra desse alfabeto grego, tudo pode ser gravado, grifado, transmitido por uma forma escrita, ou mesmo oral, está dentro do “alfa e ômega”, isto é, dentro do poder do pai.

“O princípio e o fim” - O tudo e o todo estão incluídos entre o princípio e o fim. Deus engloba tudo e a todos: Vias Lácteas, constelações, sóis, planetas, espíritos, tudo que é criado, está dentro dessa fase; o princípio e o fim.

“Quem quer que tiver sede” - Qualquer criatura, que tiver sede de conhecimentos espirituais, seja de aprimoramento, seja de sabedoria transcendente - “de graça lhe darei

da fonte de água da vida". De graça, isto é, sem ônus, sem cobrança de impostos, sem taxação indevida, sem desejar recompensas ou reconhecimento, ele dá de graça, sem nada cobrar, sem nada impor, não há condições.

"De graça lhe darei da fonte" - Da fonte abundante, inexaurível "da água da vida", que nos dessedenta para sempre de conhecimentos espirituais.

"Quem vencerá" - É sempre aquele vencedor individual, dentro de todas as religiões do mundo, dentro das quais o espírito se situa, por sentir-se em melhor sintonia com suas ações e programas de vida. Assim, dentro de cada religião, haverá os vencedores e os reprovados.

"Quem venceu" - E aqui ele traça de novo o prosseguimento, a ratificação daquilo que já constava, também, no Velho Testamento, na Gênese, que a descendência de Abraão caberia em toda terra. Aqui ele confirma a promessa anterior dizendo: "Quem vencer" herdará todas as coisas, herdará a Terra no terceiro milênio e aqui permanecerá.

"E eu serei seu Deus e ele será meu filho" - Ou seja, sintonia perfeita, afinidade constante e inalterável entre o Pai e aqueles que aqui permaneceram. Deus falará por suas bocas, ajudará com suas mãos, a caminhar com seus pés, e serão como que mensageiros atuantes do Criador.

"Mas quanto aos tímidos" - Aqueles que ficam indecisos, que sentem que é preciso trabalhar espiritualmente, que é indispensável pegar da ferramenta, e começar a desbravar o chão duro e destocá-lo para que se coloque em condições de receber a semente dadivosa e boa. Querem ficar com as coisas espirituais, mas não querem se desligar das coisas do mundo.

São aqueles que querem servir a Deus e a Maomé - Desejam o melhor de si mesmos, desejam seguir as lições que Jesus nos deixou, mas também querem permanecer lutando desesperadamente para conquistar as glórias transitórias da terra, as ilusões do mundo; a posse da riqueza, a fim de que com ela, possam dar lugar à satisfação dos seus instintos.

Querem caminhar com os dois, e isso não é possível. Não se sentem com forças, para desapegarem-se das ilusões da terra, e daí essa timidez de caminharem resolutos, dentro da vida espiritual, a fim de entrarem por aquela porta "estreita", que realmente é estreita para qualquer criatura.

E o Mestre Jesus revela-se nesta passagem do Evangelho aquele "Grande sábio e psicólogo", que conhece profundamente a alma humana, pois é uma porta estreita para qualquer um de nós.

"Mas quanto aos indecisos" - Esses indecisos, que querem, mas não querem, não estão nem quentes, nem frios, são os mornos; e aos incrédulos, os que não crêem em nada, os egocêntricos - esses infelizes, que trazem um vazio dentro de si.

"E os abomináveis" - Aqueles que praticam ações horrorosas e atos terríveis - os suicidas, aqueles que matam-se a si mesmos, os homicidas, os que tiram a vida de outras

criaturas humanas, e também aqueles que matam a esperança, arrancam a fé que está arraigada dentro de outros corações, que trucidam anseios espirituais, que destroem crenças maravilhosas, que matam a fé, são os verdadeiros homicidas.

“E os fornicários” – Aqueles que transformaram a vida, apenas, na satisfação de seus instintos, para que os seus sentidos possam ser satisfeitos e saciados, que vivem para e pela sensualidade e luxúria.

“E os feiticeiros” – Aqueles que usam os conhecimentos espirituais que possuem, em seu próprio benefício, de forma mediata ou imediatamente; abusam dos seus conhecimentos espirituais.

“Os idolatras” – Aqueles que adoram todos os deuses, aqueles deuses estrangeiros, do dinheiro, da cobiça, da ambição ilimitada e desmedida, das paixões variadas.

“E a todos os mentirosos” – Aqueles que vestem os rostos com a máscara da hipocrisia, para com ela enganar aqueles que deles se aproximam, para que possam trazer para si vantagens pecuniárias, preferindo a mentira que lhes proporciona rendas e posições mundanas. Esses todos irão também para aquele lago de fogo de enxofre, que irá corroer as suas consciências, o que é a segunda morte, isto é, a morte do espírito, a segunda reprovação, pelo Velho Testamento, a segunda reprovação ou segunda morte, pelo Novo Testamento.

(Pesquisado na Bíblia Sagrada è no Evangelho Segundo o Espiritismo)

## CAPÍTULO 38 O SERMÃO DA MONTANHA

Muitas religiões que têm o Evangelho (Novo Testamento), como orientador e fonte de consulta, dão pouco valor ao grande discurso de Jesus, sob o título “O SERMÃO DA MONTANHA”, que contém todas as Bem-Aventuranças que Jesus lançou no mundo.

O Sermão da Montanha é inegavelmente um dos mais grandiosos ensinamentos do Mestre Jesus, podendo-se mesmo dizer que é a alma do Evangelho.

As promessas vivas contidas no “Sermão da Montanha” representam a mais formal corroboração feita por Jesus Cristo, sobre a vida futura na qual podemos efetivar as compensações prometidas aos aflitos da terra. O Sermão da Montanha disfero profundo golpe no materialismo avassalador, pois, capacitando-se de que a vida não se extingue com a desencarnação (ou seja, a morte do corpo), e que a alma é presa ao corpo pelo liames e que o mesmo espírito subsiste ao túmulo, o homem passa a encarar o futuro com maior segurança, conhecendo o terreno onde palmilha e animando-se de uma fé robusta e consciente, compreendendo então que as vicissitudes da vida derivam de uma causa e que sendo Deus soberanamente justo, justa há de ser essa causa.

Em cada trecho do Sermão da Montanha, sentimos as nossas almas extasiarem-se,

adquirindo o potencial necessário para vencer as tribulações, ainda que elas sejam das mais agudas; ao proferir a exortação do Sermão da Montanha, Jesus nos tranqüilizou no tocante à nossa destinação espiritual, uma vez que nas entrelinhas das suas palavras se nota claramente que, após um estágio de aflição, surge um de consolação; é como diz um velho adágio — após uma tempestade, surge a bonança.

O objetivo primeiro do Mestre, ao pronunciar o Sermão da Montanha, foi abordar os nossos receios no tocante à problemática do nosso futuro espiritual, uma vez que somos almas em contínuo processo evolutivo. Porque dias melhores nos aguardam no porvir, se soubermos suportar as tribulações com espírito de resignação; agindo assim, estaremos renunciando ao nosso espírito as armas necessárias para vencer qualquer situação angustiante que se nos depare. Por outro lado, as promessas de consolação, emanadas dos lábios de Jesus Cristo, são um libelo eloquente contra determinada teoria prevalecente na Terra, dentre elas as das penas eternas da condenação.

Portanto, meus leitores, Jesus é o nosso incomparável Mentor, luz que brilha de modo perene nas trevas da nossa incompreensão e, como tal, devemos nele depositar as nossas mais caras esperanças, porque ele sabe, antes de lhe pedirmos, quais as nossas necessidades reais e qual o melhor e mais eficiente caminho para o desempenho da trajetória que nos foi delineada para ser vivida na Terra

Devemos nos conscientizar de que a nossa alma — imortal, subsiste ao túmulo, e que as aflições de uma vida corpórea não passam de diminuta etapa no aprendizado edificante e moralizador, representando tão-somente uma forma de burilamento edificante, e finalmente o Sermão da Montanha é, pois, um misto de singeleza e grandiosidade, representado também como um hino de glorificação ao amor incomensurável de Deus para com suas criaturas; sabemos, também, que muitos problemas que estamos pagando, que não podemos identificar a causa nesta vida, vêm de encarnações anteriores.

Agora vamos mostrar, para conhecimento de todos, os títulos que Jesus empregou, naquele Sermão do Monte, que se intitula de Sermão da Montanha Alguém poderá até dizer que estes títulos se acham expressos no Evangelho — certo; mas muitos lêem apenas por cima, sem fazer comentário ou análise de cada um; vamos escolher um desses títulos, por exemplo o 3º, que diz: Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. Mas antes de comentarmos, vamos reproduzi-los todos:

- 1º) Bem-aventurados os aflitos — Porque serão consolados;
- 2º) Bem-aventurados os que têm puro o coração — Porque verão a Deus;
- 3º) Bem-aventurados os pobres de espírito — Porque deles é o reino dos céus;
- 4º) Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos — Porque serão chamados de filhos de Deus;
- 5º) Bem-aventurados os que são misericordiosos — Porque obterão misericórdia;
- 6º) Bem-aventurados os famintos e os sequiosos de justiça — Pois que serão saciados;

75) Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça – Pois que é deles o reino dos céus;

8<sup>9</sup>) Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós; regozijai-vos e escutai, quanto é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que vieram antes de vós.

O que se deve entender por pobre de espírito? Sabemos que a incredulidade zombou sempre dessa máxima de Jesus, como tem zombado de muitas outras coisas que não compreende. Por pobre de espírito, Jesus quis classificar não os de falta de inteligência, mas sim, os humildes, tanto que disse, para estes o reino dos céus, e não para os orgulhosos. Os homens de saber, no entender do mundo, formam um alto conceito de si próprios e da sua superioridade, e consideram as coisas divinas como dignas de lhes merecerem apenas a atenção. E com este conceito, e com essa tendência de se acreditarem superiores a tudo, é que chegaram a negar até mesmo a Divindade.

A maioria se recusa a admitir a existência do mundo invisível, chegando mesmo a escarnecer os que acreditam na sua existência. E só vão reconhecer os seus erros, quando lá entrarem, no mundo invisível, e isso só se dará quando eles deixarem o planeta Terra. E Deus, que é justo, não pode receber, da mesma forma, aqueles que desconhecem a sua majestade, comparando com o outro que humildemente se lhe submete às leis, não podendo aquinhoar em partes iguais.

Jesus continua a informar que o reino dos céus é também dos simples e que a ninguém é concedida a entrada nesse reino, “sem a simplicidade de coração e a humildade de espírito”; em todas as circunstâncias, Jesus põe a humildade na categoria das virtudes que aproximam as criaturas de Deus. E o orgulho e egoísmo entre os vícios que afastam as criaturas de Deus e isso por uma razão muito natural, pois sabemos que a humildade é um ato de submissão a Deus, ao passo que o orgulho e o egoísmo revoltam contra ele. Mais vale, pois, que o homem, para a felicidade do seu futuro, seja pobre de espírito, conforme o entendimento do mundo, pois é rico em qualidades morais.

Jesus certa vez chegou a apresentar uma criancinha, comparando que cada pessoa devia se tornar como uma criança. Ele quis assim dizer na comparação a respeito sobre a maldade, que se não nos tornássemos puros como uma criança não podíamos penetrar no reino espiritual. No Evangelho de São Mateus cap. 11 vers. 25 nós vamos encontrar o que disse Jesus sobre essas palavras (Graças te rendo meu pai, Senhor do Céu e da Terra, por haverdes ocultado essas coisas aos sábios e aos entendidos e por terdes revelado aos simples e aos pequeninos);

Pode parecer singular que Jesus renda graças a Deus, por haver revelado estas coisas aos simples e aos pequeninos, que são “os pobres de espírito”.

Todos nós sabemos que o orgulho e o egoísmo são os terríveis adversários da humanidade. Se Jesus prometeu o reino dos Céus aos mais pobres é porque os grandes da

Terra imaginam que os títulos e a riqueza são recompensações deferidas aos seus méritos e consideram também direitos adquiridos.

Muito rico pensa que as suas posições são adquiridas pelos méritos e prestígios, e nunca poderá se comparar com o infeliz que passa fome, e se alguém reclama uma ajuda para algum destes infelizes, revolta o seu orgulho — e concordará em dar-lhe uma esmola, mas em lhe apertar a mão, nunca. Responde então: Eu, de sangue nobre, grande da Terra, igual a este miserável, coberto de andrajos? Vã utopia! Se fôssemos iguais, porque teria Deus o colocado tão baixo e a mim tão alto? É verdade que suas vestes não se assemefham, mas, se despirem-se ambos, que diferença haverá entre eles? Nenhuma. Quem te garante que, também tu, já não tenhas sido miserável e desgraçado como ele? Que também não haja pedido esmola em vidas passadas? Por que colocados na balança Divina, são iguais, todos os homens, só as virtudes os distinguem aos olhos de Deus. São feitos da mesma essência todos os espíritos e formados de igual massa todos os corpos. Em nada os modificam os vossos títulos e os vossos nomes. Eles permanecerão no túmulo e de modo nenhum contribuirão para que gozeis da aventura dos eleitos. Os eleitos é que na caridade e na humildade terão títulos nobres.

(Pesquisado no Evangelho Segundo o Espiritismo)

## CAPÍTULO 39 A OBSESSÃO

A obsessão só é praticada pelos espíritos inferiores, que procuram dominar certas pessoas, porque os bons espíritos nenhum constrangimento infligem. Pelo contrário, aconselham, combatem até a influência dos maus e, se não são ouvidos, retiram-se. E os maus então se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar alguém, identificam-se com o espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança.

A obsessão apresenta caracteres diversos, que é preciso distinguir e que resultam do grau de constrangimento e da natureza dos efeitos que produz.

A palavra obsessão é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.

**OBSESSÃO SIMPLES:** - Dá-se nome de obsessão simples, quando um espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados.

Ninguém está obsediado pelo simples fato de ser enganado por um espírito mentiroso. Pois o melhor médium se acha exposto a isso, sobretudo, no começo, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós, os homens, os mais honestos podem ser enganados por velhacos. A obsessão consiste na tenacidade de um

espírito, do qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele játua. . i

Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que se acha presa de um espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar.. O médium reconhece sem dificuldade a felonía e, como se mantém em guarda, raramente é enganado.

Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejará receber de espíritos sérios, ou dos afeiçoados.

Podem incluir-se nesta categoria os casos de obsessão física, isto é, a que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns espíritos, que fazem, ou ouvem, espontaneamente, pancadas ou antes ruídos, pelo que concerne a este fenômeno.

**A FASCINAÇÃO:** - Tem conseqüências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que o obsessor o esteja enganando. O espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve ou psicofoniza, ainda quando este absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula. Fora erro acreditar que a este gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso (defeito habitual e mania). Dela não se acham isentos nem os homens de mais espíritos, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem.

Já dissemos que muito mais graves são as conseqüências da fascinação. Efetivamente, graças à ilusão que dela decorre, o espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas.

Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os espíritos que produzem esses dois efeitos devam diferir quanto ao caráter. Na primeira, o espírito se agarra à pessoa de um importuno pela sua tenacidade e de quem aquela se impacienta por desembaraçar-se. Na segunda, a coisa é muito diversa. Para chegar a tais fins, preciso é que o espírito seja destro, ardiloso e profundamente hipócrita, porquanto não pode operar a mudança e fazer-se acolhido, senão por meio da máscara que toma e de um falso aspecto de virtude. Os grandes termos: caridade, humildade, amor de Deus - lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso, deixa passar sinais de inferioridade, que só o fascinado é incapaz de perceber. Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que vêem claro.

Daí o consistir a sua tática, quase sempre, em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos. Por esse meio, evitando toda contradição, fica certo de ter razão sempre.

**A SUBJUGAÇÃO:** - Pode ser moral ou corporal e é uma constrição (apertura), que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Nenhuma palavra: O paciente fica sob um verdadeiro jugo.

No caso da subjugação moral é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas. É como uma fascinação.

No caso da subjugação corporal, o espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever. Tem alguns que, à falta de pena ou lápis, simulam escrever com o dedo, onde quer que se encontrem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes. Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais ridículos atos. Chega às vezes a sentir que estão lhe forçando pelas costas, uma energia que, forçada, não obstante resistência, lhe obriga a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão, e muitas pessoas que assistem declaram que está louco, mesmo entre as pessoas de sua relação; estamos porém convencidos de que absolutamente não é loucura, porquanto têm consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofre horrivelmente.

Daí tornar-se preciso a intervenção de um terceiro, que atue, ou pelo magnetismo, ou pelo império da sua vontade.

Em falta do concurso do obsediado, essa terceira pessoa deve tomar ascendentes sobre o espírito; porém, como este ascendente só pode ser moral, só a um ser moralmente superior ao espírito é dado assumi-lo e seu poder será tanto maior, quanto maior for a sua superioridade moral, porque, então, se impõe àquela, que se vê forçada a inclinar-se diante dele.

Por isso é que Jesus tinha tão grande poder para expulsar o que naquela época se chamava demônio, isto é, os maus espíritos.

Geralmente o espírito que se apodera do médium, tendo em vista dominá-lo, não suporta o exame crítico das suas comunicações; quando vê que não são aceitas, que as discutem, não se retira, mas inspira ao médium o pensamento de se insular, chegando mesmo não raro a ordenar-lhe se afastar definitivamente do centro.

Todo médium, que se milindra com a crítica das comunicações que obtém, faz eco do espírito que o domina, espírito este que não pode ser bom, desde que lhe inspire um pensamento ilógico, qual o de se recusar ao exame. O insulamento do médium é sempre coisa deplorável para ele, porque fica sem uma verificação das comunicações que recebe.

**COMBATE À OBSESSÃO:** Os meios de se combater a obsessão variam, de acordo com o

caráter que ela se reveste. Não existe realmente perigo para o médium que se acha bem convencido que está a haver-se com um espírito mentiroso, como sucede na obsessão simples; esta não passa então de fato desagradável. Mas, precisamente porque lhe é desagradável constitui uma razão a mais para que o espírito se encarne e o deixe. Duas coisas essenciais se tem que fazer nesse caso; provar ao espírito a observar que não está iludido por ele, e que lhe é impossível enganar, depois, cansar-lhe a paciência, demonstrando paciência para com ele.

Desde que se convença de que está a perder o tempo, retirar-se-á, como fazem os importunos a quem não se dá ouvidos. Além disso, deve o médium dirigir um apelo fervoroso a seu anjo da guarda, assim como aos bons espíritos que lhe são simpáticos, pedindo-lhes que o assistam.

Quanto ao espírito obsessor, por mau que seja, deve tratá-lo com severidade, mas com benevolência e vencê-lo pelos bons processos, orando por ele.

Se for realmente perverso, a princípio zombará desses meios; porém, moralizado, com perseverança, acabará por emendar-se. É uma conversão a empreender, tarefa muitas vezes penosa, ingrata, mesmo desagradável mas cujo mérito está na dificuldade que ofereça e que se bem desempenhada, dá sempre a satisfação de se ter cumprido um dever de caridade e quase sempre, a de ter-se reconduzido ao bom caminho uma alma perdida.

Convém igualmente se interromper toda comunicação escrita ou psicofonizada, desde que se reconheça que procede de um espírito mau, que a nenhuma razão quer atender, a fim de se lhe não dar o prazer de ser ouvido. Em certos casos, pode até convir que o médium deixe de escrever por algum tempo, regulando-se então pelas circunstâncias. Entretanto, se o médium escrevente pode evitar essas confabulações, outro tanto já não se dá com o médium audiente, que o espírito obsessor persegue às vezes a todo instante com suas proposições grosseiras e obscenas e que nem sequer dispõe do recurso de tapar os ouvidos. Embora cumpra se reconhecer que algumas pessoas se divertem com a linguagem trivial dessa espécie de espírito, que as anima, e provoca risos por suas tolices, em vez de lhes inspirar silêncio e de os moralizarem.

Aqui, não podemos oferecer mais do que conselhos gerais, porquanto, nenhum processo material existe, como, sobretudo, nenhuma fórmula, nenhuma palavra sacramental, com o poder de expelir os espíritos obsessores. Às vezes, o que falta ao obsediado é força fluídica suficiente; neste caso, a ação magnética de um bom magnetizador lhe pode ser de grande proveito. Contudo é sempre conveniente procurar um médium de confiança, os conselhos de um espírito superior, ou do anjo guardião. Porque a sua presença basta para afastar o mau espírito. Portanto, o que se precisa fazer, são preces fervorosas pelos que sofrem e, principalmente, praticar as virtudes impostas por Deus a cada um, de acordo com a sua condição. O que devemos também fazer é analisar, e eliminarmos constantemente, de nosso íntimo, o fruto de nossa insensatez e nosso orgulho e nosso

egoísmo, que sutilmente nos atinge.

(Pesquisado no Livro dos Médiuns)

## CAPÍTULO 40 COMO DIAGNOSTICAR UM CASO DE OBSESSÃO

Freqüentemente são trazidas ao meio espírita pessoas com distúrbios mentais e que são prontamente rotuladas como obsediadas.

O conhecimento de todas as causas destes desequilíbrios nos induz, entretanto, a uma atitude mais cautelosa, uma vez que a parasito- se mental não é a única causa destas alterações. Não desconhecemos que praticamente em todos estes casos há um componente obsessivo, mas o problema surge quando se afirma que, em todos eles, o fator básico é a obsessão.

Não se pode esquecer os casos das doenças mentais de fundo orgânico e que invariavelmente constituem expiação.

Bezerra de Meneses chama atenção para este fato, quando afirma: “Ora, a loucura, como temos demonstrado, é moléstia de fundo orgânico, nuns casos, e é de fundo espiritual, em outros casos; logo a ciência precisa bem conhecer esta diferença, para variar de ação, segundo a espécie”.

E os sintomas destas psicoses de fundo orgânico por vez se assemelham muito aos processos obsessivos.

Uma outra condição que precisa ser considerada antes do diagnóstico de obsessão é a que André Luiz chama de “EMESSÃO DO PASSADO”, em que a pessoa revive situações de encarnações passadas, que entram em choque com a realidade presente, dando aparência de um verdadeiro possesso.

Porque ao influxo das recordações penosas que voltam do pretérito a comunicar-se com o presente, de que se vê assaltado, centraliza todos os seus recursos mnemónicos tão-somente no ponto nevrálgico em que vivenciou o pensamento.

Para o psiquiatra comum é apenas um candidato à insulino-terapia ou ao eletrochoque, entretanto é um enfermo espiritual (não um ob- sediado como parece), é uma consciência torturada, exigindo amparo moral e cultural para a renovação interna, única base sólida que lhe assegurará o reajustamento definitivo.

Mediunicamente falando, trata-se de um processo de animismo - ou uma mistificação inconsciente. Na realidade, a manifestação decorre dos próprios sentimentos arrojados ao pretérito, de onde recolhe as impressões deprimentes de que se vê possuído, externando-as no meio em que se encontra.

Por fim é necessário lembrar que muitos espíritos bastante atrasados moralmente, oriundos de zonas purgatórias, reencarnam para progredir e praticam atos de verdadeira

perversidade. Estes são quase sempre rotulados como obsediados. É claro que eles atrairão a companhia de espíritos da mesma categoria, que os ajudarão, mas a principal causa do comportamento estranho estará neles mesmos, na falta de evolução espiritual.

E por isso que, qualquer precipitação neste campo, pode levar a profundas decepções.

Para o doente se recuperar recomenda-se o maior carinho possível a fim de sanar-lhe a inquietação. Deve ser tratado com a mesma atenção que ministramos aos sofredores que são considerados como obsediados, a fim de que a harmonia se estabeleça. Sabemos que a idéia de mistificação muitas vezes nos impele a desrespeitosa atitude, diante do seu procedimento moral. Por isso nessas circunstâncias, é preciso armar o coração de amor, a fim de que possamos auxiliar e compreender.

Um doutrinador sem tato fraterno apenas lhe agravaria o problema porque a pretexto de servir à verdade, talvez lhe impusesse corretivo inoportuno ao invés de socorro providencial.

Eis as razões por que é imprescindível um estudo metuculoso de cada caso antes de firmar o diagnóstico de OBSESSÃO.

No tratamento de obsessões, é justo que empreendamos esforços e diligenciemos para transmitir noções da Doutrina Espírita cristã ao nosso irmão obsediado, visando torná-lo um companheiro de jornada e um futuro trabalhador da seara do Mestre.

Embora muitos estudiosos do Espiritismo cheguem a declarar que todo obsediado seja médium, até certo ponto concordamos em gênero, número e grau, mas para se chegar realmente ao seu potencial mediúnico, será necessário um espaço de tempo longo e, um estudo interessado pelo paciente com relação à Doutrina Espírita, porque sua faculdade, porém, está minada por uma enfermidade relativamente profunda e medianamente generalizada, que lhe não permite um trabalho ajustado aos fins do Espiritismo cristão. Foi o próprio Allan Kardec que nos ensinou que a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um espírito mau. Nessa situação esse médium refletirá a sua própria imperfeição interior e a do espírito que o domina, podendo ser tido na conta de médium-egoísta ou médium-orgulhoso que sofre presentemente, resultado de suas ações no pretérito e de seu não reajuste no presente.

Portanto, não devemos conduzi-lo ao intercâmbio mediúnico do Espiritismo cristão. Porque o intercâmbio mediúnico requer criaturas equilibradas, que lutem por dominar suas más paixões.

Nós sabemos que todo obsediado deve ser submetido a um tratamento criterioso do seu mal, recuperando-se de sua enfermidade, e de- 146

pois que houver atingido um regular autodomínio e renovado suas companhias espirituais, é então que deverá candidatar-se à posição de medianeiro nos Centros Espíritas, a fim de que as mensagens intercambia- das sejam úteis a todos.

O foco central e gerador de todo processo obsessivo localiza-se na própria alma encarnada e nela, estão, ao mesmo tempo, todos os elementos que lhe permitem sanear-se dessa enfermidade espiritual de extrema gravidade. A atitude mental desajustada do encarnado é que sustenta os liames por onde o mal se instala e se alimenta; o homem que cria em si inveja, ciúme, ódio, por exemplo, liga-se a ondas mentais, recebendo toda influência deletéria, abrindo assim passagem para os processos obsessivos.

Constitui-se um grande engano querer fazê-lo ocupar a posição de médium em reuniões espíritas.

Ele não tem condições de lucidez e nem será fiel e maleável, já que se encontra às voltas com um inimigo que o sitia e que lhe toma as rédeas de sua própria vontade.

Sabemos com convicção que o mal da obsessão reside no encarnado. E ele precisa urgentemente doutrinar-se.

E auxílio dos mais caridosos o tomar-lhe o nome e o endereço e encaminhá-lo a um grupo de desobsessão, ou a outros ensinamentos da Doutrina Espírita, como por exemplo ao "Culto do Evangelho do Lar", ao "Culto da Assistência", e aos "Estudos coletivos em nossos templos de Espiritismo cristão", como também ao convívio amável de almas nobres, às conversações fraternas e renovadoras, à terapêutica dos passes espirituais e de água fluidificada - e estaremos abrindo-lhe as portas de reajuste moral que findará com o acesso que esteja permitindo a interferência de um espírito mau e se habilitará para, no futuro, tornar-se obreiro da seara do bem e do amor.

## CAPÍTULO 41 COMO SE UBERTAR DA OBSESSÃO

Nos dias que correm, a obsessão tem sido um flagelo que vem assolando a Humanidade. Tem sido muito grande o número de criaturas que sofrem debaixo de uma insidiosa influência espiritual.

Geralmente, trazemos de vidas passadas verdadeiros algozes que querem se desferrar de qualquer maneira de tudo quanto lhes fizemos de mal; e também porque mantemos hoje pensamentos malsãos e estes pensamentos se tornaram porta aberta às insinuações perniciosas de identidades perturbadas e perturbadoras.

Estas obsessões se corporificam de muitas maneiras: às vezes ostensivamente em forma de loucura, outras vezes, de maneira sutil como indefinido mal-estar, insatisfação, desencanto pela vida, um verdadeiro desânimo e até mesmo descrença em Deus.

E dentro deste quadro de sofrimento, o Centro Espírita Kardecis- ta é a esperança

para um verdadeiro refrigerio destes corações sofridos. Ali a alma cansada de padecer encontra consolação do Mestre Jesus, em forma de esclarecimento para suas mentes. E ali ela se recompõe e se esclarece. E o espírito desencarnado que estava promovendo aquele estado de obsessão é doutrinado e abandona sua vítima.

! Se por acaso o Centro Espírita não se prestasse para nenhum outro tipo de serviço de assistência moral, espiritual e mesmo material às criaturas, pelo quinhão que dá nos dramas obsessivos, tentando minorar a dor de todos os que a ele recorrem, por si só já teria prestado inestimável benefício aos habitantes dos dois mundos visível e invisível.

São empregados variados meios para a desobsessão. O esclarecimento à luz do Espiritismo funciona tanto na prevenção como na terapêutica da obsessão. Por prevenção, entendemos que a criatura deve evitar contrair novos débitos que por certo reforçaria a prática novamente da obsessão; e por terapêutica, entendemos que a criatura deve criar condições de curar-se de seus males espirituais. No caso da tentativa de cura do processo obsessivo, são diversos os recursos que o Centro Espírita utiliza: a aplicação de passe, a ingestão da água fluidificada, a prática da oração (prece), a leitura de livros edificantes, a manutenção de pensamentos bons e nobres, a dedicação da vida às causas superiores e sobretudo a resignação e a fé em Deus.

Muitas curas são obtidas, à mercê das bênçãos de Jesus. Uma vez esclarecida a dupla - "Obsessor e Obsediado" - muitas vezes se consegue transformar as algemas do passado em laços fraternos para o presente e para o futuro. O perdão é sempre o sublime catalisador desta reação química maravilhosa que se opera no santuário de cada um dos envolvidos naquela tão dolorosa situação; para a cura do obsediado é importante a colaboração da família, embora a principal colaboração seja do próprio obsediado. A colaboração para restabelecimento do obsediado parte do princípio de que não devemos esperar nenhum milagre do Centro Espírita, pois o restabelecimento do enfermo espiritual não é instantâneo, nem um simples piscar de olhos.

É preciso a disposição amorosa de todos, colaborando para que o obsessor abandone seu propósito de desforra, pois aquelas algemas de rancor foram forjadas no passado durante longo tempo, ou mesmo já nesta presente encarnação como vingança, ou ainda uma inveja a que o espírito obsessor tenha se apegado talvez até por má interpretação de um dos nossos sentimentos que o tenha atraído.

Para nos libertarmos do obsessor, a principal preocupação é com o ambiente familiar, pois deve ser criada em torno do mesmo uma atmosfera de paz, de tranquilidade e de esperança ao redor do paciente. E nada de curiosidade malsã em relação ao fenômeno mediúnico. Tem um provérbio que diz que há males que vêm para o bem.

Nós conhecemos muitas famílias que se voltaram para o Espiritismo, graças a um processo obsessivo em um dos seus membros. E o mal veio para o bem de todos; a dor que apareceu em um deu a oportunidade de esclarecimento em outros. O Espiritismo tem

demonstrado este esclarecimento a todos os que o procuram.

O Evangelho Segundo o Espiritismo, nos capítulos 3 e 4 explica que a Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e de provas e eis aí por que o homem vive em luta contra tantos infortúnios, onde o mal predomina.

Portanto, na Terra, o homem bom não se caracteriza pelo mal que não faça, e sim pelo bem, que é inerente à sua pessoa, e pelas testemunhas constantes de sua posição evolutiva, e que o distingue da predominância geral. A omissão dos bons, portanto, é um paradoxo, principalmente se se trata de espíritos. Aí a questão adquire aspecto perigoso e relevante, pois numa época em que há em todo o mundo a promoção do mal causando distúrbios de toda sorte, omitir-se significa faltar com o remédio ou com o apoio no momento em que mais se precisa, o que é, no mínimo, uma falta de caridade.

O mal em si mesmo não é tão forte quanto se propaga. O que o faz maior no seio das sociedades, não é decorrente de suas propriedades, mas sim da negligência dos bons quanto às responsabilidades que lhes cabe assumir. E quando são espíritos os omissos a amplitude dos prejuízos torna-se bem maior, pois a omissão em parte é filha do medo e do comodismo.

A Doutrina Espírita está a salvo destes problemas, pois não depende dos homens. O mesmo não se pode dizer do movimento espírita, que é uma resultante dos esforços dos espíritos. Portanto, devemos assumir o serviço com ardor e com espírito de fraternidade, porque todos nós seremos beneficiados no futuro, pois de todas as boas ações que praticamos aqui no planeta Terra nós colheremos os frutos na vida futura, na vida espiritual.

O Espiritismo explica que ninguém sofre injustamente. Em vidas passadas estão registradas as causas de todo o nosso sofrimento atual.

Nosso presente é a oportunidade sublime do reajuste e da conquista espiritual e nenhum de nós poderá menosprezar, sem arrependimento tardio, as horas perdidas alimentando nossa vaidade, nosso egoísmo, nossas fraquezas morais.

Devemos acostumar nossas mentes a buscar dentro de nós mesmos a força da renúncia e da humanidade, facilitando a ajuda espiritual que vem sempre em nosso socorro através da infinita misericórdia de nosso pai.

Procuremos sempre analisar e eliminar, constantemente, de nosso íntimo as milenárias mazelas morais, que trazemos em nossa bagagem espiritual — fruto de nossa insensatez e nosso orgulho, contraído em vidas passadas; procuremos durante a nossa existência, neste planeta, não contrair novos débitos, para que quando formos chamados a tomar parte na grande viagem para o outro lado da vida possamos nos apresentar sem nenhuma bagagem; mas, se por acaso não for possível evitar a bagagem, que seja apenas uma bagagem pequenina, leve, insignificante, que não venha atrapalhar nossa entrada em planos mais elevados. O essencial será nos apresentarmos quites, sem nenhum débito e que

a nossa bagagem seja somente inteligência, os conhecimentos espirituais adquiridos e as qualidades morais.

## CAPÍTULO 42 NECESSIDADE DE EVANGELIZAÇÃO

*O maior mal da humanidade, no nosso apoucado entendimento, é a irreligiosidade que, sob o estímulo dos costumes cultivados pela educação materialista, se tornou responsável pelo ateísmo consciente e inconsciente que lavra no mundo atual.*

*Jesus deixou sua doutrina na Terra, sem dogmas absurdos ou práticas que recordem as realizadas no velho mundo pagão.*

*Seus primeiros discípulos, cheios de amor e humildade, procuraram disseminá-la mais pelo exemplo do que pela palavra. Não tardou, entretanto, que interesses subalternos se intromettessem no seio dos que os substituíram, e a pureza dos Evangelhos foi, pouco a pouco, maculada por intenção, e cada vez mais se distanciava da doutrina verdadeiramente cristã, predominando, na realidade, o lema egoístico: “Mateus, primeiro os teus”...*

*Dessa forma, o mundo foi virando, virando, o espírito religioso, debilitado pelas contradições dos que o difundiram, já sem autoridade para tanto, foi progressivamente enfraquecendo, dando lugar a dissensões e lutas, precipitando reformas que, por sua vez, na tentativa de reparar erros que infestavam o campo religioso, criaram outros, porque também careciam de umas tantas qualidades para melhorar e consolidar as condições morais e espirituais do desiludido, com a intolerância e as incoerências do poder papal.*

*O comportamento dos pseudo-herdeiros do Cristo, já arruinados pela ambição, o fanatismo e a ânsia do poder, deu forças ao materialismo para reagir, não apenas contra os que fraudaram a doutrina de Jesus, mas contra o próprio espírito religioso.*

*Daí por diante, a irreligiosidade estende-se depressa, porque o Cristianismo, desfigurado, traído, tomou-se intelectual e ideológico. Mas, não foi o Cristianismo do Cristo que falhou. Não! o Cristianismo continuou imaculado, porque Jesus não criou dogmas absurdos, não formou grupos clericais, não deixou normas políticas, não pensou jamais em tentar o poder temporal, para, pela força, pela insídia e até pela violência, submeter a Humanidade a seu jugo. Nunca!*

*Tanto assim que Ele, no momento oportuno, enviou-nos o Consolador Prometido, por intermédio de espíritos superiores, escolhendo Allan Kardec para o trabalho gigantesco e imortal da Codificação, por ser um homem de moral ilibada e de cultura sólida, de espírito sadio e visão ampla das coisas sérias, como foi o Missionário da Luz!*

*O mundo carecia, como ainda carece, de evangelizar-se, pois a tarefa dos primeiros cristãos foi deturpada por interesses colidentes com a idéia do Cristo.*

Todavia, em pouco mais de um século, o Espiritismo Cristão tem feito enorme progresso, embora o ambiente de irreligiosidade continue a ser explorado pela Treva, que resiste desesperadamente, mas acabará cedendo à força do Evangelho. O mundo continua necessitado de evangelização, todos sabemos. Porém, o trabalho dos legítimos adeptos de Jesus está ganhando terreno, na luta contra adversários poderosos, que não poderão, jamais, superar os objetivos do Mestre Nazareno.

EVANGELIZAR é, mais do que antes, a palavra de ordem. Evangelizar pelo exemplo, pela palavra, no lar e fora dele, em qualquer porto, em qualquer circunstância. Essa tarefa dos espíritos conscienciosos, de que nos fala Kardec. Diz-nos também o lúcido espírito Bittencourt Sampaio, em "Do Calvário ao Apocalipse" através do grande médium Frederico Júnior. – Evangelizar quer dizer traduzir em espírito e verdade os ensinamentos do amado Mestre, derramando-os no coração, na alma das pobres criaturas.

Jesus recomendou aos seus discípulos sobre a evangelização, pois todo cristão tem por obrigação continuar a evangelização, até a consumação dos tempos, e evangelizar é dar exemplo de humildade, é fugir às pompas e grandezas, às riquezas e honrarias. Colunas levantadas sobre um chão de areia movediça e que apenas a um sopro da verdade ruem por terra, pois não se compraz a verdade com esses fundamentos recalcados de vícios e paixões, de misérias, de tudo quanto, enfim, pelo Cristo foi condenado.

Não se culpe o extraordinário progresso material da Terra; culpe-se, isto sim, o cultivo da irreligiosidade no lar, nas escolas, na vida de relação. Evidentemente, ser religioso não é bater no peito a todo momento, nem desfiar rosários, mastigá-los, ruminando rezas; não é submeter-se servilmente ao domínio do fanatismo, nem cultuar a intolerância, o dogmatismo absurdo e caduco; não é considerar inimigos os outros credos; não é entregar-se a práticas que não mais satisfazem à compreensão dos homens inteligentes. Ser religioso é seguir, passo a passo, os preceitos de fraternidade, de amor ao próximo, de respeito a todos os seres vivos e, sobretudo, de respeito a Deus, que se acha tão acima de nós que constitui sacrilégio pretendermos enquadrá-lo em pobres e lastimáveis definições. Desde que cultivemos a idéia, digamos assim, de Jesus, estaremos reverenciando, não apenas o Mestre, mas também a Deus, a quem devemos até a oportunidade de viver.

Em qualquer setor religioso, filosófico ou ideológico, há sempre aqueles que à lei se incorporam sem atinarem precisamente com os compromissos que assumem com a sua adesão. Por isso, não assimilam o que aprendem, e desistem, ou, o que é comum, permanecem entre os companheiros, sem, entretanto, produzir qualquer benefício.

Ficam na periferia, discutindo, dando opinião sobre assuntos que não conhecem suficientemente, transmitindo, aos que os supõem capacitados para opinar, os conceitos errados, as conclusões falsas decorrentes da falta de adequado preparo.

Assim, vão propagando opiniões sem fundamento na verdade, muitas vezes de boa-fé, pois nem sempre suspeitam da insustentabilidade do que afirmam. Via de regra, são

mais afoitos os que mais procuram projetar-se, buscando aplausos, cortejando a popularidade. Coisas assim vêm acontecendo há mais de dois mil anos, não obstante Jesus ter dado à humanidade uma doutrina que, respeitada e seguida, representa o mais perfeito e eficiente tratado de Relações Humanas que conhecemos.

Ora, a Doutrina Espírita é de essência evangélica. Foi declarada no pensamento de Jesus que Kardec tão bem compreendeu e teve como lema estas palavras expressivas: **TRABALHO - SOLIDARIEDADE - TOLERÂNCIA.**

Quantos, porém, se lembram disso, quando divergem? Perdem o sentido de solidariedade, porque não estão de acordo, direito que lhes assiste e que deve ser respeitado, mas enveredam facm..jite pelo outro caminho da intolerância, o que não constitui direito, mas abuso do livre- arbítrio de que dispõem. Em vez de divergência serena, fazem críticas azedas, nem sempre com razão, atacam, polemizam e, o que é curioso, depois disso tudo, ainda se consideram cristãos.

Há falta de Evangelho no mundo; como consequência disso, há falta de humildade e de tolerância. Em suma, falta de amor, porque só o amor pode contribuir para a felicidade do mundo. Mas sem o cultivo das virtudes que estão nos Evangelhos, a Humanidade continuará por muito tempo a ser julgada pelo medo e a ser poluída pela irreligiosidade, pregada pelos que desejam vê-la sofrendo e escravizada, mais sob o domínio do instinto do que da razão esclarecida.

Por tudo isso, temos muitíssima necessidade de nos evangelizarmos, para que, um dia, humildemente, possamos ser admitidos como seguidores do CRISTO.

(t ransc. do Reformador de agosto de 1975, pág. 175 de Idalécio Mendes).

## **CAPÍTULO 43 A IGREJA E O CRISTIANISMO**

O direito de pensamento é o que existe de maior e de mais nobre em nós. Ora, a Igreja sempre se esforçou para impedir o homem de usar esse direito que fez que esses mesmos homens pudessem conciliar os sublimes postulados de Jesus, com os que foram expostos por Moisés, em nome de um imaginário Deus Jeová, que foi o maior incentivador dos patriarcas a vingança. Haja vista quando o senhor Deus Jeová dialogava com Caim, e lhe dizia que, quem matar a Caim, será sete vezes vingado. Ele instruía Moisés e Abraão à vingança. Achamos que é por isso e baseada nestas orientações que a Igreja Católica Romana não pensou duas vezes para criar a Inquisição, e levou milhões e milhões de pessoas às fogueiras e às prisões supliciais.

Deus da infinita bondade que é, jamais condenaria seus filhos, pelo erro cometido pelos nossos primeiros pais .

Que pensar, assim, diz com muita razão E. Bellemore, de um juiz que condenasse um

homem sob pretexto de que há milhares de anos um seu antepassado cometera um crime? É, entretanto, esse odioso papel que o Catolicismo e outras seitas atribuem ao juiz supremo - Deus .

Vejamos o que diz o grande escritor espírita Leon Denis; se considerarmos o dogma do pecado original e da queda, tal qual é, em realidade, isto é, como um mito, uma lenda oriental, exatamente como se nos depara em todas as cosmogonias antigas; se destruímos com um sopro tais quimeras, todo o edifício dos dogmas e mistérios imediatamente desmorona. Que restará então do Catolicismo? Restará o que ele contém em si, susceptível de elevar e fortalecer a humanidade.

A queda da humanidade em Adão, diz o Abade Noirlieu em seu *Catecismo Filosófico para Uso dos Seculares*, e a sua reparação em Jesus Cristo, são os dois grandes fatos sobre que repousa o Cristianismo. Sem o dogma do pecado original, não mais se concebe a necessidade do Redentor. Por isso nada é ensinado mais explicitamente pela Igreja do que a queda de Adão e as suas funestas conseqüências, para todos os seus descendentes<sup>1</sup>.

Voltaire, pouco simpatizado pelo clero porque nunca aceitasse as suas puerilidades teológicas, diz:

Se Deus tivesse a princípio espalhado a luz nos ares, para ser em seguida jorrada pelo sol, a fim de iluminar o mundo, não poderia essa mesma luz ser projetada, nem iluminar, sem ser separada das trevas, nem fazer um dia da tarde à manhã, antes que o sol existisse; esta teoria é contrária à física e ao bom senso.

O Deus de Moisés, ao que tudo indica, não era muito versado em astronomia, do contrário teria sabido que a lua não possui luz própria, e que apenas irradia aquela que recebe do sol. Como é, pois, que a ignorante gênese está bem longe de acreditar que a lua, a Terra e mesmo o sol, significam muito pouco em face do universo, que o nosso brilhante astro-rei, astro central do mundo em que habitamos, é uma estrela modesta, uma das inúmeras que compõe a Via Láctea. O autor sagrado não vê que a Terra, ínfimo planeta em realidade, gira em torno de uma estrela de sétima grandeza; e esta estrela, sol, o pobre narrador a faz depender, astronomicamente, de seu planeta. Moisés, o pobre Moisés!... ele mesmo ficaria pasmo, se, com o consentimento de Deus viesse hoje ao mundo e se pusesse a estudar em qualquer dos seus potentes observatórios. Como não ficaria estarrecido ante as maravilhas celestes e com as dimensões e volume das estrelas!... Iria o grande legislador judeu saber que o nosso sol é um milhão e trezentas mil vezes maior do que a Terra; e que Sírius ultrapassa o sol doze vezes em grandeza; Poncion, seis vezes; que Deneb do Cisne é a segunda estrela da grande Ursa; Vega, o belo sol azul da Ura; Pollux, dos Gêmeos, são também estrelas majestosas, faróis gigantescos disseminados na noite sideral e perto dos quais o nosso sol

<sup>1</sup>1. M.C. Melo - A Bíblia dos Nossos Dias - págs. 30 e 36.

faria efeito de simples ponto luminoso. Ficaria tonto quando soubesse que “a Capela ou a Cabra”, astro enorme, é 5800 vezes maior que o nosso sol; que Arcturus, apesar de sua incrível distância, luz ainda com brilho que eclipsa todos os astros de nosso céu boreal; enfim, Betelguese, da constelação do Orion.

A própria imaginação de Moisés não acharia palavras para exprimir essa visão assombrosa. As duas estrelas, Arctures e Betelguese, valem cada uma muitos milhares de sóis como o nosso. Entre elas e o nosso astro do dia, há quase a mesma proporção que entre o nosso sol e a Terra. Entretanto, a nossa Astronomia achou uma estrela que eclipsa. Para percebê-la, é preciso ganhar as regiões astrais, onde ela brilha na Constelação do Navio; é a famosa Canopus, a mais poderosa estrela conhecida até hoje, porque é igual a 8700 sóis reunidos.

O astrônomo inglês Walkai, membro da Sociedade Real Astronômica de Londres, entre todos os astros examinados ao telescópio e de que se tem ensaiado medir a distância, a luz, o calor, acaba de estudar Canopus. A sua distância da Terra seria de quatrocentos e oitenta e nove anos luz, isto é, o raio luminoso que nos chega hoje dessa estrela deve ter partido no ano de 1491.

Este astro formidável não é, entretanto, o pivô em torno do qual evolui nosso sol; é em torno de Alcione, estrela da constelação das Plêiades, que nosso sistema solar preenche, em vinte e dois e meio milhões de anos, uma de suas grandes revoluções, e, o raio de luz de Alcione deve viajar durante 715 anos antes de poder atingir a nossa Terra. Há estrelas cuja luz só nos chega depois de 5500 anos.

O grupo de Plêiades compõe-se de um milhar de estrelas, de que somente sete são visíveis a olho nu.

Tudo isso Moisés aprenderia e muito mais ainda, e iria, com certeza, se entristecer, por haver impingido à humanidade, como havendo partido de Deus, os seus velhos ensinamentos, tão distanciados da verdade.

Não é possível, por mais cega que pretenda ser uma fé, dar guarida a uma gênese que a ciência rejeita completamente.

Como é possível, às vezes, perguntamos, que os homens eminentes, homens cuja cultura não pode ser posta em dúvida, aceitem, sem qualquer exame, essas frivolidades bíblicas? Será que não estamos raciocinando bem? Será que a ciência é uma mentira? Não pode ser, a ciência é a maior revelação divina aos homens.<sup>2</sup>

Allan Kardec, falando sobre o assunto, isto é, sobre a criação da luz, diz: o erro vem da falsa idéia em que se permaneceu por muito tempo, de que todo o universo começou com a Terra, e não se compreender que o sol pudesse ter sido criado depois da luz. A assertiva de Moisés é falsa nesta parte.

<sup>2</sup>2. M.C. Melo – A Bíblia dos Nossos Dias – pág. 45.

*E continua: sabe-se, hoje, que antes do sol e da Terra, existiam milhares de sóis e de terras, que gozavam, por conseguinte, da luz. A assertiva de Moisés é, pois, perfeitamente exata como princípio, mas é falsa na parte em que supõe a Terra criada antes do sol. Estando a Terra vassalada ao sol, em seu movimento de translação, não podia ser formada senão depois dele. É o que Moisés não podia saber, pois que ignorava a lei da gravitação.<sup>3</sup>*

*A mesma idéia está consignada na Gênese dos antigos persas. No primeiro capítulo do Vendidad, Ormuzd, narrando a origem do mundo, declara: Criei a luz, que foi iluminar o sol, a lua e as estrelas (Dictionnaire de Mythologie Universelle). A forma aqui é mais clara e mais científica do que em Moisés e dispensa comentários.*

*Argumentando dessa forma, poderíamos, com o auxílio de homens eminentes de que nos temos socorrido, indefinidamente falar sobre este assunto. Mas não é nosso desejo fatigar o leitor, e sim provar com lógica, dentro da história e da ciência, que as concepções mosaicas em matéria de criação do mundo não podem ser levadas a sério.*

*Vemos pela citações de Kardec, cheias de bom senso, e de convicção, que ele repele com todas as forças que Moisés haja recebido diretamente de Deus esses ensinamentos que, ninguém o ignora, a ciência destruiu de uma vez para sempre.*

*E creiam os que nos lerem que apesar dos pesares, ainda há, no mundo em que vivemos, homens de elevada cultura, arraigados, por temor de um inferno criado como fonte de renda, a essas frivolidades bíblicas.<sup>4</sup>*

*Os teólogos se julgam os únicos a terem autoridade para interpretar as escrituras. São, no seu entender, as únicas inteligências de escolha, a quem Deus confiou a verdade integral. Mas isso é apenas pretensão.*

*A ciência e a filosofia não precisam de licença para trazer luz à confusão incrível que esses pseudo-iluminados têm lançado sobre os homens: os sistemas utópicos de nossos ancestrais são separados da verdade, pelo futuro, pelo bom senso, pela lógica. A ciência será sempre o comandante-em-chefe desses desbravantes.*

*Os espíritos não ensinam senão justamente o que é mister para guiar no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode achar por si mesmo.<sup>5</sup>*

*No dizer de Jacolliot, crença imposta, domínio pela superstição, pelo charlatanismo e pela mentira, culto do maravilhoso, são lendas e mistificação ou proscricção da razão.*

*Não sabemos o juízo que esses homens fazem do infinito; não atinamos com o conceito que eles formam do Criador — em acreditar-se que Deus, o infinito em todas as suas perfeições, se dignasse baixar à Terra, em forma humana, para ditar a Moisés aquilo que a ciência do tu-turo iria destruir completamente, francamente, é muita ingenuidade.*

<sup>3</sup>3. A. Kardec — A Gênese Segundo o Espiritismo — 7- ed. pág. 274.

<sup>4</sup>4. M.C. Melo — A Bíblia dos Nossos Dias.

<sup>5</sup>5. A. Kardec - A Gênese Segundo o Espiritismo - 6<sup>o</sup> ed. pág. 32.

Para mostrarmos, tanto quanto nos é possível, com as nossas acanhadas faculdades, a infinidade de espaços, suponhamos que, partimos da Terra, perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do universo. E isto com a velocidade prodigiosa da luz, que percorre milhares de quilômetros por segundo, apenas acabamos de deixar este globo, tendo percorrido milhões de quilômetros e já nos acharemos em um lugar, de onde a Terra somente nos aparece sob o aspecto de uma pálida estrela. Um instante depois, seguindo sempre a mesma direção e já nos achamos na diretriz das estrelas longínquas; e que de nossa estância terrestre, mal a distinguimos; e daí não somente a Terra se perde da nossa vista nas profundezas do céu, mas, ainda, o nosso próprio sol, com todo o seu esplendor, se eclipsa, pela extensão que nos separa dele.

Animados sempre pela mesma velocidade do relâmpago, atravessamos sistema de mundos, a cada passo que avançamos na imensidade, ilhas de luz etérea, vias estelíferas, paragens suntuosas, onde Deus semeou os mundos e com a mesma profusão com que semeou as plantas nos prados terrestres. Ora, há apenas alguns minutos que caminhamos, e já centenas de milhões e milhões de quilômetros nos separam da Terra; milhões de mundos passaram sob as nossas vistas, sendo que, todavia, não temos, em realidade, avançado um só passo no universo.

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos, cem vezes seculares, e incessantemente, com a mesma velocidade do relâmpago, nada mais teremos avançado!... e isso de qualquer lado que partamos, para qualquer ponto a que nos encaminhemos, desde que deixemos este grão invisível que se chama Terra Eis o que é o espaço.<sup>6</sup>

Kardec nos dá uma noção embora sumária do que seja o infinito — ele se refere, apenas, à imensidão dos céus, onde os mundos existem aos bilhões.

Será possível, perguntamos agora, que o Criador de tudo o que nossa imaginação divisou nesse passeio, através do espaço incomensurável, se tenha manifestado a Moisés, de forma visível? Aceitar essas frivolidades é o mesmo que renunciar à inteligência, ao bom senso, à lógica. É diminuir e restringir o infinito a este conglomerado de átomos que somos nós.

Em face do exposto, concordamos com Jacolliot, quando afirma que se chega a reconhecer, enfim, que todos os pretensos dogmas revelados sobre a origem do mundo, a natureza de Deus, e suas manifestações visíveis, não são mais que um tecido de fábulas alegóricas sem consistência e que faz vergonha à razão humana.<sup>7</sup>

A ciência desempenha um papel capital na educação intelectual e moral da humanidade. Pelo conhecimento das leis da física, há mais ou menos dois séculos, “a

<sup>6</sup> A. Kardec - A Gênese Segundo o Espiritismo - 6<sup>ed.</sup> ed. págs. 108 e 109.

<sup>7</sup> M.C. Melo — A Bíblia dos Nossos Dias — págs. 52 e 53.

ciência revogou a concepção do universo e derrubou, para sempre, as noções do milagre e do sobrenatural”.

Washburn foi muito sábio e inspirado, quando declarou que, para lançar um milagre, basta um mentiroso que o invente, e um imbecil que nele creia.

Portanto, caros leitores, as estatísticas, referentes aos planetas transcritos neste capítulo, são dados susceptíveis de verificação pelo olho humano com possantes aparelhos telescópicos, e é uma pálida visão da alma encarnada, nas leis organogénicas da estrutura celular sem nos referirmos diretamente às esferas múltiplas, situadas em diferentes planos vibratórios, a expressarem-se em mundos maravilhosos, inacessíveis à observação terrestre, cidades divinas, ilhas bonançosas de aprendizados e repouso, lares de afeto e encantamento, círculo de trabalho, zonas ratificadoras e campos evolutivos, nos domínios eternos do espírito.

## CAPÍTULO 44 O PACTO DE DEUS JEOVÁ COM O PATRIARCA ABRAÃO

Um das coisas mais absurdas em toda a história da Gênesis foi o pacto que Deus Jeová fez com o patriarca Abraão, quando de sua partida para o Egito, acompanhado de Sarai, sua mulher, e seu sobrinho Ló.

Aconteceu que, chegando Abraão, para entrar no Egito, disse à mulher Sarai: Ora, bem sei que és mulher formosa à vista. Por isso:

1º) E será que quando os egípcios te virem, dirão: esta é sua mulher? E matar-me-ão a mim, e a ti te guardarão com vida;

2º) Dize, pois, que és minha irmã, para que me considerem por amor de ti e, por tua causa me conservem a vida;

3º) E aconteceu que, entrando Abraão no Egito, viram os egípcios a mulher de Abraão que era sobremaneira formosa;

4º) E viram-na os príncipes de Faraó, e gabaram-na diante de Faraó; e foi a mulher tomada para a casa de Faraó;

5º) E fez Abraão, por amor dela; e ele Abraão esteve muito bem recompensado; recebeu muitas ovelhas, vacas, jumentos, camelos, servos e servas (Gên. Cap. XII e Vers. 11 a 20).

Esta ventura é bastante edificante, os seguidores do Velho Testamento parece que lêem estas histórias e não atinam para o seu conteúdo; os protestantes e católicos não reprovam estes atos abomináveis, parece que acham muito natural o que Abraão fez, entregando sua mulher para viver marital mente com Faraó, em troca de riquezas; haja vista que Abraão, depois da transação, ficou milionário. As Santas Escrituras não tiveram uma palavra de censura para com o patriarca Abraão. Notemos de passagem que Sarai

tinha então 65 anos de idade, mas nem as fadigas de uma longa viagem através do deserto conseguiram diminuir- lhe a beleza. Se o Faraó recompensava a soberba mulher não acreditava de forma alguma que estivesse enganando um marido.

Diz a história da Bíblia que, depois do ato abominável, o Senhor feriu a Faraó e a sua casa com grandes pragas por causa de Sarai, mulher de Abraão; não que a Bíblia tenha achado aquele ato reprovável; pelo contrário; Deus Jeová abençoou o patriarca Abraão com grande bênção, e diante do ocorrido, Faraó mandou chamar Abraão e disse-lhe;

O que é isto que me fizeste? Por que não me disseste que era ela tua mulher? Toma-a e vai-te.

Por que me disseste; É minha irmã, por que me mentiste? De maneira alguma não a houvera tomado por minha mulher, agora, pois, eis aqui tua mulher, toma-a e vai-te. E Faraó deu ordem aos seus varões a respeito do acontecido, e mandou que os acompanhassem, Abraão e a sua mulher, e a todos seus bens que os tinha ofertado, pela troca de sua mulher.

E subiu, pois, Abraão do Egito para a banda do sul, ele, sua mulher, e Ló, seu sobrinho, e tudo que havia ganho com a transação criminosa.

Obs; - O Faraó foi muito mais consciencioso do que o próprio Abraão; no momento que soube da verdade mandou desfazer a transação, devolvendo a esposa de Abraão, mas Abraão não devolveu os bens recebidos pelo negócio, ficou com a mulher e os bens, eu acho muita desonestidade em Abraão.

E ia Abraão muito rico em gado, outros animais, prata, ouro (Gen. cap. XIII vers. 1 e 2).

O absurdo a que me referi, no começo deste capítulo, e que não compreendo, e os leitores, também, tenho certeza que não compreenderão é que um homem protegido por Deus Jeová, como era Abraão, moralizado e escrupuloso, nada restituísse ao Faraó; como se admitir que um homem dessa espécie fosse real mente protegido por Deus, e venerado hoje pelos católicos e protestantes?

Surge depois a grande questão, entre os pastores de Abraão e o seu sobrinho Ló. Abraão ficou no país Caná, e Ló seguiu pela planície do Jordão, e se fixou em Sodoma, onde armou sua tenda.

Depois veio a guerra dos quatro reis, contra cinco, a prisão e o cativoiro de Ló, etc.

Este nômade, que não possuía uma polegada de terra no país, depois da transação ilegal de sua mulher com Faraó, passou a ter muito poderio, pois tinha sob suas ordens um número considerado de servos, e entre eles, armou trezentos; e com esse punhado de homens conseguiu desbaratar os exércitos de quatro reis, os mais poderosos da região, que são:

“Anrafel, rei de Siná; Ariaque, rei de Elasar, Quedoreaomer, rei de Elão, e Tidal, rei de Goim”. Vitória extraordinária, pois ele perseguiu os monarcas até Dan. Tendo ainda

*Abraão dividido seus servidores atirou-se sobre os reis durante a noite, venceu-os e perseguiu-os até Habar, fazendo aí um precioso saque e trazendo, além disso, Ló, seu sobrinho, que era prisioneiro, e as mulheres de todo o povo.*

*Depois desta carnificina praticada por Abraão veio a palavra do Senhor Deus Jeová a Abraão em visão, dizendo: Não temas Abraão, eu sou teu escudo, e o teu grandíssimo galardão.*

*Então disse Abraão: Senhor Deus, que me hás de dar; pois sem filho, o mordomo de minha casa é o Damasceno Eliezeri...*

*Disse mais Abraão: Eis que não me atendes dando semente, e eis que, um nascido de minha casa será o meu herdeiro. Foi aí que veio a palavra do Senhor Deus Jeová a ele, dizendo: Este não será o teu herdeiro. E então o levou fora, e disse-lhe: olha para os céus e conta as estrelas, se as pode contar. E disse-lhe: assim será a tua semente, aquele que será nascido de ti, e não do teu escravo, ou servo (Gen. cap. 15, vers. 1 a 5).*

*E Abraão, ainda, não ficou satisfeito; ora, Sarai, a mulher de Abraão, não lhe gerava filhos, e ela tinha uma serva egípcia, cujo nome era Agar.*

*Disse Sarai a Abraão: Eis que o Senhor me tem impedido de gerar; entra pois a minha serva Agar. E por ventura terei filhos dela? E ouviu Abraão a voz de Sarai. (Gen. XVI vers. 3 a 16). Pelo que se deduz, Sarai estava disposta a perfilar os filhos nascidos de sua serva Agar.*

*Assim tomou Sarai, a mulher de Abraão, a Agar egípcia sua serva, e deu-a por mulher a Abraão, seu marido, ao fim de 10 anos que Abraão habitara na terra de Caná. E ele entrou a Agar e ela concebeu. E vendo ela que concebera, foi sua senhora Sarai desprezada aos seus olhos.*

*Então disse Sarai a Abraão: meu agravo seja sobre ti. Minha serva pus em teu regaço; vejo ela agora entre mim e ti.*

*E disse Abraão a Sarai: eis que tua serva está em tuas mãos, faz-lhe o que é bom aos teus olhos. E afligiu-se Sarai, e Agar fugiu de sua presença.*

*Caros leitores, o que seria de nossa sociedade se essa moda pega, se fossem permitidas essas coisas, que a família ideal usou! Imaginemos, um instante, as mulheres sem filhos a aconselharem seus maridos a tomarem as empregadas, a fim de conseguirem descendentes!... Se assim fosse, só as mulheres bonitas seriam aproveitadas em serviço doméstico, pela suposição que os patrões teriam da esterilidade das esposas legítimas.*

*Hoje, quando se interrogam os chefes religiosos, por estes atos de Abraão e de outros patriarcas, eles sempre respondem que são coisas daqueles tempos. Mas, é nos tempos atuais, que nos impingem a Bíblia como livro sagrado, e matéria para servir de farol à humanidade.*

*Léo Taxil nos diz, historiando um curioso detalhe, que os clérigos omitiram, em seus manuais da história santa, a assinatura do pacto, e que entretanto se encontra na Bíblia.*

É que Deus Jeová fez uma aliança com Abraão, mudou o seu nome de Abraão para Abrão, e a assinatura deste pacto, em vez de ser preto no branco (papel e tinta), exigiu Deus Jeová do patriarca que todo seu povo se submetesse “à circuncisão”.

Diz Deus Jeová a Abraão: tu cortarás a carne do teu prepúcio, e isto será o sinal de minha aliança contigo e com os teus. Toda criança do sexo masculino, desde que tenha oito dias de nascida, será obrigatoriamente circuncidada entre vós, na vossa geração, mesmo a nascida dos escravos, compradas do estrangeiro, e que não pertença a vossa raça. Assim minha aliança será com a vossa carne, para que seja uma “aliança eterna”. E o macho incircunciso, cuja carne do prepúcio não tenha sido cortada, será exterminado, porque ele violou minha aliança. Quanto a Sarai, não a chamarás mais por este nome, mas doravante ela será chamada apenas de Sara. E eu abençoarei. Ela te dará um filho cujo nome será o de Isaque, a quem também eu abençoarei.

O que eu te peço, disse o Senhor, é que Ismael viva. Ismael, caros leitores, era filho de Agar, a escrava e amante de Abraão, que Sarai havia expulso de casa, mas por conselho de um anjo junto a uma fonte no caminho de SUR, quando Agar fugia, ele a aconselhou a voltar ao lar de Abraão e se humilhar a Sarai, sua senhora, pois ela, Agar, haveria de ter ainda muitos filhos. Vejam, caros leitores, não entendemos este pedido de Deus Jeová, ao patriarca Abraão, para ter clemência com o seu descendente Ismael, filho de sua amante Agar; mas como na Bíblia a gente vê de tudo, não nos admira mais vermos este pedido de clemência, feito por um Deus a um patriarca.

Antes de qualquer comentário, vamos apreciar a bondade de Deus Jeová, que manda exterminar criaturas inocentes e sem culpa, pelo simples fato de não se encontrarem circuncidadas. Que culpa poderia caber a inocentes – se os irresponsáveis de seus pais, tutores ou senhores, não haviam cumprido neles a determinação do Senhor? E que determinação pueril!

E continua Léo Taxil em seu comentário a dizer, com muito espírito, que nunca teria passado pela imaginação de “Alexandre, o Grande”, quando ele fez com os reis indianos “Taxiles e Porus”, de lhes propor a circuncisão, e de cortar o prepúcio de todos os seus subordinados como a marca de uma amizade indissolúvel. E quando Napoleão, em Tilsitt, sobre a histórica “jangada de Niemen”, recebeu em seus braços o imperador Alexandre, não sonhou senão no ódio comum contra a Inglaterra, para cimentar, de uma maneira indestrutível, a aliança que sinceramente desejava entre a França e a Rússia. Se Murat, que acompanhava o vencedor de Fiedland, lhe houvesse dito, então: Majestade, em vez de pedir ao czar para pôr sua assinatura abaixo do tratado de aliança ofensiva e defensiva, exige dele que nos traga, amanhã, o seu prepúcio cortado e os prepúcios de todo Estado – Maior, pois isto será extraordinária caução de um pacto entre dois impérios, é possível que Napoleão tivesse acreditado em uma demência súbita de Murat, e o confiasse imediatamente aos cuidados de seus melhores médicos.

De outro modo, sabendo que a circuncisão é uma instituição divina, e se encontra expressa na Bíblia, ficamos estupefatos, vendo que os católicos e protestantes não seguem esta determinação do Deus Jeová, e com especialidade a Seita “Testemunha de Jeová”, pois nos consta que os crentes daquela seita seguem, à risca, tudo que se acha expresso no Velho Testamento, com todas as letras, e desprezam essa determinação divina?

Continua Léo Taxil: Se devemos imitar a Jesus Cristo, não teríamos mais do que seguir o seu exemplo, pois o Mestre foi circuncidado e a prova do que afirmamos é que a carne do prepúcio de Jesus é venerada como uma preciosa relíquia existente em São João de Latrão, em Roma; e que ela se multiplicou por efeito de um milagre, muito significativo, pois a mesma relíquia se encontra também em Charraux (perto de Paitiers). Esta afirmação é do escritor Léo Taxil, que é uma espécie de Voltaire para os católicos.

O imperador Juliano poderia ter respondido ao bispo de Alexandria, que disse que de nada serve a circuncisão se não quiserdes; mas, não é disso que se trata. Trata-se de saber se realmente Deus de Abraão ordenou a este patriarca a circuncisão, como uma marca eterna, entre ele, Deus e os fiéis de sua religião.

Todos os escritores da Antiguidade concordam em afirmar que foram os egípcios e os etíopes os inventores da circuncisão; mas no Egito, apenas os padres e os iniciados faziam cortar o prepúcio, como sinal de associação que se distinguiu do gênero humano.

Deus ordenou a Abraão matar todo aquele que não fizesse cortar o prepúcio. Entretanto a circuncisão não foi observada pelos judeus no Egito, durante duzentos e cinco anos; e os seiscentos e trinta mil combatentes, que o texto diz haver seguido Moisés, não foram circuncidados no deserto. Pois vimos na citação de Voltaire, que os próprios seguidores pelo deserto confessaram terem ficado duzentos e cinco anos no Egito, e que durante esse espaço de tempo, não foram circuncidados; isto deixa bem claro que os egípcios durante este tempo não receberam dos judeus a circuncisão. Será que o Egito adotou essa prática depois que os judeus lhe roubaram todos os vasos de ouro e vestimentas, e com sua presa fugiram para o deserto, segundo a sua própria testemunha?

Diz o padre Moreux:

O que lê a Bíblia, como um livro comum, pode ficar certo de nada entender, nem lhe tirar proveito. Os pais da Igreja já o notaram há muito tempo. Ora, a Igreja Romana nunca leu a Bíblia de outra forma; do contrário não teria atirado vivo à fogueira um punhado considerável de homens notáveis pelo simples fato de discordar da paralisação do sol.

A ser verdadeira essa afirmativa do padre Moreux, por que os seus colegas não ensinam a Bíblia como a devem ensinar? Por que não eliminam dela as coisas abomináveis, como aquela em que está dito, de uma maneira clara, que Deus Jeová, para que as pragas se repetissem contra o Faraó, endureceu o seu coração, e que assim procedia, porque com isso se sentiu glorificado!... Por que não retirar de entre as páginas do Velho Testamento

aqueia história de pouca moralidade entre Sarai e o Faraó, quando esta passava, a pedido do seu esposo, por sua irmã em virtude de sua deslumbrante beleza? Por que não retirar da Bíblia a conformação indecente de Abraão, proxeneta, por mais de uma vez da própria mulher, e sabedor de que sua mulher havia prevaricado com o Faraó não só aceita deste as suas escusas como, ainda, recebe uma compensação representada numa fortuna, naquele tempo, considerável? Por que não retiram, ou explicam, onde reside a moral na ordem de Moisés aos oficiais para que voltassem, matassem todas as crianças, mulheres, homens, e deixassem apenas as virgens para os soldados? E aquela história de Ló coabitar com as suas duas filhas? E a recompensa dada por Deus Jeová a essas filhas de Ló de serem as mães de duas numerosas gerações? E aquela narração hedionda de Sodoma e Gomorra, em que todos os habitantes daquela primeira cidade, crianças, rapazes e velhos sem exceção, cobiçaram, abominavelmente, os dois anjos que se hospedaram em casa do homem que mais tarde fez surgir duas grandes gerações, incesto, com suas duas desavergonhadas filhas? E o oferecimento, por parte ainda deste pai incestuoso, de suas duas filhas à população viciada de Sodoma, com o fim de poupar a integridade física e moral dos dois mensageiros que ele hospedava?...

Que nos ensinem, então, os incensadores da Bíblia, a ler diferentemente estas passagens do Velho Testamento, uma vez que não sabemos lê-las como se deve, e por isso, não encontramos nela a moralidade que a Igreja Romana certamente divisa. Por que não ensinam que as lendas bíblicas, na sua quase totalidade, são lendas copiadas de povos mais antigos? Isso não viria em detrimento do livro sagrado dos judeus, porque o próprio Cristo, em matéria de moral, não fez mais do que repetir os postulados da velha religião de Brama, que ele não podia, de forma alguma, repudiar. Perguntamos: Será que Jesus se diminuiu com isso? Pelo contrário, ele se agigantou porque com esse seu modo de proceder ensinou ao homem que ele devia aceitar as coisas boas mesmo quando elas partissem de filosofias que tivessem um rótulo diferente da sua.

Por que os padres não aceitam o divórcio, quando ele se encontra explícito na própria religião de Moisés, e quando o Cristo do Novo Testamento o admite em caso de infidelidade? Por que não circuncidam os senhores reverendos? Não foi a circuncisão um pacto de amizade eterna entre Deus Jeová e os seus filhos? Não foi esta uma rigorosa determinação divina, instituída por Deus Jeová ao patriarca Abraão e a toda sua descendência etc? E não foi Cristo circuncidado? Em vez disso, cuidam de atacar os credos alheios e amaldiçoarem os seus crentes.

Sabemos, hoje, com o estudo do Novo Testamento, à luz do Espiritismo, ou Ciistianismo Moderno, que Jesus modificou a Lei Mosaica, fazendo de sua lei o código dos Cristãos.

Nós lemos em São Mateus, cap. 5 e vers. 17 e 18, que Jesus disse o seguinte: Não julgueis que vim destruir a Lei, ou os profetas; não vim a destruí-los, mas sim, a dar-lhes cumprimento; porque, em verdade vos digo e afirmo que, enquanto não passar o Céu

e a Terra não passará da Lei um só “i ou til”, sem que tudo seja cumprido.

Jesus afirma que não veio destruir a Lei, isto é, a Lei de Deus: veio, sim, cumpri-la, desenvolvê-la, dar-lhe o legítimo sentido e apropriá-la ao grau de adiantamento dos homens.

Quanto às leis de Moisés, Jesus, em vez de cumpri-las, modificou-as profundamente, quer no fundo, quer na forma, e, combatendo, constantemente, o abuso das práticas exteriores e das falsas interpretações, não podia imprimir-lhes mais radical reforma, do que reduzindo-as a estes termos: Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos, e acrescentando: nisso consiste a Lei e os Profetas.

(Pesquisado na Bíblia Sagrada e no livro a Bíblia dos Nossos Dias, de M.C.L.)

## CAPÍTULO 45 QUEM SERÁ A BESTA DO APOCALIPSE?

Antes do fim do presente século, haverá um período muito difícil, como diz o profeta João Evangelista, na sua visão do Apocalipse, quando ele se refere ao poder da besta, no cap. 13 e vers. 5, 6, 15, 16 e 18 do Livro do Apocalipse.

Diz ele: A besta que vem do abismo, que procede das regiões espirituais inferiores, “lhes fará guerra”, combaterá qualquer princípio religioso.

Então teremos um período de mil, duzentos e sessenta dias (42 meses), que corresponde, também, a três anos e meio; é tudo específico para este tempo de irreligião completa, porque a “Besta que irá comandar” esse período de três anos e meio estará apoiada por dez nações, que se reunirão para em conjunto combater qualquer princípio religioso.

Aqui na Terra iremos sentir neste final de círculo a presença da besta, e o mal estará representado no mundo em forma de instituto bestial, destas violências, deste egocentrismo, sem precedente. Portanto a humanidade não conhecerá mais sentimentos e não alimentará piedade, e não terá mais ternura e tampouco possuirá amor, e desaparecerá por completo a caridade.

O grande Mestre Jesus, quando aqui esteve, nos ensinou e pregou o amor ao próximo, tanto isto é verdade, que ele deu a sua vida por amor a nós; ele nos ensinou tanto com palavras como também com exemplo, e se seguissemos o ensinamento vivo, gritante, maravilhoso de amor, de renúncia, de bondade por ele ensinado, nunca mais deveríamos praticar a vingança nem alimentarmos o ódio nem o despeito.

A humanidade está fazendo justamente o contrário, esquecendo por completo dos ensinamentos do Cristo Jesus. E nos tempos que correm, ciência e religião ainda andam em caminhos opostos.

A religião proclamando um fato, e a ciência um outro completamente diferente; mas

no terceiro milênio chegará o tempo em que a ciência e religião deverão caminhar de forma paralela, e uma apoiando-se concomitantemente na outra, num complexo fraterno, fortalecendo-se mutuamente, e não neste duelo da atualidade.

Dos três ramos de Cristianismo - Catolicismo, Protestantismo e Espiritismo - apenas o Espiritismo Kardecista é o que prega a reencarnação.

Mas se todas as religiões do mundo, ou pelo menos quase todas, ensinam a reencarnação, se três quartas partes da humanidade são reencarnacionistas não seria melhor que os católicos e protestantes estudassem esse aspecto? Que fossem reexaminadas aquelas resoluções tomadas pelo imperador Constantino, por ocasião do Concílio de Nicéia.

O Cristianismo, nas suas primeiras décadas, observava a existência da reencarnação e da mediunidade, que nos foram ensinadas pelo Mestre Jesus, como consta dos seus evangelhos. E somente depois do Concílio de Nicéia, no ano 325 da era cristã, quando o "imperador Constantino" rodeou o Concílio com os seus exércitos e impôs, pela força, que o bispo de Roma fosse considerado superior aos demais bispos, inclusive o de Jerusalém, esse mesmo congresso decretou também que não haveria mais reencarnação e suspendeu também a mediunidade.

Daquela data em diante o catolicismo renegou essas verdades. E sem a reencarnação é muito difícil e até mesmo impossível entendermos o Evangelho.

A besta que irá comandar o período de três anos e meio estará apoiada, como já dissemos, por dez nações, que se reunirão para, em conjunto, combater os princípios religiosos.

A alegativa desses reis, desses príncipes, desses dirigentes, da proibição das religiões, é muito falha, apenas convencerá aquelas pessoas que têm tendência para as coisas abomináveis e supérfluas; eles omeçarão alegando que as religiões servem apenas para enfraquecer o caráter do homem, pois trata-se de um coisa inferior, desatualizada, e que não é mais possível prosseguir com esses conceitos, com essas formas de pensamento. Serão sumariamente proibidas, não terão nenhuma justificativa as suas existências, pois é negada a existência de Deus.

Outra alegativa apresentada pela besta é que dentro das religiões existem verdadeiros conflitos. Lutas internas pela conquista de postos, de cargo de direção, de chefia, de mando etc; uma procurando dizimar a outra, separando os crentes uns dos outros; razão por que nos últimos séculos existem mais de 700 religiões, e cada dia surgem outras. E por que essas facções, que só servem para o enfraquecimento da humanidade?

As pessoas quando morrem, diz ele, termina tudo, as idéias, e tudo mais; a nossa ciência médica já retalhou por várias vezes o corpo humano, e nunca encontrou a alma ou espírito e nem a sua morada, de que tanto falam as religiões.

E para pressionar e subjugar os que professam qualquer tipo de religião, haverá uma

séria de opressões:

*li* Vai ser criada uma identificação para os seus adeptos; é um número que as pessoas serão obrigadas a usá-lo, no braço direito ou na testa, de acordo com a profecia do vidente profeta São João Evangelista, no cap. 13 vers. 16 a 18, e cujo número é 666, ou seja, o número da besta, e os que se negarem ao uso de tal identificação e continuarem professando qualquer religião sofrerão uma série de perseguições, inclusive a morte, caso continuem com seu propósito religioso.

2<sup>a</sup>) Pois começarão proibindo que os mesmos continuem comprando ou vendendo; somente poderão comprar e vender aqueles que tiverem o sinal, o número da besta, ou seja, o número já citado.

Os que habitam na Terra, e que têm as suas religiões apenas como um preceito e não como uma convicção, estes se regozijarão uns com os outros, ficarão contentes, com a ausência da religião e "se alegrarão"; porque não haverá mais controles religiosos, não existirá mais o freio criado pelas religiões, ou seja: céu, inferno e purgatório. Poderão fazer aqui na Terra o que bem entenderem as suas mentes invigilantes; e chegarão a mandar presentes uns para os outros, como nas grandes datas, como está se tornando tradição nas épocas do Natal; aquela troca de presentes recordando a vinda do Mestre Jesus.

"Porquanto esses dois profetas, essas duas testemunhas" o Velho e o Novo Testamento – esses códigos de sabedoria, esses programas de vida, esses condensados de normas espirituais sadias, tenham atormentado os que habitam sobre a Terra, porque Moisés foi portador de um decálogo, e Jesus nos deixou um novo mandamento, dizendo que nos amássemos uns aos outros, como ele nos amou. Que representa um freio, que são um programa, um convite endereçado a cada coração humano; e esse convite é anulado; então fica a liberdade de fazermos aquilo que bem entendermos.

Mas depois daqueles três anos e meio, daquela fase curta de completa escuridão espiritual, "o espírito de vida, vindo de Deus" e tudo de bom vem de Deus, principalmente o espírito de vida; e se processarão grandes acontecimentos espirituais, tão claros, tão frisantes, tão notáveis, que mesmo os ateus, ou os cegos espirituais, verificarão que realmente Deus existe. E que seus princípios devem ser observados e cumpridos. Será a prova incontestada do alto.

Naquela mesma hora., destas provas que o alto nos dará, haverá um grande terremoto, um dos muitos que iremos verificar, e cairá a décima parte da cidade, ou seja, a décima parte da civilização do planeta desaparecerá, como diz o Livro do Apocalipse.

E os demais ficarão muito atemorizados com esses terremotos, com essas cenas todas, "e darão glória ao Deus do Céu", aí resolverão glorificar, não mais ao Deus da Terra, frente ao qual estavam as duas testemunhas; mas agora ao Deus do Céu, ao pai Criador.

Portanto, caros leitores, Deus permite estas coisas que acabamos de narrar, e que vão

*acontecer com a humanidade, dentro em breve, isto é, antes do final deste século, para provar o nosso grau de religiosidade, e mesmo nos diz a máxima de Jesus, que muitos são os chamados e poucos os escolhidos; e ao mesmo tempo está servindo de aviso, para que quando tudo isto acontecer, estejamos preparados e prevenidos para não fracassarmos. Pois o profeta João Evangelista, quando foi posto naquela ilha de Pátamos, tinha alguma finalidade; eram essas vidências. Mas alguém poderá nos dizer, ou perguntar: aquelas vidências e profecias que ele teve, poderiam ser em qualquer lugar; o porquê da ilha? Podemos explicar - Naquela ilha o profeta João Evangelista estava completamente isolado das coisas deste mundo, porque ele ainda estava encarnado, sujeito portanto às tribulações da humanidade; e naquela ilha, ele estava sendo testado mais uma vez; e mais uma vez estava provando sua fidelidade ao Mestre Jesus, e mesmo para provar aos homens, então, que ele era um enviado de Deus; e que ali naquele isolamento, ele estava sendo usado para transmitir aquelas profecias, pois ele estava ali por perseguição religiosa e aquela ilha era um destaque para chamar a atenção da humanidade.*

*Haja vista que a humanidade da época do profeta Daniel só acreditou nele, e que ele era um enviado de Deus, quando o mesmo fora jogado na cova dos leões famintos, e estes não lhe fizeram nenhum mal; também só acreditaram que Santo Estêvão era um enviado de Deus, quando o mesmo morreu sob pedradas e não negou a sua fé no Deus vivo; o patriarca Jó também foi submetido a um teste muito rigoroso; pois Deus permitiu que lhe tirassem toda a fortuna que possuía, e filhos e ainda lhe feriram com uma chaga da cabeça aos pés; e ele para obter algum alívio ficava sentado sob o monturo de lixo, passando caco de telha nas feridas» para retirar apostema etc. E nunca blasfemou contra Deus, suportou tudo com amor e resignação, e quem já leu a Bíblia conhece essa história, e sabe perfeitamente porque Deus permitiu que assim acontecesse. E também a maioria da humanidade só passou realmente a acreditar em Jesus, e considerar que ele foi enviado por Deus, para salvar a humanidade, depois que ele foi crucificado e morto, e ressuscitou de entre os mortos, mas assim mesmo ainda tem muitas pessoas que duvidam desta grande verdade.*

*E como esses exemplos poderíamos citar centenas de casos, que a humanidade só dá crédito à verdade, quando realmente se consuma o ato. Até então todos são descrentes; e isto também acontece em nossos dias, portanto não podemos mudar a maneira de proceder das criaturas.*

*Todas as religiões são boas; todas elas indicam a prática do bem aos seus adeptos e, conseqüentemente, todas elas são úteis. E cada um deve procurar viver aquilo que o seu coração achar que está certo. Deve seguir qualquer religião. Se prefere seguir os ensinamentos de Buda, está certo; mas que seja um budista, que ele viva aquilo que o Buda recomendou. Se ele acha que Maomé com o Alcorão e o profeta seja o certo, siga realmente os ensinamentos do Islamismo, não de boca, mas de coração, viva os*

ensinamentos religiosos. Se ele acha que Kardec codificou a terceira revelação (Moisés, Cristo e Espiritismo), então procure viver o Evangelho renovado do Mestre, através da doutrina dos espíritos.

Cada um siga a religião com que sinta mais afinidade, com o próprio coração, e com os próprios sentimentos, mas que procure viver dando-lhe, e não usufruindo vantagens, porque isto é transformar religião, princípio religioso ou espiritual, em comércio ou indústria. Isto é falha, é prostituição do próprio espírito. E quando as provas que citamos, trazidas pela besta, se apresentarem a nós, estejamos preparados para enfrentá-las, fielmente, ao Mestre, como fizeram nossos ancestrais, os verdadeiros cristãos, que souberam enfrentar, com galhardia, as perseguições, até com suas próprias vidas.

Portanto, caros leitores, o que nos aguarda será uma prova um pouco forte; mas muito mais forte foi a prova dos primitivos cristãos; mas a que está profetizada, será uma prova de pouca duração; é de apenas, como já foi dito, três anos e meio; mas, se não estivermos bem preparados ou melhor, espiritualizados, seremos facilmente envolvidos pelo poder da besta. Nós teremos que nos espelhar nos nossos ancestrais; pois eles já não existem, mas acreditaram no verdadeiro Deus, e todos hoje se encontram vitoriosos. Para não citar outros exemplos, vamos lembrar apenas um, o grande profeta Daniel, que não negou sua fé no Deus vivo, tanto é assim que enfrentou o covil dos leões e não temeu, mas permaneceu firme e teve a grande vitória

(Pesquisado na Bíblia dos Nossos Dias de M.C. Melo e Apocalipse de João Evangelista).

## CAPÍTULO 46 O PENTATEUCO NÃO É OBRA DE MOISÉS

Conforme prometemos em capítulo anterior que iríamos provar que Moisés não é o autor do Pentateuco, procuramos, sem muitos comentários, transcrever essas informações do livro a Bíblia dos Nossos Dias, de autoria do grande escritor Mário Cavalcante de Melo.

Diz ele:

Os teólogos, conforme é do conhecimento geral, pretendem afirmar que o Pentateuco seja obra de Moisés, isto é, os cinco livros da Bíblia\* A Gênesis, O Êxodo, O Levítico, Os Números e O Deuteronômio.

Mas, os sábios tiveram a impiedade de fazer pesquisas, e suas opiniões gerais | que estes livros bíblicos foram escritos ou fabricados por Esdras, na volta do cativo da Babilônia, em meados do terceiro século antes de Cristo; enquanto Moisés supunha que a eles devessem existir, admitindo por um instante como autênticas as datas que a eles concernem. Mas Moisés nasceu no país de Gessen, no Egito, em 1451, antes da nossa era, e morreu no monte Nebo em 1571, sem conhecer os objetivos de sua missão; porque diz a

história, quando ele descia do monte Sinai, quebrou as Tábuas da Lei.

As testemunhas de Heródoto são acordes neste sentido e os monumentos descobertos vieram em sua confirmação.

Diz, ainda, Léo Taxil que as descobertas realizadas depois do começo do nosso século, na história dos povos do antigo Oriente, com o auxílio das inscrições com caracteres hieroglíficos e cuneiformes, não permitem, haja, mesmo nos livros mais elementares, a reedição das frivolidades bíblicas, no que concerne à primeira parte dos anais do gênero humano. Os resultados obtidos por Champollion, Rougé de Sauley, Marietti, Rawlinson e outros, acharam a história antiga de uma luz completamente diversa das tradições coligadas pelo grande “mistificador Esdras”.

Ficou provado que o fundador do Império Assírio foi um príncipe chamado Ninippaloukin, o qual viveu 150 anos depois de Moisés, conforme se encontra nos monumentos. De outro modo, a região chamada Assíria era designada no tempo do patriarca por império de Retennou, conforme os monumentos egípcios mencionados por Opert e outros sábios. Vemos, com efeito, nas diversas inscrições egípcias, que os reis da 18ª Dinastia do Egito, contemporâneos de Moisés, levaram suas armas à Babilônia e cobraram impostos dos Retennous, que dominavam na Mesopotâmia, aquele mesmo país do Tigre e do Eufrates.

O Éden da Bíblia, que figura nos planisférios celestes segundo Leterre, e a cujo estudo se consagrou Dupuis, corresponde aos estudos de J. B. Obry ao Arianem Vaedjô, dos persas í Ao Gan Éden, dos hebreus - As Maha-Merem dos indianos: as Kuen-Lun dos chineses, - ao Bam-o - Dunis dos tártaros mandchus, etc e correspondem, ainda, ao planalto de Pamir, cujos contrafortes são o Belug-Tar e o Indu-Kusc, planalto radiante de beleza, onde reside o Deus Brama (Ba-Rama), o chefe celta Rama, e de onde saíram os Kushitas, que mais tarde se estabeleceram na Itália, sendo deles originário o termo Backush, segundo Voltaire, em sua “Oeuvres complètes”, tomo XXIII, pág. 62; encontra-se também um jardim, um paraíso terrestre, na antiga religião dos persas; este paraíso se chama Shang-Dizancho: ele é chamado Iranvigi no Sadder, que pode ser visto como uma abreviação da doutrina desta parte do munao. Os bramaneses possuem um semelhante jardim desde tempos imemoriais.

R. P. Dom Calmet, beneditino da congregação de Santo Idulfo, disse com suas próprias palavras: “não duvidamos de forma alguma que o lugar onde foi plantado o paraíso terrestre não subsiste mais”.

Como vêem os caros leitores, são lendas e mais lendas, todas elas pertencem a povos mais remotos, nos quais não poderemos em sã consciência acreditar.

São criações engembradas por povos primitivos, relegadas hoje ao domínio da poesia ou das coisas fantásticas.

Profundo foi o silêncio que se guardou em toda Terra, a respeito de Adão, exceto na

Palestina, até os tempos em que os livros judeus começaram a ser conhecidos na Alexandria, depois de traduzidos em grego por um dos Ptolomeus. Continuaram por muito tempo desconhecidos, pois os livros volumosos, além de raros, eram demasiadamente caros, e ainda, pela forte razão de que, os judeus de Jerusalém censuraram acemente os seus irmãos de Alexandria, por haverem traduzido sua bíblia em língua profana, o que resultou que estes escondessem, o mais possível, as suas traduções.

A Bíblia, diz o filósofo, foi conservada tão secretamente, que nenhum autor grego ou romano a ela se refere até o tempo do império de Aureliano.

O historiador Flávio Josefus declara em sua resposta a Apiom, que os judeus durante muito tempo não fizeram comércio com outras nações. Disse ele: nós vivemos em um país distanciado do mar, não nos entregamos ao comércio com outros povos. Sendo nossa Nação tão afastada do mar, tão pouco afeita à escrita, será motivo de admiração ter sido ela tão pouco conhecida?

Quando o historiador judeu se refere à sua Nação, pouco afeita à escrita, naturalmente, ele quer compará-la com Alexandria, pois os seus vinte dois volumes, além de pequenos, pouco significam considerando-se a quantidade de livros existentes na famosa biblioteca, cuja metade foi queimada na guerra de César.

É corrente e histórico, mesmo porque os judeus escreveram muito pouco, e muito pouco leram; porque eram profundamente ignorantes em Astronomia, em Geometria, em Geografia e em Física; que eles nada sabiam de história de outros povos, e eles não começaram a instruir-se senão em Alexandria.

Sua linguagem era uma mistura bárbara do antigo fenício e caldeu corrompido, eram, em suma, um povo pobre, a quem faltavam vários modos na conjugação de seus verbos. Desta forma, a nenhum outro povo comunicando seus livros, ninguém na Terra, exceto eles, tinha ouvido falar em Adão, Eva, Abel, Caim nem em Noé. Somente, diz a história, Abraão foi conhecido dos povos orientais, com o caminhar dos tempos; mas nem um povo aceitava que ele fosse o tronco do povo judeu.

Tais são os segredos da Providência que o pai e a mãe do gênero humano foram sempre ignorados, a ponto de tais nomes não serem encontrados em nenhum autor antigo, nem na Grécia, nem em Roma, nem na Pérsia, nem na Síria, nem mesmo entre os árabes, até Maomé. Deus, assim, não permitiu que os nomes dos titulares da família humana fossem conservados senão pela parte mais miserável dela. em conhecimento.

Além da lenda de Adima e Heva, que encontramos no Bagaveda Gita, há, no livro de Ezourveidam, o nome de Adima e Procriti, sua mulher.

Todos sabem que o Ezourveidam é o comentário do Vedas, que passa entre nós por ser uma antigüidade muito mais recuada que a dos livros judeus; e estes vedas são ainda uma nova lei, dada aos bramane- ses mil e quinhentos anos depois de sua primeira lei, chamada Shasta ou Shasta-Bad.

O fenício Sanchoniathon, que os sábios afirmavam ter vivido anteriormente a Moisés, e que é citado por Eusébio, como um autor autêntico das dez gerações da raça humana, da mesma forma que o legislador judeu, até o tempo de Noé não fala nessas gerações, nem de Adão, nem de Eva nem de nenhum de seus descendentes, nem mesmo de Noé.

Eis aqui os nomes dos primeiros homens, segundo a tradução grega feita por Philon de Biblos: Aeon, Genos, Phox, Liban, Usou, Heii- cus, Chrisor, Tesnites, Agrove e Amine; estão aí as dez primeiras gerações.

Não vemos o nome de Noé, nem de Adão, nem nenhuma das dinastias egípcias. Eles também não se encontram entre os caldeus; em uma palavra, a Terra inteira guardou sobre eles o mais incompreensível segredo.

Todos os povos, no dizer do grande escritor francês, se atribuem origens imaginárias e nenhum falou a verdade. Não se pode compreender como o pai da humanidade inteira fosse por tanto tempo ignorado; seu nome deveria andar de boca em boca, de um canto ao outro do mundo, segundo o curso natural das coisas humanas; ousamos afirmar, diz ainda Voltaire, que era necessário um milagre para fechar os olhos e os ouvidos de todas as nações, destruir todos os monumentos, toda a lembrança de nossos "primeiros pais".

"O que teriam pensado, que teriam dito César, Antônio Crassus, Pompeu, Cícero, Marcellus, Metellus, se um pobre judeu, ao lhes vender baunilha, lhes houvesse dito": "nós nascemos todos de um mesmo pai chamado Adão".

Todo o Senado romano teria gritado: "mostrai-nos vossa árvore genealógica; então o judeu teria desfolhado suas dez gerações até Noé, até o segredo da inundação de todo o globo.

O Senado lhe teria perguntado quantas pessoas existiam na arca, para alimentar todos os animais durante dez meses consecutivos, e durante o ano seguinte, pois que, em virtude do dilúvio, não se teria podido fornecer alimento de espécie alguma. O judeu lhe teria respondido: nós éramos oito, Noé, sua mulher, seus filhos - Sam, Cão e Jafé, e suas esposas. Toda essa família descendia de Adão em linha reta! "Dictionnaire Philologique - pág. 42".

Cícero, diz o filósofo, ter-se-ia, informado sem dúvida dos grandes monumentos, das testemunhas incontestáveis, que Noé e seus filhos teriam deixado de nosso pai comum; toda Terra, depois do dilúvio, teria bradado, para sempre, os nomes de Adão e Noé, um o pai, e o outro o restaurador do gênero humano. Seus nomes estariam em todas as bocas, e nos pergaminhos, desde que os homens se iniciaram na escrita, na porta de cada casa, em todos os tempos, e em todas as estátuas.

Quê! Sabeis de um tão grande segredo e o escondeste? "É que sois impuros e somos puros", teria respondido o judeu.

O Senado romano teria rido, e lhe teria mandado aplicar umas bastonadas, aos seus preconceitos.

Antes mesmo de prosseguirmos na análise ligeira, que empreendemos dos diversos versículos da Bíblia, fazemos questão de provar o que dissemos de início, que as lendas bíblicas não são de autoria de 'Moisés, mas tiveram origem em diversas fontes estranhas, principalmente no livro sagrado dos hindus.

Seria útil iniciarmos pela lenda da criação da mulher, que foi inspirada naquela dos brâmanes de que as castas hindus foram extraídas das diversas partes do corpo de Brama.

A. Leterre, em "Jesus e sua Doutrina" à página 60, assim se expressa "mas não só foi dos Vedas que Moisés tirou material para sua obra".

Nos numerosos documentos cuneiformes, achados, agora, na Babilônia, datando de mais de 4000 anos antes dele, Moisés; dos tempos dos acadianos e sumerianos e nos livros de Zoroastro, se encontram:

- 1ª) a lenda da criação do homem no estado de inocência;
- 2-) a sua tentação pela serpente Thiamat, dragão do mar;
- 3ª) a queda de Adam, isto é, homem negro oposto à virtude de Sarka, homem claro: - a guerra dos deuses e dos gigantes;
- 4ª) o pecado do Deus Zu, roubando as insígnias de soberano de seu pai Elu, adormecido, protótipo da lenda de Nha (Noé); (Châm;
- 5ª) a corrupção dos homens;
- 6ª) a construção de uma gigantesca torre em Babilônia, causadora da cólera dos deuses;
- 7º) o dilúvio que durou sete dias;
- 8ª) a arca com um certo e limitado número de animais;
- 9ª) a pomba, a andorinha e o corvo que foram soltos etc. E finalmente, no Manarva-Dharma e no Zend-Avesta, também se encontra a lenda da criação do mundo em sete períodos e o aparecimento do homem por último.<sup>8</sup>

Diz Leterre que o Dr. Ch Contenau, encarregado de missões arqueológicas na Assíria, afirma que entre os inúmeros deuses que cita, havia o denominador "EA", por apelido o "deus oleiro", porque os caldeus julgavam que os homens haviam sido fabricados do barro por ele, sobre os quais esse deus soprava o espírito de vida. Daí a lenda de Moisés, a de Adão feito de barro e do sopro nas suas narinas.

Queremos acentuar que a nossa análise não se inspira em espírito sectarista. Formamos de Moisés, no sentido intelectual, um bom juízo. Era, segundo dizem, um homem culto, inteligente e sobretudo, dominador. Pode ser considerado como libertador de seu povo, mas destituído das lendas que o cercam, e das infâmias multi-seculares que lhe atribuem, e que constam dos livros que ele nunca escreveu.

Ora, estamos certos, um homem de seu tempo. Cremos, mesmo, que o seu espírito

<sup>8</sup> 1. A. Leterre - Jesus e a sua Doutrina ed. 1934 - pág. 60

evoluído através das transformações *porque haja* passado, nas inúmeras encarnações, talvez seja hoje um dos grandes inspiradores da humanidade.

Voltando ao nosso assunto, todos sabem que a nossa “primeira mãe”, de acordo com a lenda da Bíblia, era Eva Uns afirmam que este nome é hebreu; outros, entre eles Jacolliot, que é sânscrito e significa o que completa a vida. De qualquer forma isto nos leva a um raciocínio que deixa bem mal a lenda da Torre de Babel.

Essas eram as opiniões até antes da confusão das línguas, castigo imposto aos homens, por seu desmedido orgulho, pois pretendiam construir uma torre cuja ponta tocasse o céu (quanta infantilidade). Ora, depois da confusão das línguas, esse nome, é lógico, ficou perdido, se não estava, o que é mais lógico, ainda, antes de qualquer acontecimento de origem milagrosa. Como se explica, assim, que a nossa “primeira mãe” tivesse o nome sânscrito ou mesmo hebreu? Será que mãe Eva era da mesma nacionalidade de Moisés? Razão forte tinha o Abade Moreux, quando afirmava que era necessário saber ler a Bíblia, para poder compreender. Naturalmente, este vulto eminente do Catolicismo Romano, quando assim falava, não admitia o raciocínio daqueles que, lendo a Bíblia com perfeição, levavam à fogueira do Santo Ofício grandes vultos que a humanidade ainda hoje venera. Ou, será que esse abade era adepto da cabala ou do esoterismo judeu cristão?<sup>9</sup>

## CAPÍTULO 47 O EXPURGO DA HUMANIDADE POR MEIO DE CATÁSTROFE

Consta na Bíblia Sagrada, livro da Gênesis, cap. 6 vers. 11 a 22, uma grande catástrofe provocada pelo “Dilúvio Universal”.

O profeta Noé, através de psicografia, vê uma mensagem em que Deus Jeová, um espírito de luz daquela época, lhe avisará que o planeta Terra iria sofrer um grande abalo provocado por um dilúvio.

Noé era um homem justo e íntegro, entre seus contemporâneos. E era também um homem temente a Deus. E por este motivo, Deus lhe deu a oportunidade para se salvar, juntamente com sua família, que era composta de sua esposa e seus filhos – Sam, Cão e Jafé e noras, respectivamente.

Esse dilúvio aconteceu, porque a terra estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência de quase todos os seus seres vivos, pois haviam corrompido a terra, todos seus caminhos, talvez um pouco menos de violência e corrupção do que a atual civilização.

Então dirigiu-se Deus Jeová a Noé, através da sua psicografia, com a seguinte mensagem: “Resolvi dar cabo de toda carne, porque a Terra está cheia de violência dos

<sup>9</sup>2. M.C. Melo – A Bíblia dos Nossos Dias pág. 67 e 68.

homens, eis que farei perecer juntamente com a Terra.”

Ordeno – faze uma arca de tábuas de ciprestes; nela farás compartimentos e a calafetarás com betume por dentro e por fora. Porque estou a derramar águas em dilúvio sobre a Terra, para consumir carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus; tudo o que há na Terra perecerá.

Contigo porém estabelecerei minha aliança; entrarás na arca tu e teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos.

De tudo que vive, de toda carne, dois de cada espécie, macho e fêmea, farás entrar na arca um casal, para conservares vivos contigo.

Nós sabemos que todos os profetas, especialmente os do Velho Testamento, que anunciavam mensagens referentes ao futuro, eram médiuns de vidência e clarividência — naquela época eles não conheciam a ciência espírita, como conhecemos hoje, a técnica das manifestações espirituais como a psicografia e a psicofonia. Eles achavam que aquelas manifestações espirituais que sentiam era a presença de Deus, que ali conversava com eles, profetas. Nós sabemos pela história que somente 600 anos antes de Cristo, foi que o povo passou a acreditar em um Deus vivo, porque antes acreditavam em outros deuses – em um deus hipotético, tudo que era superior para eles era um Deus, pois chegaram ao cúmulo de pensar que a lua e o sol eram deuses. Mas com o aparecimento de alguns homens de ciência, filósofos como Tales, Demócrito, Pitágoras, Sócrates, Platão e outros, foi que eles foram compreendendo melhor Deus.

Sócrates naquela época informava aos homens que os mesmos encontram-se após a morte e se reconhecem. Portanto, naquela época antes de Kardec, Sócrates já pregava a reencarnação.

Acrescentava Sócrates que a morte não é liquidação, nem inter-. rompe nem o término da vida, mas uma transformação sem solução de continuidade.

Num dos grandes ensinamentos de Sócrates, ele diz: “Se a alma é imaterial, tem que passar, após essa vida, a um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo modo que o corpo, decompondo-se, volta à matéria. Muito importa, no entanto, distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se alimenta, como Deus, de ciência e pensamentos, da alma mais ou menos maculada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se para o divino e a retém nos lugares da sua estada na Terra.

Como se vê, Sócrates e Platão compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma, e insistem sobre a diferença da situação que resulta para ela a sua maior ou menor pureza. O que eles diziam por intuição, o Espiritismo o comprova com exemplos numerosos postos ante os nossos olhos.

Nenhuma religião que se baseia na Bíblia nega ou ignora a existência do dilúvio — cognominado “Dilúvio Universal”, que aconteceu há muitos séculos. Mas o povo do Oriente conhecia e conhece verdadeira- mente a história do dilúvio. Eles dizem que, de fato, se

consumou um dilúvio na vasta região, que vai das bordas do Mediterrâneo, na Ásia Menor, ao centro norte do continente asiático.

Por outro lado, há vários contestadores da veracidade do acontecimento, que se valem de diferentes argumentos, entre os quais este: de que chuvas, por mais copiosas e prolongadas que fossem, não bastariam para inundar a Terra, em tão extensa proporção, cobrindo o mais “alto monte” como afirmou Moisés, ou elevando-se, até o céu, como diz a tradição chinesa.

O grande escritor e historiador Edgard Armond, no seu livro “Os Exilados da Capela”, conta-nos que o estilo oriental da narrativa é sempre hiperbólico; como também nota-se que as testemunhas de alguns outros povos, como por exemplo a Pérsia, não vão tão longe com tais detalhes e os egípcios, que estão situados tão próximos da Palestina, são ainda mais discretos afirmando unicamente que a Terra foi submergida.

Atentando para as narrativas hebraicas e hindus, parte das quais acabamos de transcrever, verifica-se que em ambas, entre outras semelhanças, existe a mesma notícia de uma família que se salvou das águas, enquanto todos os demais seres pereceram.

Julgamos quase desnecessário esclarecer que essas famílias representam a parte melhor da população que se salvou; o conjunto de indivíduos moral mente mais evoluídos, ou moral mente menos degenerados que a Providência Divina preservou do aniquilamento, para que os frutos do trabalho comum, o produto da civilização, até aí atingidos, não fossem destruídos e pudessem se transmitir às gerações vindouras, como aconteceu neste cataclisma do dilúvio em alguns países asiáticos; há milhares de séculos anteriores, aconteceu também grande cataclisma de proporções extraordinárias, como no caso do país da Lemúria, pois aquele país foi tragado pelo mar e levou para o fundo do abismo milhares de seres rudes, vingativos, egoístas e animalizados, e pereceram todos, e este expurgo aconteceu 700 000 anos antes do alvorecer da idade Terciária, ou seja, antes do expurgo provocado pelo dilúvio que chamamos de Universal. Todas as vezes que sucedem expurgos saneadores do ambiente espiritual e planetário, a grande massa pecadora é retirada e somente uma pequena parte selecionada sobrevive.

Justamente como disse o Divino Mestre em sua pregação, que muitos são os chamados, poucos os escolhidos.

O dilúvio narrado na Bíblia representa a invasão da bacia do Mediterrâneo, pelas águas do oceano Atlântico, quando rompeu-se o istmo de Gibraltar com o afundamento de pequenas cidades de Atlanta. Com a descrição do dilúvio asiático e de acordo com a divisão que adotamos para a história do mundo, aqui fica encerrado o primeiro ciclo, o mais longo e difícil para a evolução planetária, e que abrange um período de mais de meio bilhão de anos. Mais uma vez devemos esclarecer que já se sucederam vários expurgos saneadores do ambiente espiritual planetário, e a grande massa pecadora é retirada, somente um pequeno número selecionado sobrevive. Quando então prepostos do Senhor

ultimarão novas experiências de cruzamento humano no Oriente, a fim de estabelecer novos tipos de transição para formação de raças mais aperfeiçoadas, utilizando-se de novas gerações de emigrados que continuarão a reencarnar nessas regiões.

A Doutrina Espírita nos dá o conhecimento necessário para estruturar nosso lar, e abrigar nossos familiares, dentro dessa riqueza incomensurável, legado sublime que nos fará realmente ricos do amor e sublimes inspirações.

Em um lar cristão, todos os membros da equipe familiar encontrarão por certo o ambiente justo para viver em paz, e possibilitando a todos o equilíbrio e a maturidade espiritual para vencer todos os obstáculos do caminho. E assim sendo, teremos cumprido fielmente nossa missão de pais e educadores.

(Dados Pesquisados na Bíblia e no livro *Os Exilados da Capela*, de Edgard Armond)

## CAPÍTULO 48 PREVISÃO DE NOSTRADAMUS COINCIDE COM O APOCALIPSE

O célebre médico e astrólogo francês Nostradamus, falecido em 1566, sempre fez grandes previsões do futuro; e quase todas suas profecias têm-se cumprido à risca.

Caros leitores, vamos tomar a liberdade para transcrever, com detalhe, uma de suas previsões que tem relacionamento com o fim dos tempos, e ao mesmo tempo coincide também com a vidência do profeta João Evangelista, quando esteve preso e deportado na ilha de Pátamos.

Nostradamus começa a sua narrativa, em carta dirigida a Henrique II, Centúria I, 56-57, afirmando textualmente que a Terra não ficará eternamente “incriminada”, então ele prevê o natural ceticismo da ciência, e a proverbial negação dos cientistas, pois diz mais que apesar das opiniões contrárias (da ciência acadêmica), os fatos não de acontecer, como os relata o profeta João Evangelista e como os veremos; e fundamenta a predição de Nostradamus, quando, também, afirma a aproximação da Terra por um astro que atingirá a fase mais aguda, e será no ano de 1992 e 1993, e retrocederá até o ano 1999, quando este astro será visível a olho nu, e então se dará a catástrofe.

O profeta João Evangelista foi bem mais claro; afirmou na sua vidência o seguinte: “eu vi um novo céu e uma nova Terra”. Estes eventos que estamos procurando salientar baseiam-se em afirmações proféticas de clarividentes, que transmitiram, com muita lucidez, muita precisão, aquilo que João Evangelista ora está confirmando, e neste capítulo, como já acentuamos, ele destaca esta reiteração, esta repetição constante da terceira parte.

Caros leitores, o que irá se verificar na Terra, será com permissão do plano superior, com a presciência da mais alta espiritualidade.

O profeta João Evangelista procurou destacar, através da repetição desta terça parte, as coisas a que se referiu na sua vidência.

Desde os tempos remotos de Israel, muito antes que o Verbo Divino viesse mostrar aos homens o caminho reto da salvação, as vozes veneráveis e impressionantes dos profetas já alertavam aos homens sobre os cataclismas do futuro.

Portanto, vamos citar algumas dessas profecias – para ratificar a previsão do Apocalipse e as últimas previsões de Nostradamus.

Vejamos o que disse o profeta Joel no cap. 3<sup>o</sup> e vers. 15 e 16: Deus fará tremer o céu e a Terra; o sol e a lua enegrecerão e as estrelas retirarão seu esplendor.

Vejamos agora o que disse Malaquias no cap. 3 vers. 16 a 18: Então aqueles que temem ao Senhor falam cada um com o seu companheiro; e o Senhor atenta e ouve, e há um memorial escrito diante dele, para os que temem o Senhor e para os que lembram só seu nome. E eles serão meus, diz o Senhor, naquele dia que farei; me serão propriedade, poupá-los-ei como um homem poupa o seu filho que o serve; então tornareis a ver a diferença, entre o justo e o ímpio, entre o que serve a Deus e o que não serve, porque eis que aquele dia vem ardendo como um forno.

O profeta Isaías, o mesmo que há seiscentos anos profetizou a vinda de Jesus, o Messias prometido, também se referiu ao que acontecerá no fim dos tempos. No cap. XXIV e vers. 5 e 6 e 21 e 23 diz ele: Já as janelas do alto se abrem e os fundamentos da Terra tremerão, tudo será quebrantado, a Terra de todo se romperá e de todo se moverá e será removida como a luz da noite. E a lua se envergonhará e não dará o seu esplendor, e o sol se confundirá.

O apóstolo Pedro, na sua 2<sup>a</sup> epístola, cap.3<sup>o</sup> e vers. 10 a 13, diz também o seguinte: Os céus incendiados se desfarão e os elementos ardendo se fundirão. A Terra e todas as obras que nela há serão queimadas; nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova Terra, nos quais habita a justiça.

O célebre médico e astrólogo francês Nostradamus – na sua previsão da Centúria I – 56, 57, prevê o mais tenebroso verão que jamais existiu igual; e isso se dará em outubro de 1999, pois segundo ele uma grande estrela por sete dias abrasará. E em seguida, o sol, escondido e eclipsado pelo planeta Mercúrio, passará para um segundo plano. A estrela, ao aproximar-se da Terra, o seu disco aparecerá muitas vezes maior que o sol, e os planetas também aparecerão muitas vezes maiores que o seu tamanho normal e baixarão de graus. Continuando, Nostradamus diz que no mês de outubro de 1999 uma grande translação se produzirá de tal modo que jogará a Terra fora de sua órbita e abismará em trevas eternas. A lua escurecida, em profundas trevas, ultrapassará seu irmão o sol, que ficará na cor de ferrugem.

Por causa da lua dirigida por seu anjo, o céu desfará as inclinações com grande perturbação, tremerá a Terra com modificação. A aproximação da lua influirá para que a

Terra perca a inclinação atualmente existente de 23<sup>º</sup> e 28<sup>º</sup> sobre o eclético, voltando à posição vertical e isto se perceberá e terá tremendas alterações sobre a disposição da Terra e das águas sobre a costa.

Por isso é que Jesus nos disse: conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará do “erro, da ignorância, ou seja, do mal”.

E o profeta João Evangelista declara que ouviu uma grande voz no céu que dizia: “agora a hora é chegada, esta é a salvação e a força e o reino do nosso Deus e o poder do seu Cristo”.

Agora já chegou o fim do ciclo, o final dos tempos. Já chegou a salvação e a força e o reino do nosso Deus e o poder de Jesus Cristo.

“Porque o acusador dos nossos irmãos na figura do diabo ou satanás é derrubado”. Não está mais nos planos espirituais, foi afastado definitivamente dos planos espirituais, em redor da Terra. Pois ele foi derrubado, porque nos acusava ao nosso Deus de dia e de noite, acusação esta feita pelos nossos atos praticados. Diz o Evangelho que toda vez que praticamos uma má ação, que realizamos um ato antifraterno, tacitamente estamos em rebelião contra Deus, somos espíritos rebeldes, estamos contrariando as recomendações e as ordens divinas; esses nossos atos invigilantes significam deslizes, falhas, faltas, ou como classificam as religiões “pecado”; incorremos assim na prática do pecado, de débitos espirituais, e sabemos que esses nossos débitos chegam ao conhecimento de Deus, pois o Criador é onisciente e onipresente e de tudo toma conhecimento exato. E muitas dessas nossas ações, muitos desses nossos atos, os realizamos, os praticamos sob a intuição, sob a influência dessas entidades ainda ignorantes, que nos assediam, que nos forçam, para que, através desses assédios constantes, pratiquemos gestos menos dignos.

Como nos recorda o apóstolo Paulo – “aquilo que eu quero fazer, isso eu não faço – agora, o que eu não quero fazer, isso eu faço”, como que nos retratando e como que nos revelando e informando a força da influência espiritual, em nosso derredor; e o mesmo Paulo nos dizia: nuvens de testemunhas nos acompanham, nos espreitam, ou seja, centenas de espíritos nos seguem, nos envolvem. É a nossa “entourage” espiritual, que se afina conosco.

Assim, não podemos reclamar, pois se fazemos coisas más, é porque atraímos essas entidades, e entramos em sintonia com elas e afinamo-nos com esse pensamento, e agimos como médiuns invigilantes, praticando atos indevidos.

É esta influenciação que recebemos que faz com que nossos gestos, nossas ações signifiquem acusação contra nós mesmos de dia e de noite, perante o plano superior, perante o trono divino.

E sobre os dois castiçais a que se referiu o profeta João Evangelista no Apocalipse – aqui vemos de forma implícita também a confirmação de que aquelas duas luminárias, aqueles dois castiçais, são realmente o Velho e o Novo Testamento. Porque o Novo

Testamento surgiu na base do Velho Testamento. Jesus veio ao mundo, alicerçado, comprovado, anunciado pelos profetas do Velho Testamento. E toda sua vida foi como previamente analisada, destacada, exaltada pelo Velho Testamento, sendo o Novo a continuação do Velho, e o prosseguimento daquele. São dois livros, um na seqüência do outro, que retratam a história desta civilização, a história desta humanidade.

## CAPÍTULO 49 DESTRUIÇÃO DE SODOMA E GOMORRA

Vejamos então, caros leitores, o capítulo da Gênese, que deu origem à destruição das cidades de Sodoma e Gomorra.

Disse mais o Senhor, “com efeito o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado, e o seu pecado se tem agravado muito”.

Descerei, e verei se de fato o que têm praticado é correspondente a esse clamor que é vindo até mim; e se assim não é, sabê-lo-ei (Gen. XVIII vers. 20e21).

Não podemos atinar que um Deus onisciente não soubesse o que se estava passando em Sodoma e Gomorra; foi preciso vir em loco para constatar a veracidade. Mas, como nunca conseguimos compreender o Deus Jeová da Bíblia., é justo que mais uma vez sejamos decepcionados. E no diálogo de Deus Jeová com Abraão, ficou subtendido que, se naquelas cidades existiam dez justos, por amor destes justos, ele não destruiria aquelas cidades, e depois deste diálogo, o Senhor Deus Jeová voltou para o seu trono e Abraão voltou para sua casa, com a consciência tranqüila de haver praticado uma bela ação; mas como naquelas cidades, de fato, não havia os dez justos, conforme o acordo de Deus Jeová e Abraão, foi aí então que se consumou a catástrofe.

Se esses dois anjos, ou esses dois deuses, eram incorpóreos, eles tinham tomado um corpo de extraordinária beleza, para inspirar desejos abomináveis a todo um povo. Quê! Os velhos, os moços e crianças, todos os habitantes machos, sem exceção, vêm em multidão, para cometer, em conjunto e publicamente, uma tal abominação, para a qual se escolhe sempre a solidão e o silêncio...

Pois no silêncio da noite, quando os habitantes da casa de Ló já se tinham recolhido, inclusive os seus dois hóspedes, a casa foi cercada por todoç os varões da cidade de Sodoma, velhos, moços e crianças, que chamaram a Ló e queriam que ele entregasse os dois varões hóspedes, para a prática do mal pecaminoso que deu origem à destruição daquelas duas cidades. Os sodomitas pediam esses dois anjos, como se pede o pão em tumulto nos tempos de fome. Não há nada na mitologia pagã que se aproxime deste horror inconcebível, mas Ló, tentando conter a multidão, resolveu oferecer as suas duas filhas, que eram virgens, a fim de que fossem poupados os dois varões; mas, o oferecimento foi recusado.

Diz a história que a essas alturas os dois anjos lançaram a cegueira naquela multidão e mandaram que Ló se retirasse imediatamente da cidade com sua família, a fim de se processar a destruição.

A proposição de Ló, aos sodomitas, de dormirem todos com as suas duas filhas virgens, em lugar dos dois varões seus hóspedes, não é menos revoltante.

Tudo isto encerra a mais detestável impureza de que já se fez – menção em um livro.

Finalmente o Eterno derramou sobre Sodoma e Gomorra uma chuva de enxofre e de fogo, que destruiu todos os habitantes e até os germes da Terra. Uma espécie de bomba atômica celestial. Diz o grande escritor Léo Taxil que, quanto às cidades que foram destruídas, só constam as de Sodoma e Gomorra; entretanto, os teólogos estão de acordo em que todas as cidades desta planície foram destruídas pelo fogo do céu, e mesmo um nome foi imaginado por eles, “a PENTÁPOLE”, a região devastada, o que significa a região das cinco cidades. Havia, assim, cinco cidades criminosas: Sodoma, Gomorra, Ádama, Sebaim e Bellah.

No capítulo XIV vers. 12 a 17 da Gênese, fala-se da guerra dos quatro reis contra cinco. Sabemos que os quatro reis (Amradhel, Ariach, Choidolahormor é Thandal), fizeram a guerra contra Birsalr, rei de Gomorra; contra Scrnab, rei de Ádama; contra Scemeber, rei de Sebaim, e contra o rei de Bellah, que mais tarde foi chamada de Zoar. O grande geógrafo grego Léo Taxil nos conta também que a região de Sodoma e Gomorra tem sido muito trabalhada pelo fogo, e diz também que os israelitas, segundo Strabão, não atribuem a destruição de Sodoma e Gomorra a castigos dos céus, mas, apenas, a fenômenos naturais e erupções vulcânicas, e que disso há muitas provas: rochedos queimados, numerosas crateras, uma terra de cinzas, rios que espalham de longe um odor infe- . To, e aqui é ali habitações em ruínas. Tudo isto faz crer que outrora havia \\vez<5 cidades, e que Sodoma era a metrópole; mas que, por tremores de terras, erupção de fogo subterrâneo, e as águas betuminosas e sulfurosas, incendiadas, o fogo invadiu a terra e os rochedos guardaram a marca do catástrofe. Entre estas cidades, umas foram tragadas, e outras abandonadas pelos habitantes que puderam salvar-se.

Diz a história que os anjos incendiários pouparam “Bellah”, chamada mais tarde de Zoar, simplesmente porque Ló desejou se transportar para esta cidade. Entretanto, os habitantes de Bellah — Zoar eram afeitos aos mesmos vícios que os sodomitas.

Apesar de tudo, ficou ignorada ou desconhecida dos romanos, que tomaram a Palestina; quando se apossaram de Jerusalém, não tiveram a curiosidade de conhecer a estátua de sal, pela boa razão de ninguém lhes haver falado dela; nem mesmo Pompeu, Tito ou Adriano, jamais ouviram falar de Ló, de sua mulher Edite, e de suas duas filhas, nem de Abraão, nem de nenhuma pessoa dessas famílias. Hoje, os viajantes que vão explorar as cercanias do Mar Morto não observam a presença de nenhuma estátua de sal, de asfalto ou de cimento; os muçulmanos do país não tiveram a imaginação de fabricar

uma estátua que daria grande prazer aos curiosos.

Sobre a história de Sodoma e Gomorra, viram qual a tradição judaica recolhida por Strabão. Como vêem, neste ponto os judeus estão muito mais evoluídos do que os católicos. Eles saíram do terreno do milagre, do impossível, para se porem de acordo com a ciência. E, conforme já fizemos referência poupamos a cidade de Zoar a pedido de Ló, por desejar se transferir para aquela cidade.

O que vamos narrar agora é um caso muito degradante, e se o mesmo viesse a ser cometido atualmente na sociedade de nossos dias, temos certeza de que os seus autores seriam processados por crime contra a moral. Entretanto, o Velho Testamento, que é tido pelos católicos e protestantes como um livro sagrado, transcreve a tal história com tanta naturalidade, não tendo, sequer, um gesto de reprovação.

Apesar de já havermos feito referência a este assunto, em outros capítulos deste livro, mas apenas superficialmente, vamos agora comentar com detalhe, e procurar retratar, para os nossos leitores, o que realmente se passou naqueles dias. As pessoas que lêem o Velho Testamento parece que não têm atinado e nem analisado aqueles casos.

Caros leitores, nada é por nós inventado. O que a seguir irão ler se encontra com todas as letras no cap. XIX vers. 30 a 38 do livro da Gênesis.

Diz a Gênesis que Ló subiu a Zoar e habitou no monte, ele e suas duas filhas, porque receava permanecer em Zoar, e procurou uma caverna para se esconder com as filhas. Então a primogênita disse à mais nova: nosso pai está velho e não há homem na terra que entre a nós segundo o costume de toda terra; vem, demos de beber vinho a nosso pai, e deitemo-nos com ele, para que em vida conservemos a descendência de nosso pai. E deram a beber a seu pai; naquela noite, veio a primogênita e deitou-se com seu pai e não sentiu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou.

E no dia seguinte disse a primogênita à mais nova: deitei-me ontem à noite com meu pai; demos-lhe de beber vinho também esta noite; entra e deita-te com meu pai, para que preservemos a descendência de nosso pai. De novo, pois, deram àquela noite a beber vinho e, entretanto, a mais nova se deitou com ele, sem que ele o notasse, nem quando ela se deitou, nem quando se levantou. Assim as duas filhas de Lo' conceberam do próprio pai. A primogênita deu à luz a um filho, e lhe chamou de Moabe, que é o pai dos moabistas até o dia de hoje. A mais nova também concebeu e deu à luz a um filho, e lhe chamou de Ben-Ami: é o pai dos filhos de Amon, até os dias de hoje.

Com esta história de fazer arrepiar os cabelos de nossa moral, como se diz na gíria, e que acabamos de transcrever da Bíblia, livro sagrado, Velho Testamento, vamos fazer algumas perguntas aos chefes das religiões, que adotam o Velho Testamento como uma das bases fundamentais de suas crenças, e temos certeza absoluta que não obteremos resposta satisfatória, que justifique estes atos abomináveis, praticados pelas duas filhas de Ló, com o consentimento do Deus Jeová:

1-) Será isto inspiração do Espírito Santo?

2ª) Será que Deus ditou a Moisés coisas de tão alta moralidade?

3ª) E deverá esta história, que só pode ser concebida por cérebro de pessoas sem escrúpulos, escapar à crítica dos profanos?

4ª) E onde está a justiça de um Deus onisciente, que salva três criaturas da pior espécie, e que ele não devia ignorar; e queima duas cidades, com todos os seus habitantes, por pecados cuja monstruosidade não sabemos compará-los?

5ª) Então Deus Jeová não podia prever o que iria acontecer a estes três degenerados?

6ª) E duas filhas que tentassem um pai, e um pai que procriasse com suas filhas, seriam considerados pela sociedade atual contemporânea como três tarados; entretanto a Bíblia considerou que as gerações oriundas desses atos abomináveis, os Moabistas e Amonitas, foram todas abençoadas por Deus Jeová.

Eis aí, portanto, caros leitores, as perguntas que fizemos e que temos a certeza continuarão sem resposta satisfatória, que justifique os atos praticados pelos sobreviventes das cidades incendiadas, Sodoma e Gomorra.

Voltaire escreveu que o texto bíblico nada diz da atitude de Ló, quando viu sua mulher transformada em estátua de sal; não fala, tampouco, no nome de suas duas filhas. A idéia de embriagar o pai para dormir com ele é singular. O texto uma vez mais silencia sobre o lugar onde as filhas de Ló conseguiram vinho; mas afirma que Ló desfrutou de suas filhas sem se perceber, nem da ocasião em que se deitaram com ele, nem do momento em que levantaram.

É bem difícil desfrutar-se uma mulher sem que se saiba sobretudo se ela é virgem. É um fato que nos arriscamos a explicar.

De resto, não se vê o motivo por que as filhas de Ló imaginassem que o mundo houvesse terminado e que todas as nações estavam dispersas e que a cidade de Zoar, de onde essas moças se afastaram, era tão perto. E a quem se dirigiram elas para conseguir o vinho, se não havia negociante de vinho habitando as cercanias? Voltaire acrescenta que esta história da família de Ló tem qualquer semelhança com a de Mvrha, que teve Adonias de seu próprio pai Cyniras.<sup>10</sup>

A fábula arábica de Cyniras e Myrha tem certa imitação, só que esta é muito mais honesta. Myrha foi punida por seu crime, ao passo que as filhas de Ló foram recompensadas com a maior e a mais cara das bênçãos segundo o espírito judeu: elas são as mães de uma numerosa posteridade. Vejamos, amigos leitores, através destas páginas, a moral edificante do velho Testamento, e de consciência digna, se um homem que rejeita essas puerilidades cheias de casos abomináveis pode ser mal visto? Ou pode ser incriminado por não saber ler a Bíblia? Ou pode ser censurado por lhe não adivinhar a

<sup>10</sup> 1. - Voltaire - Ouvrée Complites - ed. 186ª págs. 83 e 84.

chave mágica capaz de moralizar o imoral e clarificar o absurdo? Mas, os defensores da Bíblia sempre apresentam esta defesa, ou argumento, dizendo eles que estes casos aconteceram naqueles tempos primitivos. Quando nós sabemos que a atualidade bíblica inculca e impinge, aos católicos e protestantes, o cumprimento e observância de todos os seus capítulos e versículos; pois o Velho Testamento é um código no qual a maioria das religiões se baseiam para suas doutrinas e cultos religiosos.

## CAPÍTULO 50 O QUE NOS AGUARDA NO FINAL DOS TEMPOS

Jesus sempre usou as parábolas para melhor se tornar compreensível pelo povo que o seguia, pois naquela época tinha uma quantidade enorme de deuses que o povo adorava e para demonstrar e provar a sua missão aqui na Terra foi necessário se submeter às duras provas da época. Hoje, graças a Deus, a humanidade se acha mais esclarecida, com a comprovação da existência de um único Deus.

Ainda que às vezes nos assaltem certos temores, que nos aflijam algumas dúvidas, que nos deprimam umas tantas inquietações, vamos continuar sempre caminhando com toda confiança.

Porque estamos entre aqueles que sabem o que são, o que querem e o que podem esperar.

Somos espíritas atados às duras condições materiais, às difíceis contingências de uma hora tumultuada da história, mas espírita hoje, amanhã e sempre. Queremos estar entre aqueles que vão ficar do lado da luz, para ajudar os irmãos mais experimentados a reconstruírem o mundo de amanhã. Nesse mundo novo, não haverá lugar para ódios raciais, nem guerra, nem sistemas filosóficos, políticos, sociais e econômicos, baseados em conceitos materialistas.

A matéria é o suporte necessário, mas transitório, eventual, para algumas das atividades do espírito na sua escalada para Deus. Cabe ao espírita usá-la, dominá-la, montar sistema de vida, segundo o qual ficaremos cada vez mais independentes daquela que foi criada para nos servir e não para ser a senhora das nossas aspirações.

Enquanto isso, esperemos tranquilos e em paz a grande separação, confiantes de que estaremos entre aqueles que, na palavra registrada por Mateus, ficaremos à direita do Senhor; mas esperemos trabalhando, amando e servindo, e não de braços cruzados. Porque o Evangelho Segundo o Espiritismo é muito compreensível e muito claro, quando diz que amplia o pensamento humano e lhe abre novos horizontes. Em vez da estreita visão da vida presente, que faz do instante vivido na Terra o único e frágil eixo do eterno futuro, ele demonstra que esta é apenas anel no conjunto harmônico e grandioso da obra do Criador, revela a solidariedade que liga às existências do mesmo ser todos os seres de

todos os universos. Oferece a base e a razão de ser da fraternidade universal.

Já a doutrina da criação da alma no momento em que era inexplicável era observada por um só prisma.

É essa complexão que, na época do Cristo, os homens não poderiam compreender, e cujo conhecimento ele reservou para melhores tempos. Portanto, cremos com toda a convicção que os esclarecimentos das dúvidas que existiam na consciência da humanidade daquela época estão neste momento sendo feitos através do “Consolador Prometido por Jesus” o “Espírito da Verdade”. Por encontrarmos em São João cap. XIV vers. 15, 16, 17 e 26, que diz o seguinte: “Se me amais, guardai os meus mandamentos – e eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador para que fique eternamente convosco”, o “Espírito Santo”, ou melhor dizendo, o “Espírito da Verdade”, a quem o mundo não pode receber, porque não vê hem conhece, mas vós o conheceis, porque ele ficará convosco e estará em vós – mas o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo que vos tenho dito.

Os sinais que o próprio Mestre Jesus nos deixou, para identificarmos o final dos tempos, conforme Mat. cap 24 vers. 6 a 14 já estamos participando deles, a sua época já chegou até nós, estão presentes e bem visíveis, mais que isto, berrantes, a exigirem a nossa atenção; porque o Evangelho diz bem claro que haverá no final dos tempos grandes tribulações, guerra, rumores de guerra, nações contra nações, terremotos em diversos lugares; tudo isto é o princípio das dores e aflições, angústias individuais, pais contra filhos e vice-versa, um verdadeiro conflito entre os povos, falência das religiões e reconhecimentos das paixões humanas.

Quer isso dizer, porém, que tudo está perdido e que fomos abandonados a nossa própria sorte? Absolutamente, não. Não podemos colocar em dúvida a competência de Deus na direção do universo, nem na assistência desvelada dos seus prepostos, à frente dos quais se encontra incumbido na Terra o nosso amado Jesus.

O que está acontecendo foi previsto em planos bem estudados e amadurecidos para cuidarem das aflições em que estamos mergulhados. Atravessamos todos um período de transição, no qual fomentam acontecimentos espantosos, mas necessários ao progresso espiritual da civilização.

A crise sem precedentes em que nos encontramos resulta da polarização das duas forças que compõem o universo: Espírito e matéria, luz e sombra, bem e mal.

Chame-se-lhes como quiser, que são muitas as suas manifestações, mas no fundo são sempre as mesmas porque representam a própria dualidade humana. Muitos de nós entendemos que a matéria é apenas a muleta na qual nos apoiamos por algum tempo para galgar melhores posições espirituais, a caminho da perfeição distante. Incontáveis irmãos nossos, porém, ainda não entenderam isso, porque é variável no infinito o tempo de que cada um de nós necessita para alcançar as verdades básicas da vida espiritual.

*E por isso que, na sua sabedoria profunda, as leis divinas precisam interferir, corrigindo o curso da história, para que o grupo que aspira à paz e ao progresso não fique eternamente à mercê dos retardatários.*

*A todos foram dadas as mesmas oportunidades, ensinados os mesmos princípios, concedidos os mesmos recursos. E são muitos os que recalcitram e relutam e reagem diante da idéia do bem. É inevitável, pois, esperá-los por algum tempo. Não que as ovelhas, na classificação de Jesus, já tenham alcançado a perfeição e mereçam, de repente, um céu de bem-aventuranças eternas, mas já existe nelas o germe vivo do bem, já se lhes desperta o espírito para a visão maravilhosa da paz, já têm elas sonhado os sonhos de amor universal, impossíveis de implantarmos em ambiente agreste e hostil como esse em que vivemos hoje.*

*Por outro lado, não estarão para sempre perdidos num castigo eterno aqueles que forem separados para a esquerda. O processo evolutivo irresistível continuará a arrastá-los, dentro do seu próprio retiro, para as conquistas mais lentas a que estão condicionados pelas suas paixões.*

*Já há algum tempo começou a polarização das forças que durante milênios fazem da Terra o seu campo de batalha.*

*Nos dias que correm segue cada vez mais intensa e inapelável a definição das tendências. Do lado das sombras, a polarização tingiu-se de radicalização, virou opressão e degenerou em terror; no lado da luz, agrupam-se os que confiam na vitória final das hostes da paz, porque esta é a promessa, ou melhor, o compromisso dos seres superiores que nos orientam.*

*(Pesquisado no Evangelho Segundo o Espiritismo)*

## **CAPÍTULO 51 FUNDAÇÃO DO JESUITISMO**

*As manifestações de mediunidade pública continuaram a se dar até quando foi possível porque à medida que o cristianismo foi-se transformando em religião oficial, foi perdendo sua espiritualidade e ganhando caráter mundano; e a partir do Concílio de Nicéia, no ano 325, formaram-se duas correntes opostas; uma querendo permanecer no cristianismo primitivo e outra se esforçando por progredir no mundo dos homens.*

*A partir desta data, a Igreja, mais tarde chamada Católica Apostólica Romana, esquecendo, por seus continuadores, três séculos de vida exemplar e repudiando os ensinamentos do Mestre Jesus, no seu verdadeiro sentido, consorciou-se com as forças do mal para obter, como obteve, o domínio do mundo pelo poder temporal.*

*Essa, tomada, então, todo-poderosa pela oficialização que lhe outorgou o imperador Constantino, declarou que a mediunidade era ilegal, herética, obra de magia, obra*

demoníaca e entrou, em conseqüência, a mover-lhe sistemática perseguição.

Renegou todos os atos mediúnicos praticados por Jesus e seus discípulos – que os fariseus do Sinédrio, já a seu tempo, tachavam de práticas do demônio. E nisso foi coerente consigo mesma porque, tendo criado o seu sistema fechado de dogmas obscurantistas e privilégios sacerdotais, verificou que o exercício público da mediunidade viria derruir, solapar pela base o edifício material que estava laboriosa e arditosamente construindo para consolidar seu poderio avassalador.

Apesar das testemunhas e dos protestos apresentados sincera e honestamente por vários de seus próprios luminares, como: São Gregório de Nissa, São Clemente de Alexandria, São Tomaz de Aquino, Santo Agostinho e outros, que admitiam a encarnação e praticavam a mediunidade, perseverando nos propósitos iniciais, criou assim uma época muito extensa de obscurantismo, durante a qual tudo foi empregado para destruir a revelação: O ódio, a vingança, a perseguição e a morte pelo ferro, pelo fogo, pelo veneno e pela espada E toda criatura, embora conhecida dos dirigentes e que antes era amiga e considerada irmã, mas não se conformando com a proibição da encarnação e da prática pública da mediunidade, era automaticamente classificada de herege e ao mesmo tempo excumungada pela Igreja

A Idade Média' foi o período perfeito dessa verdadeira noite espiritual. Como conseqüência dessa situação de terror oficializado, os círculos que cultivavam a espiritualidade pura foram se fechando, se restringindo, desaparecendo e a palavra da "verdade" somente poderia ser transmitida em segredo, de boca para ouvido, em sussurros débeis, numa forma tal que, realmente, nunca pôde ser derramada livremente em grande parte do mundo; ora, com o evoluir das coisas e como era natural, todos aqueles de espíritos não fantasiados e mais liberais, amantes do progresso, não encontrando, nesses cultos assim organizados, nada que lhes satisfizesse a razão e os sentimentos, descambaram para o materialismo, e a obscuridade do fanatismo sucedeu à da descrença.

A ciência estava tomando pé, e tentando quebrar os jugos que a escravizavam até então, e o mundo precisava mesmo de uma renovação, para caminhar em melhores condições.

Surgiram nessa época os filósofos naturalistas, realistas, baseados na razão, a cuja frente se puseram os chamados enciclopedistas, que produziram uma verdadeira revolução no pensamento; e solapado então por essas novas concepções teorísticas, o mundo entrou a sofrer abalos profundos que, em breve, degeneraram em tremenda convulsão social precursora, como sempre acontece, de acelerado movimento evolutivo.

Ao terror do fanatismo religioso sucedeu o da vingança popular desenfreada e, no cadinho daquela dura provação, os destinos do mundo entram de novo a ser fundidos.

Foi então que os espíritos diretorés tiveram de intervir novamente para orientar o

movimento e impedir que as paixões desencadeadas ultrapassassem os limites permitidos, prejudicando o progresso geral ou retardando-o demasiadamente. Entraram a agir de forma enérgica e positiva lançando em campo os elementos já de antemão preparados, prejudicando o progresso, nós setores dispostos mais convenientes.

Foi aí então que, mais ou menos no século XVI da era cristã, apareceram as figuras veneráveis de Martinho Lutero, Calvino, Erasmo, Melancton e outros vultos notáveis da reforma religiosa, na Europa Central e nos Países Baixos.

Naquela época, do aparecimento dos primeiros protestantes, contra o fausto e desmedido dos príncipes da Igreja Católica Romana, ocupava a Cadeira Pontifícia o Papa Leão X, cuja vida mundana impressionava desagradavelmente os espíritos sinceramente religiosos – o que ninguém de sã consciência e que realmente conheça a história poderá jamais contestar ou negar.

Tais rebaixamentos da dignidade eclesiástica ambientaram as pregações de Lutero e seus companheiros de apostolado, distanciando-os cada vez mais e afastando-os de uma reconciliação com sua Igreja de origem.

E de nada valeram as perseguições e ameaças ao eminente frade agostiniano.

A verdade contudo é que o humilde filho de Eislebene tomara-se alvo de repulsa geral aos abusos da Igreja Católica Romana, ao capítulo da imposição dogmática e de extorsão pucuniária

O certo é que, mais tarde, no ano de 1554, a Igreja Católica Apostólica Romana, por intermédio de “Inácio de Loiola”, fundara o Jesuitismo, para colimar e reprimir a liberdade das consciências, pois a Igreja Católica Romana, estendendo mão forte, inaugurava um dos períodos mais tristes da história ocidental, com “O Tribunal da Inquisição” (que os católicos chamam da Santa Inquisição, e que foi condenado há poucos dias pelo Papa João Paulo II, sob as ordens do Jesuitismo, com poderes de vida e de morte; nos países católicos, fez milhares e milhares de vítimas, assombrando o caminho dos povos.

Espectáculos sangrentos e detestáveis verificam-se em quase todas as grandes cidades da Europa; os atos de fé acenderam horrendas fogueiras do Santo Ofício.

Generalizou-se a devassa de todos os Institutos Sociais e a violação de todos os lares.

Na Espanha, por exemplo, queimavam o infeliz em praça pública; na França tétrica noite causa pesadelo coletivo em matéria de fé; na Irlanda muitos “fiéis” faziam questão de levar ao altar de Jesus a vela feita da gordura dos protestantes.

Desta data em diante, os centros culturais europeus viveram momentos de angustiosas expectativas nos bastidores da tragédia religiosa; mas depois da concordata de “ANGESBURGO”, institui-se um regime de mais larga tolerância recíproca.

O direito de exame livre religioso dividiu a Reforma em vários departamentos religiosos, de acordo com a orientação pessoal de seus pregadores, ou das .conveniências

políticas em que viviam, quando daí começou a proliferação religiosa. É verdade que ao tumulto causado pela explosão das massas, o positivismo viera trazer uma certa derivação, me- todizando, pensando e orientando o raciocínio no sentido da justiça moral.

Pois estava assim iniciado o período das grandes transforma\* ções; a própria Igreja Católica Romana, habituada a cometer todas as arbitrariedades possíveis na sua função dogmática, recebeu a limitação dos seus poderes, junto às massas, resignando-se com a nova situação, isto há dois meses antes de Napoleão Bonaparte sagrar-se imperador, obrigando o Papa Pio VII a coroa-lo na igreja de Notre-Dâme.

(Dados pesquisados no Rvn> Mediunidade, 14\* ed. 1973, págs. 19 e 20 de Edgard Armond)